



WILLIAM FAULKNER

Santuário

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



WILLIAM FAULKNER

(1897-1962)

Santuário

Título original americano

SANCTUARY, 1931

Tradução

Lígia Junqueira Caiuby

Abril, 1982

São Paulo

WILLIAM FAULKNER

Santuário

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Câmara Brasileira do Livro, SP

Faulkner, William, 1897-1962.

F266s

Santuário / William Faulkner; tradução de Lígia Junqueira Caiuby.

São Paulo: Abril Cultural, 1982

1. Romance estadunidense I. Caiuby, Lígia Junqueira.

Título. 81-0775

CDD-813.5

Tradução de Lígia Junqueira Caiuby

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Século 20: Literatura americana

813.5

1982

Copyright 1931, renovado em 1958 por William Faulkner.

Publicado mediante acordo com Random House, Inc., New York.

Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo, 1980.

Tradução publicada sob licença de Lygia Junqueira Caiuby, Rio de Janeiro.

O Autor



WILLIAM FAULKNER nasceu em 25 de agosto de 1897 em New Albany, Mississippi (EUA), e morreu na mesma região em 6 de julho de 1962. Faulkner nasceu trinta anos após o sul dos Estados Unidos ter sido derrotado na Guerra da Secessão americana. Antes, toda a região apresentava uma rígida estrutura social, construída sob a supremacia dos brancos de origem inglesa e religião protestante; assim sendo, a tradição puritana e colonial marcou-a em todos seus aspectos econômicos, políticos e religiosos. Em 1861, com a Guerra de Secessão, desmorona todo um universo familiar a negros e brancos. Durante quatro anos, o sul é devastado, desfazem-se a delicadeza e as maneiras gentis e instaura-se a degeneração moral e física dos *poor white* (brancos pobres) e das famílias arruinadas pela abolição. Faulkner descendia de antiga e ilustre família sulina à qual pertenceram diversos governadores do Estado. Cresceu em meio a esse ambiente, que se refletiu marcadamente em sua obra. Não tentou escrever nem reproduzir a situação do sul decadente. Ao contrário, procurou refazê-la, reconstruí-la. Através de uma incansável reconstituição de fatos e pessoas, trabalhou em busca das raízes profundas. Depois de exercer profissões como carpinteiro, pintor de paredes e chefe de correio, decidiu-se pela literatura e publicou uma série de romances sobre a região em que sempre viveu. Dentre eles, destacam-se *O Som e a Fúria* (1927), *Sartoris* (1929), *Santuário* (1931), *Absalom, Absalom!* (1936), *A Aldeia* (1940), *A Cidade* (1957), *A Propriedade* (1959). Com *Santuário* alcançou a celebridade. Os episódios descontínuos se encaixam e deixam

lacunas, são encarados de formas diferentes por diferentes personagens — o que faz com que nem mesmo o leitor tenha certeza da verdade de sua própria interpretação. Num clima de violência e de sensualidade mórbida, o amor, a fé e a aspiração por justiça, quase sufocados por um mundo corrompido, permanecem como promessa num santuário degenerado. Em 1949, Faulkner recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.



Map by William Faulkner

Por trás do biombo formado pelas moitas que cercavam a nascente, Popeye observava o homem que bebia. Mal definida trilha levava da estrada à fonte. Popeye vira o homem sujeito — alto, magro, sem chapéu, metido em surradas calças de flanela cinza e tendo no braço o paletó de tweed emergir da trilha e ajoelhar-se para beber.

Na raiz de uma faia brotava a nascente, correndo sobre leito ondeantemente arenoso. Cercava-a densa vegetação de juncos, sarças e ciprestes, onde se viam isoladas manchas de luz que não pareciam ter ligação com o sol. Ouviu-se, nalgum ponto, o canto de um pássaro — pássaro oculto, misterioso e, no entanto, bem próximo. Três notas; depois, silêncio.

Na fonte, o homem inclinou-se para o reflexo partido e multiplicado do próprio rosto sequioso. Embora não tivesse percebido som algum, ao erguer os olhos divisou na água a vacilante imagem da palheta de Popeye.

Viu, defrontando-o, do outro lado da nascente, um homem de estatura menos que mediana. Mãos enfiadas nos bolsos do paletó, cigarro enviesado no queixo. Terno preto; o paletó era justo e de cintura alta. Barras das calças enroladas uma só vez e salpicadas de lama, acima dos sapatos igualmente enlameados: Estranha cor tinha o rosto lívido, exangue, como que visto à luz artificial. Contra o ensolarado silêncio, de chapéu enviesado e braços ligeiramente afastados do corpo, o homem possuía aquela viciosa e superficial qualidade de estanho cunhado.

Atrás dele, de novo o pássaro cantou três notas enfadonhamente repetidas. Som profundo e sem significação, saindo do suspiroso e tranquilo silêncio que se reinstalou e pareceu isolar o local — silêncio que momentos depois foi violado pelo som de um automóvel que passou por alguma estrada e desapareceu.

O homem que bebia continuava ajoelhado à beira da nascente.

— Com certeza você tem um revólver aí neste bolso disse ele.

Do outro lado, Popeye pareceu contemplá-lo com olhos que davam impressão de maçanetas de borracha macia e negra.

— Eu é que lhe pergunto — replicou Popeye. — O que você tem aí no bolso?

O outro homem ainda estava de paletó no braço. Para lá dirigiu a mão livre. De um dos bolsos saía parte de um amarrotado chapéu de feltro; do outro, um livro.

— Em que bolso? — perguntou.

— Não me mostre — replicou Popeye. — Responda.

O homem interrompeu o gesto.

— Um livro — foi a resposta.

— Que espécie de livro? — indagou Popeye.

— Apenas um livro. Como todos os que a gente lê. Algumas pessoas gostam de ler, sabe?

— Você lê? — perguntou Popeye.

A mão do homem ficou petrificada acima do paletó. Fitaram-se sobre a fonte. O cigarro espiralava sua leve pluma sobre o rosto de Popeye, rosto onde uma das faces estava contraída, devido à fumaça, parecendo máscara moldada com duas expressões simultâneas.

Popeye tirou do bolso da calça um lenço enxovalhado, estendendo-o perto dos calcanhares. Acocorou-se, em seguida, frente ao homem do outro lado da fonte. Isso, mais ou menos às quatro horas de uma tarde de maio. Assim ficaram acorados, se olhando pelo espaço de duas horas. De vez em quando o pássaro cantava no charco, como que impulsionado por relógio; por duas vezes, invisíveis automóveis passaram pela estrada principal e desapareceram. De novo o pássaro cantou.

— E com certeza você não sabe o nome — disse o homem do outro lado da nascente. — Creio mesmo que não conhece pássaro algum, a não ser que o veja cantando numa gaiola no vestibulo de algum hotel, ou que custe quatro dólares bem contados e sonantes.

Popeye nada disse. Continuou acorado, metido no seu justo terno preto justo, o bolso direito do paletó caindo-lhe compactamente contra a ilhargia, torcendo e comprimindo cigarros nas mãozinhas de boneca, cuspidando na fonte. Seu rosto tinha uma palidez escura, cadavérica. Nariz ligeiramente aquilino; queixo, nenhum. O rosto acabava de repente, como rosto de boneca de cera colocado muito próximo a um fogo excessivamente vivo e ali esquecido. Corrente de platina lhe atravessava o colete, tal fio de teia de aranha.

— Escute aqui — disse o homem a Popeye. — Meu nome é Horace Benbow. Advogado de Kinston. Antigamente eu morava em Jefferson e vou para lá agora. Qualquer pessoa nesta região poderá lhe dizer que sou inofensivo. Se se trata de uísque, pouco me interessa pelo que vocês possam fabricar, vender ou comprar. Parei aqui apenas para beber um pouco de água. Só o que desejo é chegar a Jefferson.

Os olhos de Popeye pareciam maçanetas de borracha. Davam impressão de que cederiam ao toque da mão de alguém, voltando depois ao tamanho normal

neles ficando a impressão dos polegares.

— Quero chegar a Jefferson antes do anoitecer — disse Benbow. — Você não pode me prender aqui dessa forma.

Sem tirar o cigarro da boca, Popeye cuspiu na fonte.

— Você não pode me prender dessa forma — repetiu Benbow. — Suponhamos que eu fuja.

Popeye cravou em Benbow os olhos de borracha. — Quer fugir? — perguntou.

— Não — respondeu Benbow.

Popeye desviou o olhar.

— Pois bem, então não fuja.

Benbow ouviu de novo o canto da ave e procurou lembrar-se do nome que lhe davam na região. Na invisível estrada principal, outro carro passou e sumiu. O sol quase que desaparecera por completo. Popeye tirou do bolso da calça um relógio ordinário, olhou e devolveu-o ao bolso, onde ficou solto como moeda.

No ponto onde a trilha se juntava ao atalho arenoso, uma árvore fora cortada recentemente, impedindo a passagem. Os dois homens pularam a árvore e continuaram, deixando agora para trás a estrada principal.

Viam-se na areia duas rasas depressões paralelas, mas não havia sinal de cascos de animais. Benbow notou marcas de pneumáticos de automóvel, no ponto onde o transbordamento da nascente umedecia a areia. Popeye seguia à frente, o terno apertado e o chapéu rígido tornando-o figura cheia de ângulos, como modernista coluna de abajur.

Acabou-se a areia. A estrada começou a subir, torcendo-se, abandonando a mata. Anoitecera, quase. Popeye olhou rapidamente sobre o ombro.

— Ande depressa, homem — disse ele.

— Por que não cortamos diretamente pelo morro? — perguntou Benbow.

— No meio de todas aquelas árvores? — exclamou Popeye. Seu chapéu estremeceu com um brilho opaco, raivoso, quando ele baixou o olhar para o morro, onde a mata dava a impressão de lago de nanquim. — Jesus Cristo! — acrescentou.

Anoitecera, quase. Popeye diminuía o passo. Caminhava agora ao lado de Benbow e este via o contínuo estremecer do chapéu, à medida que Popeye olhava ao redor, com uma espécie de sinistra desconfiança. O chapéu mal chegava ao queixo de Benbow.

Nisto, qualquer coisa, uma sombra rapidamente definida, inclinou-se sobre eles e passou adiante, deixando um sopro de vento no rosto dos dois homens, num silencioso perpassar de asas retesadas. Benbow sentiu o corpo de Popeye comprimir-se, num salto, contra o seu, a mão agarrando seu paletó.

— É apenas uma coruja — disse Benbow. — Não passa de uma coruja. Agora me lembro: o nome daquele pássaro da Carolina é martim-pescador. Sim, é isso. Não me lembrei enquanto estava lá — acrescentou, vendo Popeye ainda comprimido contra ele, agarrado ao seu bolso e silvando por entre dentes, como um gato.

Ele tem um cheiro negro, pensou Benbow; tem o cheiro daquela coisa preta que escorreu da boca de Madame Bovary sobre seu véu de noiva, quando lhe ergueram a cabeça.

Segundos mais tarde, acima de um negro e recortado grupo de árvores, viram erguer-se a casa, vulto quadrado e rígido contra o céu desfalecente.

A casa era uma feia ruína, erguendo-se nua e esquelética no meio de um bosque de cedros não podados. Era um marco, e conhecida como Casa do Velho Francês; fora construída antes da Guerra Civil. Casa de plantadores, no meio de um pedaço de terra, cercada por algodoais, jardins e gramados, que de muito se tinham asselvajado e que o pessoal da vizinhança durante cinquenta anos vinha aos poucos derrubando, para tirar lenha. Também ali cavavam de vez em quando, com segredo e esporádico otimismo, na esperança de encontrar o ouro que se dizia oculto nalgum ponto, enterrado pelo construtor, quando Grant atravessara a região na sua campanha de Vicksburg.

Três homens estavam sentados em cadeiras numa das extremidades do alpendre. Nas profundezas do saguão aberto, havia o reflexo de uma luzinha fraca. O saguão atravessava, até o fundo, toda a casa. Popeye subiu os degraus, sob os olhares dos três homens que o observavam e ao seu companheiro.

— Cá está o professor — disse ele, sem parar. Atravessou o saguão. Continuando, passou pelo alpendre dos fundos e entrou no aposento onde havia luz. Era ali a cozinha.

Ao pé do fogão estava uma mulher, trajando desbotado vestido de algodão. As abas de uns sapatos masculinos, grosseiros e desamarrados, batiam-lhe nos tornozelos nus, quando ela andava. Olhou para Popeye e depois novamente para o fogão, onde chiava uma panela de carne. Popeye ficou de pé, à porta, o chapéu caído de banda sobre o rosto. Tirou do bolso um cigarro, sem exhibir o maço; apertou-o, torceu-o e enfiou-o na boca, acendendo um fósforo na unha do polegar.

— Trouxe um sujeito comigo — declarou.

A mulher não desviou os olhos do fogão. Virou a carne na panela e disse: — Por que vem me contar? Não sirvo os fregueses de Lee.

— É um professor — disse Popeye.

A mulher virou-se, o garfo de ferro suspenso no ar. Atrás do fogão, nas sombras, havia um caixote.

— Um quê? — perguntou ela.

— Um professor. Tem um livro.

O que ele veio fazer aqui?

— Não sei. Não me lembrei de perguntar. Ler o livro, talvez.

— Veio até aqui sozinho?

— Encontrei-o na fonte.

— Estava procurando descobrir esta casa?

— Não sei — respondeu Popeye. — Não me lembrei de perguntar. — Como a mulher ainda o olhasse, continuou — Vou mandá-lo para Jefferson, no caminhão. Diz que quer ir para lá.

— Para que me conta essas coisas? — perguntou a mulher, voltando-se para o fogão. — Eu cozinheiro. Sim, cozinheiro para velhos, bêbados e imbecis. Sim, cozinheiro.

Da porta, de mãos nos bolsos, Popeye observava-a, a fumaça do cigarro espiralando contra seu rosto.

— Você pode dar o fora. Levo-a de volta para Memphis no domingo. Pode recomeçar a lutar. — Observou-a, ali de costas, e continuou: — Você está engordando aqui. Aposentada, no campo. Não contarei ao pessoal da Rua Manuel.

A mulher voltou-se, de garfo na mão.

— Seu indecente — disse ela.

— Claro — replicou Popeye. — Não contarei que Ruby Lamar está no campo, usando um par de sapatos velhos de Lee Goodwin, rachando ela mesma a lenha com que cozinha. Não. Eu direi que Lee Goodwin é muito rico.

— seu indecente — disse a mulher. — Seu indecente.

— Claro — replicou Popeye.

Depois virou a cabeça. Ouviu-se, no alpendre, um som de passos arrastados; em seguida entrou um homem. Meio curvo, de macacão, descalço. Fora o som de seus pés nus que eles tinham ouvido. Cabeleira queimada pelo sol, opaca e imunda. Pálidos olhos coléricos, barba curta e macia, cor de ouro sujo.

— Macacos me mordam, se ele não for um caso, agora — disse, ao entrar.

— O que você quer? — perguntou a mulher.

O homem de macacão não respondeu. Ao passar, relanceou para Popeye o olhar ao mesmo tempo misterioso e alerta, como se estivesse pronto para rir de uma pilhéria e esperando ocasião propícia para rir. Atravessou a cozinha, com bamboleante andar de urso. Ainda com aquela jovial e alerta expressão de mistério, embora bem à vista dos outros, destacou uma tábua solta do piso e dali tirou um cântaro de um galão. Popeye observava-o, os polegares metidos no colete, a fumaça do cigarro (fumara-o quase que até o fim sem tocá-lo com a mão uma só vez) revolteando-lhe no rosto. Sua expressão era selvagem, talvez maligna; e

contemplativa, enquanto via o homem de macacão atravessar o piso com uma espécie de alerta desconfiança, o cântaro mal disfarçado abaixo da ilharga. Também este observou Popeye, com aquela expressão risonha e alerta, até sair do aposento. De novo lhe ouviram os pés nus atravessando o alpendre.

— Claro— disse Popeye. — Não contarei ao pessoal da Rua Manuel que Ruby Lamar está cozinhando para um idiota.

— Seu indecente — disse a mulher. — Seu indecente.

Quando a mulher entrou na sala de jantar, levando uma travessa de carne, Popeye e o homem de macacão, assim como o desconhecido, já estavam sentados à mesa. Era esta feita de três grosseiras pranchas presas por pregos num cavalete. À luz da lâmpada sobre a mesa, o rosto da mulher era taciturno, não velho; os olhos, frios.

Observando-a, Benbow não a viu olhar para ele uma única vez, quando depositou na mesa a travessa, quedando-se por um momento com aquela expressão velada que têm as mulheres quando fazem um último exame da mesa. Ela foi depois até o canto da sala, debruçando-se sobre uma maleta aberta e dali tirando mais um prato, um garfo e uma faca. Trouxe-os para a mesa, colocando-os diante de Benbow com uma espécie de brusca e no entanto calma finalidade, roçando-lhe o ombro com a manga.

Neste momento Goodwin entrou, metido num enlameado macacão. Tinha um rosto magro, murchado; queixo coberto por dura barba negra; cabelos grisalhos nas têmporas. Conduzia pela mão um velho de longa barba branca, manchada perto da boca. Benbow viu Goodwin fazer o velho sentar-se numa cadeira, onde este ficou obedientemente, com expressão de expectativa e aquela abjeta sofreguidão do homem a quem resta somente um prazer na vida, e ao qual o mundo só pode chegar por meio de um sentido, pois ele era surdo e cego. Homem baixo, calvo; rosto redondo, carnudo e rosado; os olhos mortos pareciam dois coágulos. Benbow viu-o tirar do bolso um trapo sujo e nele cuspir descolorada massa de tabaco mascado, dobrando em seguida o trapo e guardando-o no bolso. A mulher serviu-o, colocando num prato a comida que ia tirando da travessa.

Os outros já tinham começado a comer silenciosa e ininterruptamente, mas o velho ali continuava, a cabeça inclinada sobre o prato, a barba movendo-se levemente. Remexia no prato com mão tímida e trêmula. Encontrando um pedaço de carne, começou a chupá-la, até a mulher voltar e bater-lhe nas juntas. O velho pôs novamente a carne no prato. Benbow viu então a mulher cortar a comida, a carne, o pão e tudo o mais, despejando depois molho de sorgo, em cima.

Benbow desviou então o olhar. Terminada a refeição, Goodwin levou o velho embora. Benbow observou-os, enquanto cruzavam a porta, e ouviu-os atravessar o saguão.

Os homens voltaram ao alpendre. A mulher tirou a mesa e levou os pratos para a cozinha. Ali, colocou-os na mesinha, foi até o caixote atrás do fogão e sobre ele ficou debruçada durante algum tempo. Depois voltou, fez seu prato e sentou-se. Comeu, acendeu na lamparina um cigarro, lavou os pratos e guardou-os. Depois tornou ao saguão. Não saiu para o vestibulo. Ficou do lado de dentro da porta, ouvindo a estranha conversa dos homens e o som grosso e macio do cântaro, à medida que o passavam uns aos outros. "Aquele idiota", pensou ela. "Que é que ele quer..." Ficou ouvindo a voz do desconhecido; rápida, com leve sotaque voz de homem acostumado a falar, mais do que a qualquer outra coisa. "Não é dado à bebida, em todo o caso", pensou a mulher, ali, silenciosa, atrás da porta. "Melhor que vá logo para onde tem que ir, onde as mulheres de sua família possam tomar conta dele." Ficou a ouvi-lo.

— Da minha janela eu podia ver a videira, e no inverno via também a rede. Mas no inverno quase que só ficava a rede. Por isso sabemos que a natureza é feminina; devido a esse conluio entre a carne feminina e a estação feminina. Assim sendo, a cada primavera eu podia observar o reaparecimento da antiga linfa, ocultando a rede; prenúncio de inquietação, sob enganador aspecto verde. Isso representava somente as flores da videira. Não muito: uma secreção cerosa e amorfa, mais das folhas que das flores, ocultando cada vez mais a rede. Até que, lá pelos fins de maio, à luz crepuscular, a voz dela de Little Belle se assemelharia ao próprio murmúrio da selvagem videira. Ela nunca dizia: "Horace, aqui está Louis, ou Paul, ou Sicrano", e sim: "É apenas Horace." Apenas, vejam vocês. Isso, metida no seu vestidinho branco, ao pôr-do-sol; os dois graves, alerta e ligeiramente impacientes.

E eu não poderia ter-me sentido mais estranho com ela do que se eu próprio a tivesse gerado.

Benbow fez uma pausa e continuou: — E, portanto, hoje de manhã... Não; aconteceu há quatro dias. Foi na quinta-feira que ela chegou da escola, e hoje é terça. Pois bem, eu disse: "Querida, se você o encontrou no trem, com certeza ele pertence à companhia de Estrada de Ferro. Você não pode tirá-lo da Estrada; é contra o regulamento; seria o mesmo que tirar os isoladores dos postes".

"Ele é tão bom quanto você. Ele vai a Tulane." "Mas no trem, querida", exclamei.

"Tenho-os encontrado em piores lugares." "Sei disso", repliquei. "E eu também. Mas não os trazemos para casa, você sabe. Passamos por cima deles, e continuamos. Não sujamos os sapatos, sabe."

— Estávamos na sala, na ocasião — continuou Benbow. — Faltava pouco para a hora do jantar. Apenas nós dois, dentro de casa. Belle fora até a cidade.

"Não é da sua conta saber quem vem ou não visitar-me. Você não é meu pai. Você é apenas... apenas..." "Sim?", perguntei. "Apenas o quê?" "Pois conte para mamãe, então! Conte! É isso que você vai fazer. Pois conte!" "Mas no trem, querida!" repeti. "Se ele tivesse entrado no seu quarto, num hotel, eu o mataria. Mas no trem! ... Estou enojado. Vamos mandá-lo embora e começar vida nova." "Tem graça, você falar de encontrar coisas em trens! Tem graça! Camarão! Camarão!" "Ele está louco", pensou a mulher, imóvel atrás da porta que dava para o alpendre. A voz do desconhecido continuava, atrapalhando-se, rápida e difusa — E então ela exclamou: "Não! Não!" E eu segurei-a e ela agarrou-se a mim. "Eu não quis dizer isso! Horace! Horace!" E me vi cheirando as flores destruídas, as delicadas flores mortas, e as lágrimas; nisto notei seu rosto refletido no espelho. Havia um espelho atrás dela e outro atrás de mim. Ela olhava o espelho que estava nas minhas costas, esquecendo-se do outro, onde eu lhe podia ver o rosto e a expressão de inocente hipocrisia. E é por isso que a Natureza é feminina e o Progresso é masculino; a Natureza fez a videira, mas o Progresso inventou o espelho.

"Ele é louco", pensou a mulher que escutava atrás da porta.

— Mas não foi exatamente por isso. Achei que eu talvez estivesse perturbado devido à influência da primavera, ou pelo fato de estar com quarenta e três anos. Ocorreu-me que eu recuperaria o equilíbrio, se tivesse um morro onde pudesse descansar por algum tempo ... A culpa era daquela maldita região. Plana, rica e imunda, de modo que o próprio vento parece tirar dinheiro dali. Como se a gente não ficasse surpreendida, se verificasse que podia transformar em cédulas as folhas das árvores! Delta ... Cinco mil milhas quadradas, sem uma colina, a não ser os montes de lama que os índios ergueram, para neles ficar quando o rio transbordou. E, portanto, pensei que era apenas um morro o que eu desejava; não foi Little Belle quem me fez partir. Sabem o que foi? ...

"É de fato louco", pensou a mulher atrás da porta. "Lee não devia permitir..." Benbow não esperou resposta. Continuou: — Foi um trapo manchado de ruge. Antes mesmo de entrar no quarto de Belle, eu sabia que ia encontrá-lo. E lá estava mesmo, enfiado atrás do espelho. Um lenço, onde ela limpava o excesso de pintura, ao vestir-se, escondendo-o em seguida. Joguei-o na cesta de roupa, apanhei o chapéu e saí. Só depois de ter conseguido lugar num caminhão foi que percebi que não tinha dinheiro comigo. Isso também fazia parte do programa, vocês sabem; eu não podia preencher um cheque e ir cobrá-lo. Não podia descer do caminhão e voltar à cidade para buscar dinheiro. Não podia fazer isso. E, portanto, tenho andado a pé, ou arranjado lugar num ou noutro carro, desde então.

Uma noite dormi numa pilha de serragem, numa fábrica; outra na cabana de um negro; outra num trem de carga, num desvio. Eu só queria um morro onde

pudesse deitar-me, vocês sabem. Aí eu me sentiria bem. Quando um homem se casa com a sua mulher, começa da linha de partida ... talvez mal. Quando se casa com a mulher de outro, começa talvez dez anos antes, na linha de partida do outro e com as desvantagens do outro.

Eu apenas queria um morro onde pudesse repousar por algum tempo.

"Idiota", pensou a mulher. "Pobre idiota." Continuou do lado de dentro da porta. Popeye atravessou o saguão, vindo dos fundos. Passou por ela sem uma palavra e foi para o alpendre.

— Venham disse ele. — Vamos descarregar.

A mulher ouviu os três homens saírem. Continuou ali dentro. Depois ouviu o desconhecido levantar-se, sem firmeza, e cruzar o alpendre. Viu-o, então, surgir vaga silhueta contra o céu. Homem magro, cabelos ralos e mal cuidados; trajava roupas desajeitadas e estava completamente embriagado.

"Não o fazem comer direito", pensou a mulher.

Ficou imóvel, levemente apoiada à parede, o homem encarando-a.

— Você gosta de viver deste jeito? perguntou Benbow. — Por que leva esta vida? Você ainda é moça. Poderia voltar para a cidade e melhorar sua situação, com a maior facilidade deste mundo.

Ela continuou imóvel, ligeiramente apoiada à parede, de braços cruzados.

— Pobre tolo amedrontado murmurou.

— Sabe, o que me falta é coragem — disse o homem. — O mecanismo está completo, mas não funciona. — Sua mão apalpou timidamente a face da mulher. — Você ainda é moça — acrescentou.

Ela não se moveu, sentindo no rosto a mão dele, tocando-a como se procurasse conhecer-lhe o formato e a posição dos ossos, e a contextura da carne.

— Você tem praticamente toda a vida pela frente continuou o homem. — Qual sua idade? Não pode ter mais que trinta anos.

Sua voz era velada, quase um sussurro.

Também a mulher, quando falou, não elevou a voz. Continuava imóvel, ainda de braços cruzados sobre o peito. — Por que deixou sua mulher? perguntou.

— Porque ela comia camarão — respondeu Benbow. — Eu não podia... Sabe, era sexta-feira. E lembrei-me que ao meio-dia teria que ir à estação, tirar o caixote de camarões e levá-lo a pé para casa, contando cem passos e mudando o caixote para a outra mão ...

— Fazia isso todos os dias? — perguntou a mulher.

— Não. Somente às sextas-feiras. Mas o fiz durante dez anos, desde que nos casamos. E até hoje não gosto do cheiro de camarão. Mas não faria muita questão de carregar o caixote até em casa. Isto eu poderia ter suportado. Era pelo fato de

escorrer água. Durante todo o caminho, escorrendo, escorrendo, até que, depois de algum tempo, eu tinha impressão de acompanhar minha própria pessoa à estação, ficando de lado, observando Horace Benbow tirar o caixote do trem e mudá-lo depois de uma para a outra mão, de cem em cem passos. E eu o acompanhava, pensando: "Aqui jaz Horace Benbow, numa decrescente série de pequenas e mal cheirosas poças, numa calçada do Mississippi".

— Oh ... exclamou a mulher.

Respirou suavemente, de braços cruzados. Moveu-se. Ele afastou-se, acompanhando-a depois através do saguão. Entraram na cozinha, onde havia luz: — Você terá que desculpar minha aparência disse a mulher.

Foi até o caixote atrás do fogão, puxou-o e ficou de pé diante dele, as mãos escondidas na frente do vestido. Benbow parara no meio do aposento.

— Sou obrigada a guardá-lo no caixote, para os ratos não o pegarem disse a mulher.

— Quê? — perguntou Benbow. — Que é isso? Aproximou-se e espiou dentro do caixote. Viu, adormecida, uma criança de menos de um ano. Olhou, em silêncio, para o rostinho abatido.

— Oh, você tem um filho.

Ficaram olhando o rosto magro da criança adormecida. Ouviu-se um ruído lá fora; passos no alpendre dos fundos. Com o joelho a mulher empurrou novamente o caixote para o canto. Goodwin entrou.

— Muito bem disse ele. — Tommy o levará até o caminhão.

Dito isso, dirigiu-se para o interior da casa.

Benbow olhou para a mulher, que continuava com as mãos enroladas no vestido.

— Obrigado pela ceia — disse ele. — Algum dia, talvez... — Fitou-a novamente.

Ela o observava, com expressão ainda fria, mas já menos taciturna. Benbow continuou: — Talvez eu possa fazer algo por você em Jefferson. Mandar-lhe alguma coisa de que estiver precisando ...

Ela tirou as mãos da dobra do vestido, num movimento rápido, agitado. Depois, de novo as escondeu.

— Com todos esses pratos por lavar... Pode mandar um pauzinho de laranjeira para as unhas.

Caminhando em fila, Tommy e Benbow desceram o morro, saindo de casa e seguindo pela estrada abandonada. Benbow olhou para trás. Contra o céu, acima do opaco amontoado de cedros, de novo se erguia a esquelética ruína escura, solitária e insondável. A estrada era uma corroída cicatriz, excessivamente funda

para ser estrada e reta demais para ser vala, estripada pelas inundações de inverno e sufocada por folhas apodrecidas, fetos e galhos. Seguindo Tommy, Benbow entrou numa mal traçada vereda, onde os passos tinham gastado a vegetação apodrecida, pondo a descoberto a terra. Sobre sua cabeça, arqueada sebe ocultava ralmente o céu.

A descida aumentou.

— Foi mais ou menos aqui que vimos a coruja disse Benbow.

— Garanto que ele ficou com medo comentou Tommy, em tom de zombaria.

— Ficou respondeu Benbow.

Acompanhou o vulto indefinido de Tommy, procurando andar e falar com cuidado, agindo com a tediosa preocupação dos bêbados.

— Macacos me mordam se ele não for o homem branco mais medroso que conheço disse Tommy. — Certa vez ele vinha subindo a senda, até o alpendre, e o cão saiu debaixo de casa e foi cheirar-lhe os calcanhares, como costumam fazer os cães. Macacos me mordam se ele não ficou arrepiado como se se tratasse de uma cobra, e ele descalço, ainda por cima. Pois arrancou aquela sua automática e espichou o cão ali na hora. Macacos me mordam, se não foi o que ele fez.

— De quem era o cão? perguntou Horace.

— Era meu respondeu Tommy. Riu, e continuou: — Um cachorro velho e completamente inofensivo.

A estrada descia, achatando-se finalmente. Os pés de Benbow produziam na areia um ruído sussurrante, cauteloso. Ele agora via bem Tommy, que se movia como mula quando caminha na areia, num bamboleio arrastado, sem esforço aparente, os pés nus silvando ao esguichar a areia para trás, a cada nova fincada.

O pesado vulto da árvore abatida surgiu no meio da estrada. Tommy passou por cima e Benbow acompanhou-o, ainda cautelosamente, pulando por sobre um amontoado de folhas que, não tendo secado, ainda cheiravam a verde.

— Mais uma das... — disse Tommy. Virou-se e perguntou: — Tudo bem?

— Tudo bem — respondeu Horace, recobrando o equilíbrio.

Tommy continuou: — Mais uma das de Popeye. Não adiantou nada bloquear a estrada deste jeito. Só serviu para nos obrigar a andar uma milha a pé, até os caminhões. Eu lhe disse que muita gente tem vindo aqui comprar de Lee, há quatro anos, e até hoje ninguém o aborreceu. E, além do mais, Popeye trouxe para cá aquele seu vasto carro. Ninguém conseguiu dissuadi-lo. Macacos me mordam, se ele não tiver medo da própria sombra.

— Também eu teria medo, se a sombra dele fosse minha disse Benbow.

Tommy riu baixinho. A estrada era agora um túnel negro, atapetado com o lúgubre e impalpável brilho da areia.

É mais ou menos por aqui que fica o caminho que leva à fonte, pensou Benbow, procurando ver onde a trilha se encaixava na mata.

Continuaram.

— Quem dirige o caminhão? Mais rapazes de Memphis?

— Claro — respondeu Tommy. — O caminhão pertence a Popeye.

— Por que aqueles sujeitos de Memphis não ficam em Memphis e não deixam vocês fabricarem suas bebidas em paz? — perguntou Benbow.

— É lá que está o dinheiro — replicou Tommy. — Não se arranja grande coisa aqui com essas ninharias, esses quartos e meios galões. Lee faz isso como biscate, para ganhar um ou dois dólares a mais. Dinheiro a gente ganha fabricando o uísque e desembaraçando-se logo de toda a partida.

— Bom, eu preferia morrer de fome a conviver com aquele sujeito.

Tommy riu.

— Oh, Popeye não é de todo mau. Apenas um pouco curioso. — Tommy continuou a caminhar, vulto indefinido contra a apagada reverberação da estrada arenosa. — Macacos me mordam, se ele não for um tipo; não acha mesmo?

— Acho — respondeu Benbow. — De fato é um tipo.

O caminhão esperava no ponto onde a estrada, novamente de terra, e não de areia, começava a subir para a estrada principal. Dois homens estavam sentados no pára-lama, fumando. Sobre eles, as árvores exibiam rala folhagem, contra estrelas de mais de meia-noite.

— Vocês são folgados, não são? — disse um deles. — Eu pretendia, a esta hora, já estar na metade do caminho. Tenho mulher esperando por mim.

— Sem dúvida — disse o outro. — Esperando na cama.

O primeiro que falara o xingou.

— Viemos o mais depressa possível — declarou Tommy. — Por que vocês não penduraram uma lanterna? Se eu e o meu companheiro fôssemos policiais, vocês estariam mal arranjados, se estariam!

— Ah, vá chupar ovo, cachorro do inferno — disse o primeiro que falara.

Apagaram os cigarros e entraram no caminhão. Tommy riu baixinho.

Benbow virou-se e estendeu-lhe a mão.

— Adeus disse. — E muito obrigado, senhor... — Meu nome é Tommy disse o outro.

Sua mão mole, calosa, procurou a de Benbow, sacudiu-a solenemente e largou-a de novo. Ele ali ficou, figura atarracada, informe contra o suave brilho da estrada, enquanto Benbow erguia o pé para o estribo. Tropeçou, equilibrando-se em seguida.

— Cuidado, doutor — disse uma voz de dentro do caminhão.

O segundo homem que falara colocou uma espingarda nas costas do banco. O caminhão pôs-se em movimento, fazendo forte ruído na ladeira e na estrada principal, coberta de pedregulhos, tomando a direção de Jefferson e Memphis.

Na tarde seguinte Benbow estava na casa da irmã. Casa grande, no campo, a quatro milhas de Jefferson, lar da família do marido. A irmã de Benbow era viúva e tinha um filho de dez anos. Lá residia com o menino e uma tia-avó do marido, mulher de noventa anos, condenada a uma cadeira de rodas e conhecida como Miss Jenny.

A velha e Benbow estavam agora à janela, observando a irmã do advogado e um rapaz, que passeavam pelo jardim. A irmã estava viúva havia dez anos.

— Por que será que ela não se casou outra vez? — disse Benbow.

— Eu é que pergunto — replicou — Uma mulher moça precisa de um homem.

— Mas não aquele — replicou Benbow.

Olhou para os dois no jardim. O homem trajava calças de flanela e paletó azul. Rapaz troncado, gorducho, com ar fanfarrão, lembrando um colegial.

— Ela parece gostar de crianças. Talvez pelo fato de ter um filho. Quem é o rapaz? É o mesmo do outono passado?

— Gowan Stevens — informou Miss Jenny. — Você deve se lembrar de Gowan.

— É verdade — respondeu Benbow. — Agora me lembro. Lembro de outubro passado.

Naquela época ele passara por Jefferson, ao dirigir-se para sua cidade, e ficara uma noite em casa da irmã. A esta mesma janela, ele e Miss Jenny tinham observado o mesmo par que passeava pelo jardim, onde vicejavam as últimas flores de outubro, coloridas e cheirando a pó. Naquele tempo Stevens vestira marrom e Benbow ainda não o conhecia.

— Ele só começou a aparecer desde a primavera passada, quando chegou da Virgínia — disse Miss Jenny.

— Antes dele, era aquele filho de Jones, Herschell. Sim, isso mesmo. Herschell.

— Ah! exclamou Benbow. — Pertence a uma antiga família da Virgínia, ou era um coitado, de passagem por ali? — Estava na escola, na Universidade. Você não se lembra dele porque ainda estava no cueiro quando você saiu de Jefferson.

— Não deixe que Belle ouça isso aconselhou Benbow. Ficou observando os dois, no jardim. Eles aproximaram-se da casa e desapareceram. Minutos depois subiram a escada e entraram na sala. Stevens surgiu, com seus cabelos lustrosos,

rosto gordo e expressão de confiança em si. Miss Jenny estendeu-lhe a mão. Ele inclinou-se pesadamente e beijou-a.

— Cada vez mais moça e mais bonita disse. — Acabo de dizer a Narcisa que, se a senhora quisesse sair dessa cadeira e ser minha namorada, ela não teria a mínima probabilidade.

— Vou levantar-me amanhã — brincou Miss Jenny. — Narcisa ...

Narcisa era uma mulher grande, de cabelos pretos, rosto largo, estúpido, sereno. Estava, como sempre, vestida de branco.

— Horace, apresento-lhe Gowan Stevens disse ela. — Gowan, este é meu irmão.

— Muito prazer em conhecê-lo disse Stevens. Tomou a mão de Benbow num aperto rápido, duro e enérgico.

Neste momento entrou o menino, Benbow Sartoris, sobrinho de Horace. Stevens continuou: — Já o conhecia de nome.

— Gowan esteve na Virgínia disse o menino. — Ah! exclamou Benbow. — Já soube disso.

— Obrigado disse Stevens. — Mas nem todos podem ir para Harvard.

— Obrigado disse Benbow. — Foi Oxford.

— Horace está sempre contando que esteve em Oxford, para que pensem que se refere à Universidade do Estado e ele possa corrigi-los disse Miss Jenny.

— Gowan vai muito a Oxford disse o menino. — Tem lá uma pequena. Leva-a sempre aos bailes. Não é verdade, Gowan? — Verdade respondeu Stevens. — Uma ruiva.

— Quietinho, Bory recomendou Narcisa. E virando-se para o irmão: — Como vão Belle e Little Belle? Ia dizer outra coisa, mas mudou de ideia. Continuou, no entanto, a olhar o irmão, com expressão grave e atenta.

— Se você continuar esperando que Horace abandone Belle, ele a abandonará mesmo um desses dias disse Miss Jenny. — Mas nem assim Narcisa ficará satisfeita. Algumas mulheres não querem que um homem case com certa mulher, mas todas ficam furiosas, se ele depois a abandona.

— Fique quieta, agora disse Narcisa.

— Sim senhor continuou Miss Jenny. — Horace tem forçado o cabresto, ultimamente. Mas é melhor não forçá-lo demais, Horace. Pode ser que não esteja preso do outro lado.

Soou uma campainha na outra extremidade do saguão. Tanto Stevens como Benbow fizeram um movimento em direção à cadeira de Miss Jenny.

— Dá licença? disse Benbow. — Já que parece que sou eu o hóspede.

— Ora, ora, Horace! exclamou Miss Jenny. — Narcisa, quer fazer o favor de mandar buscar as pistolas na canastra do sótão? — Virou-se para o menino e continuou: — E você vá em frente e diga que comecem a música e tenham duas rosas de prontidão.

— Começar que música? perguntou o menino.

— Há rosas na mesa disse Narcisa. — Mandadas por Gowan. Vamos jantar.

Pela janela, Benbow e Miss Jenny observavam os dois: Narcisa ainda de branco, Stevens metido em calças de flanela e paletó azul, passeando pelo jardim.

— O cavalheiro da Virgínia que aquela noite, ao jantar, nos contou como o tinham ensinado a beber como cavalheiro. Ponha um besouro no álcool e terá um escaravelho; ponha um sujeito do Mississipi em álcool e terá um cavalheiro ...

— Gowan Stevens disse Miss Jenny.

Viram os dois desaparecendo além da casa. Só depois de algum tempo ouviram os passos de duas pessoas entrando no saguão. Mas, quando surgiram na sala, Benbow e Miss Jenny verificaram que o menino tomara o lugar de Stevens.

— Ele não quis ficar — disse Narcisa. — Foi para Oxford.

Vai haver um baile na Universidade, na sexta-feira à noite.

Tem um encontro marcado com uma moça.

— Ali ele deverá encontrar amplo campo para beber como cavalheiro — disse Horace. — Para fazer qualquer coisa como cavalheiro. Com certeza é por isso que vai antes da hora.

— Vai levar uma moça ao baile — disse o menino. — Ele vai a Starkville no sábado, assistir ao jogo de beisebol. Disse que me levaria, mas a questão é que você não me deixa ir.

Pessoas da cidade que iam dar voltas nas imediações do colégio, depois do jantar, assim como distraídos professores de Universidade, ou candidatos a lente que se dirigiam para a biblioteca, costumavam ver Temple ... Temple, levando sob o braço um casaco apanhado às pressas, as longas pernas adquirindo um tom rosado devido ao esforço da corrida, silhueta apressada contra as janelas iluminadas do dormitório das moças, a "Gaiola", como era chamado. Vê-la-iam em seguida desaparecer na sombra ao lado da parede da biblioteca; e talvez tivessem a rápida visão de umas calças, ou outra peça íntima, quando a moça pulava no carro. Nessa determinada noite estava o carro com o motor em funcionamento. Os autos pertenciam aos rapazes da cidade. Aos estudantes da Universidade não eram eles permitidos. Os rapazes sem chapéu, de calções de golfe e vistosos pulôveres olhavam com superioridade e raiva os rapazes da cidade, que usavam chapéus rigidamente colocados nas cabeças besuntadas, paletós um pouco justos demais e calças exageradamente largas.

Isso acontecia nas noites da semana. Nas noites de sábado, de quinze em quinze dias, nas festas do Letter Club, ou então nos bailes oficiais dados três vezes por ano, eram os rapazes da cidade que a viam entrar no salão pelo braço dos estudantes. Sim, eram os rapazes da cidade que, assumindo atitudes de beligerante despreocupação, com os mesmos chapéus e colarinhos altos, a viam entrar no salão pelos braços negros dos colegas, desaparecendo num reluzente redemoinho de música e luzes, com seu rosto delicado, boca pintada com ousadia, queixo macio, olhos que se voltavam indiferentes para a direita e para a esquerda olhos frios, vorazes e discretos.

Mais tarde, ouvindo o lamento da música além das vidraças, eles a observariam do lado de fora da janela, vendo-a passar, em rápida sucessão, das mangas negras de um para as de outro, a cintura surgindo fina e ansiosa no breve intervalo, os pés preenchendo com música a rítmica lacuna. Inclinando-se, eles sorveriam a bebida trazida em frascos de metal e acenderiam seus cigarros.

Depois, endireitando-se de novo, imóveis contra a luz, aquelas cabeças enchapeladas, aqueles colarinhos altos pareceriam uma fileira de bustos enchapelados e embuçados que tivessem sido recortados em estanho e pregados nos parapeitos das janelas.

Quando a orquestra tocava Lar, Doce Lar, sempre haveria três ou quatro por ali, vagueando perto da saída, com expressão fria, belicosa, um pouco abatidos, devido ao sono, observando os pares que saíam numa pálida repetição de

movimento e ruído. Três deles viram Temple e Gowan Stevens sair para o ar frio, prenúncio de madrugada primaveril. Ela estava pálida, o rosto recentemente empoado, os cachos ruivos já desfeitos. Os olhos só pupilas, agora detiveram-se nos rapazes por um breve momento. Depois ela ergueu a mão, num gesto vago — se para eles ou não, ninguém poderia dizer. Os rapazes não corresponderam; nos seus olhos frios não brilhou a mínima centelha. Viram Gowan passar o braço pelo dela, tiveram a rápida revelação de ilharga e coxa, quando Temple entrou no carro. Era um roadster, ' longo e baixo, com farol móvel.

— Quem é aquele filho da mãe? perguntou um deles. — Meu pai é juiz disse o segundo em voz de falsete, amarga e cantante.

— Pro inferno. Vamos para a cidade.

Continuaram. Em dado momento gritaram para um carro, mas este não parou. Os três rapazes detiveram-se na ponte sobre as escavações da estrada de ferro e beberam de uma garrafa. O último a beber ia jogá-la fora, quando o segundo o interrompeu.

— Dê cá — disse ele.

Quebrou com cuidado a garrafa e espalhou os cacos na estrada. Os outros o observavam.

Modelo de carro comprido e aberto com um só assento para duas ou três pessoas; carro esporte. (N. do E.) — Você não é digno de ir a uma festa de colégio disse o primeiro. — Pobre bastardo.

— Meu pai é juiz — disse o outro. colocando os ponteagudos fragmentos de pé, na estrada.

— Lá vem um carro — disse o terceiro.

O auto tinha três faróis. Os rapazes encostaram-se à balaustrada da ponte, enviesando os chapéus, devido à luz. Viram Temple e Gowan passar. A moça tinha a cabeça baixa e próxima à do companheiro. O carro movia-se lentamente. — Pobre bastardo — disse o primeiro.

— Sou mesmo? — disse o segundo. Tirou qualquer coisa do bolso, sacudindo o tecido fino e ligeiramente perfumado perto do rosto dos companheiros. — Sou mesmo? — repetiu. — É o que você diz.

— Doc arranjou esse trapo em Memphis — disse o terceiro. — Ganhou-o de uma maldita prostituta.

— Você é um mentiroso indecente — disse Doc. Ficaram observando o rastro de luz, a rubra lanterna de trás que se ia tornando cada vez menor, até que parou diante da "Gaiola". Apagaram-se as luzes. Depois de algum tempo, ouviu-se a batida da porta do carro. Acenderam-se as luzes; o auto se pôs em movimento. De novo se aproximou.

Os três rapazes apoiaram-se à balaustrada, em fila, enviesando os chapéus, por causa da luz. Os cacos da garrafa quebrada reluziam ao acaso, em inúmeras centelhas. O carro parou perto deles.

— Os senhores vão para a cidade? — perguntou Gowan, abrindo a porta.

Eles continuaram apoiados à balaustrada. Depois, o primeiro disse secamente: "Muito obrigado". Entraram. Os dois outros sentaram-se no banco de trás, o primeiro ao lado de Gowan.

— Passe por aquele lado — avisou ele. Alguém quebrou aqui uma garrafa.

— Obrigado — disse Gowan. O carro seguiu. — Os senhores vão amanhã a Starkville, assistir ao jogo?

Os rapazes sentados atrás nada disseram.

— Não sei respondeu o primeiro. — Não creio.

— Sou novo, aqui disse Gowan. — Estou desprevenido em matéria de bebida hoje à noite, e tenho um compromisso para amanhã cedo. Poderiam dizer-me se há possibilidade de eu arranjar alguma coisa?

— É muito tarde — disse o primeiro. Virou-se para trás e perguntou: — Você conhece alguém que possa ser encontrado a esta hora da noite, Doc?

— Talvez Luke — respondeu o terceiro.

— Onde é que ele mora? — perguntou Gowan.

— Vá continuando — disse o primeiro. — Eu lhe mostro.

Atravessaram o largo e saíram da cidade, rodando durante meia milha.

— É esta a estrada para Taylor, não é? — perguntou Gowan.

— É — respondeu o primeiro.

— Tenho que ir para lá amanhã cedo — disse Gowan — Tenho que chegar antes do especial. Os senhores não vão ao jogo, pelo que me deram a entender?

— Creio que não — respondeu o primeiro. — Pode parar aqui.

Íngreme ladeira ali se erguia, encimada por enfezados arbustos.

— Espere aqui — disse o primeiro. Gowan apagou as luzes do carro. Dali podiam ouvir o outro subir a ladeira.

— Luke vende boa bebida? — perguntou Gowan.

— Bem boa. Boa como qualquer outra, creio eu — disse o terceiro.

— Se não gostar, não precisa beber — declarou Doc. Gowan virou-se pesadamente e fitou-o.

— Tão boa quanto a que tomou hoje à noite — disse o terceiro.

— Também essa não precisava ter bebido — interveio Doc. — Parece que aqui eles não sabem fazer bebida boa como lá na escola — disse Gowan.

— De onde é o senhor? — perguntou o terceiro.

— Da Virgin... Oh, de Jefferson. Frequentei a Universidade da Virgínia. Lá ensinam a gente a beber.

Os outros dois nada disseram. O primeiro voltou, precedido por um leve esguichar de terra, na ladeira. Trazia uma jarra, dessas usadas para suco de fruta. Gowan ergueu-a contra o céu. Pálida, de aparência inocente. Ele tirou a tampa e estendeu a jarra ao vizinho.

— Tome.

O primeiro bebeu e passou-a aos que estavam atrás.

— Bebam.

O terceiro aceitou, mas Doc recusou. Gowan bebeu. — Deus do céu! — exclamou ele. — Como é que bebem essa droga?

— Não bebemos drogas na Virgínia — disse Doc.

Gowan virou-se e olhou-o novamente.

— Cale a boca, Doc — disse o terceiro. E virando-se para Gowan: — Não se incomode com ele. Teve dor de barriga a noite toda.

— Filho da mãe — disse Doc.

— Foi a mim que disse isto? — perguntou Gowan.

— Claro que não — replicou o terceiro. — Vamos, Doc; tome um trago.

— Tanto faz — disse Doc. — Dê cá.

Voltaram para a cidade. — O barracão deve estar aberto — disse o primeiro. — Na estação.

Era uma espécie de confeitaria-restaurant. Estava deserta, a não ser por um homem de avental sujo. Dirigiram-se para os fundos e entraram num quartinho onde havia uma mesa e quatro cadeiras. O homem trouxe quatro copos e coca-cola. — Quer fazer o favor de me trazer um pouco de açúcar, água e limão? — pediu Gowan.

O homem trouxe a encomenda. Os outros observaram Gowan preparar um uísque sour. — Ensinaaram-me a beber assim — disse ele. Os outros ainda ficaram olhando, enquanto ele bebia. — Não acho muita graça — continuou Gowan, despejando no copo parte do conteúdo da jarra. Tornou a beber.

— O senhor bebe de fato — disse o terceiro.

— Apreendi numa boa escola.

Havia ali uma janela alta. Além, via-se o céu, já mais pálido, mais fresco.

— Bebam, senhores — disse Gowan, enchendo de novo seu copo.

Os outros serviram-se moderadamente. — Lá na escola acham preferível a gente ir parar embaixo da mesa a fingir que bebe — continuou Gowan. Os outros observaram-no beber mais aquele. De repente notaram que as narinas de Gowan estavam pontilhadas de suor.

— Foi o limite, para ele — disse Doc.

— Quem é que diz isso? — exclamou Gowan, vertendo mais um pouco no copo. — Se ao menos tivéssemos bebida decente! Conheço um homem na minha região, um sujeito chamado Goodwin, que fabrica...

— É a isso que chamam "bebida", lá na escola — disse Doc.

Gowan olhou para ele. — Acha mesmo? Veja então isto. Verteu mais bebida no copo. Os outros ficaram observando o líquido subir.

— Cuidado, rapaz — disse o terceiro.

Gowan encheu o copo até a borda, ergueu-o e esvaziou-o de uma só vez. Lembrou-se de ter depositado o copo na mesa, cuidadosamente; depois teve consciência, simultaneamente, de ar livre, de uma frescura acinzentada, de um motor trepidando num desvio à frente de negra fileira de carros; lembrou-se de que estava tentando dizer a alguém que aprendera a beber como um cavaleiro. E ainda estava tentando dizer-lhes, num acanhado lugar que cheirava a amoníaco e creosoto, enquanto vomitava num receptáculo, que precisava estar em Taylor às seis e meia, quando chegasse o especial. O paroxismo passou. Sentiu extremo cansaço, fraqueza, e um desejo de deitar-se, violentamente refreado. Ao brilho de um fósforo, encostou-se à parede, os olhos focalizando-se lentamente num nome ali escrito a lápis. Fechou um olho, cambaleando, balbuciante, e leu o nome. Depois olhou para os outros sacudindo a cabeça.

— Nome de moça... Nome de moça que conheço. Boa moça. Boa camarada. Tenho que levá-la para Stark... Starkville. Sem pau-de-cabeleira, sabem?

Encostado à parede, babando, balbuciando, ele adormeceu. Imediatamente começou a lutar contra o sono. Pelo menos lhe pareceu que foi imediatamente. E no entanto tinha consciência de que o tempo passava, e que o tempo era fator importante naquela sua necessidade de acordar, pois do contrário se arrependeria. Durante muito tempo soube que tinha os olhos abertos, enquanto esperava que lhe voltasse a faculdade de ver. Depois recomeçou a enxergar, embora não percebesse imediatamente que despertara. Ficou imóvel. Pareceu-lhe que, pelo fato de ter acordado, atingira a finalidade pela qual se esforçara por acordar. Estava em posição incômoda, sob uma cobertura baixa, olhando a fachada de um edifício desconhecido, acima do qual nuvenzinhas rosadas pelo sol corriam loucamente. Nisto os músculos do abdômen completaram o vômito que o fizera perder os sentidos e ele conseguiu levantar-se, esparramando-se ao lado do carro e batendo a cabeça na porta. O golpe o fez voltar completamente a si. Abriu a porta e quase caiu no chão. Levantou-se com esforço, correndo para a estação, aos tropeções. Caiu. Ainda no chão, olhou, com dúvida e desespero, o desvio deserto e o ensolarado céu. Ergueu-se e correu, metido no seu manchado dinner jacket, de

colarinho desabotoado e cabelo em desalinho. "Fiquei inconsciente", pensou ele, com raiva. "Fiquei inconsciente." "Fiquei inconsciente." A não ser um negro, com uma vassoura, a plataforma estava deserta.

— Misericórdia, brancos! — exclamou o negro. — O trem — disse Gowan. — O especial. Aquele que estava na linha.

— Foi embora. Já faz cinco minutos.

Ainda com a vassoura meio levantada, o negro viu Gowan virar-se e correr até o carro, onde entrou, tropeçando. A jarra estava no chão. Ele deu-lhe um pontapé e ligou o motor. Sabia que estava precisando de alimento, mas não havia tempo para isso. Olhou a jarra. Seu estômago contraiu-se, mas ele ergueu-a e bebeu, gorgolejando, engasgando, enfiando na boca um cigarro para conter a ânsia. Imediatamente se sentiu melhor. Atravessou o largo a quarenta milhas por hora. Eram seis e quinze. Tomou a estrada de Taylor, aumentando a velocidade do carro. Bebeu de novo, sem diminuir a marcha. Quando chegou a Taylor, o trem ia saindo da estação. Atirou-se entre dois vagões, quando passava o último carro. Abriu-se a porta; Temple pulou e correu durante alguns passos ao lado do trem, enquanto um guarda se inclinava, sacudindo o punho. Gowan descera, Temple virou-se e dirigiu-se para ele, andando vivamente. Depois parou, deu mais alguns passos, olhando o rosto transtornado do rapaz, os cabelos em desalinho, a camisa e o colarinho em triste estado. — Você está bêbado — disse ela. — Porco. Porcalhão. — Foi uma noite e tanto. Você não sabe nem da metade. Ela olhou à volta, para a estação amarela e lúgubre. Viu os homens de macacão que mascavam lentamente, observando-a, viu os trilhos, onde, ao longe, o trem se ia tornando cada vez menor; viu os quatro rolos de vapor que já quase tinham desaparecido quando soou o apito. — Porcalhão — disse ela. — Você não pode ir a parte alguma desse jeito. Nem mesmo trocou de roupa. Quando chegaram perto do carro, ela parou de novo, perguntando: — Que é isso aí atrás? — Meu cantil — respondeu Gowan.

— Entre.

Temple fitou-o, com olhos vigilantes e frios sob o chapéu sem aba; topete ruivo, boca pintada com um vermelho ousado. Virou-se novamente para a estação, que se erguia dura e feia na frescura da manhã. Pulou para o carro, sentando-se sobre as pernas dobradas.

— Vamos embora. — Depois que o rapaz deu a partida, ela acrescentou: — É melhor levar-me embora para Oxford. — Olhou de novo a estação, agora sob a sombra de uma nuvem alta e fugidia. — É melhor — insistiu Temple. Às duas horas daquela tarde, seguindo em boa velocidade por ermos de pinheirais rumorejantes, Gowan desviou o carro da estrada de pedregulho para o estreito caminho no meio de barrancos corroídos, descendo na direção de um amontoado

de ciprestes. Vestia sob o dinner jacket uma camisa ordinária de operário. Tinha os olhos injetados de sangue, empapuçados, o queixo coberto por uma penugem azulada. Olhando-o, enquanto procurava firmar-se devido aos solavancos, Temple pensou: "Suas suíças cresceram desde que saímos de Dumfries. Foi loção de cabelo que ele tomou. Comprou uma garrafa de loção de cabelo em Dumfries e tomou-a".

Gowan fitou-a, perscrutando-lhe o olhar.

— Não vá agora ficar aborrecida. Não perderemos muito tempo, indo até a casa de Goodwin pegar uma garrafa. No máximo dez minutos. Eu lhe disse que a levo para Starkville, antes que o trem chegue. E levo mesmo. Não acredita em mim?

Ela nada disse, lembrando-se do trem cheio de bandeirolas, que já devia estar em Starkville; das arquibancadas coloridas; da banda; do brilho bocejante do cornetim; do campo verde, salpicado de jogadores, abaixando-se, soltando breves gritos esganiçados como aves do pântano perturbadas por algum crocodilo —, sem saber onde está o perigo, imóveis, ponderados, encorajando-se mutuamente com gritos breves e sem sentido, queixosos, prudentes e desconsolados.

— Você, tentando enganar-me com seu ar inocente. Não pense que foi à toa que passei a noite com alguns dos seus bobos admiradores. Não pense que os enchi de bebida por mera generosidade. Você é muito boa, não é? Acha que pode brincar durante a semana com qualquer "trouxa" que possua um Ford, e me enganar no sábado, não é? Não pense que não vi o seu nome onde está escrito, naquela parede de privada. Não acredita?

Ela nada disse, procurando firmar-se enquanto o carro sacolejava no atalho, indo agora depressa demais. Gowan ainda a observava, não se esforçando por firmar a direção.

— Com os diabos, quero ver qual a mulher que pode...

A estrada achatou-se no areal, completamente abobadada, completamente ladeada por um emaranhado de juncos e mato. O carro balançava-se de um lado ao outro, nos sulcos feitos na areia.

Temple viu a árvore obstruindo o caminho, mas tratou apenas de firmar-se mais ainda. Aquilo lhe pareceu fim lógico e desastroso, no conjunto de circunstâncias em que se vira envolvida. Ficou sentada, rígida e silenciosa. Viu Gowan, que aparentemente olhava direto para a frente, arremessar-se contra a árvore a vinte milhas por hora. O carro chocou-se contra o obstáculo, recuou, bateu de novo e virou.

Temple viu-se jogada no ar, com uma sensação de entorpecimento no ombro e a rápida visão de dois homens que espiavam na orla dos juncos.

Procurou levantar-se, virando a cabeça. Viu-os entrar na estrada um deles metido num apertado terno preto, de palheta e fumando um cigarro; o outro de macacão, carregando uma espingarda, de cabeça descoberta e expressão atônita no rosto barbudo. Ainda correndo, sentindo intenso pavor, ela caiu de bruços no chão.

Sem uma pausa, virou-se e sentou-se, de boca aberta, ofegante, com um silencioso gemido. O homem de macacão ainda a olhava, com expressão de inocente surpresa na boca aberta, no meio da barba curta e macia. O outro homem estava encostado no carro virado, o paletó justo atirado agora sobre o ombro. E então o motor parou, embora a direção continuasse rodando ociosamente, lentamente ...

O homem de macacão estava descalço. Caminhou na frente de Temple e Gowan, a espingarda balançando-lhe na mão, os pés de pato aparentemente não tendo dificuldade em caminhar na areia, ao contrário de Temple, que se afundava até os tornozelos a cada passo que dava. De quando em quando, o homem os olhava, por sobre o ombro; olhava o rosto ensanguentado e as roupas manchadas de Gowan; olhava Temple, que caminhava aos tropeções, devido aos sapatos de salto alto.

— Difícil andar, não é? — disse ele. — Se ela tirar os sapatos, andarás melhor.

— Acha? — perguntou Temple.

Segurando-se em Gowan, firmou-se num pé e depois no outro. O homem observava-a, enquanto ela tirava os sapatos. — Garanto que nem dois dedos eu poderia enfiar num deles — disse o homem. — Posso ver?...

Temple deu-lhe um dos sapatos. O homem revirou-o lentamente na mão.

— Puxa! — exclamou, fitando novamente Temple com seu olhar pálido, vazio. Os cabelos pareciam de palha, manchados pelo sol, no alto, mais escuros e encaracolando-se desalinhadamente perto da nuca e das orelhas. — E ela é muito alta, também, com essas pernas finas. Quanto pesa? — Temple estendeu a mão e ele devolveu-lhe lentamente o sapato, olhando-a, olhando-lhe o ventre e as coxas.

— Vamos — disse Gowan. — Vamos caminhando. Temos que arranjar um carro e voltar para Jefferson hoje à noite.

Terminado o trecho de areia, Temple sentou-se e calçou novamente os sapatos. Vendo que o homem lhe observava a coxa, puxou a saia para baixo e levantou-se.

— Então? Continue — disse ela. — Não sabe o caminho?

A casa surgiu acima do amontoado de cedros. Além dos sombrios interstícios, um pomar de macieiras exibia-se na tarde ensolarada. A casa ficava no meio de um árido gramado, cercada por jardins abandonados e dependências em ruínas. Em parte alguma se via sinal de lavoura, arado ou outro qualquer instrumento. Para onde quer que se olhasse, não-havia sinal de plantação somente uma ruína esquelética e judiada pelo tempo, no meio de sombrio bosque, através do qual soprava a brisa com som triste e lamuriento. Temple parou.

— Não quero ir lá — disse ela ao homem. — Vá na frente e pegue o carro. Ficamos esperando aqui.

— Ele disse para irem todos para a casa — declarou o homem.

— Ele, quem? — perguntou Temple. — Aquele negro acha que me pode dar ordens?]

— Ora, vamos — disse Gowan. — Vamos tratar de falar com Goodwin e arranjar um carro. Está ficando tarde. Mrs. Goodwin está aqui, não está?

— É provável — respondeu o homem. — Vamos disse Gowan.

Dirigiram-se para a casa. O homem atravessou o umbral e colocou a espingarda do lado de dentro da porta.

— Ela deve estar por aí — disse a Gowan, olhando de novo para Temple. — Sua mulher não precisa ter medo. Lee os levará para a cidade, creio eu.

Temple olhou para ele. Olharam-se gravemente, como duas crianças ou dois cães.

— Como se chama? — perguntou Temple.

— Meu nome é Tommy — disse ele. — Não precisa ficar preocupada.

O saguão estava aberto. A moça entrou.

— Onde vai você? — perguntou Gowan. — Por que não espera aqui?

Temple não respondeu. Atravessou o saguão, ouvindo atrás de si a voz de Gowan e dos homens. O alpendre dos fundos estava banhado em luz, mancha de sol emoldurada pela porta. Ela viu, além, uma ladeira sufocada por ervas daninhas e um imenso telheiro, sem fundo, tranquilo naquele ermo ensolarado. A direita da porta, distinguiu o ângulo daquilo que tanto poderia ser edifício separado como ala da casa.

Mas não ouviu som algum, a não ser o das vozes na entrada.

Continuou, lentamente. Depois, parou. No quadrado de luz emoldurado pela porta, via-se a sombra da cabeça de um homem. Ela deu um salto, pronta para correr. Mas a sombra não tinha chapéu, de modo que ela se virou e, na ponta dos pés, foi espiar à porta. Viu um homem sentado numa cadeira, ao sol. A nuca estava voltada para ela. Cabeça calva, com uma franja de cabelos brancos. Mãos cruzadas no castão de grosseira bengala. Temple entrou no alpendre dos fundos.

— Boa tarde — disse.

O homem não se moveu. Ela deu mais uns passos, depois olhou rapidamente por sobre o ombro. Julgara ter visto, de soslaio, um fio de fumaça saindo da porta do aposento isolado onde o alpendre fazia um L; mas agora desaparecera.

Num varal, diante dessa porta, estavam dependurados três panos quadrados, úmidos e desanimados, como se tivessem sido lavados recentemente. Viu também uma peça de roupa de baixo, de mulher, de desbotada seda cor-de-rosa.

Fora lavada tantas vezes, que a renda se apresentava esgarçada e fibrosa, como o próprio tecido. Temple notou um remendo de fazenda de algodão, em tom claro, caprichosamente feito. Voltou-se novamente para o homem.

Por um momento julgou que os olhos dele estivessem fechados, depois achou que ele não tinha olhos, pois entre as pálpebras estavam encaixados dois objetos que pareciam dois blocos sujos e amarelados.

— Gowan — murmurou ela. — Depois, gemeu: — Gowan... — e saiu correndo, de cabeça virada, pois justamente neste momento uma voz falou além da porta onde ela julgara ter visto a fumaça.

— Ele não pode ouvi-la. Que deseja?

Ela virou-se de novo e, sem diminuir de velocidade, ainda olhando o velho, saiu do alpendre, caindo de mãos e joelhos num monte de cinzas, latas velhas e ossos esbranquiçados.

Viu que Popeye a observava do ângulo da casa, de mãos nos bolsos, o cigarro enviesado espiralando no rosto.

Quase sem uma pausa, ela subiu de novo para o alpendre, entrando de um salto na cozinha. Ali estava sentada uma mulher, de cigarro aceso na mão, vigiando a porta.

Popeye deu a volta à casa. Gowan estava encostado na balaustrada do alpendre da frente, apalpando com cuidado o nariz que sangrava. O homem descalço estava acorado contra a parede.

— Pelo amor de Deus, por que não o levam para os fundos, para lavar-se um pouco? — perguntou Popeye. — Querem que fique aqui o dia todo, parecendo um porco degolado?

Atirou o cigarro no capim e sentou-se no degrau de cima.

Pôs-se a raspar a lama dos sapatos com um canivete de platina dependurado na corrente do relógio.

O homem descalço levantou-se.

— Você disse qualquer coisa a respeito de... — começou Gowan.

— Psiu!... — recomendou o outro.

Começou a piscar e a fazer sinais para Gowan, indicando Popeye com a cabeça.

— E depois volte para aquela estrada — disse Popeye.

— Está ouvindo?

— Pensei que você estivesse com ideia de vigiar aquele ponto — replicou o homem.

— Não pense — disse Popeye, raspando a barra da calça. — Há quarenta anos que você vive sem pensar. Faça o que lhe digo.

Quando chegaram ao alpendre dos fundos, o homem descalço disse a Gowan: — Ele não admite que pessoa alguma... Não é mesmo um tipo esquisito? Macacos me mordam, se ele não for mais interessante do que um circo... Não admite que pessoa alguma beba, aqui, a não ser Lee. Nem ele mesmo bebe; e eu que experimente tomar um trago, que o homem fica para arrebeitar de ódio.

— Ele disse que você tem quarenta anos — comentou Gowan.

— Não é tanto assim — replicou o outro.

— Que idade você tem? Trinta?

— Não sei. Em todo caso não é tanto como ele disse.

Vendo o velho sentado na cadeira, ao sol, o homem explicou: — Oh, aquele é Pap.

A sombra azulada dos cedros chegara até os pés do velho, quase lhe alcançando os joelhos. Ele estendeu a mão, remexendo perto dos joelhos, procurando qualquer coisa. A mão imobilizou-se, em seguida, imersa nas sombras até o pulso. Depois agarrou a cadeira e, batendo com a bengala à frente, chegou de

repente sobre os dois homens, de modo que estes tiveram que se afastar vivamente, para deixá-lo passar. Ele arrastou a cadeira para a claridade e sentou-se novamente, o rosto erguido para o sol, as mãos cruzadas sobre o castão da bengala.

— Aquele lá é Pap — disse o homem. — Cego e surdo.

Macacos me mordam, se eu não acharia horrível estar na situação de não saber o que estava comendo, e nem ligar para o que me servissem.

Sobre uma prancha fixada em dois postes, havia um balde galvanizado, uma bacia de zinco, e um prato rachado onde se via um pedaço de sabão amarelo.

— A água que vá para o inferno — disse Gowan. — Que tal aquele traguinho?

— Acho que você já bebeu demais. Macacos me mordam se você não mandou o carro direitinho naquela árvore.

— Vamos lá, será que você não tem alguma garrafa escondida por aí?

— Talvez haja um pouco no telheiro. Mas não deixe ele saber disso, senão vai lá e joga tudo fora.

O homem voltou até a porta e espiou no saguão. Saíram depois do alpendre e dirigiram-se para o telheiro, atravessando o que antes fora jardimzinho dos fundos, agora sufocado por cedros e brotos de blackjack*.

**Pequena árvore do leste dos Estados Unidos, de casca escura, usada como lenha. (N. do E.)*

Por duas vezes o homem olhou por sobre o ombro. Da segunda vez disse: — Lá está sua mulher querendo alguma coisa.

Temple estava na porta da cozinha. Chamou: — Gowan.

— Faça um sinal com a mão, ou qualquer coisa — disse o homem. — Se ela não calar a boca, ele vai ouvir-nos.

Gowan sacudiu a mão. Continuaram. Entraram no telheiro.

Ao lado da entrada, havia uma escada rústica.

— É melhor esperar até eu subir — disse o homem.

— A escada está podre. Não aguenta dois.

— Por que não a conserta, então? Você não se serve dela todos os dias?

— Até agora tem aguentado — disse o homem.

Subiu. Gowan acompanhou-o, pelo alçapão, entrando na escuridão amarelada, onde o sol penetrava pelas brechas das paredes e do teto.

— Ande por onde eu andar — disse o homem. — Do contrário, você é capaz de pisar uma tábuia solta e quando menos esperar estará lá embaixo. — Andou cautelosamente, escolhendo o caminho. Tirou um cântaro, de baixo de uma pilha

de feno apodrecido, a um canto. E acrescentou: — Aqui é que ele não viria remexer. Tem medo de estragar aquelas mãozinhas de donzela.

Beberam.

— Já vi você por aqui — disse o homem. — Mas não sei o seu nome.

— Meu nome é Stevens. Há três anos que compro bebida de Lee. Quando é que ele volta? Precisamos ir para a cidade.

— Oh, não deve demorar. Eu já tinha visto você por aqui, sim. Outro sujeito, de Jefferson, esteve também aqui há três noites. Não sei como se chama. Puxa, como falava! Não parava de contar de que jeito tinha largado da mulher.

O homem calou-se. Pôs-se lentamente de cócoras, o cântaro nas mãos erguidas, a cabeça inclinada em atitude de quem escuta.

Dali a momentos, ouviu-se uma voz, lá em baixo.

Jack.

O homem olhou para Gowan. Caiu-lhe o queixo em expressão de imbecil alegria. Os poucos dentes que tinha eram feios, manchados e estragados, em meio à barba macia e escura.

— Você, Jack, aí em cima — disse a voz.

— Está ouvindo? — murmurou o homem, sacudindo-se com silencioso júbilo. — Está me chamando de Jack. Meu nome é Tommy.

— Desça — disse a voz. — Sei que você está aí.

— É melhor descermos — disse Tommy. — Ele é bem capaz de mandar um tiro piso acima.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Gowan. — Por que é que você não... Olá! Já vamos descendo — gritou ele.

Popeye estava à porta, os polegares metidos no colete.

Escondera-se o sol. Quando Tommy e Gowan surgiram, Temple saiu do alpendre dos fundos. Parou, observando-os, depois desceu pela ladeira e começou a correr.

— Não lhe disse que fosse para a estrada? — perguntou Popeye.

— Ele e eu entramos aqui por um minutinho só — respondeu Tommy.

— Eu disse ou não disse que fosse para a estrada? — Disse — respondeu Tommy.

Popeye voltou-se, sem se dignar olhar para Gowan. Tommy acompanhou-o, sacudindo-se ainda com secreta alegria.

Na metade do caminho para a casa, Temple encontrou Popeye.

Embora continuasse a correr, deu impressão de pausa.

Nem mesmo a aba esvoaçante do casaco teve tempo de alcançá-la; e, no entanto, pela fração de um segundo fitou Popeye com expressão de rígida e

sorridente coqueteria.

Popeye continuou a caminhar, sem diminuir o pretensioso bamboleio de suas cadeiras finas. Temple pôs-se de novo a correr. Passou por Tommy e agarrou o braço de Gowan.

— Gowan, estou com medo. A moça me disse que eu não... Você andou bebendo de novo! Nem mesmo lavou o sangue... Ela me disse que eu fosse embora daqui... — Os olhos de Temple estavam negros; à luz crepuscular o rostinho parecia menor e mais pálido. Olhou em direção à casa.

Popeye acabava de virar o ângulo. Temple continuou: — Ela tem que andar até a fonte, para buscar água; ela...

Eles têm o bebezinho mais lindo deste mundo, num caixote atrás do fogão. Gowan, ela me disse que não devo ficar aqui depois do anoitecer. Disse que eu devia pedir a ele. Ele tem um carro. Disse que não acha que ele...

— Pedir a quem? — perguntou Gowan.

Tommy voltara-se para olhá-los, mas logo se pôs de novo a caminhar.

— Aquele homem de preto. Ela disse que acha que ele não nos leva, mas que há uma possibilidade. Vamos.

Dirigiram-se para a casa. Rodeava-a um trilho que levava à frente. O carro estava estacionado entre a senda e a casa, no meio do capim. Com a mão na porta do carro, Temple voltou-se, de novo fitando Gowan.

— Ele não perderá muito tempo, com este carro. Conheço um rapaz, na minha terra, que tem um igual. Faz oitenta milhas por hora. Basta ele levar-nos até a cidade, porque ela me perguntou se éramos casados e tive que responder que sim. A uma estação de estrada de ferro. Talvez haja uma mais perto do que Jefferson — murmurou Temple, fitando Gowan, passando de leve a mão na porta do carro.

— Oh, eu é que tenho que pedir, não é? — replicou Gowan. — Você está maluca. Acha que aquele macaco me atenderia? Prefiro ficar aqui uma semana, a ir seja aonde for com aquele sujeito.

— Foi ela quem disse. Que não devo ficar aqui.

— Você está doida varrida. Venha cá.

— Você não vai pedir ao homem? Não vai? — Não. Espere até Lee chegar. Ele nos arranjará um carro.

Seguiram pelo trilho. Popeye estava encostado a um pilar, acendendo um cigarro. Temple subiu correndo os estragados degraus da escada.

— Escute, não quer levar-nos de carro até a cidade? — perguntou ela.

Ele virou a cabeça, de cigarro na boca, o fósforo nas mãos em concha. A boca de Temple paralisara-se num sorriso servil. Popeye aproximou o cigarro da chama e

respondeu: — Não.

— Vamos, seja camarada — insistiu Temple. — Não levará muito tempo, naquele Packard. Então, que me diz? Nós lhe pagaremos.

Popeye aspirou. Atirou o fósforo no matinho. Depois, com sua voz macia e gélida, disse: Diga à sua vagabunda que me deixe em paz, Fulano.

Gowan moveu-se pesadamente, como cavalo desajeitado e calmo que se vê de repente provocado.

— Olá, escute aqui — disse ele.

Popeye expeliu a fumaça, que desceu para o solo em dois finos rolos.

Não gosto desse seu modo — acrescentou Gowan.

Sabe com quem está falando? — E continuou aquele movimento pesado, como se não pudesse interrompê-lo nem tampouco completá-lo. — Não gosto disso.

Popeye virou a cabeça e olhou para Gowan. Depois deixou de olhar. Temple exclamou subitamente: Em que rio você caiu com esse terno? Tem que arrancá-lo à força, à noite? E dirigiu-se para a porta, de cabeça virada, batendo os saltos, a mão de Gowan empurrando-a. Popeye estava imóvel, apoiado ao pilar, a cabeça sobre o ombro, de perfil.

— Você está querendo... — silvou Gowan.

— Sujeito à-toa! — bradou Temple. — Sujeito à-toa! Gowan empurrou-a para dentro de casa. Completou a frase: Você está querendo que ele lhe arrebente essa maldita cabeça? Você está com medo dele! — exclamou Temple. — Está com medo! — Cale a boca! — disse Gowan.

E começou a sacudi-la. Os pés de ambos raspavam o piso nu, como se estivessem executando alguma dança incoerente. Ainda atracados, foram bater na parede.

Cuidado — disse ele. — Você está fazendo aquele negócio revirar no meu estômago.

Ela libertou-se e saiu correndo. Gowan apoiou-se à parede e ficou observando-a, silhueta imprecisa fugindo pela porta dos fundos.

Temple precipitou-se para a cozinha. A peça estava escura, a não ser por uma fresta de luz à volta da porta do fogão.

Temple deu uma reviravolta e tornou a sair. Viu Gowan descendo a ladeira na direção do telheiro. "Ele vai beber mais", pensou. "Vai ficar novamente bêbado. É a terceira vez, hoje." No saguão a escuridão se tornara mais intensa. Ela ficou na ponta dos pés, à escuta, pensando: "Estou com fome. Não comi nada, o dia todo". Lembrou-se do colégio, das janelas iluminadas, dos pares que lentamente se dirigiam para o ponto onde soara a campainha do jantar. Lembrou-se do pai,

sentado na varanda de sua casa, com os pés na grade, vendo um negro cortar grama. Avançou lentamente, nas pontas dos pés. A um canto, ao lado da porta, estava a espingarda. Temple enfiou-se no canto e começou a chorar.

Imediatamente parou, sustendo a respiração. Alguma coisa se movia, além da parede contra a qual se apoiava.

Ouviu, atravessando a sala, sons desajeitados, breves, precedidos por batidas secas. Alguém entrou no saguão. Temple gritou, sentindo seus pulmões se esvaziarem mesmo depois de todo o ar ter sido expelido, o diafragma vibrar mesmo depois de o peito estar vazio. Viu, então, o velho cego atravessar o saguão, com passos longos e arrastados, a bengala numa das mãos, o cotovelo do outro braço dobrado em ângulo agudo. Correndo, ela passou por aquele vulto impreciso ali de pé, na beirada do alpendre; precipitou-se para a cozinha e correu para o canto atrás do fogão. Agachando-se, puxou para fora o caixote. Sua mão tocou o rosto da criança. Pôs os braços à volta do caixote, agarrando — o, erguendo os olhos para a pálida luz da porta e tentando rezar. Mas não se lembrou de um único nome para dar ao pai celestial, de modo que começou a dizer: "Meu pai é juiz, meu pai é juiz". Isto uma e muitas vezes, até que Goodwin ali entrou, silenciosamente. Ele riscou um fósforo e ergueu-o, olhando para Temple, até a chama lhe chegar aos dedos.

— Olá — disse.

Temple ouviu dois passos rápidos, ligeiros. Depois a mão do homem tocou-lhe a face. Goodwin tirou-a de detrás do caixote, levantando-a pela nuca, como se fosse uma gatinha.

— Que está fazendo em minha casa? — perguntou.

Ela ouviu vozes, chegando de algum ponto além do saguão iluminado. Uma palavra; de vez em quando uma risada riso áspero, irônico, de homem que ri com facilidade.

Isso, acima do ruído da carne que frigia no fogão diante do qual se achava a mulher. Em dado momento, ouviu dois deles atravessarem o saguão, metidos nos seus pesados sapatos; no momento seguinte, o tilintar da concha, no balde galvanizado, e uma blasfêmia dita pela mesma voz que rira. Apertando o casaco contra o corpo, com aquela grande e tímida curiosidade das crianças, ela espiou à porta.

Viu Gowan, assim como outro homem de montaria caqui.

Ele está se embebedando novamente, pensou ela. Já se embriagou quatro vezes, desde que saímos de Taylor.

— É seu irmão? — perguntou Temple.

— Quem? — disse a mulher. — Meu o quê? — acrescentou, virando a carne que chiava na panela.

— Pensei que talvez seu irmão mais moço estivesse aqui.

— Deus de piedade — disse a mulher, virando a carne com um garfo de ferro. — Espero que não!

— Onde está seu irmão? — perguntou Temple, espiando à porta.

— Tenho quatro irmãos. Dois advogados e um jornalista. O outro ainda está na escola. Em Yale. Meu pai é juiz. Juiz Drake, de Jackson.

Lembrou-se de seu pai, sentado na varanda, de terno de linho, tendo na mão um leque de folha de palmeira, enquanto via o negro cortar a grama.

A mulher abriu o forno e olhou dentro.

— Ninguém lhe pediu para vir para cá. Não a convidei para ficar. Eu lhe disse que fosse embora enquanto ainda era dia.

— De que jeito? Pedi a ele. Gowan não quis, de modo que tive que pedir.

A mulher fechou o forno, virou-se e, de costas para a luz, fitou Temple.

— De que jeito? Sabe como arranjo água? Indo buscá-la. Andando uma milha, seis vezes por dia. Faça a conta. Não porque eu esteja num lugar onde tenha medo de ficar.

Foi até a mesa, sacudiu o maço de cigarros e tirou um de dentro.

— Quer me dar um? — perguntou Temple.

A mulher empurrou o maço sobre a mesa. Tirou a manga da lamparina e no pavio acendeu seu cigarro. Temple apanhou o maço e ficou ouvindo Gowan e o

outro homem que entravam em casa.

— São tantos — disse Temple, em tom queixoso, amassando o cigarro nos dedos. — Mas é possível que, sendo tantos... — A mulher voltara para perto do fogo e virava outra vez a carne na panela. — Gowan insiste em ficar bêbado — continuou Temple. — Já ficou bêbado três vezes hoje. Estava bêbado quando desci do trem em Taylor. Estou prestes a ser expulsa do colégio, e eu lhe disse o que poderia acontecer. Tentei jogar fora o cantil. Mas, quando paramos naquela lojinha de aldeia para ele comprar uma camisa, encheu a cara novamente. Como não tínhamos ainda comido nada, paramos em Dumfries e ele entrou num restaurante. Eu estava preocupada demais para poder comer. Não consegui encontrá-lo, mas de repente ele aparece, vindo de outra rua. Senti a garrafa no bolso dele antes que empurrasse minha mão. Insistia em dizer que eu estava com o isqueiro dele. E, agora que o perdeu e digo que estava o tempo todo com ele jura que nunca teve um isqueiro na vida.

A carne chiava na panela.

— Ficou bêbado três vezes — disse Temple. — Três vezes distintas, num dia. Buddy — isto é, Hubert, meu irmão mais moço — disse que, se algum dia me pegasse com um sujeito de porre me daria uma surra. E agora estou com um que enche a cara três vezes por dia. — Encostando o quadril na mesa, esmagando o cigarro, Temple começou a rir. — Não acha engraçado? — perguntou. Depois deixou de rir, sustendo a respiração. Ouviu o leve gotejar da lamparina, o som da carne na panela, o silvo da chaleira e as vozes ásperas... bruscas vozes masculinas dentro de casa.

— E você tem que cozinhar para todos eles, todos os dias! Todos esses homens, comendo aqui; a casa cheia deles, à noite, no escuro... — Temple largou o cigarro esmagado e perguntou: — Posso segurar o bebê? Sei segurar direito. — Correu para o caixote, inclinou-se e dali tirou a criança adormecida. Essa abriu os olhos, choramingando. — Quietinho, quietinho, você está com Temple. — Ninou o bebê, segurando-o alto, desajeitadamente, nos braços magros.

Olhando as costas da mulher, perguntou: — Escute, você quer pedir a ele? Seu marido. Ele pode arranjar um carro e me levar para algum lugar. Quer? Quer pedir a ele? — A criança parou de choramingar; as pálpebras escuras deixavam entrever os olhos. — Não estou com medo — continuou Temple. — Essas coisas não acontecem, não é mesmo? Eles são iguais aos outros. Você é igual aos outros. Com um filhinho. Além do mais, meu pai é... juiz. O go... governador costuma jantar lá em casa. Que amorzinho de cri... criança... — gemeu ela, encostando o bebezinho no rosto. — Se o homem mau fizer mal a Temple, nós contamos aos soldados do governador, não é verdade?

— Iguais a quem? — perguntou a mulher, virando a carne. — Pensa que Lee não tem mais o que fazer do que correr atrás de cada vagabunda da sua laia... — Abriu a porta da fornalha, atirou dentro o cigarro e bateu a porta. Ao acariciar a criança, Temple empurrara o chapéu para trás, que ficou em posição precária, desarrumada, sobre os cachos úmidos.

— O que veio fazer aqui? — continuou a mulher.

— A culpa foi de Gowan. Eu lhe supliquei... Já tínhamos perdido o jogo de beisebol, mas eu lhe supliquei que me levasse até Starkville, antes da volta do trem especial.

Assim ninguém saberia que eu não estava no trem, pois as pessoas que me viram descer nada diriam. Mas Gowan não me atendeu. Disse que íamos parar aqui por um minuto apenas, para comprar uísque, e no entanto já estava bêbado. Tinha-se embriagado de novo, depois que saímos de Taylor, e eu estou "sob condicional" no colégio e papai vai ficar desesperado. Mas Gowan não quis saber de nada. Embriagou-se de novo, enquanto eu pedia que me levasse a qualquer cidade e me deixasse lá.

— "Sob condicional?" — perguntou a mulher.

— Sim; na iminência de ser expulsa por sair à noite do colégio. Só os rapazes da cidade é que podem ter carros e quando a gente tem um encontro marcado com um rapaz da cidade, sexta, sábado ou domingo, os rapazes do colégio ficam prejudicados, porque não têm licença de ter carros. Assim, eu tinha que sair escondida. E uma colega que não gosta de mim contou ao diretor, porque eu tinha encontro com um antigo namorado dela, e ele nunca mais a convidou. Portanto, eu tinha que sair escondida.

— Se você não saísse às escondidas não podia passear de automóvel — disse a mulher. — É por isso, não é? E agora que saiu demais, está se queixando.

— Gowan não é um rapaz da cidade. É de Jefferson. Estudou na Universidade da Virgínia. Não parava de dizer que aprendeu lá a beber como um cavalheiro. Supliquei que me deixasse descer em algum lugar e me emprestasse dinheiro para a passagem, pois eu só tinha dois dólares, mas ele...

— Oh, conheço bem seu tipo — replicou a outra.

Mulheres honestas. Boas demais para se meter com gente comum. Estão prontas a sair de noite com meninotes, mas que apareça um homem. — Ela virou a carne na panela e continuou: — Vocês tomam tudo o que podem e nada dão em troca. "Sou uma moça direita. Não faço essas coisas." Você sai de noite com rapazolas, gasta-lhes a gasolina, come os seus jantares, mas que um homem de verdade olhe para você e já se encolhe toda, porque seu pai é juiz e seus quatro

irmãos podem não gostar. Mas, ao ver-se em apuros, a quem vem queixar-se? A nós, aqueles que não são dignos de amarrar os belos sapatos do sr. juiz.

Por cima do bebê, Temple olhou as costas da mulher.

Seu rosto parecia pálida máscara sob o chapéu mal equilibrado.

Meu irmão disse que mataria Frank. Não disse que me daria uma surra, se me encontrasse com ele; disse que o mataria, no seu carro amarelo. E meu pai amaldiçoou meu irmão, dizendo que ainda estava em condições de dirigir sua família; e me fechou em casa, e foi até a ponte esperar por Frank. Mas não fui covarde. Desci pela goteira e fui prevenir Frank. Supliquei-lhe que partisse, mas ele respondeu que devíamos ir juntos. Quando voltamos para o carro, eu sabia que seria pela última vez. Sabia mesmo; pedi-lhe que partisse, mas ele replicou que me levaria de carro até em casa, para eu apanhar minha mala, e que aí então contaríamos a papai. Nem ele tampouco foi covarde. Meu pai estava sentado na varanda. Disse: "Saia daí", e eu desci, pedindo a Frank que continuasse. Mas também ele desceu.

Subimos o caminho e meu pai entrou e pegou a espingarda.

Pus-me na frente de Frank e meu pai me perguntou: "Quer levar o tiro, você também?" Tentei ficar na frente, mas Frank me empurrou para trás, aí me segurando. E papai atirou em Frank, dizendo-me: "Abaixe-se e fique na sua sujeira, vagabunda".

Sim, chamaram-me assim — murmurou Temple, segurando nos braços finos a criança adormecida e fitando as costas da mulher.

— Ah, vocês,. mulheres boas! Não valem nada. Não dão nada e quando se veem em apuros... Sabe em que se meteu, agora? — perguntou a mulher, olhando sobre o ombro, de garfo na mão. — Pensa que está agora lidando com rapazolas? Rapazolas que se incomodam com saber se você está ou não gostando? Deixe que lhe diga a que casa você veio ter, sem ser convidada, ou desejada. Deixe que lhe diga que homem você espera que abandone seus interesses para levá-la de volta para casa, de onde você nunca deveria ter saído. Quando era soldado nas Filipinas, ele matou outro soldado, por causa de uma daquelas negras, e foi mandado para Leavenworth*. Veio depois a guerra e soltaram-no, para poder combater. Ele ganhou duas condecorações. Quando acabou a guerra, mandaram-no de volta para Leavenworth, até o advogado conseguir que o soltassem graças a um deputado. Pude então deixar novamente de dançar...

**Grande penitenciária dos Estados Unidos.*

— Dançar? — murmurou Temple, segurando o bebê e parecendo também uma criança, alta, de pernas finas, metida no seu vestido justo e de chapéu virado para cima.

— Sim, teteia! — disse a mulher. — Como é que pensa que paguei o advogado? Pois é esse o tipo de homem que você julga que liga isto...

— com o garfo na mão ela aproximou-se e, macia e raivosamente, estalou os dedos no rosto de Temple — ... para o que lhe possa acontecer! E você, sua prostitutazinha de cara de boneca, pensa que não pode entrar numa sala onde haja um homem sem que ele... — Por baixo do desbotado vestido, o peito da mulher arfava.

De mãos nas cadeiras, com olhos frios e chamejantes, ela fitava Temple. — Homem? Você nunca viu um homem de verdade. Você não sabe o que é ser desejada por um homem de verdade. E dê graças aos céus por não ter sido, nem ter probabilidade de jamais chegar a ser, pois aí você veria o quanto vale esse rostinho de boneca, assim como tudo aquilo que você pensa que está defendendo ciumentamente, quando na realidade o que tem é medo. E, se ele for bastante homem para chamá-la de prostituta, você dirá: "Sim, sim", e se arrastará nua na lama, só para ele de novo a chamar assim... Dê-me essa criança.

Temple segurava o bebê, tendo os olhos fixos na mulher, movendo os lábios como se estivesse dizendo: "Sim, sim, sim". A mulher atirou o garfo na mesa.

— Molhado — disse ela, erguendo a criancinha. Esta abriu os olhos e choramingou. A mulher puxou uma cadeira e sentou-se, com a criança no colo. — Quer me dar uma daquelas fraldinhas, lá no varal? — perguntou. Como Temple continuasse imóvel, de lábios trêmulos, ela levantou-se dizendo: — Você está com medo de ir lá, não está?

— Não — disse Temple. — Vou...

— Deixe que eu vou.

Os sapatos desamarrados foram-se arrastando pela cozinha.

A mulher voltou e puxou outra cadeira para perto do fogão, ali estendendo as duas fraldas e o cueiro. Sentou-se de novo, com a criança no colo. Esta recomeçou a chorar.

— Psiu — disse ela. — Psiu. — À luz da lamparina, seu rosto tinha uma expressão serena, pensativa. Ela trocou a criança e colocou-a novamente no caixote. Depois tirou um prato do armário oculto por uma cortina feita de saco partido em dois, apanhou o garfo e aproximou-se novamente de Temple. Postou-se diante dela e perguntou: — Escute, se eu lhe arranjar um carro, você vai embora daqui? Temple encarou-a, movendo os lábios como se estivesse experimentando as palavras,

tomando-lhes o gosto. A mulher continuou: — Você sai pelos fundos, e entra no carro, e vai embora para nunca mais voltar?

— Sim, sim — murmurou Temple. — Seja para onde for. Seja o que for.

Sem dar absolutamente impressão de mover os olhos frios, a mulher examinou-a da cabeça aos pés. Temple sentiu todos os seus músculos murcharem, como videiras cortadas ao sol do meio-dia.

— Sua idiotinha sem fibra — disse a mulher friamente, a meia voz. — Fazendo disto um jogo.

— Não é verdade. Não é verdade.

— Você agora tem alguma coisa para lhes contar, quando voltar para casa, não tem? Frente a frente, as vozes de ambas eram como sombras sobre duas paredes nuas e vizinhas.

— Fazendo disto um jogo! — repetiu a mulher.

— Qualquer coisa. Contanto que eu possa sair daqui. Seja para onde for.

— Não é de Lee que tenho medo. Pensa que ele se entusiasma por qualquer cadela assanhada que surge no seu caminho? É de você.

— Sim. Irei, seja para onde for.

— Conheço o seu tipo. Tenho visto iguais. Correndo, mas não depressa demais. Não tão depressa a ponto de não reconhecer um homem de verdade, quando encontra um. Pensa que possui o único que existe no mundo?

— Gowan — murmurou Temple. — Gowan.

— Escravizei-me por aquele homem — continuou a mulher, com sua voz calma, sem paixão, mal movendo os lábios, como se estivesse dando uma receita de pão. — Trabalhei de noite, como garçoneiro, para poder ir visitá-lo aos domingos na prisão. Morei durante dois anos num quarto, cozinhando num fogareiro a gás, porque lhe tinha dado a minha palavra. Menti-lhe e ganhei dinheiro para tirá-lo da prisão; depois, quando lhe contei como havia ganhado o dinheiro, ele me bateu. E agora você havia de aparecer aqui, onde não foi chamada! Ninguém lhe pediu que viesse. Ninguém se importa que você tenha medo ou não. Medo? Você não tem fibra bastante para ter medo, como não tem para amar verdadeiramente.

— Eu lhe pago. Estou pronta a pagar-lhe — disse Temple. — Seja qual for a soma. Meu pai me dará o dinheiro.

A mulher observava-a, de rosto inexpressivo, tão rígida como quando falara.

— Eu lhe mandarei roupas — continuou Temple. — Tenho um casaco de pele, novo ainda. Tenho-o desde o Natal, apenas. É como se estivesse novo em folha.

A mulher riu. Seus lábios riram, silenciosamente, sem que se movessem os músculos da face.

— Roupas? Eu já tive, de uma vez, três casacos de pele. Dei um deles a uma mulher, numa viela perto de um bar. Roupas? Deus do céu! — Virou-se de repente e continuou: — Vou-lhe arranjar um carro. Saia daqui e nunca mais volte. Está ouvindo?

— Sim — murmurou Temple.

Imóvel, pálida, como sonâmbula ela observou a mulher passar a carne para a travessa e derrubar molho em cima. Viu-a tirar do forno um tabuleiro de biscoitos, colocando-os num prato. — Quer que a ajude? — disse ainda Temple.

A mulher não respondeu. Apanhou os dois pratos e saiu.

Temple aproximou-se da mesa, tirou um cigarro do maço e ficou olhando estupidamente a lamparina. Um dos lados estava enegrecido. Havia nele uma racha que parecia uma curva prateada. A lamparina era de estanho, a boca cercada por suja camada de gordura. "Ela conseguiu acender o cigarro na lamparina", pensou Temple, segurando seu cigarro nos dedos e olhando a chama vacilante. Nisto a mulher voltou. Com um canto da saia tirou do fogão a cafeteira.

— Quer que eu leve? — ofereceu Temple.

— Não. Venha jantar — respondeu a mulher. E saiu.

Temple ficou de pé, ao lado da mesa, de cigarro na mão.

A sombra do fogão caía sobre o caixote onde estava deitada a criança. Sob o monte de roupas de cama, essa só podia ser reconhecida por uma série de sombras nas curvas macias. Temple aproximou-se e olhou o rostinho pálido e as pálpebras azuladas. Ligeira penugem, úmida na testa, escurecia-lhe a cabecinha. O magro bracinho estava jogado para cima, a mãozinha fechada perto do rosto. Temple inclinou-se sobre o caixote.

— Ela vai morrer — murmurou.

Inclinou-se mais ainda. Sua sombra estremeceu, alta, na parede, o casaco tornou-se informe, o chapéu enviesou-se monstruosamente sobre monstruoso cacho que se rebelara.

Pobre criancinha — murmurou Temple. — Pobre criancinha. .

As vozes dos homens elevaram-se. Ela ouviu um ruído de passos no saguão; um arrastar de cadeiras. A voz do homem que rira mais alto riu de novo. A mulher voltou.

— Vá jantar — disse ela.

— O carro... — lembrou Temple. — Eu podia ir agora, enquanto eles estão comendo.

— Que carro? — perguntou a mulher. — Vá comer. Ninguém lhe fará mal.

— Não estou com fome. Não comi o dia todo. Não estou absolutamente com fome.

— Vá jantar — disse a mulher.

— Vou esperar para comer com você.

— Vá jantar. De um jeito ou de outro tenho que acabar de arrumar isso aqui hoje à noite.

Temple saiu da cozinha e entrou na sala de jantar, tendo no rosto conciliadora expressão de humildade. Estava completamente cega, quando entrou, apertando o casaco contra o corpo, o chapéu de aba levantada colocado atrás, naquele ângulo licencioso. No momento seguinte viu Tommy. Dirigiu-se diretamente para ele, como se o tempo todo tivesse estado à sua procura. Qualquer coisa se interpôs: um robusto antebraço. Ela procurou desviar-se, olhando para Tommy.

— Aqui — disse Gowan do outro lado da mesa, arrastando para trás a sua cadeira. — Venha para cá.

— Saia daí, meu velho — disse o homem que detivera Temple e que ela agora reconheceu como sendo aquele que tantas vezes rira. — Você está bêbado. Venha cá, menina.

— O forte antebraço cercou-a pela cintura. Temple chocou-se contra ele, sorrindo fixamente para Tommy. — Dê o fora, Tommy — disse o homem. — Você não tem educação, seu indecente! Tommy riu, arrastando a cadeira. O homem agarrou Temple pelo pulso e puxou-a para si. Do outro lado, Gowan levantou-se, apoiando-se à mesa. Temple começou a resistir, sorrindo para Tommy, tentando abrir os dedos do homem.

— Pare com isso, Van — ordenou Goodwin.

— Aqui, no meu colo — insistiu Van.

— Largue-a — disse Goodwin.

— Quem é que me obriga? — replicou Van. — Quem é bastante forte para me obrigar? — Largue-a — repetiu Goodwin.

E então Temple se viu livre. Começou a recuar lentamente.

Atrás dela, a mulher, entrando com uma travessa, afastou-se para um lado. Ainda com aquele sorriso dorido, fixo, Temple saiu da sala. No saguão, virou-se e começou a correr. Saiu correndo do alpendre, passando pelo capim e continuando. Foi para a estrada e desceu durante umas cinquenta jardas, no escuro. Depois, sem uma pausa, virou-se e correu de novo para a casa, pulou para o alpendre e encolheu-se contra a porta, justamente no momento em que alguém entrava no saguão. Era Tommy.

— Ah, cá está ela — disse Tommy, entregando-lhe algo, com gesto desajeitado. — Tome — acrescentou.

— Que é isto? — murmurou Temple.

— Alguma coisa para comer. Garanto que você não come desde manhã.

— É verdade. E nem mesmo de manhã — murmurou Temple.

— Coma, que se sentirá melhor — disse ele, estendendo-lhe o prato. — Sente-se e coma um pouquinho, aqui onde ninguém virá aborrecê-la. Malditos sujeitos.

Temple contornou a porta, encostando-se nela, além do vulto indistinto de Tommy. Seu rosto estava pálido como o de um fantasma, ao reflexo da luz que vinha da sala de jantar.

— Mrs... Mrs... — murmurou Temple.

— Ela está na cozinha — disse Tommy. — Quer que vá lá com você? Ouviu-se o arrastar de uma cadeira na sala de jantar.

Forçando a vista, Tommy distinguiu Temple já na senda, lá fora. O corpo esbelto imobilizou-se por um momento, como se ela esperasse que alguma parte de sua pessoa, que ficara atrás, viesse de novo se lhe reunir. Depois desapareceu, como sombra, no ângulo da casa. Tommy ficou à porta, com o prato na mão. Depois virou a cabeça e olhou o saguão, justo a tempo de ver Temple atravessar rapidamente a escuridão, rumo à cozinha.

— Malditos sujeitos — repetiu ele.

Ainda ali estava, quando os outros voltaram ao alpendre.

— Ele trouxe um prato de comida — disse Van. — Está procurando conquistá-la com um prato de presunto.

— Procurando o quê? — perguntou Tommy.

— Escute aqui — disse Gowan.

Van arrancou o prato das mãos de Tommy e virou-se para Gowan: — Não está gostando? — Não; não estou — respondeu Gowan.

— Que é que pretende então fazer? — perguntou Van.

— Van — disse Goodwin.

— Você se acha bastante forte para não gostar? — perguntou Van.

— Eu me acho — declarou Goodwin.

Quando Van voltou à cozinha, Tommy acompanhou-o.

Parou à porta e ficou ouvindo o que o outro dizia lá dentro.

— Vamos dar um passeio, garota — convidou Van.

— Vá-se embora — disse a mulher.

— Vamos dar um passeiozinho — insistiu Van. — Sou um bom rapaz. Ruby poderá dizer-lhe se sou, ou não.

— Vá-se embora — disse a mulher. — Quer que eu chame Lee? Van ficou diante da luz, de culote e camisa caqui, um cigarro atrás da orelha, contra os macios cabelos louros. Atrás da cadeira onde a mulher estava sentada à mesa, via-se Temple, de lábios entreabertos, os olhos completamente negros.

Quando voltou ao alpendre, levando o cântaro, Tommy disse a Goodwin: — Por que é que aqueles sujeitos não param de aborrecê-la? — Quem é que a está aborrecendo? — Van. Ela está com medo. Por que não a deixam em paz? — Não é da sua conta. Não se meta, está ouvindo? — Aqueles sujeitos deviam parar de aborrecê-la — disse Tommy, acocorando-se contra a parede.

Os homens começaram a beber, passando o cântaro uns aos outros, conversando. Tommy escutava-os, prestando muita atenção às estúpidas e vulgares histórias que Van contava sobre suas experiências na cidade. Ria, de vez em quando, não deixando de beber quando chegava a sua vez.

Van e Gowan falavam; Tommy ouvia.

— Aqueles dois estão procurando briga — murmurou Tommy a Goodwin, sentado a seu lado. — Está ouvindo? De fato os dois falavam agora muito alto. Goodwin levantou-se agilmente da cadeira, os pés tocando com leves batidas o chão. Tommy viu Van de pé e Gowan procurando manter-se ereto, apoiado ao espaldar da cadeira.

— Não foi minha intenção dizer... — começou Van.

— Não diga, então — disse Goodwin.

Oowan ficou em silêncio. Maldito sujeito, pensou Tommy.

Não pode nem mais falar.

— Cale a boca, aí, você — disse Goodwin.

— Acho que estão falando da minha... — começou Gowan.

Fez um movimento, cambaleando contra a cadeira. Essa caiu e Gowan foi bater na parede.

— Por Deus, eu... — começou Van.

— ... cavaleiro da Virgínia. Não ligo a mínim... — disse Gowan.

Goodwin atirou-o para um lado e agarrou Van. Gowan foi bater na parede.

— Quando eu lhe disser para sentar-se, sente-se — disse Goodwin.

Ficaram calmos por alguns minutos. Goodwin voltou para sua cadeira.

Recomeçaram a conversar, passando o cântaro.

Tommy ouvia. Mas logo voltou a pensar em Temple. De repente percebeu que seus pés riscavam o piso e todo o seu corpo se agitava sob o domínio de grande inquietação.

— Deviam deixar aquela moça em paz — murmurou a Goodwin. — Deviam deixar aquela moça em paz.

— Não é da sua conta — disse Goodwin. — Deixe que cada um dos malditos... • — Eles deviam deixá-la em paz.

Popeye apareceu à porta. Acendeu um cigarro. Tommy viu-lhe o rosto brilhar na concha das mãos, viu as bochechas murcharem. Com os olhos

acompanhou o cometinha do fósforo atirado no capim. "Ele também", pensou Tommy.

"Dois deles", pensou, experimentando intenso desconforto.

"Pobre menina. Macacos me mordam, se não estou pensando em ir até o telheiro e ali ficar; macacos me mordam, se não é o que estou pensando." Levantou-se sem fazer ruído com os pés. Passou para o trilho e deu a volta à casa. Havia uma luz na janela. "Ninguém mais usa aquele quarto", disse ele, estacando. Depois, pensou: "É ali que ela vai dormir" — e foi até a janela, espiar. A vidraça estava descida. Sobre um vidro quebrado tinham pregado uma folha de zinco enferrujado.

Temple estava sentada na cama, sobre as pernas dobradas, tesa, as mãos no colo, o chapéu atrás da cabeça. Parecia uma menininha, sua atitude uma ofensa a músculos e tecidos de moça de mais de dezessete anos, e mais compatíveis com os de uma garota de oito ou dez. Os cotovelos estavam junto ao corpo, o rosto virado para a porta contra a qual se apoiava uma cadeira. Nada havia no quarto, além da cama, com sua desbotada colcha de retalhos, e uma cadeira. As paredes haviam sido caiadas em certa época, mas o reboco rachara-se e caíra em alguns lugares, expondo a madeira, assim como amarrotados pedaços de fazenda.

Numa das paredes estava dependurado um impermeável, e um cantil coberto por fazenda caqui.

A cabeça de Temple começou a mover-se. Lentamente, como se estivesse acompanhando a passagem de alguém além da parede. Foi virando, a um ponto torturante, embora nenhum outro músculo se movesse, como num daqueles brinquedos de Páscoa, de papier-mâché, cheios de confeitos.

Nessa posição retorcida, imobilizou-se. Depois voltou ao normal, lentamente, como que acompanhando passos invisíveis do outro lado da parede, imobilizando-se por um momento diante da cadeira contra a porta. Depois Temple olhou à frente. Tommy viu-a tirar da parte de cima da meia um relóginho e consultá-lo. Ainda de relógio na mão, ergueu a cabeça e olhou diretamente para ele, com olhos calmos e vazios, como se fossem ocos. Dali a minutos olhou de novo o relógio, recolocando-o na meia.

Levantou-se da cama, tirou o casaco e ficou imóvel, com seu vestido estreito, tesa, de cabeça baixa, as mãos unidas na frente. Sentou-se novamente, com as pernas bem juntas, a cabeça baixa. Depois levantou a cabeça e olhou ao redor.

Tommy distinguia vozes no alpendre dos fundos. As vozes ergueram-se, voltando depois a um leve murmúrio.

Temple ergueu-se de um salto. Desabotoou o vestido. Os braços magros arquearam-se, a sombra arremedou-lhe os gestos. Com um único movimento ela se livrou do vestido, um pouco inclinada, fina como um palito nas suas escassas

roupas de baixo. Surgiu a cabeça, de frente para a cadeira contra a porta. Ela atirou para um lado o vestido, procurando apanhar o casaco. Enrolou-o no corpo, agarrando as mangas. Depois, apertando-o contra o seio, deu uma reviravolta, olhando Tommy nos olhos; deu outra reviravolta, correu e atirou-se na cadeira. "Malditos sujeitos", murmurou Tommy. "Malditos sujeitos." Podia ouvi-los no alpendre da frente, e de novo sentiu-se tomado de angustiosa inquietude.

"Malditos sujeitos", repetiu.

Quando olhou de novo dentro do quarto, Temple se dirigia para o seu lado, o casaco ainda apertado contra o corpo. Ela tirou o impermeável do prego onde estava dependurado, vestiu-o sobre o casaco e abotoou-o. Apanhou também o cantil e voltou para a cama. Depositou nesta o cantil, apanhou do chão o vestido, alisando-o com a mão, dobrando-o cuidadosamente e colocando-o na cama. Depois virou a colcha, pondo à mostra o colchão. Não havia ali lençol, nem travesseiro. Quando seu corpo tocou o colchão, ouviu-se um seco ruído de palha.

Temple tirou os sapatos, colocou-os na cama e enfiou-se sob a colcha. Tommy ouviu o ranger do colchão. Ela não se deitou imediatamente. Ficou sentada, ereta, imóvel, o chapéu licenciosamente colocado. Depois puxou para perto da cabeça o cantil, o vestido e os sapatos, endireitou o impermeável sobre as pernas e deitou-se, puxando a colcha.

Sentou-se novamente, tirou o chapéu e sacudiu os cabelos.

Colocou o chapéu ao lado dos outros objetos e preparou-se para tornar a deitar-se. Fez nova pausa. Abriu o impermeável, tirando de um dos bolsos um porta-pó. Mirando-se no espelhinho, espalhou os cabelos, afofando-os com os dedos.

Empoou o rosto, guardou o porta-pó, olhou de novo o relógio e abotoou o impermeável. Colocou as roupas, uma a uma, sob a colcha, deitou-se e puxou a colcha até o queixo. As vozes tinham-se calado por momentos. No silêncio, Tommy podia ouvir o leve e persistente ruído da palha do colchão onde Temple se deitara, de mãos cruzadas no peito, pernas estendidas e decentemente unidas, como efígie nalgum túmulo antigo.

As vozes tinham silenciado. Tommy esqueceu-se delas por completo, até ouvir Goodwin dizer: "Pare! Pare com isso!" Caiu uma cadeira. Ele ouviu o martelar ligeiro dos passos de Goodwin; a cadeira bateu no chão do alpendre, como se lhe tivessem dado um pontapé. Agachando-se, os cotovelos ligeiramente para fora, lembrando um urso alerta, Tommy ouviu sons secos, leves, como o de bolas de bilhar.

— Tommy — chamou Goodwin.

Quando necessário, Tommy sabia mover-se com a pesada e fulminante celeridade dos texugos. Deu a volta à casa e chegou ao alpendre a tempo de ver Gowan bater contra a parede, escorregar por ela e pular fora do alpendre, indo cair estendido no capim. Viu também Popeye à porta, de cabeça inclinada para a frente.

— Agarre-o! — disse Goodwin.

Tommy pulou sobre Popeye, com um arranco de lado.

— Peguei... Ahah! — exclamou Tommy, quando Popeye o feriu furiosamente no rosto. — Você estava disposto, não estava? Fique quieto.

Popeye acalmou-se. Disse: — Deus de piedade! Vocês permitem que eles fiquem aqui sentados a noite toda, enchendo-se daquela maldita bebida. Bem que eu disse. Deus de piedade! Goodwin e Van pareciam uma única sombra, assim entrelaçados, silenciosos e enfurecidos.

— Largue-me! — gritou Van. — Eu mato...

Tommy pulou sobre eles. Auxiliado por Goodwin, empurrou Van contra a parede. Ali o mantiveram imóvel.

— Está preso? — perguntou Goodwin a Tommy.

— Sim, está. Calma, agora. Já deu bastante nele.

— Por Deus, eu...

— Calma, calma. Para que matá-lo? Você não pode comê-lo, pode? Quer que Popeye vire contra todos nós aquela sua automática? E logo tudo se acalmou, ficando um tranquilo vácuo, como sucede após o soprar de terrível tufão. Ergueram Gowan de meio do capim, calmos, falando em voz baixa, dando indicações uns aos outros, em tom amistoso. Levaram — no para o saguão, onde estava a mulher, e depois até a porta do quarto de Temple.

— Ela trancou-se — disse Van. Bateu na porta, com forte pancada, e gritou:

— Abra! Trouxemos-lhe um freguês.

— Psiu — disse Goodwin. — A porta não tem fechadura.

Empurre.

— Pois não — disse Van. — Eu empurro.

Deu um pontapé na porta. A cadeira cedeu e pulou para dentro do quarto. Van empurrou com força a porta. Entraram, carregando as pernas de Gowan. Van mandou a cadeira longe, com um pontapé. Nisto viu Temple, no canto atrás da cama. Os cabelos de Van, longos como cabelos femininos, estavam em desordem à volta do seu rosto. Ele atirou — os para trás, com um movimento de cabeça. Seu queixo estava ensanguentado. Propositamente ele cuspiu sangue no chão.

— Continuem — disse Goodwin, levando Gowan pelos ombros. — Ponham-no na cama.

Colocaram o rapaz na cama. A cabeça ensanguentada pendeu para um lado. Van endireitou bruscamente Gowan.

Este gemeu, erguendo a mão. Van deu-lhe uma bofetada.

— Fique quieto, seu...

— Largue-o — disse Goodwin, segurando a mão de Van.

Por um momento os dois fitaram-se furiosos.

— Eu disse "largue-o" — declarou Goodwin. — Vá-se embora.

— Deus proteja... — murmurou Gowan... moça.

Cavalheiro... da Virrrrr... ginia... Deus proteja...

— Saiam agora daqui — disse Goodwin.

A mulher estava à porta, apoiada ao umbral, ao lado de Tommy. Sob um casaco barato, a camisola lhe chegava aos pés.

Van apanhou o vestido de Temple.

— Van, eu disse para irem embora — declarou Goodwin.

— Eu ouvi — replicou Van.

Largou o vestido com gesto brusco. Depois olhou para Temple, que estava a um canto, de braços cruzados, as mãos crispadas nos ombros. Goodwin dirigiu-se para Van. Este largou o vestido e deu a volta à cama. Popeye apareceu à porta, um cigarro entre os dedos. Ao lado da mulher, Tommy respirou, silvando por entre seus dentes falhos.

Viu Van agarrar o impermeável sobre os seios de Temple e abri-lo bruscamente. Nisto Goodwin pulou entre ambos.

Van desviou-se, com uma reviravolta, e Temple procurou fechar o impermeável rasgado. Van e Goodwin estavam agora no meio do quarto, atracados. Depois Tommy viu Popeye dirigir-se para Temple. Com o canto do olho, percebeu que Van estava agora estendido no chão e Goodwin ligeiramente debruçado sobre ele, observando as costas de Popeye.

— Popeye — chamou Goodwin.

Popeye continuou, a fumaça do cigarro espiralando-se sobre seus ombros, a cabeça um pouco virada, como se ele não olhasse para onde ia, o cigarro enviesado, como se a boca estivesse sob a curva do queixo.

Não a toque — disse Goodwin.

Popeye parou diante de Temple, o rosto ligeiramente virado. Tinha a mão direita no bolso do paletó. Tommy notou, sob o impermeável, no seio de Temple, o movimento da outra mão, fazendo o impermeável estremecer ligeiramente.

Tire a mão daí — disse Goodwin. — Vamos, tire.

Popeye obedeceu. Virou-se, de mãos nos bolsos do paletó, olhando para Goodwin. Vigia-o, atravessou o quarto.

Depois, deu-lhe as costas e saiu dali.

— Escute aqui, Tommy — disse Goodwin. — Venha ajudar-me.

Levantaram Van e levaram-no para fora. A mulher afastou-se para um lado. Apoiou-se à parede, fechando o casaco.

No outro lado do quarto, Temple estava encolhida no canto, remexendo no impermeável rasgado. Gowan começou a roncar.

Goodwin voltou.

— É melhor você voltar para a cama — disse à mulher.

Ruby não se moveu. Goodwin pôs a mão no ombro dela, insistindo: — Ruby. Ela falou, então.

— Para que você possa acabar o que Van começou e você não o deixou acabar, não é? Pobre idiota. Pobre idiota.

— Vamos — disse Goodwin, com a mão no ombro dela.

— Volte para a cama.

— Mas você não volte. Não se dê ao trabalho de voltar.

Não me encontrará ali. Você não me deve nada. Não pense que me deve.

Goodwin segurou-lhe os pulsos e separou-os pouco a pouco, com firmeza. Lentamente e com firmeza levou as mãos da mulher até as costas, conservando-as presas numa das suas. Com a outra, abriu-lhe o casaco. Viu a camisola, de um crepe cor-de-rosa, desbotado, enfeitado de renda.

Tão lavada estava que, assim como na combinação do varal, a renda parecia massa fibrosa.

— Ah! — exclamou ele. — Vestida para receber visitas? — De quem é a culpa, se é a única que tenho? De quem é a culpa? Minha é que não é. Inúmeras vezes dei camisolas de presente a uma criada negra, depois de usadas uma só vez. Mas pensa que uma negra aceitaria isto, sem rir na minha cara? Goodwin largou o casaco e soltou as mãos da mulher.

Ela fechou de novo o casaco. Com a mão no ombro de Ruby, Goodwin começou a empurrá-la para a porta.

— Vá andando — disse. O ombro cedeu. Somente o ombro se movia, o corpo virando-se nas ancas, o rosto de lado, observando Goodwin.

— Vá andando — repetiu ele.

Mas somente o torso se moveu, as ancas e a cabeça ainda apoiadas à parede. Goodwin virou-se, atravessou o quarto, deu rapidamente a volta à cama e com uma das mãos segurou Temple pela parte da frente do impermeável.

Começou a sacudi-la. Segurando-a pelo amontoado pedaço de fazenda, sacudiu-a. O corpinho frágil sacolejou silenciosamente dentro da roupa solta, ombros e coxas batendo na parede.

— Bobinha! — disse ele. — Bobinha! Os olhos de Temple estavam desmesuradamente abertos, e quase negros. A luz da lamparina batia-lhe no rosto, e nas suas pupilas havia dois pequeninos reflexos de Goodwin, como ervilhas em tinteiros.

O homem soltou-a. Ela começou a escorregar para o chão, o impermeável farfalhando à sua volta. Ele segurou-a e pôs-se de novo a sacudi-la, olhando a mulher por sobre o ombro.

— Pegue a lamparina — disse. A mulher não se moveu.

Tinha a cabeça ligeiramente abaixada, parecendo refletir sobre eles. Goodwin passou o outro braço sob os joelhos de Temple. Esta sentiu que a levantavam e logo se viu na cama, ao lado de Gowan, de costas, estremecendo ao movimento do colchão e ouvindo ainda o chiar da palha. Viu Goodwin atravessar o quarto e apanhar a lamparina sobre a prateleira.

A mulher virara a cabeça, acompanhando-o, também — suas feições aguçando-se, assim de perfil, devido à aproximação da luz.

— Vá — disse ele. Ela virou-se, o rosto cobrindo-se de sombra, a luz batendo-lhe agora nas costas e na mão de Goodwin sobre o seu ombro. A sombra do homem ocultava por completo o quarto aos olhos da mulher; a sombra do braço alcançou a porta. Gowan roncou, e cada respiração terminava num ruído sufocado, como se ele nunca mais fosse respirar. Tommy estava do lado de fora do quarto.

— Já foram para o caminhão? — perguntou Goodwin.

— Ainda não — respondeu Tommy. — É melhor ir ver o que há — disse Goodwin. Eles continuaram. Tommy viu-os entrar por outra porta. Depois, dirigiu-se para a cozinha, caminhando silenciosamente, com seus pés descalços, o pescoço um pouco para a frente, em atitude de quem escuta. Na cozinha estava Popeye, enganchado numa cadeira, fumando. De pé, ao lado da mesa, olhando-se num pedaço de espelho, Van compunha os cabelos com um pente de bolso. Sobre a mesa viam-se um pano úmido e manchado de sangue e um cigarro ainda aceso. Tommy acocorou-se do lado de fora, no escuro. Ainda ali estava, quando Goodwin apareceu com o impermeável. Goodwin entrou na cozinha sem vê-lo.

— Onde está Tommy? — perguntou. Tommy ouviu Popeye dizer qualquer coisa, depois Goodwin surgiu, acompanhado de Van e trazendo agora o impermeável no braço.

— Vamos indo — disse Goodwin. — Vamos fazer o carregamento.

Os pálidos olhos de Tommy começaram a brilhar de leve, como os de um gato. A mulher pôde vê-los no escuro, quando ele entrou no aposento, atrás de Popeye; e vê-los também durante o tempo em que Popeye ficou ao lado da cama onde Temple estava deitada. Brilharam subitamente no escuro, fitando — a, depois

apagaram-se e ela pôde ouvi-lo respirando a seu lado. De novo brilharam na sua direção, com expressão furiosa, indagadora e triste. Apagaram-se de novo, quando ele saiu de mansinho do quarto, atrás de Popeye. Tommy viu Popeye voltar à cozinha, mas não o acompanhou imediatamente. Parou à porta do saguão e ali ficou acorado. De novo torceu-se nervosamente, tomado de torturante indecisão. Os pés descalços produziam um murmúrio balanceante, no chão, à medida que ele ia de um lado ao outro; as mãos contorciam-se lentamente contra os lados do corpo. "E Lee também", pensou Tommy. "E Lee também. Malditos sujeitos. Malditos sujeitos." Duas vezes esgueirou-se até o alpendre, até que viu a sombra do chapéu de Popeye no chão da cozinha. Depois voltou ao saguão, perto da porta atrás da qual Temple estava. Podia-se ouvir o ressonar de Gowan. Da terceira vez ele sentiu o cheiro do cigarro de Popeye. "Se ao menos ficasse nisso", pensou Tommy. "E Lee, também", murmurou, balançando-se de um lado ao outro, sentindo intenso desconforto. "E Lee também." Quando Goodwin apareceu, no alpendre dos fundos, acima da ladeira, Tommy estava de novo acorado perto da porta.

— Com os diabos!... — exclamou Goodwin. — Por que é que você não veio? Há dez minutos estou esperando por você. — Fulminou Tommy com o olhar, voltando-se depois para a cozinha. — Está pronto? — perguntou.

Popeye apareceu à porta. Goodwin olhou de novo para Tommy. — Que esteve você fazendo?

Popeye olhou para Tommy. Este estava agora de pé, coçando um pé com o outro, olhando para Popeye. — Que está fazendo aqui? — perguntou Popeye.

— Não estou fazendo nada — respondeu Tommy.

— Está me espionando?

— Não estou espionando ninguém — respondeu Tommy, taciturnamente.

— Então não espione — disse Popeye.

— Vamos — chamou Goodwin. — Van está esperando.

Saíram. Tommy acompanhou-os. Voltou-se uma vez para olhar a casa, seguindo-os, depois, com seu andar desajeitado. De vez em quando sentia aquele agudo anseio, como se o sangue o queimasse de repente, experimentando logo em seguida a melancólica sensação de que o som do violino lhe causava.

"Malditos sujeitos", murmurou. "Malditos sujeitos."

O quarto estava escuro. A mulher ficou de pé, do lado de dentro, contra a parede, metida no seu casaco barato e camisola de crepe enfeitada de renda. Ficou logo atrás da porta sem chave. Podia ouvir Gowan, roncando na cama, e os outros homens, movimentando-se por ali, no alpendre, no saguão e na cozinha, pronunciando palavras que não se distinguiam através da porta. Depois de algum tempo ficaram em silêncio. Ela nada mais ouviu, então, a não ser Gowan, que roncava e gemia, com seu nariz e rosto machucados. Ouviu abrirem a porta. O homem entrou, não se esforçando por não fazer barulho. Passou bem rente a ela. Antes mesmo de ouvir-lhe a voz, ela sabia que era Goodwin. Este foi até a cama.

— Quero o impermeável. Sente-se e tire-o — disse. A mulher pôde ouvir o chiar do colchão, quando Temple se sentou e Goodwin lhe tirou o impermeável. Ele atravessou de novo o quarto e saiu. A mulher continuou ali junto à porta. Conhecía todos eles pela maneira de respirar. Depois, embora nada ouvisse, percebeu que a porta se abria. E sentiu cheiro de alguma coisa: a brilhantina que Popeye usava no cabelo. Não o viu, quando ele entrou e passou por ela; nem mesmo soube que ele havia chegado. Esperava-o, até Tommy entrar atrás de Popeye. Também Tommy entrou sem ruído. Ela não lhe teria percebido a presença, não fosse pelo brilho dos olhos. Brilharam, na altura do seu peito, com profunda interrogação; depois desapareceram. A mulher pôde então senti-lo, acorando-se a seu lado. Sabia que também ele olhava na direção da cama, perto da qual Popeye se postara no escuro e onde Temple e Gowan estavam deitados — Gowan ressonando, gemendo e roncando. A mulher continuava de pé ao lado da porta. Não ouviu ruído no colchão, de modo que continuou imóvel, com Tommy acorado a seu lado e de rosto voltado para a cama invisível. Depois, de novo sentiu o cheiro de brilhantina.

Ou antes, sentiu Tommy sair de perto dela, sem ruído; mas sentiu-o sair, como se o furtivo abandono de sua posição a bafejasse, suave e frio, no negro silêncio. Sem que o tivesse visto ou ouvido, sabia que Tommy saía de novo do quarto, atrás de Popeye. Ouviu-o descer para o saguão; depois, o último ruído, quando deixaram a casa. Foi para a cama. Temple não se moveu, até a mulher tocá-la. Começou então a lutar. A mulher procurou a boca de Temple e colocou a mão em cima, embora a moça não tivesse tentado gritar. Continuou deitada na cama, virando-se de um lado para outro, maltratando o próprio corpo, segurando o casaco bem apertado contra o peito, mas sem emitir som algum.

— Idiota! — disse a mulher, num sussurro. — Sou eu. Apenas eu.

Temple parou de mexer a cabeça, mas ainda continuou virando-se de um lado ao outro, sob a mão da mulher. — Vou contar a meu pai! — disse ela. — Vou contar a meu pai!

A mulher segurou-a. — Levante-se — disse.

Temple cessou de lutar. Ficou imóvel, rígida. A mulher podia ouvir a respiração ofegante dela. — Está disposta a levantar-se e andar em silêncio? — perguntou.

— Sim, sim — disse Temple. — Você me faz sair daqui? Faz? Faz?

— Faça — disse a mulher. — Levante-se.

Temple levantou-se. O colchão rangeu. Na escuridão, além, Gowan roncou, áspera e profundamente. A princípio Temple não pôde ficar de pé, sozinha. A mulher ajudou-a.

— Pare com isso — disse ela. — Trate de parar com isso. Trate de ficar quieta.

— Quero minhas roupas — murmurou Temple. — Não tenho nada no corpo, a não ser...

— Você quer suas roupas ou quer sair daqui? — disse a mulher.

— Está certo — disse Temple. — Qualquer coisa, contanto que me faça sair daqui.

Descalças, as duas moviam-se como sombras. Deixaram a casa, atravessaram o alpendre e dirigiram-se para o telheiro. Quando estavam a vinte metros da casa, a mulher parou, virou-se e puxou a moça para o seu lado. Agarrando-a pelos ombros, de rostos bem próximos, blasfemou contra Temple, num sussurro, som que não era mais alto que um suspiro, e no entanto impregnado de cólera. Depois, soltou-a e continuaram. Entraram no recinto em que se bate o trigo. Estava negro como breu. Temple ouviu a mulher remexendo na parede. Rangeu uma porta. A mulher tomou-lhe o braço e guiou-a por um único degrau, entrando num quarto assoalhado onde Temple pôde sentir as paredes e o leve e poeirento cheiro de cereais. A mulher fechou a porta. Ao fazê-lo, alguma coisa invisível correu por perto delas, num leve murmúrio de pés fantásticos. Temple deu uma reviravolta, pisando alguma coisa que rolou sob seu pé, e pulou para o lado da mulher.

— É apenas um rato — disse esta. Mas Temple atirou-se sobre a outra, agarrando-a, procurando erguer os pés do chão.

— Um rato? — gemeu ela. — Um rato? Abra a porta. Depressa!

— Cale a boca. Cale a boca! — silvou a mulher.

Segurou Temple até esta se acalmar. Depois, ajoelharam-se lado a lado contra a parede. Dali a pouco a mulher murmurou: — Tem umas cascas de caroco de algodão aí. Pode se deitar.

Temple não respondeu. Encolheu-se, trêmula, ao lado da mulher, e ali se agacharam, na negra escuridão, contra a parede.

Enquanto preparava o café da manhã, estando a criança ainda — ou já — adormecida, a mulher ouviu passos vacilantes aproximando-se do alpendre e parando à porta. Quando olhou à volta, notou um vulto selvagem, machucado e ensanguentado, que reconheceu como Gowan. O rosto, sob a barba de dois dias, estava marcado. Tinha ele um corte no lábio e um olho fechado; a frente da camisa e do paletó estavam manchadas de sangue, até a cintura. Por entre os lábios rígidos e tumefatos, procurava dizer qualquer coisa. A princípio a mulher não entendeu uma palavra.

— Vá lavar o rosto — disse ela. — Espere. Venha cá e sente-se. Vou buscar a bacia.

Ele olhou-a, procurando falar.

— Oh, ela vai bem — disse a mulher. — Está lá na cocheira, dormindo.

Teve que repetir isso três ou quatro vezes, pacientemente. — Na cocheira, dormindo. Fiquei com ela até de madrugada. Vá agora lavar o rosto.

Gowan pareceu um pouco mais calmo. Começou a falar em ir buscar um carro.

— O mais próximo que você pode arranjar é em Tull, a duas milhas daqui — disse a mulher. — Lave o rosto e coma qualquer coisa.

Gowan entrou na cozinha, ainda falando em procurar meio de sair dali. — Alugo um carro e levo-a de volta para a escola. Uma das colegas a deixará entrar às escondidas. Tudo se arranjará, então. Não acha que tudo se arranjará? Aproximou-se da mesa, tirou um cigarro do maço e procurou acendê-lo com as mãos trêmulas. Teve dificuldade em enfiá-lo na boca, só conseguindo acendê-lo quando a mulher veio segurar o fósforo. Mas tirou apenas uma baforada, depois ali ficou de pé, com o cigarro nos dedos, olhando-o com o seu olho bom, com uma espécie de parada estupefação. Jogou fora o cigarro e voltou-se para a porta, cambaleando e procurando equilibrar-se.

— Vou buscar o carro — disse.

— Coma primeiro qualquer coisa — tornou a mulher. — Talvez uma xícara de café lhe faça bem.

— Vou buscar o carro — repetiu Gowan. Ao atravessar o alpendre, parou por tempo suficiente para borrifar um pouco de água no rosto, sem que isso melhorasse de muito sua aparência. Quando saiu de casa, continuava tonto. Achou que ainda estava embriagado. Apenas vagamente se lembrava do que lhe acontecera. Confundira Van com o acidente e não sabia que fora atingido duas

vezes. Lembrava-se apenas que perdera consciência, no princípio da noite, e achava que ainda estava bêbado. Mas, quando deu com o carro arrebentado, quando viu a trilha e a acompanhou até a nascente, ali bebendo da água fresca, percebeu que o que desejava era beber mais ainda. Ajoelhou-se, banhando o rosto na água fria e procurando examinar seu reflexo na trêmula superfície, murmurando "Meu Deus!" de si para si, com uma espécie de desespero. Pensou em voltar para a casa, para beber, mas lembrou-se de que teria que encarar Temple, e os homens; teria que ver Temple, ali no meio deles. Quando chegou à estrada principal, o sol estava alto, quente. "Vou me arranjar um pouco", pensou. "E voltar com um carro. Resolverei o que dizer a Temple, quando estivermos a caminho da cidade." E pensou em Temple, voltando para o meio de pessoas que o conheciam, que podiam conhecê-lo. "Fiquei inconsciente por duas vezes", pensou ele. "Fiquei inconsciente por duas vezes. Meu Deus, meu Deus", murmurou, seu corpo contorcendo-se nervosamente dentro das roupas desalinhadas e ensanguentadas, num paroxismo de raiva e de vergonha. Com o ar e o exercício, suas ideias começaram a clarear; mas, à medida que começou a sentir-se melhor fisicamente, o futuro foi-se tornando mais sombrio. A cidade, o mundo, surgiram como negro cul-de-sac, lugar onde ele teria que caminhar indefinidamente, todo o seu corpo encolhendo-se, envergonhado, sob os murmúrios suscitados à sua passagem.

Quando, de madrugada, chegou à casa que procurava, achou insuportável a perspectiva de ter que rever Temple. Assim sendo, alugou o auto, indicou o caminho ao homem, pagou-o e foi-se embora. Um pouco mais tarde, um carro que seguia em direção oposta parou e apanhou-o.

Temple acordou toda encolhida. Sobre seu rosto havia estrias de sol, como dentes de garfo dourado. Enquanto o sangue, correndo com mais força, lhe dava comichão nos músculos entorpecidos, ela ficou olhando silenciosamente o teto.

Assim como as paredes, era de tábuas toscamente colocadas, cada qual separada da seguinte por fina linha de sombras.

A um canto, sobre uma escada, havia uma abertura quadrada, dando para um lúgubre sótão, também cheio de finas listras de sol. Nas paredes, pendurados em pregos, viam-se pedaços de arreios estragados. Temple começou a apalpar a substância sobre a qual estava deitada. Apanhou um punhado e ergueu a cabeça, vendo dentro do casaco, que caíra para os lados, sua carne nua entre o porta-seios e as calças, e entre as calças e as meias. Depois, lembrou-se do rato e pulou para a porta, agarrando-a, ainda com a mão cheia de cascas de caroço de algodão, o rosto inchado devido ao pesado sono dos dezessete anos.

Julgou que a porta estivesse fechada e por um momento não conseguiu abri-la, arranhando a madeira, com as mãos entorpecidas, chegando a ouvir o ruído das unhas. A porta cedeu e ela pulou fora. Imediatamente voltou para dentro da estrebaria e bateu a porta. O velho vinha descendo a ladeira, com passos vacilantes, tateando o caminho com a bengala, tendo a outra mão na cintura, segurando as calças. Passou pela estrebaria, com os suspensórios caídos sobre as ancas, os sapatos de tênis rangendo na palha do corredor. Depois desapareceu, a bengala ressoando de leve na fileira de baias vazias.

Temple encolheu-se contra a porta, apertando o casaco ao corpo. Podia ouvir o velho, lá numa das baias. Abriu a porta e espiou para fora, olhando a casa iluminada pelo sol de maio, na paz dominical. Lembrou-se das meninas e rapazes saindo dos dormitórios, com seus novos vestidos primaveris, caminhando pelas ruas sombreadas, na direção de sinos que tinham um som tranquilo, fresco. Levantou um pé e examinou a suja sola da meia, limpando-a com a mão. Fez o mesmo com a outra. A bengala do cego de novo se fez ouvir. Ela escondeu rapidamente a cabeça e fechou a porta, deixando apenas um vão, por onde o viu passar, mais devagar agora, erguendo os suspensórios para os ombros. Ele galgou a ladeira e entrou em casa. Temple abriu então a porta e saiu cautelosamente. Dirigiu-se para a casa a passos vivos, só de meias, contraindo os pés ao contato da terra áspera e observando a casa. GANHOU o alpendre e entrou na cozinha, ali parando, a ouvir o silêncio. O fogão estava frio. Sobre ele se viam a manchada cafeteira e uma caçarola suja. Na mesa, os pratos servidos estavam empilhados

desordenadamente. "Não como desde... desde... ontem foi um dia inteiro", pensou. "Não comi absolutamente nada. Não como desde... E aquela noite foi a noite da festa, e nem provei a ceia. Não como desde o jantar de sexta-feira", pensou. "E agora é domingo." Domingo... Lembrou-se dos sinos nos tranquilos campanários, contra o azul do céu; lembrou-se dos pombos arrumando à volta das torres, como ecos do baixo de um órgão. Voltou até a porta e espiou fora. Depois saiu, apertando o casaco contra o corpo. Ao alcançar a casa, atravessou vivamente o saguão. O sol iluminava agora o alpendre da frente. Ela correu, de cabeça erguida, observando a mancha de luz emoldurada pela porta. O alpendre estava vazio. Chegou até a porta à direita da entrada e abriu-a, entrando de um salto no quarto, fechando a porta e contra ela se apoiando. Sobre a cama vazia estava estendida uma desbotada colcha de retalhos. Em cima, um cantil coberto por fazenda caqui, e uma sandália. No chão, o vestido e o chapéu de Temple. Apanhou o vestido e o chapéu, procurando limpá-los com a mão e com a ponta do casaco. Procurou depois o outro sapato, afastando a colcha e olhando embaixo da cama. Encontrou-o finalmente na lareira, num monte de cinzas de lenha, entre uma tenaz de ferro e uma desordenada pilha de tijolos, como se ali tivesse sido atirado com a mão ou um pontapé. Esvaziou o sapato e limpou-o no casaco, colocando-o na cama.

Apanhou o cantil e dependurou-o num prego da parede. Tinha as iniciais US e um apagado número de matrícula. Temple despiu o casaco e começou a se vestir.

Pernas longas, braços finos, nádegas altas e pequenas — figurinha infantil, que já não era criança e não chegava ainda a ser mulher. Movia-se rapidamente, alisando as meias, contorcendo-se para enfiar-se no vestido justo e curto. "Agora posso suportar seja o que for", pensou ela calmamente, com uma espécie de espanto morno, gasto: "Posso suportar seja o que for". Tirou da parte superior da meia um relógio preso a uma rasgada fita preta. Nove horas. Com os dedos, penteou os cachos sem brilho, tirando dali três ou quatro cascas de caroço de algodão. Apanhou o casaco e o chapéu, ficando novamente à escuta atrás da porta. Voltou ao alpendre dos fundos. Havia na bacia um resto de água suja. Temple atirou-a fora, encheu de novo a bacia e lavou o rosto. Viu, dependurada num prego, uma toalha suja. Usou-a cautelosamente. Depois tirou do casaco um estojinho e começou a empoar-se. Nisto notou que a mulher a observava da porta da cozinha. — Bom-dia — disse Temple. A mulher segurava na cintura a criança adormecida.

— Alô, nenenzinho — disse Temple, inclinando-se. — Vai nanar o dia todo? Olhe para Temple.

Entraram na cozinha. A mulher verteu café numa xícara. — Deve estar frio — disse. — A menos que você queira acender o fogo.

Tirou do forno um tabuleiro de pão.

— Não — disse Temple, tomando o café morno, tendo impressão de que suas entranhas chacoalhavam como coágulos, como chumbo solto. — Não estou com fome. Não como há dois dias, mas não estou com fome. Não é engraçado? Não como desde... — Fitando as costas da mulher com um sorriso fixo e conciliador, perguntou: — Aqui não há banheiro, há?

— O quê? — exclamou a mulher. Olhou para Temple por sobre o ombro, enquanto a moça continuava fitando-a com aquele sorriso ao mesmo tempo humilde e desenvolto. A mulher tirou de uma prateleira um catálogo de vendas por reembolso e arrancou algumas folhas, entregando-as a Temple.

— Você tem que ir ao telheiro, como todos nós.

— Tenho mesmo? — perguntou Temple, segurando o papel. — O telheiro...

— Foram todos embora — disse a mulher. — Não voltarão esta manhã.

— Sim — disse Temple. — O telheiro.

— Sim, o telheiro — declarou a mulher. — A não ser que você seja pura demais para sentir necessidade.

— Sim — disse Temple. Olhou pela porta, além da clareira sufocada de ervas daninhas. Pelos sombrios espaços entre os cedros viu o pomar brilhando ao sol. Enfiou o casaco e o chapéu, dirigindo-se para o telheiro e levando na mão as folhas do catálogo, sal— picadas de desenhos de alfinetes de ganchos, máquinas de lavar roupa e sabão em pó. Entrou no corredor. Parou, dobrando e redobrando as folhas; depois, continuou, lançando rápidos e desconfiados olhares às baías vazias. Atravessou todo o telheiro. Era aberto no fundo, dando para um amontoado de capim em selvagem floração branca e lilás. Ela saiu de novo para a luz, para o capim. Depois, começou a correr, erguendo os pés quase que antes de tocarem o chão, o capim chicoteando-a com suas flores altas, úmidas e mal— cheirosas. Inclinou-se e contorceu-se para atravessar por uma cerca de arame enferrujado, correndo morro abaixo, no meio das árvores. Lá embaixo, estreita faixa de areia dividia duas rampas de um valezinho, torcendo-se, exibindo uma série de manchas brilhantes nos pontos aonde chegava o sol. Temple ficou na areia, ouvindo os pássaros no meio das folhas manchadas de luz, ouvindo e olhando ao redor. Acompanhou o riacho seco até o ponto onde uma saliência formava um recanto coberto de sarças. Sobre sua cabeça, apegadas a algumas das folhas verdes, ainda se viam folhas mortas, do ano passado, que não se resolviam a cair. Ela ali ficou por algum tempo, dobrando as folhas do catálogo, numa espécie de desespero. Ao erguer-se, viu lá em cima, sobre a brilhante massa de folhas ao longo da valeta, a atarracada figura de um homem. Pôs-se a correr desenfreadamente, perdendo uma das sandálias. Viu suas pernas brilharem contra a areia, através das manchas de

sol, durante vários metros; depois deu uma reviravolta, voltou, apanhou a sandália, deu outra reviravolta e recomeçou a correr.

Quando viu a casa, já se achava diante do alpendre da frente. O cego estava sentado numa cadeira, de rosto virado para o sol. Na orla do bosque, Temple parou e calçou o sapato. Atravessou o gramado abandonado, pulou para o alpendre e cruzou, a correr, o saguão. Quando chegou aos fundos, viu um homem à porta do telheiro, olhando em direção à casa. Ela atravessou o alpendre em dois passos e entrou na cozinha, onde a mulher estava sentada à mesa, fumando, com a criança ao colo.

— Ele estava me espiando! — disse Temple. — Ele estava lá nas moitas, espiando-me o tempo todo.

Olhou para a porta, depois para a mulher e viu a mão desta sobre o fogão. Apoiou-se à porta, espiando lá fora, depois voltou para perto da mulher, com seu rostinho miúdo e pálido, os olhos parecendo furos feitos por cigarros. Pôs a mão no fogão frio.

— Quem era? — perguntou a mulher.

— Sim — continuou Temple. — Estava lá nas moitas, observando-me o tempo todo.

Olhou na direção da porta, depois de novo para a mulher e viu a mão desta em cima do fogão. Agarrou-a com um grito lamentoso, levou-a à boca, virou-se e correu para a porta. A mulher pegou-a, ainda com a criança no braço, e puxou-a de novo para dentro da cozinha. Goodwin dirigia-se para a casa. Olhou-as uma vez e foi para o saguão. Temple começou a lutar.

— Me larga! — murmurou. — Me larga! Me larga!

Torceu-se, comprimindo a mão da mulher contra a maçaneta da porta, até conseguir libertar-se. Saiu e correu para o telheiro, entrou no corredor, subiu a escada, arrastou-se pelo alçapão e correu para a pilha de feno. De repente caiu de cabeça para baixo, por uma abertura no chão; viu suas pernas ainda se movimentando no ar, quando caiu de costas, de leve, mas solidamente. Ficou então quieta, olhando fixamente para o alto, onde viu uma abertura oblonga, que se fechava com um ranger de tábuas soltas. Leve poeira descia pelas listas de sol. Sua mão explorou a substância sobre a qual ela estava deitada, mas de novo se lembrou do rato. Todo o seu corpo se agitou num movimento de repulsa, que a pôs de pé naquelas cascas soltas, obrigando-a a estender as mãos para procurar equilibrar-se. Agarrou-se à parede, o rosto a menos de doze polegadas da viga onde estava o rato. Por um momento olharam dentro dos olhos um do outro, depois os olhos do rato brilharam, como duas pequeninas lâmpadas elétricas.

Ele pulou sobre a cabeça de Temple, justamente no momento em que esta recuava, pisando de novo em alguma coisa que rolou sob seu pé.

Ela caiu na direção do canto oposto, o rosto nas cascas e nalgumas espigas de milho completamente roídas. Alguma coisa chocou-se contra a parede, batendo na mão de Temple em ricochete. O rato estava agora no chão, naquele canto.

De novo se achavam a pequena distância um do outro, os olhos do rato brilhando e apagando-se como se fossem lampejos produzidos pela respiração. Depois ele ficou ereto, as costas contra o canto, as patas dianteiras dobradas sobre o peito, e começou a lançar para Temple uns guinchos lamurientos.

Ela recuou de gatinhas, observando-o. Levantou-se em seguida e pulou para a porta, martelando-a, observando o rato por sobre o ombro, o corpo arqueado contra a porta, arranhando a madeira com as mãos nuas.

A mulher continuou na cozinha, segurando a criança, até Goodwin surgir de dentro de casa. Ele tinha as narinas lívidas contra o rosto moreno. Ela perguntou: — Meu Deus, você também de porre? — Goodwin adiantou-se. A mulher continuou: — Ela não está aqui. — O homem passou a seu lado, recendendo a uísque. Ela virou-se, observando-o. O homem olhou rapidamente à volta, virando-se em seguida, olhando para a mulher que se pusera de pé contra a porta, obstruindo a passagem.

— Você não a encontrará — disse a mulher. — Ela foi embora. — O homem aproximou-se, de mão erguida. — Não me toque — disse ela. O homem agarrou-lhe o braço lentamente. Tinha os olhos injetados, as narinas pareciam de cera. Tire as mãos de cima de mim — disse ela. — Tire.

Lentamente o homem a afastou da porta. A mulher começou a blasfemar: — Você pensa que pode? Pensa que permitirei? Com ela ou com qualquer outra vagabunda?

Imóveis, fitando-se como na primeira posição de uma dança, ali ficaram, com terrível e crescente esforço de todos os músculos. Com um movimento apenas perceptível, Goodwin atirou-a para um lado, numa volta completa que a fez bater na mesa. Com o braço ela procurou manter o equilíbrio, o corpo dobrado, a mão remexendo nos pratos sujos sobre a mesa nas suas costas, observando-o, por sobre o corpo inerte da criança.

O homem dirigiu-se para ela. — Pare — disse a mulher, erguendo ligeiramente a mão, deixando-o ver a faca de cozinha. — Pare.

O homem aproximou-se a passos firmes e ela golpeou-o com a faca.

Goodwin agarrou-a pelo pulso. Ela começou a lutar. O homem tomou-lhe a criança e colocou-a na mesa, segurando a mão de Ruby quando esta a ergueu para o seu rosto. Segurando ambos os pulsos numa das mãos, deu-lhe com a outra uma bofetada, que teve um som seco, chato. Bateu de novo, primeiro numa face, depois na outra, sacudindo-lhe a cabeça.

— É assim que trato as mulheres — disse, dando-lhe nova bofetada. — Está vendo?

Soltou-a. Ela tropeçou de costas, batendo na mesa. Pegou a criança e ficou encolhida entre a mesa e a parede, observando Goodwin, que saiu do aposento. Ruby ajoelhou-se no canto, segurando a criança. Esta não se movera. Ela apalpou-lhe primeiro uma das faces, depois a outra. Levantou-se, pôs a criança no caixote, tirou de um prego um chapéu contra o sol e colocou-o na cabeça. Apanhou, em

outro prego, um casaco enfeitado com uma pele que já fora branca, ergueu de novo a criança e saiu dali. Tommy estava no telheiro, ao lado da estrebaria, olhando a casa. O velho continuava sentado no alpendre, ao sol. Ruby desceu a escada e tomou o trilho que levava à estrada, sem olhar uma só vez para trás. Quando chegou à árvore e ao carro arrebitado, saiu da estrada, entrando na trilha. Após uns trinta metros, mais ou menos, chegou à fonte. Sentou-se, com a criança ao colo, levantando a barra da saia para proteger o rosto. Popeye saiu das moitas, caminhando cautelosamente com seus sapatos enlameados, e ficou olhando a mulher, do outro lado da fonte. Sua mão procurou o bolso do casaco. Com dificuldade encontrou um cigarro. Esfregou-o, torceu-o e enfiou-o na boca, acendendo um fósforo no polegar.

— Deus de piedade! — exclamou. — Eu bem que o preveni, que não deixasse aqueles homens lá sentados a noite inteira, bebendo aquela maldita porcaria. Devia haver uma lei, proibindo isso. — Olhou na direção da casa, voltando-se de novo para a mulher, fitando o alto do seu chapéu. — Casa de loucos — continuou. — Isso é o que ela é. Não faz ainda quatro dias, encontrei aqui agachado um indecente qualquer, perguntando-me se eu lia livros. Como se ele fosse atirar em mim com um livro, ou coisa semelhante. Ameaçar-me de morte com a lista telefônica! — De novo olhou para a casa, espichando o pescoço como se o colarinho fosse apertado demais. Olhou outra vez para o alto do chapéu da mulher. — Vou para a cidade, sabe? Vou dar o fora. Para mim, basta disto aqui. A mulher não ergueu os olhos. Ajeitou a barra da saia sobre o rosto do bebê. Popeye seguiu o seu caminho, produzindo nas ervas sob as moitas um ruído leve, melindroso. Depois estacou. Nalgum ponto, no charco, um pássaro cantou três vezes. Antes de alcançar a casa, Popeye abandonou a estrada e desceu por uma ladeira cheia de árvores. Emergindo da ladeira, viu Goodwin atrás de uma árvore, no pomar, contemplando o telheiro. Popeye parou à orla da mata e ficou observando as costas de Goodwin. Meteu outro cigarro na boca, enfiando os dedos no colete. Dirigiu-se em seguida para o pomar, andando cautelosamente. Goodwin ouviu-o e olhou por sobre o ombro. Popeye tirou um fósforo do colete, riscou-o e acendeu o cigarro. Goodwin voltou-se de novo para o telheiro e Popeye ficou atrás dele, olhando também para o telheiro.

— Quem está lá? — perguntou ele.

Goodwin não respondeu. Popeye expeliu uma fumaçada pelo nariz. — Vou dar o fora — continuou. Goodwin nada disse, ainda de olhos no telheiro.

— Eu disse que vou dar o fora daqui — repetiu Popeye. Sem virar a cabeça, Goodwin xingou-o. Popeye continuou fumando tranquilamente, a fumaça revolteando sobre seu olhar parado, macio, negro. Depois, voltou-se, dirigindo-se

para a casa. O velho continuava sentado ao sol. Popeye não entrou em casa. Atravessou o gramado e enveredou pelos cedros, até ficar oculto a quem olhasse da casa. Depois, virou, atravessando o jardim e o trecho sufocado de ervas daninhas, entrando no telheiro pelos fundos. Tommy estava acorado ao lado da porta da estrebaria, olhando na direção da casa. Popeye fitou-o durante alguns instantes, fumando ainda. Depois atirou fora o cigarro e entrou silenciosamente numa das baias. Sobre a manjedoura havia uma grade de madeira para feno, bem embaixo da abertura no piso do sótão. Popeye subiu na grade e içou-se silenciosamente para o sótão, o paletó apertado enrugando-se nos ombros estreitos e nas costas.

Tommy estava de pé, no corredor do telheiro, quando Temple conseguiu finalmente abrir a porta da estrebaria. Ela já ia recuar, quando o reconheceu; virou-se, então, correndo para ele e agarrando-lhe o braço. Nisto viu Goodwin na casa, de pé, na porta dos fundos. Com uma reviravolta tornou à estrebaria, encostando a cabeça na porta e deixando escapar um som amedrontado, semelhante ao de borbulhas numa garrafa. Ali ficou apoiada, arranhando a porta com as mãos e procurando puxá-la para dentro, ouvindo a voz de Tommy.

— Lee disse que não lhe fará mal. Basta você ficar aí quieta... — Som seco, de que Temple não tinha grande percepção, como não tinha dos pálidos olhos de Tommy sob a hirsuta cabeleira. Ela continuava encostada à porta, procurando fechá-la. Nisto sentiu a mão de Tommy, desajeitada, na sua coxa... Ele diz que não lhe fará mal. Basta você... Ela fitou-o, sentindo ainda na coxa a mão tímida e calosa.

— Sim, está certo — respondeu. — Não o deixe entrar aqui.

— Quer dizer que não devo deixar nenhum deles entrar?

— Isso mesmo. Não tenho medo de ratos. Fique aí e não o deixe entrar.

— Está certo.

Tommy procurou obedecer. Temple apoiou-se à porta, olhando em direção à casa. Tommy empurrou-a, para poder fechar direito a porta.

— Lee disse que ninguém lhe fará mal. Basta você ficar aí quieta.

— Está certo. Ficarei. Não o deixe entrar.

Fechou-se a porta. Temple ouviu Tommy fechar o cadeado e depois sacudir a porta.

— Está trancada — disse. — Agora ninguém pode entrar.

Ficarei aqui. Acocorou-se na palha, olhando para a casa. Dali a pouco viu Goodwin aparecer à porta dos fundos e olhar para ele. Os olhos de Tommy de novo brilharam, as pálidas íris parecendo por um momento girar em torno às pupilas, como rodinhas. Ele continuou ali acorado, de lábios ligeiramente entreabertos, até Goodwin entrar de novo em casa. Depois, suspirou profundamente e olhou para a frente da estrebaria. De novo seus olhos brilharam com um fogo tímido, tateante, faminto. Começou a esfregar lentamente as mãos nas pernas, balançando-se ligeiramente de um lado ao outro. Depois enrijeceu, ao ver Goodwin mover-se rapidamente no ângulo da casa e entrar no meio dos cedros. Ficou rigidamente acorado, os lábios ligeiramente entreabertos sobre os dentes estragados. Sentada nas cascas de caroço de algodão, no meio das roídas espigas de milho, Temple levantou de repente a cabeça em direção ao alçapão no alto da escada. Ouviu

Popeye atravessar o chão do sótão; depois seu pé apareceu, procurando cautelosamente o degrau. Ele desceu, observando-a por sobre o ombro.

Temple ficou imóvel, a boca ligeiramente entreaberta. Popeye continuou olhando para ela, adiantando o queixo, com uma série de arrancos, como se o colarinho estivesse apertado demais. Levantou os cotovelos e limpou-os com a palma da mão, fazendo o mesmo com a aba do paletó; depois passou pelo campo visual de Temple, silenciosamente, a mão enfiada no bolso. Experimentou a porta, sacudindo-a, em seguida.

— Abra a porta — disse.

Nada se ouviu. Depois Tommy murmurou: — Quem é?

— Abra a porta — ordenou Popeye. Abriu-se a porta. Tommy olhou para Popeye. Piscou. — Eu não sabia que você estava aqui — disse ele. Fez menção de passar por Popeye, para dentro da estrebaria. Popeye pôs a mão no rosto de Tommy e empurrou-o para trás, apoiando-se à porta e olhando em direção à casa. Depois encarou Tommy. — Eu não lhe disse que não me seguisse?

— Eu não o estava seguindo — disse Tommy. — Estava vigiando o outro — acrescentou fazendo com a cabeça um gesto em direção à casa.

— Vigie-o, então — disse Popeye.

Tommy virou a cabeça, para a casa, e Popeye tirou a mão do bolso do paletó. Para Temple, sentada nas cascas de caroço de algodão, o som não pareceu mais alto do que o riscar de um fósforo. Som breve, fraco, marcando a cena, marcando o minuto com uma profunda finalidade, isolando-o por completo. Ela ali ficou sentada, as pernas estendidas à frente, as mãos caídas molemente sobre o colo, de palmas para cima, olhando as costas de Popeye. Olhando as rugas nos ombros do justo paletó, quando ele se desencostou da porta, o revólver atrás, contra a anca, roçando-a de leve. Voltou-se e olhou para ela. Agitou levemente o revólver e enfiou-o de novo no bolso do paletó, dirigindo-se em seguida para Temple, movendo-se silenciosamente. A porta destrancada ia para lá e para cá, batendo no umbral, mas também sem ruído, como se o som e o silêncio tivessem invertido os papéis. Ela ouviu o sussurro do próprio silêncio, quando Popeye o atravessou, afastando-o para um lado. E Temple começou a dizer: "Alguma coisa vai me acontecer." Dizia isso ao velho que tinha dois coágulos amarelos no lugar dos olhos. "Alguma coisa está me acontecendo", gritou para ele, lá sentado na cadeira ao sol, as mãos cruzadas no castão da bengala. "Eu lhe disse que estava!", gritou atirando as palavras como borbulhas quentes e silenciosas dentro do silêncio brilhante que os circundava. Finalmente o velho virou a cabeça e os dois coágulos amarelos para aquele lado, lá onde ela lutava e se debatia sobre as tábuas ásperas e manchadas de sol. "Eu lhe disse! Eu lhe disse o tempo todo!"

Enquanto ali estava sentada, à beira da nascente, tendo no colo a criança adormecida, a mulher percebeu que se esquecera da mamadeira. Ali ficou mais ou menos durante uma hora, depois que Popeye partiu. Retomou em seguida a estrada e dirigiu-se para casa. Quando estava na metade do caminho, com a criança nos braços, o carro de Popeye passou. Ela ouviu-o aproximar-se. Saiu da estrada, ficando de lado, observando o carro na descida. Nele vinham Temple e Popeye. Este não fez o menor sinal, mas Temple olhou em cheio o rosto da mulher. Sob o chapéu, Temple olhou em cheio o rosto da mulher, sem o mínimo sinal de reconhecimento. O rosto não se voltou, os olhos não despertaram. Para a mulher, ali na estrada, foi como máscara pequena e pálida que tivesse passado num barbante e desaparecido. O carro continuou, sacolejando nos sulcos. A mulher entrou em casa. O cego estava sentado no alpendre da frente, ao sol. Ela atravessou vivamente o saguão, não se dando conta do leve peso da criança. Encontrou Goodwin no quarto deles, dando o nó numa gravata velha e gasta. A mulher percebeu que ele acabava de fazer a barba.

— Então? — disse ela. — Que houve? Que houve?

— Tenho que ir a pé até a casa de Tull, telefonar ao delegado.

— O delegado — repetiu ela.

— Sim. Está bem. — Aproximou-se da cama e ali colocou cuidadosamente a criança. — Até a casa de Tull. Sim, ele tem telefone.

— Você precisa fazer a comida — disse Goodwin. — Pap fica aí.

— Dê-lhe um pedaço de pão de ontem. Ele não se importará. Ainda há um pouco, no forno. Ele não se importará.

— Eu vou — disse Goodwin. — Você fica aqui.

— Até a casa de Tull — disse ela. — Está certo.

Tull era o dono da casa onde Gowan fora procurar o carro. Ficava a duas milhas dali. A família de Tull estava a mesa. Convidaram-na para comer. Só quero que me deem licença de usar o telefone — disse ela. A O telefone ficava na sala de jantar, onde eles comiam. A mulher fez a ligação, com todos eles sentados à mesa. Ela não sabia o número. O delegado — pediu Ruby, pacientemente, no bocal. Conseguiu comunicar-se com o delegado, com toda a família ali à mesa, comendo o jantar de domingo.

— Um morto. Ande uma milha, depois de passar pela casa de Mr. Tull. Vire então à direita... Sim, a Casa do Velho Francês. Sim. Quem fala é Mrs. Goodwin... Sim, Goodwin. Sim.

Benbow chegou à casa de sua irmã no meio da tarde. A casa ficava a quatro milhas de Jefferson. Ele e a irmã tinham nascido nessa cidade, com uma diferença de sete anos, numa casa que ainda lhes pertencia. A irmã quisera vendê-la anos antes, quando Benbow se casara com a esposa divorciada de um homem chamado Mitchell, mudando-se então para Kinston. Benbow não concordara em vender, embora tivesse construído um novo bangalô em Kinston, com dinheiro emprestado, sobre o qual ainda estava pagando juros. Quando chegou, não viu ninguém por ali. Entrou. Estava sentado na semiobscuridade do saguão, atrás das cortinas descidas, quando ouviu a irmã descer a escada, ainda sem saber da sua chegada. Ele não se moveu. Ela já quase atravessara a porta da sala e desaparecera, quando parou, olhando-o bem de frente, sem demonstrar surpresa, com aquela tranquila e estúpida impassibilidade de estátua. Estava vestida de branco.

— Oh, Horace — disse ela. Ele não se levantou. Tinha o ar de um garotinho apanhado em falta. — Como é que você... — começou ele. — Será que Belle...

— Naturalmente. Ela me telefonou no sábado. Disse que você a deixara e que, se aparecesse por aqui, era para dizer-lhe que ela voltou para sua casa, em Kentucky, e mandou chamar Little Belle.

— Oh, diabos — exclamou Benbow.

— Por quê? — perguntou a irmã. — Você queria abandonar seu lar, mas não quer que ela o faça.

Benbow ficou dois dias em casa da irmã. Ela nunca fora muito dada a falar, vivendo vida tranquila e vegetativa, como milho ou trigo, num jardim protegido em vez de um campo.

Naqueles dias ela se moveu pela casa com ar de tranquila censura um tanto ridícula e trágica. Depois do jantar foram para o quarto de Miss Jenny. Ali Narcisa leu o jornal de Memphis, antes de levar o menino para a cama. Quando ela saiu, Miss Jenny olhou para Benbow. — Volte para casa, Horace — disse ela.

— Não para Kinston — replicou Benbow. — De qualquer maneira, eu não pretendia ficar aqui. Não foi para morar com Narcisa que saí de casa. Não deixei uma mulher para me agarrar no rabo da saia de outra.

— Se você continuar repetindo isso, acabará acreditando, um dia desses — disse Miss Jenny. — Que fará você, então?

— Tem razão — disse Benbow. — Eu teria que ficar em casa.

Narcisa voltou. Entrou no aposento com ar decidido. "É agora", pensou Benbow. A irmã não se dirigira diretamente a ele o dia todo.

— Que é que você vai fazer, Horace? — perguntou ela. — Você deve ter negócios em Kinston exigindo sua atenção.

— Até mesmo Horace deve tê-los — comentou Miss Jenny.

— O que quero saber é o seguinte: por que saiu de casa? Encontrou um homem embaixo da cama de sua mulher, Horace?

— Não tive essa sorte — replicou Benbow. — Era sexta-feira. De repente senti que não podia ir à estação buscar aquela caixa de camarões e...

— Mas você faz isso há dez anos — retrucou sua irmã.

— Eu sei. É por isso que estou certo de que jamais vou gostar do cheiro de camarão.

— Foi por isso que deixou Belle? — perguntou Miss Jenny. Olhou para ele e continuou: — Você levou muito tempo para perceber que se uma mulher não dá boa esposa para um homem, não é provável que dê para outro, não é mesmo?

— Mas sair de casa assim, como um negro! — comentou Narcisa. — E misturar-se com contrabandistas e prostitutas ...

— Bom, ele já voltou, e já deixou também a prostituta — disse Miss Jenny. — A não ser que você pretenda andar pelas ruas com esse pauzinho de laranjeira para as unhas, Horace, até ela vir para a cidade.

— Sim... — disse Benbow.

Falou de novo sobre os três, ele, Goodwin e Tommy, sentados no alpendre, bebendo no cântaro e conversando; e Popeye vagueando pela casa, aparecendo de vez em quando para pedir a Tommy que acendesse a lamparina e o acompanhasse ao celeiro. E Tommy não concordando, e Popeye amaldiçoando-o, e Tommy sentando-se no chão, nele esfregando os pés descalços e dizendo, a rir: "Ele não é mesmo um tipo?"...

— A gente tinha tanta certeza de que Popeye tinha revólver como de que tinha umbigo — continuou Benbow. — Não queria beber, dizendo que lhe dava enjoio de estômago; não queria ficar conosco conversando; não queria saber de fazer coisa alguma, a não ser vaguear pela casa, fumando, parecendo criança taciturna e doente. — Goodwin e eu estávamos conversando — continuou Benbow. — Ele fora sargento de cavalaria, nas Filipinas, e estivera num regimento de infantaria na França. Nunca me contou por que mudara de arma, por que fora transferido para a infantaria, e rebaixado. É possível que tenha matado alguém, ou que tenha desertado. Ele estava falando de Manilla e das mexicanas, e aquele idiota rindo, e gorgolejando, e me passando o cântaro: "Tome mais um pouco". Percebi então que a mulher ali estava, bem atrás da porta a ouvir-nos. Eles não são casados. Tenho certeza disso, como tenho certeza de que aquele homenzinho escuro carregava um revólver no bolso do paletó. Mas ela lá está, trabalhando como

escrava, ela, que já possuiu brilhantes, e automóveis, tendo-os comprado com valor mais alto do que dinheiro. E aquele cego, aquele velho sentado à mesa, esperando que alguém lhe desse de comer. Isso, com a típica imobilidade dos cegos, que faz que a gente tenha impressão de estar olhando para a parte de trás dos olhos deles, enquanto ouvem música que não nos é dado ouvir. E Goodwin levou-o para fora da sala; ou para fora do mundo, pelo que pareceu. Nunca mais o vi. Não cheguei a saber quem era, de quem era parente. Talvez não fosse parente de ninguém. Talvez aquele Velho Francês, que construiu a casa há cem anos, não tivesse querido mais saber dele, deixando-o ali, quando morrera, ou partira. Na manhã seguinte, conseguindo da irmã a chave da casa que lhes pertencia, Benbow dirigiu-se para a cidade. A casa ficava numa rua lateral e nos últimos dez anos estivera desocupada. Ele abriu-a, tirando os pregos das janelas. A mobília continuava nos mesmos lugares. Metido num macacão, com vassouras e baldes, ele se pôs a lavar o chão. Ao meio — dia desceu para a cidade, comprou roupas de cama e algumas conservas. Ainda trabalhava, às seis da tarde, quando sua irmã apareceu com o carro.

— Vamos, Horace — disse ela. — Não vê que isso não é trabalho para você?

— Foi o que descobri logo que comecei — replicou Benbow. — Até hoje de manhã pensava que qualquer pessoa que tivesse braços e um balde podia lavar o chão.

— Horace!

— Lembre-se de que sou o mais velho — disse ele. — Vou morar aqui. Já comprei umas roupas de cama.

Foi jantar no hotel. Quando voltou, o carro da irmã estava novamente no jardim. O motorista negro trouxera um pacote de roupas de cama. — Miss Narcisa mandou dizer para o senhor usar estas aqui — disse o negro.

Benbow pôs o pacote num armário e fez a cama com algumas das peças que comprara. No dia seguinte, ao meio-dia, quando fazia uma refeição fria, à mesa da cozinha, viu pela janela uma carroça parar na rua. Desceram três mulheres. De pé, ali na esquina, sem a menor cerimônia compuseram a roupa, alisando saias e esticando meias, escovando as costas umas das outras, abrindo pacotes e acrescentando aos trajes outras elegâncias. A carroça partiu. As mulheres seguiram a pé. Benbow lembrou-se então de que era sábado. Despiu o macacão, vestiu-se e saiu de casa. A rua dava para outra mais larga. À direita continuava para o largo. No espaço entre dois edifícios via-se lenta e contínua multidão, como duas filas de formigas; acima dos edifícios erguia-se a cúpula do Tribunal de Justiça, no meio de carvalhos e alfarrobeiras rendilhados de neve. Benbow dirigiu-se para o largo. Carroças vazias ainda passavam por ele. Viu outras mulheres a pé, tanto brancas como negras, inconfundíveis pelo constrangimento que sentiam nos seus trajes,

assim como pela maneira de andar, acreditando que os habitantes da cidade as tomavam também por pessoas da cidade, mas não enganando nem mesmo umas às outras. As vielas adjacentes estavam cheias de carroças travadas, cujos cavalos, colocados atrás, focinhavam, nas traseiras das carroças, roídas espigas de milho. Via-se à volta do largo uma dupla fileira de carros. Os donos desses, assim como os donos das carroças, entravam e saíam das lojas, metidos em macacões, trazendo guarda-sóis que haviam sido comprados por vale postal, sujando a calçada com cascas de frutas e de amendoim. Moviam-se devagar, como carneiros, tranquilos, impedindo a passagem, contemplando a pressa irritada das pessoas em trajes de cidade, que vestiam camisa e colarinho. Contemplando-as com a grande e insondável placidez de gado ou deuses, funcionando fora do tempo, tendo deixado o tempo descansando na lenta e imponderável terra verdejante, onde havia milho, e algodão, na tarde amarelada. Horace movia-se no meio deles, levado de vez em quando pela corrente, sem sentir impaciência. Algumas pessoas ele conhecia; muitos comerciantes e profissionais lembravam-se dele em menino e em moço, e depois como colega-advogado. Além do biombo transparente das alfarrobeiras, Benbow podia ver o feio segundo andar onde ele e seu pai tinham trabalhado; podia distinguir o vidro ainda virgem de água e sabão, como naquele tempo. Parava de vez em quando, para conversar com um e com outro, sem sentir nem demonstrar pressa. O ar ensolarado vibrava, devido ao som de rádios e gramofones, nas portas das farmácias-bares e casas de música. Diante dessas portas, via-se, o dia todo, grande multidão, escutando. As peças que comoviam eram simples — tanto a melodia como o assunto. Sobre a dor, a retribuição ou o arrependimento; tocadas mecanicamente, deformadas ou ampliadas, devido à estática ou à agulha — vozes soltas, gritando através de estojos imitando madeira, ou de alto-falantes, acima dos rostos extasiados, das mãos nodosas e lentas moldadas de muito pela tirania da terra — mãos lúgubres, rudes e tristonhas.

Era sábado, no mês de maio; não era tempo de se deixar a terra. E, no entanto, na segunda-feira eles para ali voltaram, a maioria deles, parando em grupos perto do Tribuna! e do largo, negociando nas lojas, já que aqui estavam, metidos em culotes ou macacões. Durante todo o dia, viu-se um bolo de gente nas imediações da porta do agente funerário.

Meninos e rapazes, com ou sem livros escolares, colavam o nariz na vidraça. Os mais ousados, assim como os mais moços da cidade, entravam aos pares, ou em grupos de três, para olhar o homem chamado Tommy. Estava ele deitado numa mesa de madeira, descalço, de macacão. Os cachos da nuca, manchados de sol, estavam agora manchados de sangue seco e chamuscados de pólvora. Perto dele, o *coroner*, procurando saber qual o seu sobrenome. Mas ninguém sabia, nem mesmo

aqueles que durante quinze anos o tinham visto ali pela região. Nem mesmo os negociantes que, num ou noutro sábado, o tinham visto na cidade, descalço, sem chapéu, com seu olhar extasiado, vazio, uma das faces inocentemente deformada pela pastilha de hortelã-pimenta. A julgar pela opinião geral, ele não tinha sobrenome.

No dia em que o delegado trouxe Goodwin para a cidade, havia na cadeia um assassino, um negro, que matara sua mulher. Cortara-lhe o pescoço com uma navalha, de modo que, a cabeça destacando-se cada vez mais para trás, toda ensanguentada ela correria para fora da cabina, dando seis ou sete passos na senda enluarada. À tarde, o assassino apoiava-se às grades da prisão e cantava. Depois do jantar, alguns negros se reuniam na cerca lá adiante -lado a lado, tanto os que trajavam ternos de pretensiosa elegância como os que estavam metidos em macacões manchados de suor — e faziam coro. Acompanhavam o assassino em hinos religiosos, enquanto os brancos diminuía o passo, detendo-se na penumbra das árvores já enfolhadas para o estio. E também eles ouviam aqueles que tinham certeza de morrer, assim como o que já estava morto, e que ali cantavam sobre a celestial bem-aventurança e sobre os terrenos sofrimentos. Ou, talvez, no intervalo entre os cantos se erguesse uma voz, rica, anônima, saindo da profunda escuridão da árvore do paraíso que velava o lampião da esquina. Voz cheia de lamentos: "Mais quatro dias! Depois vão acabar com o melhor barítono do Mississippi!" Às vezes, durante o dia, o assassino se apoiava contra as grades, cantando então sozinho, embora depois de algum tempo parassem, na cerca, ou dois rapazes maltrapilhos, ou negros com cestas de entrega. E os brancos, sentados nas suas cadeiras, ao longo da suja parede da garagem fronteira, também se punham a escutar. "Mais um dia! Depois, você se vai embora, pobre filho da mãe! Olhe: não há lugar para você no céu! Olhe: não há lugar para você no inferno! Olhe: não há lugar para você na cadeia!"

— Maldito sujeito — disse Goodwin, erguendo a cabeça negra, o rosto magro, moreno e um tanto abatido.

— Não estou em condições de desejar a homem algum esse fim, mas com os diabos...

Goodwin não queria falar. — Não fui eu. Você bem sabe disso. Você sabe que eu não teria necessidade de matar. Não vou dizer o que penso. Não fui eu. Primeiro eles terão que provar! Que o façam, então. Sou inocente. Mas, se eu falar, se disser o que penso, o que acredito, não respondo por mais nada.

Estava sentado na cama, na cela. Ergueu os olhos para as janelas, que não passavam de dois orifícios semelhantes a cutiladas.

— Ele atira assim tão bem? — perguntou Benbow. — A ponto de poder atingir um homem por uma dessas janelas?

Goodwin olhou para o advogado: — Ele, quem?

— Popeye — respondeu Benbow.

— Foi Popeye quem o matou? — perguntou Goodwin.

— Não foi?

— Eu já disse tudo o que tinha a dizer. Não tenho necessidade de me justificar. Eles que tratem de provar.

— Então, para que precisa de advogado? — perguntou Benbow. — Que deseja que eu faça?

Goodwin não olhava agora para ele. — Quero que me prometa arranjar um lugar para o pequeno num bom jornal, assim que ele souber fazer troco — disse ele. — Ruby se arranjará, não é, menina? — perguntou, acariciando os cabelos da mulher sentada a seu lado, na cama, com o filho ao colo. A criança estava numa espécie de imobilidade entorpecida, como as crianças que os mendigos de Paris carregam, o rosto brilhando de transpiração, os cabelos parecendo sombra úmida sobre o crânio descarnado e cheio de veias, uma branca meia-lua aparecendo por entre as pálpebras cor de chumbo. A mulher trajava um vestido de crepe cinza, bem escovado e cerzido com habilidade. Perto de cada uma das costuras havia aquela listra fina e brilhante que outra mulher reconheceria, de relance, a cem jardas de distância. No ombro, um enfeite lilás, do tipo que se compra nas lojas de Dois Cruzeiros, ou por vale-postal. Na cama a seu lado havia um chapéu cinza, com um véu muito bem cerzido. Olhando-o, Benbow não conseguiu lembrar-se de onde vira um véu pela última vez, ou em que época tinham as mulheres abandonado essa moda. Levou Ruby para sua casa. Foram a pé, ela carregando a criança, Benbow levando a mamadeira e as conservas compradas na mercearia.

— Talvez você o traga demais no colo — disse Benbow. — Que tal arranjarmos uma babá?

A mulher ficou em casa de Benbow e ele voltou para a cidade, para telefonar à irmã, pedindo o carro. O carro veio. À mesa do jantar ele contou o caso a Narcisa e a Miss Jenny. — Você está se intrometendo no que não é da sua conta! — disse a irmã, com rosto sereno e voz furiosa. — Quando você roubou a um homem sua mulher e filha, achei abominável, mas pensei comigo mesma: "Pelo menos ele não terá a audácia de voltar aqui". Quando você abandonou seu lar, como um negro qualquer, achei também abominável, mas não quis acreditar que fosse por muito tempo. Mas você provou o que era quando, sem a mínima razão, insistiu em sair daqui e reabrir a casa da cidade, lavando você mesmo o chão, aos olhos de toda a cidade, e indo lá viver, como um vagabundo, recusando-se a ficar aqui, onde todo o mundo esperaria, naturalmente, que você ficasse... E agora, comprometendo-se deliberadamente com uma mulher que você mesmo disse que era uma prostituta, e mulher de um assassino.

— Não posso agir de outra forma — replicou Benbow. — Ela não tem nada, não tem ninguém por ela. Só tem um vestido fora de moda, reformado muitas vezes, nestes últimos cinco anos, e um filho mais morto do que vivo, enrolado num cobertor ralo, de tão lavado. Nada pede, a não ser que a deixem em paz; procura fazer da sua vida alguma coisa, enquanto vocês, mulheres castas e protegidas...

— Quer me dizer que um contrabandista de bebida não tem dinheiro para pagar o melhor advogado do país? — perguntou Miss Jenny.

— Não é essa a questão — replicou Horace. — Tenho certeza de que ele poderia arranjar um advogado melhor. É que...

Narcisa, que o estivera observando, perguntou: — Horace, onde está essa mulher? Você levou-a para minha casa?

Miss Jenny observava-o também, um pouco inclinada para a frente, na sua cadeira de rodas.

— Lembre-se de que é também minha casa, cara amiga — replicou Benbow. Narcisa não sabia que durante dez anos ele mentira à sua mulher, para poder pagar juros sobre a hipoteca de uma casa que para ela construíra em Kinston. E, isso, para que sua irmã não alugasse a estranhos a casa de Jefferson. Sua esposa não sabia, pois, que ele ainda tinha parte na casa.

— Enquanto a casa estiver vazia... — continuou Benbow.

— E com aquela criança...

— A casa onde meu pai e minha mãe e seu pai e sua mãe, a casa onde eu... Não admito. Não admito.

— Só por uma noite, então. De manhã a levarei para o hotel. Pense nela, sozinha com aquela criança... Suponhamos que fosse você e Bory, e seu marido acusado de um crime que ele não...

— Não quero pensar nela. Gostaria de nunca ter ouvido falar nisso. Pensar que meu irmão... Não vê que você está sempre precisando limpar alguma coisa sua?... Não é que fique alguma porcaria; é que você... você... Mas trazer uma prostituta, uma assassina para a casa onde nasci!

— Pipocas! — disse Miss Jenny. — Mas, Horace, não é a isso que os advogados chamam conluio... conivência? — Horace fitou-a e ela continuou: — Parece-me que você está mais envolvido com essa gente, do que o fato de ser seu advogado justificaria. Você esteve lá, onde se deu o crime poucos dias antes. É possível que comecem a pensar que você sabe mais do que diz.

— Isso mesmo, senhora advogada — replicou Horace. — E às vezes fico pensando por que motivo não enriqueci com a advocacia. Talvez enriqueça, quando tiver idade suficiente para frequentar a mesma faculdade de direito que Vossa Excelência frequentou.

— Se eu fosse você, voltaria para a cidade e a levaria para o hotel, agora — sugeriu Miss Jenny. — Ela ficaria instalada direito. Não é assim tão tarde.

— E volte para Kinston até o caso acabar — disse Narcisa.

— Você nada tem a ver com aquela gente. Por que se acha na obrigação de fazer essas coisas?

— Não posso ficar de braços cruzados e ver a injustiça...

— Você jamais conseguirá evitar injustiças, Horace — declarou Miss Jenny.

— Bom, a ironia, então, que se esconde nos acontecimentos — disse ele.

— Humm humm... — murmurou Miss Jenny. — Com certeza é porque ela é a única mulher que você conhece que nada sabe a respeito daquele camarão.

— Em todo caso, falei demais, como de costume — disse Horace. — De modo que terei que confiar em vocês...

— Bolas! — exclamou Miss Jenny. — Acha que Narcisa vai querer que saibam que uma pessoa de sua família conhece gente cuja habitual profissão é amar, roubar ou dedicar-se ao contrabando?

Era efetivamente um dos traços do caráter de sua irmã. Durante aqueles quatro dias decorridos entre Kinston e Jefferson, ele contara com essa reserva. Não pensara que Narcisa — ou outra mulher qualquer — se preocupasse muito com um homem que não fosse seu marido, ou filho, quando tinha um filho a quem se dedicar. Mas ele contara com essa impenetrabilidade, pois que Narcisa sempre dela dera prova, nos seus trinta e seis anos de existência. Quando chegou à casa da cidade, Benbow viu luz numa das janelas. Entrou, atravessando pisos por ele mesmo lavados. Não revelara, na ocasião, maior desembaraço do que esperara. Com vassoura e balde não se mostrara mais hábil do que com o martelo, dez anos antes, quando fechara as janelas, ele que nem mesmo conseguira aprender a guiar um automóvel. Mas isso fora dez anos antes. O martelo fora substituído por outro, com o qual ele arrancara os pregos; as janelas tinham sido abertas sobre esfregados trechos de piso, semelhantes a poças de água parada, assim à sombra da mobília amortalhada. A mulher ainda estava de pé, tendo apenas tirado o chapéu. Este fora colocado na cama, onde a criança dormia. Assim, lado a lado — mais do que a luz dúbia ou o paradoxo da cama bem feita em quarto por muito desocupado e que tinha o odor de coisas fechadas —, contribuíam para dar ao aposento uma qualidade transitória. Parecia que um fluido feminino seguia, como corrente, por um fio onde estavam dependuradas várias lâmpadas iguais.

— Tenho de ir até a cozinha — disse ela. — Não demoro.

A criança continuava deitada na cama, sob a lâmpada sem quebra-luz. E Benbow ficou imaginando por que motivo as mulheres, quando saem de uma casa, tiram todos os quebra—luzes, mesmo quando não tiram mais nada. Olhou para a

criança, para as pálpebras azuladas que deixavam entrever uma branca meia-lua contra as faces cor-de-chumbo; viu o sombreado de cabelos úmidos sobre o crânio, as mãos fechadas, de palma para cima e também transpirando. E pensou: "Deus de piedade! Deus de piedade!" Lembrou-se da primeira vez em que vira o pequeno, num caixote atrás do fogão, numa casa em ruínas, a doze milhas da cidade.

Lembrou-se da negra presença de Popeye, pairando sobre a casa como sombra de coisa não maior que um fósforo que, monstruosa e agourenta, caísse sobre objeto banal — a não ser por essa sombra —, banal e conhecido e vinte vezes maior que a sombra. Lembrou-se de si próprio, e da mulher, na cozinha iluminada por uma lamparina suja e rachada, sobre a mesa onde havia pratos de espartana simplicidade. E Goodwin e Popeye, nalgum ponto lá fora, na tranquila escuridão onde havia insetos e rãs; tranquila e no entanto impregnada, devido à presença de Popeye, de negra e anônima ameaça. A mulher tirara o caixote para fora e sobre ele se debruçara, as mãos escondidas no deselegante vestido. E dissera: "Tenho que guardá-lo aqui, para que os ratos não o peguem". "Oh, você tem um filho", replicara Horace. Depois ela lhe mostrara suas mãos, abrindo-as em gesto ao mesmo tempo espontâneo e tímido, encabulado e orgulhoso, e dissera que ele poderia mandar-lhe um pauzinho de laranjeira para as unhas. Agora ela voltou com alguma coisa discretamente enrolada num pedaço de jornal. Mesmo antes de Ruby ter falado, Benbow sabia que era uma fraldinha, lavada pouco antes.

— Acendi o fogão. Creio que abusei — disse ela.

— Absolutamente — replicou Benbow. — Sabe, é apenas uma questão de precaução legal. É melhor ficarem todos temporariamente privados de conforto, do que comprometer o caso.

Ela não parecia estar ouvindo. Estendeu o cobertor na cama e nele colocou a criança. — Você compreende como são essas coisas — disse Horace. — Se o juiz pensasse que sei mais a esse respeito do que os fatos me autorizam... Isto é, precisamos dar a todo mundo a impressão de que estão detendo Lee por aquele crime apenas por...

— Você mora em Jefferson? — perguntou Ruby, enrolando a criança no cobertor.

— Não. Moro em Kinston. Mas já morei aqui e aqui advoguei, em todo o caso.

— Você tem parentes aqui. Mulheres. Costumavam morar nesta casa. — Ela ergueu a criança, endireitando o cobertor. Depois olhou para Benbow. — Está certo. Compreendo como são essas coisas. Você tem sido muito bom.

— Com os diabos! — exclamou ele. — Acha que... Vamos indo. Vamos para um hotel. Procure ter uma boa noite de sono, e de manhã irei vê-la. Deixe-me levar

o menino.

— Eu o levo — disse a mulher. Ia dizer mais alguma coisa, fitando serenamente Benbow durante alguns segundos, depois continuou o seu caminho. Ele apagou a luz e seguiu-a, fechando a porta. Encontrou-a já no carro. Entrou.

— Hotel, Isom — disse ao motorista. — Jamais consegui aprender a dirigir — continuou. — Às vezes, quando me lembro de todo o tempo que perdi com coisas que não aprendi a fazer...

Rua estreita, silenciosa. Rua calçada. Mas Benbow ainda se lembrava do tempo em que, após alguma chuva, não passara de um canal de negra substância, metade terra, metade água, com valetas onde ele e Narcisa patinhavam, de roupas arregaçadas e traseiros enlameados, correndo atrás de algum tosco barquinho feito a canivete. Ou, então, fazendo bolos de lama, pisando e repisando o mesmo ponto, com a intensa concentração dos alquimistas. Lembrava-se do tempo em que, ainda virgem de concreto, a rua era cercada de ambos os lados por fileiras de tijolos colocados sem simetria, que se tinham afundado na terra negra, formando mosaico escuro e sem arte, ali onde o sol do meio-dia jamais chegava. Naquela época, no asfalto que havia somente perto da entrada, viam-se as marcas dos pés nus de Benbow e sua irmã. Agora, as raras luzes foram-se tornando mais fortes perto da arcada da bomba de gasolina, na esquina. Súbito, a mulher inclinou-se.

— Faça o favor de parar — disse ela. Isom parou o carro. — Vou descer aqui e continuar a pé — acrescentou Ruby.

— Nada disso — replicou Horace. — Continue, Isom.

— Não; espere — disse a mulher. — Podemos encontrar pessoas que você conhece. E, depois, o largo.

— Tolice — disse Horace. — Continue, Isom.

— Você desça, então, e espere aqui — disse a mulher. — Ele poderá voltar imediatamente.

— Nada disso — protestou Horace. — Por Deus, eu... Continue, Isom!

— Está bem — disse a mulher, apoiando-se no encosto. Depois, inclinou-se de novo para a frente. — Escute: você tem sido bom. Suas intenções são boas, mas...

— Você não acredita que eu seja competente o bastante como advogado, não é verdade?

— Creio que aconteceu comigo o que era de se esperar. Não adianta lutar.

— Claro que não, se fosse realmente esse o seu modo de pensar. Mas não é. Porque se fosse você teria dito a Isom que a levasse à estação para pegar o trem. Não é verdade? — A mulher nada disse, arranjando o cobertor no rosto da criança. Benbow continuou: — Procure descansar bem esta noite, que apareço lá amanhã

cedo. Passaram pela cadeia — prédio quadrado, duramente golpeado por finas estrias de luz. Somente a abertura central podia ser chamada janela, com estreitas barras entrecruzadas. Nelas se apoiava o negro assassino. Em baixo, ao longo da cerca, havia uma fileira de cabeças descobertas e outras de chapéu, acima de ombros que o trabalho tinha desenvolvido. As vozes misturadas erguiam-se ricas e tristonhas, na noite profunda e macia, exprimindo-se sobre as celestiais alegrias e o sofrimento humano. — Não se preocupe — disse Benbow. — Todo mundo sabe que Lee não é culpado.

Pararam diante do hotel, onde estavam sentados os caixeiros viajantes, ouvindo o canto.

— Eu preciso... — começou a mulher.

Horace desceu e abriu-lhe a porta. Ela não se moveu.

— Escute — continuou. — Preciso dizer-lhe...

— Sim — interrompeu Horace, estendendo-lhe a mão. — Está certo.

Aparecerei aqui amanhã cedo.

Ajudou-a a descer. Entraram no hotel. Os caixeiros viajantes viraram-se para olhar as pernas de Ruby. Ela e Benbow dirigiram-se para o balcão. O som do canto os acompanhou, abafado pelas paredes, pelas luzes. A mulher sentou-se, quieta, a um canto, segurando a criança, até Horace terminar de falar. — Escute... — disse ela. O carregador, levando a chave, dirigiu-se para a escada. Horace tocou o braço da mulher, indicando-lhe que seguisse também para aquele lado. — Preciso contar... — insistiu ela.

— Amanhã — disse Horace. Virei cedo — continuou, guiando-a para a escada. Ela ainda hesitava. Depois libertou o braço, pelo fato de virar-se para encará-lo.

— Está certo, então — disse. E, em voz baixa, igual, o rosto ligeiramente inclinado sobre a criança, continuou: — Não temos dinheiro. Vou contar agora. Naquela última partida, Popeye não...

— Sim, sim — disse Horace. — Logo de manhã cedinho. Estarei aqui, assim que você tiver acabado de tomar café. Boa-noite.

Benbow voltou para o carro, ouvindo de novo o canto. — Para casa, Isom — disse ele. Viraram, passando de novo pela cadeia, vendo o vulto inclinado além das grades e as cabeças ao longo da cerca. Sobre a parede estriada, a sombra da árvore-do-paraíso estremecia e vibrava monstruosamente, embora quase não houvesse brisa. Profundo e triste, o canto foi ficando para trás. O carro continuou, macio e rápido, cortando pela estreita rua.

— Aqui — disse Horace. — Para onde é que você...

Isom freou. — Miss Narcisa disse para levá-lo para casa.

— Oh, disse? — exclamou Horace. — Muito amável da parte dela. Diga-lhe que mudei o seu modo de pensar.

Isom deu marcha à ré, penetrando na rua estreita e depois na alameda de cedros. As luzes dos faróis foram devassando o túnel sob as árvores não podadas, como na mais profunda escuridão do mar, como no meio de vultos rígidos e perdidos, aos quais nem a luz podia dar cor. O carro parou na porta. Horace desceu. — Diga que não foi para ela que corri — disse ele.

— Você acha que se lembrará?

A última flor caíra da árvore-do-paraíso, a um canto do pátio da cadeia. Jaziam no chão, grossas, pegajosas, adocicadas, de uma doçura excessiva e moribunda. À noite, a sombra irregular de galhos que agora só tinham folhas estremecia fracamente nas grades de ferro. A janela ficava na sala comum. As paredes caiadas de branco estavam manchadas, com a marca de mãos, rabiscos de nomes e datas, inscrições obscenas, feitas a lápis, com a unha ou com lâmina de faca. Todas as noites, o negro assassino ali se apoiava, o rosto manchado pela sombra das grades nos inquietos interstícios das folhas. E cantava, em coro, com aqueles que se achavam na cerca lá em baixo. Às vezes também cantava durante o dia, mas sozinho, a não ser pela presença de um ou outro transeunte, que diminuía o passo, ou entregador de empório, ou os homens da garagem do outro lado da rua. "Mais um dia! Não há lugar para você no céu! Não há lugar para você no inferno! Não há lugar para você na cadeia dos brancos! Negro, que é que você vai fazer? Que é que você vai fazer, negro?" Todas as manhãs, Isom vinha trazer uma garrafa de leite, que Horace entregava à mulher, no hotel, para o bebê. No domingo à tarde ele foi até a casa da irmã. Deixou a mulher sentada na cama da cela de Goodwin, com o filho ao colo. Até então, o bebê mantivera-se naquele estado de apatia, como sob o efeito de um narcótico, de pálpebras semicerradas; mas, hoje, de vez em quando se movia, com arrancos leves, convulsos, choramingando. Horace foi até o quarto de Miss Jenny. Sua irmã não aparecera. — Goodwin não quer falar — contou ele. — Diz apenas que terão que provar que foi ele. Diz que há tanta prova contra ele, como contra o bebê. Não quer saber de fiança, mesmo que isso fosse possível. Diz que está melhor na cadeia.

E talvez esteja mesmo. Seu negócio lá na casa está liquidado, mesmo que o delegado não tivesse encontrado e destruído a chaleira... — Chaleira? — Os alambiques. Depois que Goodwin se entregou, deram uma batida em tudo, até encontrar o alambique. Sabiam em que negócio estava ele metido, mas esperaram até vê-lo por terra. Caíram-lhe, então, em cima. Os bons fregueses, que estavam habituados a comprar dele bom uísque e a beber o que ele lhes oferecia de graça, fazendo talvez a corte, pelas costas, à sua mulher. Você precisava ouvi-los, na cidade. Hoje de manhã, o ministro batista tomou-o como assunto. Não somente como assassino, mas como adúltero; profanador da livre atmosfera democrático-protestante de Yoknapatawpha. Pelo que deduzi, acha que Goodwin e a mulher deviam ser queimados vivos, como exemplo para aquela criança; e a criança devia ser educada e aprender a língua inglesa unicamente para ficar sabendo que foi

gerada em pecado, por duas pessoas que pagaram, na fogueira, pelo crime de a terem gerado. Deus de piedade, como é que um homem, um homem civilizado, pode seriamente... — São apenas batistas — disse Miss Jenny. — E quanto ao dinheiro? — Ele tinha um pouco: quase cento e sessenta dólares. Estava enterrado numa lata, no telheiro. Deixaram-no desenterrar. "Isto dará para Ruby se manter, até estar tudo terminado", disse Goodwin. "Depois iremos embora. Há tempos temos essa intenção. Se eu tivesse ouvido o que ela me dizia, há muito já teríamos partido. Você tem sido uma boa menina", disse ele a Ruby. Ela estava sentada ao lado, na cama, com a criança ao colo. Goodwin segurou-a pelo queixo e sacudiu-a de leve...

— Ainda bem que Narcisa não vai fazer parte do júri — comentou Miss Jenny.

— É verdade. Mas o idiota nem mesmo quer que eu fale da presença daquele gorila lá na casa. Disse: "Nada podem provar contra mim. Não é a primeira vez que me vejo em apuros. Todas as pessoas que me conhecem sabem que eu não seria capaz de fazer mal a um mentecapto". Mas não é essa a razão pela qual ele não quer que se fale naquele assassino — continuou Horace. — E sabe que sei disso, pois continuou falando, ali sentado, de macacão, enrolando um cigarro, com a bolsa de fumo nos dentes. "Vou ficar aqui quieto, até tudo se acalmar. Estou melhor aqui; nada posso fazer lá fora, em todo caso. Esse dinheiro dará para Ruby se manter. Talvez sobre um pouco para você, também, até que possa receber pagamento melhor."

— Mas eu sabia o que ele estava pensando — continuou Benbow. — Sabia. Disse-lhe, então: "Não pensei que você fosse covarde". "Faça o que estou dizendo", replicou Goodwin. "Estou muito bem aqui." Benbow inclinou-se para a frente, esfregando de leve as mãos, e continuou: — Ele não compreende... Diabo! Diga-se o que se disser, há corrupção no simples espetáculo, embora fortuito, do mal. Não se deve pechinchar, negociar, com a podridão. . . Você viu como Narcisa, só pelo fato de ouvir falar nisso, ficou inquieta e desconfiada. Pensei que eu tivesse voltado para cá de livre e espontânea vontade, mas agora vejo que... Terá ela pensado que eu levava aquela mulher para casa de noite, ou coisa semelhante?

— Também pensei, no princípio — disse Miss Jenny. — Mas creio que agora ela já deve ter percebido que você se esforçará muito mais por uma razão que você achar justa do que por uma vantagem que qualquer pessoa possa oferecer ou dar.

— Quer dizer que a mulher me deixaria pensar que eles nunca tiveram dinheiro, quando ela...

— Por que não? Você não vai indo muito bem sem dinheiro?

Narcisa entrou.

— Estávamos falando de crimes e assassinios — disse Miss Jenny.

— Espero, então, que tenham terminado — replicou Narcisa.

Ela não se sentou.

— Narcisa também tem seus aborrecimentos — disse Miss Jenny. — Não é verdade, Narcisa?

— O que aconteceu, agora? — perguntou Horace. — Espero que não tenha apanhado Bory com cheiro de uísque na boca...

— Nada disso. Ela levou um fora. O namorado foi embora, deixou-a.

— Você é uma tonta! — disse Narcisa.

— Sim, senhor — continuou Miss Jenny. — Gowan Stevens deu o fora nela. Nem mesmo apareceu, depois daquela festa em Oxford, para se despedir. Apenas escreveu uma carta. — Miss Jenny começou a procurar em volta, na cadeira, e continuou: — E agora estremeço todas as vezes que ouço a campainha, pensando que a mãe dele...

— Miss Jenny, me dá minha carta — pediu Narcisa.

— Espere — disse Miss Jenny. — Aqui está. Agora, o que me diz disso, como delicada operação, sem anestésico, no coração humano? Estou começando a acreditar no que dizem dos moços de hoje, que aprendem as coisas para poder se casar, ao passo que no meu tempo era o contrário: casavam para aprender.

Horace pegou a carta. Uma folha só.

Minha querida Narcisa,

Esta carta não tem começo. Gostaria que não tivesse data. Mas, se meu coração fosse puro como esta folha de papel, nada disso seria necessário. Não tornarei a vê-la, Narcisa. Não posso contar-lhe o motivo, pois passei por uma provação de que não quero lembrar-me. Meu único consolo é não ter prejudicado ninguém, a não ser eu próprio, com a minha loucura. Quanto à extensão dessa loucura, você nunca chegará a conhecê-la. Creio não ser necessário dizer-lhe que a esperança de que você jamais venha a saber o que se passou é a única razão que me faz afastar-me de você. Procure ter de mim a melhor opinião possível. Gostaria de ter o direito de dizer: Se chegar a saber da minha loucura, não pense muito mal de mim.

G.

Horace leu a carta, aquela única página. Conservou-a nas mãos. Nada disse por algum tempo. — Deus do céu — exclamou dali a pouco. — Alguém, no salão de dança, o tomou por um natural do Mississippi.

— Acho que, se eu fosse você... — disse Narcisa.

E depois de uma pausa: — Quanto tempo ainda vai isso durar, Horace?

— Não mais do que o necessário. Se você souber de alguma maneira pela qual eu possa libertá-lo amanhã...

— Há uma única maneira — disse ela, fitando-o. Virou-se em seguida para a porta. — Para que lado foi Bory? O jantar vai ser servido daqui a pouco. Saiu. — E você sabe que maneira é essa — declarou Miss Jenny. — Se você não tiver fibra...

— Saberei se tenho quando você me contar qual a outra maneira — disse Horace.

— Voltar para Belle — replicou Miss Jenny. — Voltar para casa.

O assassino negro ia ser enforcado sem pompa, enterrado com simplicidade. Uma noite estaria cantando na janela da cadeia, bradando em meio à estrelada escuridão de uma noite de maio; na seguinte teria partido, deixando a janela para Goodwin. O julgamento deste fora designado para a sessão de junho, sem fiança. Mesmo assim não queria que Horace aludisse à presença de Popeye na cena do crime.

— Já lhe disse que eles não têm provas contra mim — declarou Goodwin.

— Como sabe que não?

— Bom, seja o que for que eles pensarem que têm contra mim, existe uma probabilidade a meu favor, no julgamento. Mas, que se saiba em Memphis que eu disse que ele estava lá por perto, que probabilidade pensa você que eu teria de voltar para esta cela, após o meu depoimento?

— Você tem a seu lado a lei, a justiça, a civilização.

— Certo; se eu quiser passar o resto da minha vida acorrido naquele canto. Venha cá — disse, levando Horace para a janela. — Há, naquele hotel, cinco janelas que dão para este lado. Eu vi aquele homem acender fósforos com uma pistola a vinte pés de distância. Com os diabos, eu não conseguiria voltar a esta cela, após meu depoimento.

— Mas existe uma coisa que se chama obstr...

— Obstruir o diabo! Eles que provem que fui eu. Tommy foi encontrado no telhado, tendo sido alvejado pelas costas. Eles que apresentem a arma. Eu fiquei lá, esperando. Podia ter fugido. Fui eu que avisei o delegado. Verdade que o fato de lá estar sozinho com Ruby e Pap deve ter causado má impressão. Mas, se fosse uma mis en scène, o bom senso não lhe diria que eu poderia ter inventado coisa melhor?

— Você não está sendo julgado pelo bom senso — declarou Horace. — Está sendo julgado por um júri. — Então eles que se arrumem. Nada mais direi. O morto estava no telheiro, sem ter sido tocado; eu, minha mulher, o bebê e Pap em casa;

nada foi tocado, em casa; eu mesmo mandei avisar o delegado. Não, não; sei que deste modo tenho uma probabilidade. Mas, abra eu a boca a respeito daquele sujeito, e estou perdido. Sei o que me espera.

— Mas você ouviu o tiro — disse Horace. — Você já me contou isso.

— Não. Não ouvi — replicou Goodwin. — Não ouvi nada. Não sei de nada...

Quer esperar um pouco lá fora, enquanto converso com Ruby?

Passaram-se mais de cinco minutos, antes de Ruby ir procurar Horace.

— Há nisso algo que ainda não sei — disse ele. — Algo que você e Lee ainda não me contaram. Ele acabou de preveni-la, para que não me contasse. Não é verdade? A mulher caminhou ao lado dele, levando a criança. Esta ainda choramingava de vez em quando, tendo movimentos convulsos. Ruby procurou acalmá-la, embalando-a.

— Talvez você a carregue demais ao colo — continuou Horace. — Se pudesse deixá-la no hotel... — Lee deve saber o que está fazendo — disse a mulher. — Mas o advogado deve conhecer todos os fatos. É ele quem deve decidir o que dizer e o que não dizer. Do contrário, para que advogado? É o mesmo que pagar o dentista para tratar os dentes e depois não permitir que examine a boca; percebe? Não é assim que a gente trata o dentista, ou o médico.

Ela nada disse, a cabeça ainda inclinada sobre o filho que gemia. — Psiu — disse ela. — Quietinho, agora. — E, pior ainda, há o que se chama obstruir a ação da justiça. Suponhamos que Lee jure que não havia lá ninguém; suponhamos que o caso esteja a ponto de ser julgado improcedente — no que não acredito — e de repente aparece alguém que tenha visto Popeye nas imediações, ou o seu carro saindo de lá. E, aí, dirão: "Se Lee não contou a verdade a respeito de coisinha tão insignificante, como acreditar nele quando sua vida corre perigo?"

Chegaram ao hotel. Horace abriu a porta. A mulher não olhou para ele. — Lee deve saber o que está fazendo — disse ela, entrando. A criança soltou um gemido fraco, agoniado.

— Psiu — disse a mulher. — Psiiuu. Isom fora buscar Narcisa numa festa. Era tarde, quando o carro parou na esquina e apanhou Horace. Começavam a acender-se algumas luzes. Os homens já se dirigiam para o largo, após a ceia, mas era ainda cedo para o assassino negro começar a cantar. — E ele que trate de cantar depressa — disse Horace. — Só tem mais dois dias.

Mas o homem não estava na janela. A cadeia dava para oeste. Um último reflexo cor-de-cobre caía sobre as feias grades e sobre pequena e pálida mancha — a mão de alguém. Na brisa leve, tênue fio de fumaça azul flutuou, dissolvendo-se lentamente.

— Como se não bastasse ela ter o marido preso, sem que aquele pobre negro contasse seus últimos momentos entoando a plenos pulmões... — Talvez eles esperem, para enforcar os dois ao mesmo tempo — disse Narcisa. — Às vezes fazem isto, não fazem?

Aquela noite, Horace acendeu um foguinho na lareira. Não fazia frio. Ele agora só usava um quarto, pois fazia as refeições no hotel; o resto da casa estava novamente fechado. Tentou ler; depois desistiu e foi para a cama, vendo o fogo morrer na lareira. Ouviu o relógio da cidade bater meia-noite. "Quando tudo isso tiver passado, creio que vou para a Europa", pensou. "Estou precisando de uma mudança. Eu, ou o Mississipi. Um de nós dois." Talvez alguns homens ainda estivessem reunidos ao longo da cerca, já que era aquela a última noite do negro assassino. Seu vulto atarracado, de cabeça pequena, ainda estaria agarrado às grades, como gorila, cantando. Sobre sua sombra, sobre o buraco axadrezado da janela, passaria e repassaria funebremente a sombra retalhada da árvore-do-paráiso, que deixara tombar na calçada sua última e viscosa flor. Horace virou-se de novo, na cama. "Deviam limpar aquela maldita porcaria da calçada", pensou. "Diabo. Diabo." Dormia profundamente na manhã seguinte, pois só pegara no sono de madrugada. Acordou com uma batida à porta. Eram seis e meia. Foi até a porta. O porteiro negro do hotel ali estava.

— Que foi? — perguntou Horace. — Aconteceu alguma coisa com Mrs. Goodwin?

— Ela mandou chamá-lo — disse o negro.

— Diga que estarei lá em dez minutos.

Quando entrou no hotel, passou por um rapaz com uma valise preta, dessas que os médicos costumam carregar. Horace subiu. A mulher estava na porta entreaberta, olhando para o hall, lá em baixo. — Finalmente arranjei médico — disse ela. — Mas de qualquer maneira eu queria.

A criança estava na cama, de olhos fechados, vermelha e transpirando, as mãozinhas fechadas acima da cabeça, em atitude de crucificada, com a respiração curta e sibilante. — Ele passou mal a noite toda. Saí para comprar remédio e até de madrugada estive procurando acalmá-lo. Finalmente arranjei um médico. Ruby estava de pé, ao lado da cama, olhando a criança.

— Havia lá na casa uma mulher — disse. — Uma mocinha.

— Uma... — disse Horace. Oh! — exclamou. — É melhor me contar isso direito.

Popeye guiava rapidamente, mas sem pressa exagerada ou ar de fuga, fazendo o carro entrar na estrada de terra batida e depois na estrada arenosa. Temple ia a seu lado. O chapéu estava para trás da cabeça, os cachos úmidos fugindo sob a aba amarrotada. Tinha no rosto expressão de sonâmbula, enquanto ia molemente de um lado ao outro do carro. Caiu contra Popeye, erguendo a mão, em leve reflexo de defesa. Sem largar a direção, ele empurrou-a com o cotovelo. "Firme-se direito", disse. "Vamos, firme-se." Antes de chegar à árvore caída, passaram pela mulher, na estrada. Ela se afastara para um lado, com a criança nos braços, a barra da saia dobrada sobre o rostinho miúdo. Olhou para eles serenamente, por debaixo do desbotado chapéu contra o sol, e desapareceu rapidamente do campo visual de Temple, sem fazer um movimento, um sinal. Quando chegaram à árvore, Popeye tirou o carro da estrada e, com um rumor de galhos quebrados, enfiou-o pelos abrolhos e pela copa tombada, fazendo-o em seguida voltar à estrada com um estilhaçar de hastes, como fuzilaria numa trincheira. Ao lado da árvore estava o carro de Gowan, também caído. Temple olhou vaga e estupidamente para o carro, que logo desapareceu. Popeye tomou novamente a estrada arenosa, sempre sem ar de fuga, e sim com certa maldosa petulância — nada mais que isso. O carro era possante. Mesmo na areia, fazia quarenta milhas por hora e assim também no estreito desfiladeiro que levava à estrada principal. Ali, tomou a direção do norte. Sentada a seu lado, firmando-se contra solavancos que já haviam sido substituídos pelo crescente e macio chiar do saibro, Temple olhava estupidamente à frente, enquanto a estrada que ela atravessara na véspera fugia sob as rodas, como um carretel. Sentia o sangue correr sob o vestido. Estava largada no canto do banco, observando a paisagem desenrolar-se em sentido inverso -largos campos de pinheiros entremeados de noveleiros; junças; campos verdes, devido ao algodão novo, e completamente estáticos, tranquilos como se domingo fosse uma qualidade de atmosfera, de luz e sombra. Ia sentada, no canto, de pernas unidas, ouvindo o tépido e incessante fluxo de sangue e dizendo, estupidamente, de si para si: "Ainda estou perdendo sangue, ainda estou perdendo sangue".

Era um dia alegre, suave. Manhã exuberante, com aquela milagrosa limpidez de maio, encerrando a promessa de um cáldo meio-dia; no alto, grossas nuvens, semelhantes a flocos de creme batido, flutuavam levemente como reflexos num espelho, as sombras caminhando pela estrada com afetada lentidão. Fora uma primavera precoce. As árvores frutíferas, as de níveas flores tinham folhas miúdas,

mesmo na floração; não haviam atingido a brilhante brancura da última primavera. Os noveleiros também floresceram plenamente depois das folhas, tendo murchado antes de atingir completo desenvolvimento. Mas os lilases, as glicínias, até mesmo as árvores-do-paráiso, nunca tinham sido mais belas, mais refulgentes, com um acre perfume que podia ser sentido a cem jardas, na fragrante atmosfera de abril e maio. As primaveras, contra as varandas, eram grandes como bolas de basquetebol, equilibrando-se com a leveza de bolas de gás. Olhando, com ar vazio e estúpido, a estrada à sua frente, Temple começou a gritar. Primeiro um gemido, que cresceu e foi subitamente interrompido pela mão de Popeye. Com as mãos no colo, tesa, ela gritou, sentindo nos lábios a aspereza dos dedos dele, enquanto o carro diminuía a velocidade, rangendo no saibro. Popeye pegou-a então pela nuca; ela ficou imóvel, a boca redonda e aberta como caverna vazia. Popeye sacudiu-lhe a cabeça.

— Cale a boca — disse. — Cale a boca. Veja a sua cara.

Com a outra mão ele empurrou o espelho e Temple viu o seu reflexo, o chapéu mal colocado, os cabelos em desalinho e a boca aberta. Começou a remexer nos bolsos do casaco, olhando o espelho. Popeye soltou-a e ela encontrou então o porta-pó. Abriu-o e mirou-se no espelhinho, ainda gemendo um pouco. Empoou o rosto, passando batom nos lábios e endireitando o chapéu, gemendo enquanto olhava o espelhinho no seu colo. Popeye observava-a. Acendeu um cigarro e perguntou: — Não tem vergonha?

— Ainda está correndo — choramingou ela. — Sinto que está.

Com o batom no ar, olhou para Popeye e abriu de novo a boca. Ele agarrou-a pela nuca. — Pare com isso. Vai calar a boca?

— Vou — disse ela.

— Pois cale-se, então. Vamos, Arrume-se logo. Ela guardou o porta-pó.

Popeye deu de novo a partida no auto. A estrada começou a encher-se de carros de passeio — pequenos Ford e Chevrolet; de vez em quando um carro maior, deslizando rapidamente, com mulheres de echarpes, e cestas empoeiradas; caminhões repletos de camponeses que pareciam de madeira esculpida; de vez em quando uma carroça ou charrete. Num morro diante de uma velha igreja de madeira, o pequeno bosque estava cheio de cavalos peados, e carros e carroças fora de uso. As florestas foram substituídas por campos; as casas tornaram-se menos raras. No horizonte, bem baixo, sobre tetos e uma ou outra torre, alongava-se uma listra de fumaça. O asfalto substituiu o saibro. Entraram em Dumfries. Temple começou a olhar à volta, como quem acorda de um sonho.

— Aqui não! — exclamou. — Não posso.

— Cale a boca — disse Popeye.

— Não posso... Talvez... — choramingou ela. — Estou com fome. Não como desde...

— Ah, você não está com fome. Espere até chegarmos à cidade. Ela olhou à volta, com expressão atordoada. — Pode haver gente aqui...

Popeye dirigiu o carro para uma bomba de gasolina. — Não posso descer — choramingou Temple. — Ainda está correndo, já lhe disse.

— Quem a mandou descer? — Popeye desceu e olhou-a por cima do volante. Depois: — Não saia daí.

Ela o viu subir a rua e entrar numa feia confeitaria. Popeye comprou um maço de cigarros e enfiou um cigarro na boca. — Dê-me uma barra de chocolate — disse.

— De qual?

— De chocolate — disse ele. Sob uma cobertura de vidro, havia no balcão um prato de sanduíches. Ele tirou um, jogou um dólar sobre o balcão e virou-se para a porta. — Está aqui o troco — avisou o empregado.

— Guarde-o — disse Popeye. — Assim ficará rico mais depressa.

Quando chegou ao carro, notou que estava vazio. Parou a dez pés de distância e passou o sanduíche para a mão esquerda, o cigarro apagado enviesado no queixo. O mecânico, de borracha na mão, viu-o e com o polegar fez um sinal em direção ao ângulo do prédio. Além do ângulo, a parede tinha uma reentrância. No nicho havia uma barrica, cheia pela metade de pedaços de metal e borracha. Temple estava encolhida entre a barrica e a parede.

— Ele quase me viu! — murmurou ela. — Ele estava olhando quase que diretamente para mim!

— Quem? — perguntou Popeye, olhando a rua. — Quem a viu?

— Ele vinha na minha direção! Um menino. Um colegial. Ele estava olhando diretamente...

— Vamos. Saia daí.

— Ele estava olhan...

Popeye segurou-a pelo braço. Ela encolheu-se, sacudindo o braço que ele segurava, o rosto pálido espichando-se para olhar pelo ângulo do prédio. — Venha, agora — disse Popeye. No momento seguinte, segurava-a pela nuca.

— Oh... — gemeu Temple, em voz abafada. Foi como se ele a erguesse lentamente, retesada, com aquela única mão. Não houve outro movimento entre eles. Lado a lado, quase da mesma altura, tinham o decoro de dois conhecidos que estivessem fazendo tempo, antes de entrar na igreja.

— Você vem? — perguntou ele. — Vem?

— Não posso. Desceu até minha meia, agora. Olhe. Ergueu ligeiramente a saia, com gesto tímido; deixou-a depois cair novamente, o torso arqueado para trás, a boca aberta silenciosamente, quando ele a agarrou. Popeye soltou-a. — Você vem, agora?

Temple saiu do esconderijo atrás da barreira. Popeye tomou-lhe o braço. — Manchou o meu casaco — disse Temple. — Veja.

— Está tudo em ordem. Eu lhe compro outro casaco amanhã. Vamos.

Voltaram para o carro. Na esquina, de novo Temple parou. — Você está querendo mais, não está? — murmurou ele, sem tocá-la. — Não está?

Temple continuou o seu caminho e entrou silenciosamente no carro. Popeye se pôs ao volante. — Tome, trouxe-lhe um sanduíche — disse ele. Tirou do bolso o sanduíche e entregou-o a Temple. — Vamos, coma.

Ela deu uma mordida, obedientemente. Popeye ligou o motor, tomando a estrada de Memphis. Com o sanduíche na mão, parando de mastigar, de novo ela abriu a boca, com aquela infantil expressão arredondada, de franco desespero. De novo a mão de Popeye largou a direção, segurando Temple pela nuca. Ela ficou imóvel, olhando fixamente para ele, de boca aberta, a massa de comida sobre a língua. Chegaram em Memphis na metade da tarde. Ao pé da colina, abaixo da rua principal, Popeye virou o carro para uma rua estreita. Ali se viam enfumaçadas casas de madeira com terraços, construídas um pouco para dentro, em terrenos áridos, onde de quando em quando se erguia tristonha árvore, de alguma pobre espécie. Esquálidas magnólias podadas, um olmo enfezado, ou alfarrobeira de flores cinzentas e cadavéricas, perdidas entre fundos de garagens; um monte de lixo, num terreno baldio. Numa espécie de caverna, de porta baixa e equívoca aparência, surgiram um balcão coberto por oleado, uma fileira de banquetas altas, uma máquina de fazer café e um homem gordo, de avental sujo e palito na boca — saindo por um momento da penumbra, produzindo o efeito de fotografia sinistra, sem sentido e mal revelada. Da colina, além de uma fileira de edifícios de escritórios nitidamente recortados contra o céu ensolarado, chegou um ruído de tráfego — buzinas, carruagens, passando alto, na brisa do rio. No fim da rua, no estreito vão, surgiu um bonde, como que por encanto, passando fragorosamente. No balcão de um segundo andar, uma negra em trajes menores fumava taciturnamente, com os braços na balaustrada. Popeye fez o carro parar diante de uma feia casa de três andares, cuja entrada estava oculta por um cubículo gradeado, meio torto. No gramado sujo diante dele havia dois cães brancos, daquele tipo felpudo, vermicular; um com fita rosa no pescoço, outro com fita azul, movendo-se preguiçosamente. À luz do sol, davam impressão de ter sido lavados com gasolina. Mais tarde, Temple iria ouvi-los do lado de fora de sua porta,

choramingando ou brigando. Entrariam de supetão, quando a empregada negra abrisse a porta, subindo na cama e ali se esparramando, ou indo para o colo de Miss Reba, com ruídos asmáticos, parecendo aumentar o volume dos opulentos seios de Miss Reba e lambendo a caneca de metal que, enquanto falava, ela agitava na mão cheia de anéis.

— Qualquer pessoa em Memphis pode dizer-lhe quem é Miss Reba Rivers. Pergunte a qualquer homem na rua, polícia ou não. Recebi aqui nesta casa alguns dos homens mais importantes de Memphis, banqueiros, advogados, médicos — todos eles... Dois capitães de polícia, tomando cerveja na minha sala de jantar; e o próprio comissário lá em cima, com uma das moças. Os capitães ficaram bêbados e arrombaram a porta, encontrando-o nu, dançando uma dança escocesa. Um homem de cinquenta anos, de seis pés de altura, com cabeça de amendoim. Era um bom sujeito. Ele me conhecia bem. Todos eles conhecem Reba Rivers. Gastaram dinheiro aqui, como água. Se gastaram! Eles me conhecem. Nunca traí ninguém. Tomou um gole de cerveja, respirando pesadamente dentro da caneca; a outra mão, cheia de brilhantes amarelos do tamanho de pedregulhos, perdida nos seios volumosos.

Seu menor movimento parecia realizado por um gasto de fôlego completamente desproporcionado ao prazer que o movimento lhe pudesse causar. Assim que entraram em casa, começou a falar a Temple de sua asma, subindo a escada na frente deles, ofegante, com passos pesados, os pés dentro de surradíssimos chinelos, levando um terço de madeira numa das mãos e a caneca de cerveja na outra. Acabava de chegar da igreja. Trajava um vestido de seda preta e um chapéu extravagantemente florido; a parte de baixo da caneca ainda transpirava, devido à bebida gelada. Movia-se pesadamente, balançando as gordas cadeiras, os dois cães no seu encalço. Ia conversando por sobre o ombro, em voz áspera, ofegante, maternal.

— Popeye não podia ter escolhido melhor casa do que a minha para trazê-la. Tenho-o atormentado há... há quantos anos insisto com você para arranjar uma garota, meu bem? Estou sempre dizendo: um rapaz pode tanto viver sem uma como... — Ofegante, ela vociferou contra os cães, parando para tocá-los para um lado.

— Saíam do caminho — disse, brandindo o terço.

Eles rosnaram, com seu selvagem falsete, mostrando os dentes. Ela apoiou-se à parede, exalando um vago hálito de cerveja, a mão no peito, expressão de terror nos olhos enquanto procurava normalizar a respiração. A caneca erguida brilhou fracamente na penumbra, como prata fosca. A estreita escada voltava-se sobre si própria, numa sucessão de breves lanços. A luz, passando através de uma porta

pesadamente encortinada, na frente, e de uma janela fechada, atrás — em cada patamar — tinha uma qualidade sobrenatural. Qualidade gasta, defunta, exausta — um prolongado cansaço, como água estagnada, longe da luz do sol e dos claros e vívidos rumores que pertencem ao dia. Pairava no ar um fastidioso cheiro de refeições feitas em horas irregulares, com leve odor de álcool. Apesar de sua ingenuidade, ao passar diante daquelas portas silenciosas, Temple sentiu-se cercada de uma vaga promiscuidade de indumentária íntima, de discretos murmúrios de carne prostituída, sempre procurada e sempre inexpugnável. Atrás dela, perto de seus pés e dos de Miss Reba, os dois cães brincavam, as unhas tilintando nas barras de metal que prendiam a passadeira à escada. Mais tarde, deitada na cama, uma toalha enrolada no ventre nu, ela ouviu os cães farejando e choramingando do lado de fora. Seu casaco e chapéu estavam dependurados em pregos atrás da porta, os sapatos e as meias numa cadeira. Pareceu-lhe ouvir o gorgolejar de uma pia. De novo ela se debateu, numa ânsia de ocultar-se, como quando lhe tinham tirado as calças.

— Ora, ora — disse Miss Reba.

— Perdi sangue durante quatro dias.

— Não é nada. O Dr. Quinn dará um jeito nisto em dois minutos e Minnie lavará suas roupas, de modo que você nunca mais se lembrará disso. Esse sangue valerá mil dólares para você, meu bem. — Ergueu a caneca; as flores do chapéu inclinaram-se em macabra saudação. — Nós, pobres mulheres! — exclamou.

As cortinas cerradas, enrugadas em centenas de pontos, como pele de gente velha, estremeceram ligeiramente na brilhante atmosfera, deixando penetrar no quarto, em ondas fracas, os rumores do tráfego dominical — festivo, contínuo, evanescente. Temple ficou imóvel na cama, de pernas estendidas e fechadas, as cobertas até o rostinho miúdo e pálido, emoldurado pela rica cabeleira solta. Miss Reba abaixou a caneca, esforçando-se por respirar melhor. Com sua voz rouca, fraca, começou a dizer a Temple que devia considerar-se feliz. — Todas as moças do distrito têm tentado agarrá-lo, meu bem. Há uma, uma casadinha, que de vez em quando vem cá e ofereceu a Minnie vinte e cinco dólares só para fazê-lo entrar no quarto. Mas pensa que ele jamais se dignou olhar para uma delas? Moças que chegaram a ganhar cem dólares numa noite. Não, senhor. Gasta dinheiro a rodo; mas pensa você que ele se digna olhar para uma delas, a não ser para dançar? Eu sempre soube que ele nunca escolheria uma dessas prostitutas vulgares. Aquela que o pegar terá brilhantes, dizia eu, mas não será nenhuma vagabunda como vocês. E agora Minnie vai lavar e passar sua roupa, e nada se perceberá.

— Não posso usar mais essas roupas — murmurou Temple. — Não posso.

— E nem precisará, se não quiser. Pode dá-las a Minnie. Só que não sei o que Minnie fará com elas, a não ser talvez...

Perto da porta, os cães começaram a gemer mais forte. Ouviu-se o som de passos. Abriu-se a porta. Entrou uma criada preta, com uma bandeja, onde vinham meia garrafa de cerveja e um copo de gim. Os cães entraram com ela, farejando-lhe os pés. — Amanhã as lojas estarão abertas e você e eu iremos fazer compras, conforme ele disse — continuou Miss Reba. — Pois é como já tenho dito: a moça que o pegar terá brilhantes. Espere até ver se eu não...

Virou-se, imensa, de caneca erguida. Os dois cães pularam para a cama e para o colo dela, rosnando um para o outro. Nos focinhos informes, os olhos redondos como contas tiveram um brilho feroz, as bocas se abriram, rosadas, sobre dentes afilados.

— Reba! — gritou Miss Reba. — Para baixo! E você também, Mr. Binford! — Empurrou-os para baixo. Eles rosnaram perto das mãos da dona. — Você que me morda e... — Virou-se para a empregada e perguntou: — Você trouxe para Miss... Como é mesmo o seu nome, meu bem? Não peguei direito.

— Temple — murmurou a moça.

— Refiro-me ao seu primeiro nome, meu bem. Aqui não se faz cerimônia.

— É esse mesmo. Temple. Temple Drake.

— Você tem nome de homem, não é?... As roupas de Miss Temple já estão lavadas, Minnie?

— Sim, senhora — disse a empregada. — Estão secando atrás do fogão.

Adiantou-se com a bandeja, empurrando para um lado os cães, que rosnaram perto dos seus pés.

— Lavou direito?

— Levei bastante tempo — disse Minnie. — Nunca vi sangue tão difícil de sair...

Com um movimento convulso Temple escorregou na cama, escondendo o rosto sob as cobertas. Miss Reba colocou a mão de leve sobre ela. — Ora, ora, ora. Beba isto aqui. Beba por minha conta. Não quero que uma pequena de Popeye...

— Não quero mais — disse Temple.

— Ora, ora, — disse Miss Reba. — Beba, que se sentirá melhor.

Ergueu a cabeça de Temple. Essa puxou as cobertas mais ainda para o pescoço. Miss Reba levou o copo aos lábios da moça. Temple engoliu, enfiando-se de novo na cama, agarrada às cobertas. — Garanto que você desarranjou essa toalha — disse Miss Reba, pondo a mão sobre as cobertas. — Não — murmurou Temple. — Está bem. Ainda está no lugar.

Encolheu-se, medrosa. Podia-se ver a contração das pernas sob as cobertas.

— Você falou com o Dr. Quinn, Minnie? — perguntou Miss Reba.

— Sim senhora.

Minnie vertia cerveja na caneca, e a espuma ia marcando a ascensão do líquido. — Ele disse que não faz visitas no domingo — continuou Minnie.

— Volte lá e diga àquele... Diga que eu... Não; espere. — Miss Reba ergueu-se pesadamente e continuou: — Mandar-me tal recado! Isso bastaria para metê-lo na cadeia por três dias...

Dirigiu-se para a porta, os cães precipitando-se à volta de seus chinelos de feltro. A criada acompanhou-os, fechando a porta. Temple ouviu Miss Reba amaldiçoar os cães, ao descer com incrível lentidão a escada. Finalmente o som desapareceu. As cortinas balançavam-se continuamente nas janelas, produzindo leves rangidos. Temple percebeu o ruído de um relógio. Viu-o sobre o beiral da lareira cheia de papéis verdes. O relógio era de porcelana florida, sustentado por quatro ninfas, também de porcelana. Tinha somente um ponteiro dourado e em forma de arabesco, parado entre o número dez e onze, como se o mostrador, inexpressivo a não ser por isto, quisesse afirmar, sem possibilidade de equívoco, que nada tinha a ver com o tempo. Temple ergueu-se da cama. Segurando a toalha à volta do corpo, esgueirou-se até a porta, à escuta, não enxergando bem, devido ao esforço concentrado que fazia para ouvir. Era a hora do lusco-fusco. Num nublado espelho transparente oblongo de crepúsculo colocado de esguelha — ela se viu como espectro esguio, pálida sombra movendo-se na mais profunda sombra... Alcançou a porta. Imediatamente começou a ouvir uma centena de sons contraditórios que convergiam para uma única ameaça. Agarrou-se convulsamente à porta, até encontrar o trinco, e para fazê-lo correr deixou cair a toalha. Apanhou-a novamente, de rosto virado, e correu para a cama, puxando as cobertas até o queixo e ali ficando, ouvindo o íntimo murmúrio do seu sangue. Bateram durante algum tempo à porta, antes de conseguir dela qualquer resposta.

— É o médico, meu bem — disse Miss Reba, ofegante. — Vamos. Seja boazinha.

— Não posso — respondeu Temple numa vozinha fraca. — Estou na cama.

— Ora, vamos. Ele quer tratar de você. — Miss Reba respirou asperamente, como da primeira vez, e continuou: — Meu Deus, se ao menos eu pudesse respirar direito. Não respiro direito desde...

— Meu bem...

Temple ouvia os cães farejando sob a porta. Levantou-se, segurando a toalha em volta do corpo. Foi até a porta, silenciosamente.

— Meu bem — tornou Miss Reba.

— Espere — disse Temple. — Espere até eu voltar para a cama.

— Assim é que está sendo boazinha — disse Miss Reba. — Eu sabia que ela ia ser boazinha.

— Conte até dez — disse Temple. — Quer contar, agora? — pediu, apoiada à porta.

Puxou o trinco silenciosamente, virou-se e voltou apressadamente para a cama. O médico era um sujeito gorducho, com ralos cabelos ondulados. Usava óculos de tartaruga, que lhe não mudavam a expressão dos olhos, como se não tivessem grau e fossem usados apenas para impressionar. Temple observou-o por sobre as cobertas, segurando-as até o pescoço.

— Faça todo mundo sair — disse ela. — Faça.

— Ora, ora — disse Miss Reba. — Ele vai curá-la.

Temple continuou agarrada aos lençóis. — Se a mocinha me der licença... — começou o médico.

Seus cabelos iam-se tornando mais ralos da testa para diante. A boca murchava nos cantos, os lábios eram cheios, úmidos e vermelhos. Por detrás dos óculos, os olhos de um castanho metálico pareciam rodinhas de bicicleta a grande velocidade. Ele adiantou a mão grossa, branca, ornada de um anel maçônico e coberta, até a segunda falange, por ruiva penugem. Um sopro de ar frio percorreu o corpo de Temple, abaixo das coxas. Ela estava de olhos cerrados. Deitada de costas, de pernas fechadas, começou a chorar, desesperada e passivamente, como criança na sala da espera de um dentista.

— Ora, ora — murmurou Miss Reba. — Tome outro traguinho de gim, meu bem. Você se sentirá muito melhor.

A persiana, colocada em forma de cortina, com o vento de vez em quando batia de leve contra a janela, deixando o luar penetrar em ondas lânguidas. Cor-de-fumo, o luar entrava no quarto, através da persiana, em lentos sopros, como os sinais luminosos usados na Marinha, assim realçando a magia da hora. As figuras de porcelana que sustentavam o relógio brilhavam em macias flexões: o joelho, o cotovelo, o flanco, o braço, o seio tinham atitudes de voluptuosa lassidão. O vidro do mostrador, que se tornara semelhante a um espelho, parecia reter os relutantes restos de luz; contendo, na sua tranquila profundidade, um calmo gesto de tempo moribundo, feito com um só braço, como veterano de uma guerra. Dez e meia. Temple continuou na cama, olhando o relógio, pensando em dez e meia. Usava uma camisola larga demais, de crepe cor-de-cereja, que surgia negra contra o lençol. Os cabelos soltos, agora penteados, pareciam negros. O rosto, pescoço e braços, sobre as cobertas, eram cinzentos. Depois que os outros saíram ela ficou durante algum tempo com a cabeça escondida sob o lençol. Assim continuou até ouvir fechar-se a porta, até se apagar o som dos passos que desciam a escada, da

voz do médico que se exprimia com volubilidade, da respiração ofegante de Miss Reba. Sons que adquiriram, no sombrio saguão, a cor do luar, e desapareceram. Depois Temple pulou da cama e foi até a porta, fazendo correr o trinco.

Voltou à cama e se cobriu, inclusive a cabeça, ficando ali encolhida até faltar ar. Derradeiros reflexos cor de açafrão tingiam o teto e a parte das paredes onde se viam as sombras de paliçada da avenida, que a oeste se erguia contra o céu. Ela viu-os desaparecer, consumidos pelos sucessivos bocejos da cortina. Viu também a última luz condensar-se na parte fronteira do relógio e o mostrador passar, no escuro, de orifício redondo a disco suspenso no nada, no primitivo caos, e mudar depois para bola de cristal que continha, na sua tranquila e misteriosa profundidade, o caos ordenado do mundo complicado e sombrio sobre cujos flancos, marcados de cicatrizes, as velhas feridas rolam vertiginosamente para a frente, mergulhando na escuridão onde se escondem novos desastres. Ela pensava em dez e meia. Hora de preparar-se para um baile — isso para quem era bastante popular para poder desprezar a pontualidade. A atmosfera estaria impregnada do vapor de banhos recentes, e haveria talvez uma nuvem de pó-de-arroz pairando sobre a luz, como poeira num celeiro. E as moças olhando-se, comparando-se, querendo saber se impressionariam mais se pudessem aparecer no salão como estavam no momento. Algumas diziam que não, principalmente as que tinham pernas curtas. Outras eram bem feitas, mas não falavam sobre o assunto. Não explicavam por quê. A pior de todas disse que os rapazes achavam todas as moças feias, a não ser quando estavam vestidas. Disse que a Serpente vira Eva durante muitos dias, e não lhe dera atenção, até Adão obrigá-la a usar uma folha de parreira. "Como é que você sabe?", perguntaram as outras.

E a moça respondeu que a Serpente lá estava antes de Adão, porque fora expulsa do Paraíso em primeiro lugar; lá estava, o tempo todo. Mas não fora sobre isso que as outras tinham perguntado, de modo que insistiram: "Como é que você sabe?"... e Temple reviu a moça contra o penteador, e as outras em círculo à sua volta, de cabelos penteados e ombros recendendo a sabonete, e a nuvem de pó-de-arroz no ar, e os olhos de todas elas parecendo lâminas, a ponto de a gente quase poder ver a carne da moça onde os olhos das outras a tocavam. Temple lembrava-se dos olhos dela, no rosto feio, e corajoso, e amedrontado, e desafiador, enquanto as outras perguntavam: "Como é que você sabe?". Até que ela acabou contando, erguendo a mão e jurando que era verdade. Fora aí que a mais nova de todas saíra correndo. Fora trancar-se no banheiro e as outras a tinham ouvido vomitar. Temple pensou agora em dez e meia da manhã. Domingo de manhã, e os pares dirigindo-se para a igreja. Lembrava-se que ainda era domingo, o mesmo domingo, enquanto olhava o gesto tranquilo e pálido do ponteiro do relógio. Talvez a hora marcada por

aquele relógio fosse dez e meia de hoje de manhã. "Então não estou aqui", pensou. "Esta pessoa não sou eu. Então estou na escola. Tenho hoje encontro marcado com..." E pensou no estudante com quem tinha encontro marcado. Mas não podia lembrar-se de quem era. Marcava os encontros no livro de latim, para não ter que se preocupar com o nome. Bastava ela vestir-se, e logo depois alguém aparecia para buscá-la. "De modo que é melhor eu me levantar e vestir", pensou Temple, olhando o relógio. Levantou-se e atravessou silenciosamente o quarto. Observou o mostrador do relógio, mas, embora pudesse ver tremular debilmente sobre ele um deformado jogo de luz e sombra, em geométrica miniatura, não pôde ver o próprio reflexo. É esta camisola, pensou, olhando os braços; os seios saíam da mortalha solta sob a qual os dedos do pé espiavam, à medida que ela andava. Correu de novo o trinco, voltou para a cama e deitou-se, com os braços à volta da cabeça. Havia ainda um pouco de luz no quarto. Percebeu o ruído do relógio; já fazia algum tempo que o ouvia. Descobriu que a casa estava cheia de ruídos que se insinuavam no aposento, abafados, indistinguíveis, como que vindos de muito longe. Em algum ponto da casa soou uma campainha, fraca e estridentemente; alguém subiu as escadas com um farfalhar de saias. Os passos passaram pela porta de Temple, subiram um lanço de escadas e pararam. Ela ficou ouvindo o relógio. Um carro parou sob a janela, com um ranger de freios; de novo se ouviu a campainha, ao longe, com som estridente e prolongado. Ela percebeu que a fraca luz que ainda havia no quarto vinha de um lampião de rua. Compreendeu então que já era noite, e que lá fora a escuridão estava cheia dos rumores da cidade.

Ouviu os dois cães subirem as escadas, em furioso tumulto.

O ruído passou por sua porta. Eles ficaram quietos.

Tão quietos que Temple quase podia ouvi-los, encolhendo-se ali no escuro, contra a parede, vigiando a escada. "Um se chamava Mr. qualquer-coisa", pensou Temple, esperando ouvir os passos de Miss Reba. Mas não era Miss Reba. Eram passos muito leves e regulares. Abriu-se a porta. Os cães entraram como duas manchas informes, precipitaram-se sob a cama e ali se encolheram, choramingando.

— Vocês, cachorros! — disse a voz de Minnie. — Vocês vão me fazer derramar isto aqui.

Acendeu-se a luz. Surgiu Minnie, carregando uma bandeja. — Vim trazer-lhe a ceia — disse ela. — Onde estão os cachorros?

— Embaixo da cama — disse Temple. — Não quero comer.

Minnie colocou a bandeja na cama e olhou para Temple, com expressão compreensiva e tranquila no rosto simpático.

— Quer que eu... — disse, estendendo a mão.

Temple virou vivamente o rosto. Ouviu Minnie ajoelhar-se, acariciando os cães, e esses rosnarem, com guinchos asmáticos e bater de dentes.

— Saiam daí — disse Minnie. — Eles sabem o que Miss Reba faz quando resolve embebedar-se. Você, Mr. Binford!

Temple ergueu a cabeça, perguntando: — Mr. Binford?

— É o que tem fita azul — disse Minnie. Abaixando-se, estendeu os braços para os cães, que estavam contra a parede, na cabeceira da cama, rosnando, cheios de terror. — Mr. Binford era o amigo de Miss Reba — explicou Minnie. — Foi dono, aqui, durante onze anos até morrer, há dois anos. No dia seguinte, Miss Reba arranjou esses cães e chamou a um "Mr. Binford" e ao outro "Miss Reba". Todas as vezes que pretende ir ao cemitério, começa a beber como hoje à noite, e então os cães têm que sumir. Mas este aqui, Mr. Binford, não escapou da última vez. Ela jogou-o da janela do andar de cima; depois desceu e esvaziou o armário de Mr. Binford, atirando tudo fora, menos as roupas com que ele tinha sido enterrado, é claro.

— Oh — exclamou Temple. — Não é de admirar que eles tenham medo. Deixe que fiquem aqui. Não me incomodam.

— Creio que tenho mesmo que deixar. Mr. Binford não sairá deste quarto, se tiver um pouco de juízo. — Levantou-se de novo, olhando para Temple, e disse: — Coma isso aí. Logo se sentirá melhor. Trouxe também um traguinho de gim.

— Não quero nada — disse Temple, virando o rosto.

Ouviu Minnie sair do quarto e a porta fechar-se silenciosamente. Sob a cama, os cães encolheram-se contra a parede, com rígido e intenso terror. A luz dependurava-se no centro do teto, sob o quebra— luz de florido papel cor-de-rosa, que se tornara pardo no ponto onde quase tocava a lâmpada. Cobria o chão um tapete de desenhos marrons preso por tachinhas; nas paredes cor-de-azeitona havia duas litogravuras, com moldura. Nas janelas, cortinas de renda feita a máquina, cor de poeira, com listras de pó nas extremidades. O quarto inteiro tinha um ar de decoro indigesto e bolorento. No espelho ondulado de uma penteadeira em verniz barato, como numa poça de água estagnada pareciam deter-se cansados fantasmas, de gestos voluptuosos e morta concupiscência. A um canto, sobre um pedaço de gasto oleado preso ao tapete também por tachinhas, via-se um lavatório, com bacia florida, jarro, e uma fileira de toalhas. No ângulo da parede, atrás desse móvel, havia um balde, também coberto por florido papel cor-de-rosa. Embaixo da cama, os cães estavam silenciosos. Temple moveu-se ligeiramente; o seco gemido do colchão e das molas morreu no terrível silêncio em que eles se agachavam. Temple pensou neles: lanosos, informes, selvagens, petulantes, animados — vendo a pacata monotonia de suas vidas subitamente perturbada num incompreensível

momento de terror, temendo o sofrimento físico, infligido justamente pelas mãos que habitualmente simbolizavam para eles conforto e bem-estar. A casa estava povoada de sons. Indistinguíveis, remotos, chegavam-lhe com uma qualidade de despertar, de ressurreição, como se a casa, tendo estado adormecida, acordasse com a escuridão. Temple ouviu algo que poderia ter sido um estridente riso de mulher. Da bandeja subiram vapores com cheiro de comida. Ela virou-se e olhou, vendo pratos cobertos e descobertos de louça grossa. No meio, o copo de pálido gim, um maço de cigarros e uma caixa de fósforos. Ela apoiou-se sobre o cotovelo, agarrando a escorregadia camisola. Ergueu, na bandeja, as tampas dos pratos onde havia um bife grosso, batatas e ervilhas; pãozinhos; uma irreconhecível massa rosada de qualquer coisa que — talvez por eliminação — ela considerou como sobremesa. Puxou de novo para cima a escorregadia camisola, pensando nos colegas que comiam no refeitório, com alegre algazarra e tilintar de garfos; pensou no pai e nos irmãos, à mesa, em casa; pensou na camisola emprestada e em Miss Reba que dissera que iriam fazer compras no dia seguinte. "E só tinha dois dólares", pensou. Quando olhou para a comida, percebeu que não tinha fome, que nem mesmo olhar queria. Ergueu o copo e esvaziou — o, com uma careta, procurando agitadamente os cigarros. Quando ia riscar o fósforo, olhou de novo para a bandeja e pegou delicadamente nos dedos uma batata, comendo-a. Comeu mais uma, o cigarro apagado na outra mão. Depois largou o cigarro e apanhou o garfo e a faca. Começou a comer, parando de vez em quando para puxar para o ombro a camisola. Quando acabou, acendeu o cigarro. Ouviu de novo a campainha, e depois outra, de som diferente. Ouviu a batida de uma porta, após uma estridente frase em voz feminina. Duas pessoas subiram as escadas e passaram por sua porta. Ela ouviu a voz de Miss Reba, trovejando em algum ponto, e depois o seu esforço ao subir as escadas. Temple ficou olhando a porta até esta se abrir. Miss Reba apareceu de caneca na mão. Usava um vestido caseiro solto e um chapéu de viúva com véu. Chinelos de feltro florido. Embaixo da cama, os dois cães deixaram escapar um abafado gemido de absoluto desespero. O vestido de Miss Reba, desabotoado nas costas, pendurava-se frouxamente dos ombros. Uma das mãos, carregada de anéis, estava no peito e a outra mantinha a caneca erguida. A boca aberta, cheia de obturações a ouro, indicava a dificuldade que tinha em respirar.

— Oh meu Deus, oh meu Deus — disse ela.

Os cães saíram do esconderijo, precipitando-se loucamente para a porta. Quando passaram por Miss Reba, ela virou-se e jogou a caneca em cima deles. Esta foi bater na porta, manchando a parede e caindo com desolado clamor. A mulher respirou, silvando, com a mão agarrada ao peito. Aproximou-se da cama e olhou para Temple, através do véu.

— Éramos felizes como dois pombinhos — gemeu, engasgando, os anéis brilhando-lhe no opulento busto. — E ele havia de morrer e me deixar! — Silvou de novo, a boca aberta indicando a secreta tortura dos pulmões defeituosos. Nos olhos saltados, pálidos e redondos, havia expressão de dolorosa perplexidade. — Como dois pombinhos — disse em voz áspera, entrecortada.

De novo o tempo alcançara o gesto estático sob o vidro do relógio: também o relógio de Temple, na mesinha de cabeceira, marcava dez e meia. Durante duas horas ela ficara quieta, à escuta. Distinguia agora vozes lá em baixo. Estivera ouvindo-as durante algum tempo, ali deitada na embolorada solidão do quarto. Mais tarde, uma pianola começou a tocar. De vez em quando se ouviam os freios de um carro, na rua; em dado momento, um ruído de vozes que discutiam asperamente, sob a janela, subiu até ali. Ela ouviu duas pessoas — um homem e uma mulher — subirem as escadas e entrarem no quarto pegado ao seu. Depois ouviu Miss Reba subir com dificuldade a escada e passar por sua porta. Deitada na cama, de olhos abertos e parados, ouviu Miss Reba bater com a caneca de metal na porta contígua e falar através da madeira. O homem e a mulher ao lado estavam silenciosos, tão silenciosos que Temple de novo se lembrou dos cães, encolhidos contra a parede, embaixo da cama, naquela rígida fúria de terror e desespero. Ficou ouvindo a voz de Miss Reba, que gritava asperamente pela porta. A voz abafou-se numa crise de sufocamento, erguendo-se, depois, novamente, em grosseira blasfêmia. Do outro lado, o homem e a mulher continuavam silenciosos. Temple ficou olhando a parede, atrás da qual Miss Reba de novo ergueu a voz, batendo com a caneca na porta.

Temple não viu nem ouviu a porta de seu quarto abrindo.

Olhou por acaso para aquele lado, depois de algum tempo, ali vendo Popeye com seu chapéu enviesado sobre o rosto.

Ainda silenciosamente ele entrou e fechou a porta, correndo o trinco e dirigindo-se para a cama. Com igual lentidão Temple começou a encolher-se na cama, puxando as cobertas até o queixo, observando-o. Ele aproximou-se e olhou-a.

Ela contorceu-se lentamente, num movimento amedrontado, encolhendo-se, num isolamento tão completo como se estivesse amarrada ao campanário de uma igreja. Sorriu para Popeye, a boca deformada numa careta rígida, conciliadora, sobre a porcelana de seus dentes.

Quando Popeye pôs a mão nela, começou a se lamentar.

— Não, não... — murmurou. — Ele disse que não posso agora, ele disse...

Popeye puxou as cobertas e atirou-as para um lado. Ela ficou imóvel, de palmas para cima, o ventre contraído, com desejo louco de fugir, como pessoa tomada de pânico numa multidão. Quando Popeye avançou de novo a mão, Temple

pensou que ele fosse bater nela. Observando seu rosto, viu que começava a tremer e repuxar, como o de uma criança prestes a chorar. Popeye agarrou a parte de cima da camisola.

Ela pegou os pulsos dele e começou a se balançar de um lado ao outro, abrindo a boca para gritar, mas a mão de Popeye abateu-se sobre sua boca. Agarrando-lhe o pulso, debatendo-se de um lado para o outro, a saliva escorrendo por entre os dedos dele, Temple o viu agachar-se ao lado da cama, o rosto convulso acima do queixo inexistente, os lábios azulados para a frente, como se ele estivesse soprando sobre um prato de sopa quente, emitindo um som alto e lamentoso, como um cavalo. Do outro lado, a voz de Miss Reba, rouca e ofegante, encheu o saguão com um clamor de impropérios obscenos.

— Mas aquela moça... nada lhe aconteceu — disse Horace. — Você sabe que nada lhe tinha acontecido, quando você saiu de casa. E também quando a viu no carro, com ele. Ele estava apenas dando-lhe condução até a cidade.

Nada lhe aconteceu. Você sabe que nada lhe aconteceu.

A mulher estava sentada na beirada da cama, olhando o filho. Estava esse deitado sob o cobertor limpo e desbotado; as mãos para cima, perto da cabeça, como se tivesse morrido na presença de intolerável tortura que não tivera tempo de atingi-lo. Os olhos estavam entreabertos, mostrando somente o branco, cor-de-leite fraco. O rosto ainda estava úmido de suor, mas a respiração tornara-se mais suave. Tinham-se acabado os gemidos ofegantes, os chiados que Horace ouvira ao entrar no quarto. Numa cadeira ao lado da cama via-se um copo, cheio até a metade de uma água levemente descolorada, com uma colher dentro.

Pela janela aberta entravam os múltiplos ruídos do largo: carros, carroças, passos na calçada. Por ela Horace podia ver o Tribunal e alguns homens que jogavam, atirando dólares por entre buracos feitos no chão, sob as alfarrobeiras e os carvalhos.

A mulher queixava-se, falando por cima do menino.

— Ninguém a queria. Lee cansou-se de dizer que não levassem mulheres lá, e eu avisei a moça, antes do escurecer, que aquilo não era lugar para ela, e que se fosse embora. Foi aquele sujeito que a levou. Ele estava lá no alpendre com os outros, ainda bebendo, pois quando veio jantar não podia nem mesmo ter-se de pé. Nem mesmo tentara lavar o sangue do rosto. Rapazolas empomadados que acham que, pelo fato de Lee violar a lei, podem ir lá e tratar nossa casa como... Os adultos não valem grande coisa, mas pelo menos acham que comprar uísque é o mesmo que comprar qualquer outra mercadoria; os piores são os iguais a ele, os excessivamente jovens para compreender que ninguém infringe a lei por prazer. — Horace viu as mãos de Ruby se contraírem no colo. Ela continuou: — Céus, se dependesse de mim, eu enforcaria todo e qualquer homem que bebesse, fabricasse ou comprasse uísque. Todos eles.

— Mas por que haveria de ser eu, nós? — disse ela logo em seguida. — Que fiz eu para aquela moça, para sua gente? Eu lhe disse que se fosse embora. Disse-lhe que não ficasse depois do escurecer. Mas aquele sujeito que a trouxera estava de novo se embebedando, e ele e Van implicando um com o outro. Se ao menos ela tivesse deixado de andar correndo por onde todos a pudessem ver! Não ficava quieta em parte alguma. Precipitava-se de uma porta para a outra, surgindo

minutos depois, de outra direção. Se o rapaz tivesse deixado Van em paz, pois Van tinha que partir com o caminhão à meia-noite, Popeye teria feito com que Van se portasse bem. E sábado também, e eles bebendo a noite toda... E eu já passara por isso, já passara por isso, e dizia a Lee para irmos embora, que ele assim acabaria mal, e teria acessos como na noite anterior, e ali sem médico, sem telefone. E ela havia de aparecer!... depois de eu ter me escravizado por ele, ter me escravizado por ele. Imóvel, de cabeça baixa e mãos ainda no colo, a mulher tinha aquela exausta imobilidade de chaminé que se eleva acima das ruínas de uma casa, após a passagem de um ciclone. — E ela de pé, lá no canto, com aquele impermeável. Ficou assustadíssima quando trouxeram o rapaz, outra vez ensanguentado. Puseram-no na cama, e Van bateu-lhe de novo, e Lee agarrou o braço de Van, e a moça ali parada com aqueles olhos que pareciam furos em máscara. O impermeável estivera dependurado na parede e ela o vestira sobre o casaco. O vestido estava dobrado na cama. Atiraram o sujeito em cima, sangue e tudo, e eu disse a Lee: "Céus, você também está bêbado?" Mas Lee apenas me olhou e notei que seu nariz já estava pálido, como acontece quando fica bêbado. — Não tinha chave na porta — continuou a mulher.

— Mas pensei que logo eles teriam que partir, por causa do caminhão, e eu poderia então agir. Mas Lee me fez também sair, levando a lamparina, de modo que tive que esperar até eles irem para o alpendre, antes de poder voltar. Fiquei logo atrás da porta. O sujeito estava roncando, lá na cama, ressonando forte, com o nariz e a boca novamente arrebitados. Eu ouvia também os outros lá no alpendre. Mais tarde saíram, deram a volta à casa, até os fundos. Continuei ouvindo-os. Depois, calaram-se. — Ah, fiquei contra a parede — continuou a mulher. — Ele ressonava, e engasgava, perdia o fôlego, e gemia, e eu pensava naquela moça, deitada no escuro, de olhos abertos, ouvindo os homens lá fora, e eu tendo que ficar ali, esperando que partissem, para poder fazer alguma coisa. Eu lhe tinha dito que se fosse embora. Disse: "Que culpa tenho eu de você não ser casada? Não a quero aqui, da mesma maneira que você não quer ficar aqui". Disse mais ainda: "Passei minha vida inteira sem o auxílio de gente do seu tipo; que direito tem você de me procurar para auxiliá-la?" Sim... Sim, porque fiz tudo por aquele homem. Estive na lama por causa dele. Abandonei tudo por ele, e só o que queria era que me deixassem em paz.

— Nisto ouvi abrir a porta — continuou a mulher. — Sabia que era Lee, pela sua maneira de respirar. Ele foi até a cama e disse: "Dê-me esse impermeável. Sente-se e tire-o". Ouvi o ranger do colchão, quando a moça obedeceu. Lee saiu. Assim que pegou o impermeável, saiu. Pertencia a Van. Tantas vezes tinha eu andado por aquela casa à noite, no meio daqueles homens, homens que viviam à

custa dos riscos corridos por Lee, homens que não levantariam um dedo se ele fosse preso, que conhecia todos eles só pela respiração, e Popeye por aquele negócio que usava na cabeça. Tommy o seguia. Entrou atrás de Popeye. Olhou-me. Consegui ver seus olhos, como os de um gato. Depois desapareceram; senti que ele se agachara perto de mim, e ouvi Popeye, lá onde ficava a cama, onde o sujeito não parava de rressonar. Eu ouvia apenas sons leves, da palha do colchão, de modo que sabia que por enquanto nada estava acontecendo. Minutos depois Popeye voltou. Tommy seguiu-o, esgueirando-se atrás dele. Ali fiquei, até ouvi-los ir para onde estava o caminhão.

Depois fui para a cama. Quando toquei a moça, ela começou a lutar. Procurei pôr a mão sobre sua boca para que não gritasse, mas, seja como for, ela não gritou. Ali ficou, debatendo-se, virando a cabeça de um lado ao outro, agarrada ao casaco. "Idiota!", exclamei. "Sou eu, a mulher."

— Mas aquela moça... — interrompeu Horace. — Nada lhe aconteceu. Quando você voltou para casa no dia seguinte, para buscar a mamadeira, você viu que ela estava bem.

O quarto dava para o largo. Pela janela Horace via os rapazes jogando dólares no pátio do Tribunal, e carroças passando, e outras travadas por correntes. Podia ouvir vozes e passos dos que caminhavam sem pressa na calçada. Pessoas comprando coisas gostosas para levar para casa e comer sossegadamente à mesa...

— Você sabe que nada lhe aconteceu. Aquela noite, Horace foi até a casa da irmã num táxi; não telefonou. Encontrou Miss Jenny no seu quarto.

— Bom; com certeza Narcisa...

— Não quero vê-la — disse Horace. — Aquele seu simpático rapazinho, tão bem educado!... Aquele cavalheiro da Virgínia. Sei agora por que motivo ele não voltou aqui.

— Quem? Gowan?

— Sim, Gowan. E, por Deus, ele que não volte! Por Deus, quando me lembro de que tive a oportunidade...

— Quê? Que foi que ele fez?

— Levou consigo uma mocinha idiota, aquele dia, e embriagou-se e fugiu, deixando-a sozinha. Foi o que ele fez. Se não fosse por aquela mulher... E, quando penso em pessoas como ele, andando impunemente pelas ruas, só porque ele se veste bem e teve a extraordinária glória de frequentar uma Universidade da Virgínia... Em qualquer trem, ou em qualquer hotel; seja lá onde for, note bem...

— Oh — exclamou Miss Jenny. — A princípio não compreendi a quem você se referia. Pois bem, você se lembra daquela última vez em que ele esteve aqui, logo depois que você chegou? Quando ele não quis jantar e foi para Oxford?

— E quando penso que tive ocasião...

— Ele pediu Narcisa em casamento. Ela respondeu que uma criança já lhe bastava.

— Eu sempre disse que ela não tem coração. Não se satisfaz com nada menos do que insultos.

— E, portanto, ele ficou furioso e disse que ia para Oxford, onde havia uma moça aos olhos de quem ele tinha certeza de que não pareceria ridículo. Qualquer coisa nesse gênero. Pois bem... — Miss Jenny olhou para Horace, o pescoço inclinado para poder ver através dos óculos, e continuou: — Declaro que um parente masculino é um ser engraçado, mas que um homem se meta nos negócios de uma mulher que não é sua parenta... Que é que faz que o homem ache que a mulher com quem se casa, ou que seja por ele gerada, possa comportar-se mal, mas que todas as com quem não se casou, ou que ele não gerou, estão fadadas a tal?

— Sim — disse Horace. — E dou graças a Deus por ela não ter o meu sangue. Posso conformar-me com o pensamento de ela ter estado de vez em quando exposta a um canalha, mas pensar que a qualquer momento possa ser vítima de um imbecil...

— Bom, que pretende você fazer? Iniciar uma campanha de saneamento?

— Vou fazer o que ela disse: vou fazer que seja promulgada uma lei, obrigando todo mundo a matar qualquer homem com menos de cinquenta anos que fabrique, compre ou venda uísque... um canalha ainda posso admitir, mas pensar nela como vítima de um imbecil...

Horace voltou para a cidade. A noite estava quente, a escuridão cheia dos rumores das primeiras cigarras. Em seu quarto o mobiliário era simples: havia uma cama, uma cadeira e uma escrivaninha. Nesta estendera uma toalha e nela depositara suas escovas, o relógio, o cachimbo e a bolsa de fumo; contra um livro, o retrato de sua enteada, Little Belle. Havia um reflexo na superfície brilhante. Horace mudou a posição do retrato, até poder vê-lo claramente. Ficou diante dele, olhando o rosto meigo, inescrutável, que por sua vez, lá do papelão sem vida, olhava para algo além do ombro de Horace. Este lembrou-se da videira em Kinston, do crepúsculo de verão e do murmúrio de vozes que silenciavam quando ele se aproximava, ele, Horace, que não significava para eles, para ela, nenhum mal; que para ela significava menos do que mal, santo Deus! Lembrou-se das vozes que silenciavam com um leve farfalhar do vestido branco; lembrou-se do frêmito delicado, animal e ansioso daquela natureza feminina, curiosa, aquela carne que ele não gerara e na qual parecia fermentar uma simpatia, uma afinidade com a florida videira. Súbito ele fez um movimento. Como que espontaneamente a fotografia se movera, escorregando ligeiramente do seu precário apoio contra o livro. Devido ao

reflexo que sobre ela caiu, a imagem tornou-se confusa, como coisa familiar vista através de água momentaneamente perturbada, mas límpida. Ele olhou o rosto conhecido com uma espécie de horror e desespero, rosto mais pecador do que Horace jamais chegaria a ser, rosto mais confuso do que meigo, olhos mais misteriosos do que suaves. Procurando alcançar a fotografia, fê-la cair. Assim sendo, de novo o retrato adquiriu a terna expressão pensativa, sob a rígida máscara da boca pintada, contemplando qualquer coisa além do ombro de Horace. Ele ficou na cama, vestido, de luz acesa, até ouvir o relógio do Tribunal bater três horas. Saiu então de casa, enfiando no bolso o seu relógio e o saco de fumo. A estação de estrada de ferro ficava a um quilômetro dali. Havia uma única luz, fraca, na sala de espera. Estava esta vazia, a não ser por um homem de macacão que dormia num banco, roncando, a cabeça sobre o paletó dobrado, e uma mulher de vestido de algodão, com um feio chale e um chapéu novo enfeitado com flores moribundas e colocado desajeitadamente, chato, na cabeça. Ela estava de cabeça baixa; talvez dormisse. As mãos, cruzadas sobre um embrulho no colo; perto dos pés, uma cesta de viagem. Foi aí que Horace percebeu que se esquecera do cachimbo. Chegou o trem, encontrando-o a andar de um lado ao outro da plataforma coberta de cinza. O homem e a mulher embarcaram, ele levando o paletó amarrotado, ela o embrulho e a cesta. Horace acompanhou-os até um dos vagões, cheio de pessoas que ressonavam meio esparramadas no corredor entre os bancos, como no dia seguinte o terrível e violento cataclismo, de cabeças caídas, bocas abertas, pescoços para cima, como que à espera do degolamento. Horace cochilou.

O trem rangeu, parando com um arranco. Horace acordou e de novo cochilou. Alguém o sacudiu e ele abriu os olhos para uma rósea madrugada. Isso no meio de rostos inchados e não barbeados, lavados às pressas, como que vistos através da derradeira e pálida fumaça de um holocausto, piscando uns para os outros, com olhos mortos aos quais a personalidade voltava lentamente, em ondas opacas e misteriosas. Horace desceu e fez a refeição da manhã. Acomodou-se de novo, entrando agora num vagão onde uma criança choramingava sem cessar. Esmagando, ao caminhar, cascas de amendoim, sentindo um cheiro rançoso de amoníaco, ele finalmente encontrou lugar ao lado de um homem. Dali a pouco este se inclinou e cuspiu uma massa de tabaco por entre os joelhos. Horace levantou-se vivamente e foi para o carro de fumar. Também estava cheio, e a porta entre este vagão e o reservado aos negros balançava-se para lá e para cá. Ficando no corredor, ele podia ver, adiante, uma fugidia perspectiva de poltronas estofadas de verde, encimadas por cabeças enchapeladas que se balançavam em uníssonos, ao passo que ondas de conversa e riso conservavam em movimento a azulada e acre atmosfera do vagão onde os homens estavam sentados, cuspidos no corredor

central. Trocou novamente de lugar. A multidão que esperava na estação compunha-se de rapazes em trajes de colegial, com crípticos distintivos nas camisas e nos paletós, e duas moças de rostinhos pintados e vestidos justos e vistosos, idênticas como flores artificiais cercadas por inquietas e animadas abelhas. Quando o trem chegou, eles se adiantaram alegremente, falando e rindo, empurrando com alegre brutalidade os mais velhos, abaixando com ruído os bancos, parando de rir ao ver três senhoras de idade que se adiantavam pelo corredor olhando de um lado ao outro, com ar de expectativa, à procura de lugar. As duas moças sentaram-se lado a lado, tirando os chapéus, um azul e outro marrom, erguendo as mãos finas e compondo os cabelos com dedos bem feitos. Horace podia ver as duas cabecinhas, por entre os cotovelos esparramados e as cabeças inclinadas de dois rapazes que se debruçavam sobre o encosto do banco das mocinhas, todos eles cercados por chapéus com fitas de cor, a alturas várias, conforme estivessem os donos sentados nos braços dos bancos ou de pé no corredor entre estes. Logo apareceu o boné do guarda. Ia este soltando gritinhos lamentosos, como um pássaro. — Bilhete, bilhete, faz favor. Por um momento ali ficou preso, invisível a não ser pelo boné. Os dois rapazes escorregaram rapidamente para o banco atrás de Horace, que podia ouvir-lhes a respiração. Adiante, o alicate do guarda picotou duas vezes. Ele voltou.

— Bilhetes, bilhetes — repetiu. Recebeu o de Horace e parou onde estavam os dois rapazes.

— Já lhe demos — disse um deles. — Lá adiante.

— Onde está o toco dos bilhetes? — perguntou o guarda. — O senhor não nos deu. Mas ficou com as passagens. O número da minha era... — Disse um número com volubilidade, em voz franca, agradável. E voltando-se para o companheiro: — Você tomou nota do seu número, Shack?

O segundo disse um número, em voz também franca e agradável. — Claro que ficou com as passagens. Verifique. Começou a assobiar, baixinho, um desarmonioso ritmo de dança.

— Você come no Salão Gordon? — perguntou um deles. — Não; sofro de mau-hálito.

O guarda passou adiante. O rapaz continuou assobiando, num crescendo, batendo as mãos nos joelhos. Depois começou a soltar uns gritos agudos, sem sentido, vertiginosos. Para Horace, era o mesmo que estar sentado diante de um monte de páginas impressas, viradas furiosamente e que deixavam no espírito uma série de evocações crípticas, sem pé nem cabeça.

— Ela viajou mil milhas sem passagem.

— Marge também.

- Beth também.
- Lá-lá-lá.
- Marge também.
- Vou furar a minha na sexta-feira à noite.
- Oh-lá-lá.
- Gosta de fígado?
- Não alcanço até lá.
- Oh-lá-lá.

Assobiavam, batendo os saltos no chão, num furioso crescendo, dizendo: "Oh-lá-lá". O primeiro atirou o banco contra a cabeça de Horace. Levantou-se, dizendo: "Vamos. O guarda já se foi". De novo o banco bateu na cabeça de Horace. Este viu os rapazes reunirem-se ao grupo que obstruía o corredor central. Um deles colocou a mão ousada, áspera, chatamente sobre um dos rostinhos macios, petulantes, que para ele se erguera. Além do-grupo, uma camponesa com uma criança nos braços apoiava-se a um dos bancos. De vez em quando olhava para o corredor repleto e para os lugares vazios, ao fundo. Em Oxford, Horace desceu ao meio de um grupo de estudantes, as moças sem chapéu, com vestidos coloridos, algumas com livros nas mãos e cercadas por enxames de rapazes com camisas de cor. Obstruindo a passagem, de mãos dadas com seus pares, permitindo carícias leves e despreocupadas, subiam o morro, na direção do colégio, remexendo as finas cadeiras, olhando para Horace com olhos frios, vazios, quando ele saía do caminho para deixá-las passar. No alto do morro, o caminho dividia-se em três, através do arvoredor. Além deste, em verdejante perspectiva, erguiam-se edifícios de tijolinhos vermelhos ou pedra cinzenta. Uma campainha de som claro começou a tocar. A procissão dividiu-se em três, tornando-se rapidamente mais rala. Demoravam-se os pares, ainda de mãos dadas, avançando irregularmente, esbarrando uns nos outros com gritinhos infantis, com a grande despreocupação da mocidade. O caminho mais largo levava ao Correio. Horace entrou e esperou até não haver ninguém à janela.

— Estou tentando encontrar uma moça: Miss Temple Drake. Talvez eu tenha acabado de cruzar com ela, não?

— Não está mais aqui — disse o empregado. — Saiu da escola há duas semanas.

O empregado era moço, com um rosto macio, insípido, sob os óculos de tartaruga; cabelos bem penteados. Dali a pouco, Horace perguntou, em voz serena:

— Não sabe para onde ela foi?

O empregado fitou-o. Inclinou-se, baixando a voz, e perguntou: — É também detetive?

— Sim — disse Horace. — Sim. Não tem importância. Não tem importância.

Logo estava de novo descendo devagar a escada, para a luz do sol. Ali ficou, enquanto os estudantes passavam dos dois lados dele, numa contínua torrente. As moças, de vestidos coloridos, braços nus, cabelinhos curtos e luzidios e, nos olhos, aquela idêntica expressão, fria, ousada, que ele tão bem conhecia, acima da pintura violenta e igual nos lábios de todas elas. Como música que se movesse, como mel derramado ao sol; pagas, evanescentes e serenas, evocando sutilmente os dias perdidos e as delícias entrevistas. Brilhantes, palpitantes de calor e vida, Horace ali as viu nas clareiras de sua miragem de tijolo e pedra: colunas sem capiteis, torres aparentemente flutuando acima de verde nuvem, em lento esfacelamento contra o vento sudoeste, sinistro, imponderável, brando. E ele, Horace, ali de pé, ouvindo o suave sino claustral e pensando: "E agora? E agora, o quê?" E respondendo a si próprio: "Pois bem; nada. Nada. Acabou". Voltou para a estação uma hora antes de o trem -chegar, levando na mão um cachimbo cheio, mas não aceso. Viu, no gabinete, rabiscado a lápis, na parede imunda, o nome dela: Temple Drake. Leu-o calmamente, de cabeça baixa, apalpando lentamente o cachimbo apagado. Uma hora antes de chegar o trem, os estudantes começaram a reunir-se, descendo o morro e agrupando-se na plataforma, com riso alegre, rouco. As moças, com pernas monotonamente calçadas em meias cor-de-carne, os corpos em perpétuo movimento dentro dos vestidos justos e curtos, com aquela desajeitada e voluptuosa inconsequência da mocidade. No trem de volta, havia pulman. Ele atravessou o carro comum e entrou no vagão-pulman. Havia somente um outro ocupante: um homem no centro do carro, perto da janela, de cabeça descoberta, reclinado na cadeira, o cotovelo na janela e um charuto apagado na mão cheia de anéis.

Quando o trem partiu, passando pelas cabeças emplastadas de brilhantina que iam ficando vertiginosamente para trás, em sentido contrário, o outro passageiro levantou-se e dirigiu-se para o carro comum. Levava um sobretudo no braço, e na mão um sujo chapéu de feltro, de cor clara. Com o rabo do olho, Horace viu-o remexer no bolso interno do paletó; notou também o severo corte de cabelo no pescoço branco, grosso e macio. "Talhado para a guilhotina", pensou Horace, Vendo o homem passar pelo guarda, no corredor entre os bancos, e desaparecer esboçando o gesto de quem ia enfiar o chapéu na cabeça. O trem aumentou de velocidade, balançando-se nas curvas, passando por uma ou outra casa solitária, atravessando atalhos, cortando vales onde o algodão novo palpitava lentamente, em fileiras que pareciam leques. O trem diminuiu de velocidade: um solavanco, quatro apitos. O homem de chapéu sujo entrou, tirando um charuto do bolso

interno do paletó. Desceu rapidamente o corredor entre os bancos, olhando para Horace. Diminuiu o passo, com o charuto na mão. O trem deu novo arranco. O homem agarrou-se ao encosto do assento de Horace. Fitou-o, perguntando: — O senhor não é o juiz Benbow?

Horace ergueu os olhos e viu um rosto largo, balofo, onde não havia sinal de idade nem de pensamento — vasta massa de carne de cada lado de um narizinho redondo. Havia, no entanto, uma indefinida qualidade de paradoxal delicadeza, como se o Criador tivesse completado sua pilhéria iluminando aquela prodigiosa orgia de matéria com algo que ele a princípio reservara para alguma débil e parcimoniosa criatura — esquilo ou rato, por exemplo.

— Tenho a honra de falar com o juiz Benbow? — perguntou, estendendo a mão. — Sou o Senador Snopes. Clarence Snopes.

— Oh — exclamou Horace. — Sim. Muito obrigado, mas acho que o senhor está antecipando. Tenho apenas esperança de vir a ser juiz.

Snopes sacudiu o charuto, com a outra mão, quase no nariz de Horace, de palma para cima, o terceiro dedo levemente descolorado sob o imenso anel. Horace desviou a cabeça, libertando a mão.

— Julguei tê-lo reconhecido, quando o senhor embarcou, em Oxford — disse Snopes. — Mas... Posso sentar-me? — perguntou, já empurrando com a perna o joelho de Horace. Atirou no banco o sobretudo — ordinário sobretudo azul com ensebada gola de veludo — e sentou-se justamente quando o trem parou. — Sim, senhor, sempre tenho prazer em encontrar gente conhecida — continuou ele. Espiou, por cima de Horace, para fora da janela, vendo a feia estaçãozinha, com seu incompreensível horário de trens, um carro de bagagens com um engradado onde se viam dois frangos tristonhos e desanimados; além, três ou quatro homens de macacão descansavam contra a parede, mascando fumo. — Naturalmente o senhor não está mais no -meu distrito, mas sempre digo que os amigos de meus amigos são meus amigos, votem eles em quem votar. Porque amigo é amigo, e possa ele ou não fazer alguma coisa por mim... — Reclinou-se, ainda com o charuto apagado entre os dedos, e continuou: — Não veio então diretamente da cidade? Sempre que passar por Jackson, terei muito prazer em hospedá-lo, como se ainda vivesse no meu distrito. Por mais ocupado que seja um homem, sempre tem tempo para os amigos, é o que sempre digo. Vejamos... O senhor está agora em Kinston, não está? Conheço os seus senadores. Homens corretos, ambos, mas não consigo lembrar-me dos nomes.

— Francamente, também não sei — declarou Horace. O trem se pôs em movimento. Snopes inclinou-se sobre o corredor central, olhando para trás. Seu terno de um cinza-claro estava passado, mas não limpo.

— Pois bem... — disse, levantando-se e apanhando o sobretudo. — Sempre que passar pela cidade... Vai para Jefferson, não vai?

— Vou — respondeu Horace.

— Até a vista, então.

— Por que não fica por aqui? — perguntou Horace. — É mais confortável.

— Vou fumar um pouco — disse Snopes, acenando com o charuto. — Até já.

— Pode fumar aqui. Não há nenhuma senhora.

— Certo — disse Snopes. — Até Holly Springs, então.

Voltou para o carro comum e desapareceu, de charuto na boca. Horace lembrou-se dele dez anos antes, rapaz maciço, insípido, filho do dono de um restaurante, membro de uma família que se mudara para Jefferson vinte anos antes — família bastante ramificada para conseguir elegê-lo sem recorrer aos votos de estranhos.

Horace ali ficou sentado, quieto, de cachimbo frio na mão.

Levantou-se depois, passando pelo carro comum e entrando no vagão de fumar. Snopes estava no corredor, com a coxa no braço de um banco onde estavam sentados quatro homens, gesticulando com a mão que segurava o charuto apagado.

Horace viu-o e fez-lhe sinal, e um momento depois Snopes vinha a seu encontro, de sobretudo no braço.

— Como vão indo as coisas na capital? — perguntou Horace.

Snopes começou a falar na sua voz rouca, categórica. Pouco a pouco Horace viu desfilar ante seus olhos uma sucessão de chicanas estúpidas, e mesquinha corrupção com fins estúpidos e mesquinhos.

— Sempre que passar por lá — disse Snopes. — Tenho prazer em mostrar a cidade aos companheiros. Pergunte a qualquer pessoa de lá. Todos lhe dirão, que, se houver algo de interessante, Clarence Snopes saberá onde está. Ouvi dizer que o senhor está agora tratando de um caso complicado.

— Ainda não sei — replicou Horace. — Estive hoje em Oxford, na Universidade, para conversar com alguns dos colegas de minha enteada. Uma de suas maiores amigas não está mais na escola. Uma jovem de Jackson, chamada Temple Drake.

Snopes observava-o com seus olhos pequenos, opacos.

— Ah, sim, a filha de Drake — disse ele. — Aquela que fugiu.

— Fugiu? — perguntou Horace. — Voltou para casa, não é? Qual a razão? Não se saiu bem nos estudos?

— Não sei. Quando veio a notícia no jornal, muita gente pensou que ela tivesse fugido com algum rapaz. Um desses casamentos provisórios.

— Mas quando ela voltou para casa, com certeza viram que tal não se dera — disse Horace.

— Ora, ora, Belle vai ficar admirada. Que está a moça fazendo agora? Divertindo-se em Jackson, com certeza?

— Não está lá.

— Não? — exclamou Horace. Ainda tinha o cachimbo apagado; remexeu à procura de um fósforo. Respirou fundo. E depois: — Aquele jornal de Jackson é um bom jornal. Considerado o jornal de mais confiança no Estado, não é?

— Certo — disse Snopes. — O senhor esteve em Oxford, procurando localizá-la?

— Não, não. Encontrei por acaso uma colega de minha enteada, que me disse que ela deixara a escola. Bom; vê-lo-ei então em Holly Springs.

— Certo — disse Snopes. Horace voltou ao pulman, sentou-se e acendeu o cachimbo. Quando o trem diminuiu a marcha, em Holly Springs, ele foi até a plataforma, depois voltou vivamente para o seu carro. Snopes saía do carro comum, no momento em que o guarda abria a porta e pulava para a plataforma com o tamborete na mão. Snopes desceu. Tirou qualquer coisa do bolso interno do paletó e entregou-a ao guarda.

— Olá, George — disse ele. — Tome um charuto.

Horace desceu. Snopes continuou, o sujo chapéu elevando-se meia cabeça acima de qualquer outro. Horace olhou para o guarda. — Ele deu uma boa gorjeta? O guarda fez o charuto saltar na palma da mão, enfiando-o depois no bolso.

— Que vai você fazer com isso? — perguntou Horace.

— Não o daria a nenhum dos meus conhecidos — declarou o guarda.

— Ele faz isto frequentemente?

— Três ou quatro vezes por ano. Parece que sempre calha comigo... Muito obrigado, senhor.

Horace viu Snopes entrar na sala de espera. O chapéu sujo, o vasto pescoço desapareceram novamente do seu pensamento. Ele reencheu o cachimbo. Ouviu, a um quarteirão de distância, o trem que vinha de Memphis. Já estava encostado à plataforma quando Horace chegou perto. Snopes estava ao lado da entrada do carro, conversando com dois rapazinhos de palhetas novas.

Na sua atitude para com eles havia algo de protetor. O trem apitou.

Os dois rapazes entraram. Horace escondeu-se, dobrando o ângulo da estação. Quando seu trem chegou, viu Snopes subir na sua frente e entrar na sala de fumar. Horace bateu o cachimbo e entrou no vagão comum, encontrando um lugar atrás, onde teria que viajar de costas.

Quando ia saindo da estação, em Jefferson, Horace viu um carro que se dirigia para a cidade diminuir a marcha ao passar a seu lado. Era o táxi que ele costumava tomar para ir à casa da irmã.

— Ofereço Carona, desta vez — disse o chofer.

— Muito obrigado — aceitou Horace, entrando. Quando o carro chegou ao largo, o relógio do Tribunal marcava apenas oito e vinte e, no entanto, não havia luz na janela do hotel.

— Com certeza a criança está dormindo — disse Horace. — Faça o favor de me deixar no hotel...

Percebeu então que o motorista o olhava com uma espécie de discreta curiosidade. — O senhor esteve fora hoje, não esteve?

— Estive — disse Horace. — O que houve? O que aconteceu hoje?

— Ela não está mais no hotel. Ouvi dizer que Mrs. Walker a levou para a cadeia.

— Oh — disse Horace. — Vou descer no hotel.

O saguão estava vazio. Dali a momentos o proprietário apareceu. Sujeito sólido, grisalho, de palito na boca e paletó aberto sobre a vasta pança. Ruby não estava mais ali. — Foram aquelas senhoras da congregação — explicou o proprietário. E, baixando a voz, com o palito entre os dedos. — Vieram hoje de manhã. Uma comissão. O senhor sabe como são essas coisas.

— Quer dizer que o senhor permitiu que a igreja batista lhe dissesse quais devem ser seus hóspedes?

— Foram aquelas senhoras — repetiu o hoteleiro. — O senhor sabe como são essas coisas, quando elas põem uma ideia na cabeça. A gente não tem outra alternativa, a não ser ceder. Naturalmente que comigo...

— Com os diabos, se houvesse um homem...

— Psiuuuuu — disse o proprietário. — O senhor sabe como é...

— Mas, naturalmente, não houve um homem que... E o senhor se diz homem, e no entanto permitiu...

— Tenho que considerar minha posição, já que estamos falando às claras — disse o proprietário, em tom conciliador. Recuou um pouco, apoiando-se ao balcão.

— Creio que me compete dizer quem fica ou não na minha casa — continuou. — E conheço pessoas por aqui que deviam fazer o mesmo. E não é preciso ir muito longe. Não tenho que dar contas a ninguém. Não ao senhor, em todo o caso.

— Onde está ela agora? Ou a levaram para fora da cidade?

— Não é da minha conta saber para onde vão os hóspedes, quando saem daqui — disse o proprietário, dando-lhe as costas. Depois acrescentou: — Acho, no entanto, que alguém a recebeu.

— Sim — disse Horace. — Cristãos. Cristãos.

Encaminhou-se para a porta. O proprietário chamou-o. Horace virou-se. O outro tirava um papel de um dos compartimentos atrás do balcão. Horace aproximou-se. O papel estava agora no balcão, ao qual o proprietário se apoiava com ambas as mãos, o palito enviesado na boca. — Ela disse que o senhor pagaria.

Horace pagou a conta, contando o dinheiro com mãos trêmulas. Entrou no pátio da prisão, foi até a porta e bateu. Dali a pouco apareceu uma mulher magra, desalinhada, trazendo uma lanterna e apertando um paletó de homem no peito. Contraiu os olhos para ver melhor. Antes que Horace perguntasse qualquer coisa, disse: — Com certeza veio procurar Mrs. Goodwin?

— Sim. Como foi... — O senhor é o advogado. Eu o conheço. Ela está aqui. Agora está dormindo.

— Obrigado — disse Horace. — Obrigado. Eu sabia que alguém... Não acreditei que...

— Sempre arranjarei cama para uma mulher com uma criança — disse ela.

— Não me incomodo com o que dizem. Precisa muito falar com ela? Está dormindo, agora.

— Não, não. Eu só queria...

A mulher observou-o através da lamparina. — Então não vale a pena aborrecê-la. O senhor pode voltar de manhã e levá-la para uma pensão. Não há pressa. Na manhã seguinte Horace foi até a casa da irmã, de novo em carro alugado. Contou-lhe o que acontecera. — Agora tenho que levá-la para casa — disse.

— Não para a minha casa — declarou Narcisa.

Ele a olhou. Depois começou a encher o cachimbo, lenta e cautelosamente.

— Não há outra alternativa, minha cara. Até você deve compreender isso.

— Não na minha casa — repetiu Narcisa. — Pensei que tivéssemos resolvido este ponto.

Horace riscou um fósforo e acendeu o cachimbo, pondo cuidadosamente o fósforo na lareira. — Você sabe que ela foi praticamente jogada na rua? Sabe que...

— Não deve ser sacrifício. Ela deve estar habituada a isso.

Horace a olhou de novo. Começou a fumar devagar, vendo sua mão tremer sobre a haste do cachimbo. — Escute. Até amanhã eles provavelmente já lhe terão pedido que saia da cidade. E isso só pelo fato de ela não ser casada com o homem

de quem tem um filho, filho que ela carrega por essas ruas santificadas. Mas quem foi que lhes contou? É isso que eu desejaria saber. Ninguém em Jefferson sabia, a não ser...

— Você foi o primeiro de quem ouvi isso — disse Miss Jenny.

— Mas, Narcisa, por que...

— Não na minha casa — declarou Narcisa.

— Muito bem — disse Horace, fumando mais calmamente. — Então está decidido, claro — acrescentou em voz seca, leve.

Narcisa se levantou. — Você vai dormir aqui, hoje à noite?

— Quê? Não. Não. Eu... eu disse a ela que iria buscá-la na cadeia e... —

Tirou uma cachimbada e continuou: — Bom, não creio que faça diferença. Espero que não.

Narcisa ainda estava parada, na iminência de virar-se.

— Vai ou não ficar? — Posso dizer-lhe que furei um pneumático — disse Horace.

— O tempo não é coisa assim tão má, afinal de contas.

Basta a gente saber servir-se dele com habilidade, e a gente pode espichar seja o que for, como tira de borracha, até rebentar nalgum ponto. E a gente ali fica então, com dois nós entre o polegar e o indicador de cada mão.

— Você fica ou não fica, Horace? — perguntou Narcisa.

— Creio que fico — respondeu ele.

Estava agora na cama. Fazia uma hora que se deitara, quando sentiu abrir a porta. Sentiu, mais do que viu, ou ouviu. Era Narcisa. Horace ergueu-se sobre o cotovelo. O vulto definiu-se vagamente, aproximando-se da cama. Ela baixou o olhar para o irmão. — Por quanto tempo você vai ainda continuar com isso? —

perguntou. — Só até amanhã cedo — disse ele. — Vou voltar para a cidade. Você não precisa tornar a ver-me. Ela continuou de pé, imóvel, ao lado da cama. Dali a minutos sua voz fria, inexorável, baixou até Horace. — Você sabe a que me refiro.

— Prometo não levá-la novamente para sua casa. Você pode mandar Isom esconder a cama de armar. — Como a irmã nada dissesse, continuou: — Você certamente não há de opor-se a que eu more lá, não é? — É-me indiferente o lugar onde você possa viver. A questão é onde eu vivo. Vivo aqui, nesta cidade. Tenho que continuar aqui. Mas você é homem. Para você não tem importância. Pode morar noutro lugar.

— Oh — disse ele. Ficou imóvel. Narcisa continuou de pé, também imóvel. Falavam calmamente, como se estivessem discutindo comida, ou assuntos domésticos. — Você não compreende? É aqui o meu lar, onde terei que passar o resto da minha vida. Onde nasci. Não me importo com o que você faça, nem para onde vá. Não me importo com o número de mulheres que você tenha, nem de que

tipo sejam. Mas não posso tolerar que meu irmão se envolva com uma mulher de quem todo o mundo fala. Não espero que você tenha consideração por mim; peço-lhe que tenha consideração pela memória de nossos pais. Leve-a para Memphis. Dizem que você não quis que o homem fosse solto sob fiança. Leve-a para Memphis. Você pode arranjar uma mentira a esse respeito, também, para dizer a ele.

— Oh. Então você também acha isso? Acha?

— Não acho nada. Não me importo. É o que o povo da cidade pensa. Assim sendo, pouco importa que seja verdade ou não. O que me incomoda é que você me obrigue a inventar mentiras todos os dias por sua causa. Vá-se embora daqui, Horace. Qualquer outra pessoa, a não ser você, veria que se trata de um assassinio a sangue frio. — E por causa dela, naturalmente. Com certeza dizem também isso, aquelas onipotentes criaturas que vivem em odor de santidade. Não disseram ainda que fui eu que o matei?

— Não vejo que importância possa ter ser este ou aquele o assassino. A questão é esta: você pretende continuar metido nisso? Quando todo mundo acredita que você e ela se enfiaram de noite na minha casa... A voz de Narcisa, fria, inexorável, formava as palavras na escuridão acima dele. Pela janela entrava a sonolenta e dissonante canção do grilo e da cigarra. — Você acredita nisso? — perguntou Horace.

— Não tem importância o que eu possa ou não acreditar. Vamos, Horace. Estou pedindo.

— E abandoná-la... abandonar os dois, sem mais nem menos?

— Contrate um advogado, se ele ainda insistir em que é inocente. Pago os honorários. Você pode arranjar um advogado criminal melhor do que você. Ela não saberá de nada. Não se importará. Não vê que ela lhe está dando corda só para você tirá-lo de graça da cadeia? Não sabe que aquela mulher tem dinheiro escondido nalgum lugar? Você vai voltar para a cidade amanhã, não vai?

Virou-se, confundindo-se aos poucos com as sombras.

Disse ainda: Você não irá antes do café da manhã. Na manhã seguinte, ao café, sua irmã perguntou: — Quem é o advogado contrário?

— O promotor. Por quê?

Ela tocou a campainha e pediu mais pão. Horace observou-a. — Por que pergunta isso? — continuou ele. — É um sujeitinho pretensioso.

Referia-se ao promotor, que também fora criado em Jefferson e frequentara a mesma escola que eles. — Creio que foi ele o responsável por aquele negócio de anteontem à noite, lá no hotel. Fez com que a expulsassem do hotel, para

impressionar, para fins políticos. Por Deus, se eu tivesse certeza, se acreditasse que assim agiu só para ser eleito deputado...

Depois que Horace saiu, Narcisa foi até o quarto de Miss Jenny.

— Quem é o promotor? — perguntou. — Você o conhece desde menina — respondeu Miss Jenny. — Você votou nele. Eustace Graham. Para que quer saber? Está procurando um substituto para Gowan Stevens?

— Estava apenas imaginando — disse Narcisa.

— Uma ova! — exclamou Miss Jenny. — Você nunca imagina. Você age, depois fica parada, até que apareça a ocasião de agir novamente.

Horace encontrou Snopes saindo do barbeiro, todo empomado, o queixo manchado de pó-de-arroz. Logo abaixo do nó da gravata ele usava um alfinete de rubi falso, combinando com o anel. A gravata era de bolinhas brancas e azuis. As brancas, vistas de perto, estavam sujas. Com a barba assim feita, roupas passadas e sapatos reluzentes, ele dava, em conjunto, a impressão de que fora lavado a seco, em vez de lavado com água e sabão. — Olá, senhor juiz — disse Snopes. — Ouvi dizer que está tendo dificuldade em encontrar uma pensão para aquela sua cliente. Como sempre tenho dito... — Inclinou-se, abaixando a voz, revirando os olhos cor-de-lama: — ... a igreja nada tem que ver com a política, e as mulheres com nenhuma das duas, e muito menos com a lei. Elas que fiquem em casa, que encontrarão muito o que fazer, sem precisar prejudicar o processo de que o homem estiver tratando. Além do mais, os homens são humanos, e o que eles fazem não é da conta de ninguém. Que fim levou ela?

— Está na cadeia — respondeu Horace. Falou secamente, fazendo menção de seguir adiante. O outro obstruiu a passagem, como que por acaso, mas desajeitadamente. — seja como for, o senhor os deixou em polvorosa. Andam dizendo que não quer que Goodwin seja solto sob fiança, para que ele continue na... — De novo Horace fez menção de seguir. — A metade dos aborrecimentos deste mundo são causados pelas mulheres, é o que sempre digo. Como aquela moça que deu tanta contrariedade ao pai, fugindo daquele jeito. Acho que ele fez muito bem, mandando-a sair do Estado.

— Sim — disse Horace, em voz seca, furiosa.

— Tenho muito prazer em saber que o processo está bem encaminhado. Cá entre nós, gostaria de ver um bom advogado passar a perna no promotor. Basta um sujeito como aquele pegar uma promotoria, que já pensa que tem o rei na barriga. Bom, muito prazer em tê-lo encontrado novamente. Tenho negócios na cidade por dois ou três dias. Não creio que pretenda ir para lá?

— Quê? — disse Horace. — Aonde?

— Memphis. Posso servi-lo em alguma coisa?

— Não — respondeu Horace. Continuou. Durante os primeiros passos, nada pôde ver. Seguiu firme, os músculos ao lado dos maxilares começando a doer-lhe; passando, sem vê-las, pelas pessoas que lhes dirigiam a palavra.

À medida que o trem se aproximava de Memphis, Virgil Snopes ia ficando cada vez mais calado. Seu companheiro, que comia o lanche trazido numa caixa de papelão, tornava-se, ao contrário, cada vez mais vivo, com uma espécie de excitação, sem parecer notar o estado de ânimo do amigo. Ainda falava quando pularam para a plataforma, carregando suas malas novas de couro-imitação, os chapéus enviesados acima dos pescoços raspados. Na sala de espera, Fonzo perguntou: — Bom, que vamos fazer em primeiro lugar? Virgil não respondeu. Alguém esbarrou neles. Fonzo agarrou o chapéu e continuou: — Que vamos fazer? — Notou então a expressão de Virgil. — Que aconteceu? — perguntou.

— Não aconteceu nada.

— Bom, que vamos fazer? Você já esteve aqui; eu, não.

— Creio que é melhor darmos primeiro uma volta — disse Virgil. Fonzo observava-o, com olhos azuis que pareciam de porcelana. — Que aconteceu com você? Durante todo o caminho veio contando quantas vezes já tinha vindo a Memphis. Garanto que nunca...

Alguém esbarrou neles, separando-os. Uma corrente de pessoas começou a fluir no meio deles. Agarrando a mala e o chapéu, Fonzo esforçou-se para voltar para perto do amigo.

— E já vim mesmo — declarou Virgil, olhando em volta, com ar vazio.

— Pois bem; que vamos então fazer? O comércio só abre senão às oito da manhã.

— Para que tanta pressa então?

— Bom, não pretendo ficar aqui a noite toda... O que fez você, quando esteve aqui da última vez?

— Fui para um hotel — disse Virgil.

— Qual deles? Há mais de um, aqui. Acha que todas essas pessoas poderiam ficar num só hotel? Qual foi?

Os olhos de Virgil também tinham uma falsa cor azul. Olhou vaziamente à volta. — Hotel Gayoso — disse ele.

— Bom, vamos então para lá — sugeriu Fonzo.

Dirigiram-se para a saída. Um homem gritou: — Táxi! — Um carregador tentou agarrar a mala de Fonzo.

— Não, não — disse ele, puxando a mala.

Na rua, outros motoristas os chamaram. — Então isto aqui é Memphis — disse Fonzo. — Para que lado, agora?

— Não recebendo resposta, virou-se e viu Virgil procurando livrar-se de um motorista.

— Que é que você...

— Por aqui — disse Virgil. — Não é longe. Milha e meia...

De vez em quando eles mudavam a maleta de uma para a outra mão.

— Então isto aqui é Memphis — disse Fonzo. — Como é que ainda não apareci por aqui?

Quando entraram no Gayoso, um carregador ofereceu-se para levar as malas. Eles o afastaram e entraram, andando com cuidado no piso ladrilhado. Virgil parou.

— Venha — disse Fonzo.

— Espere.

— Pensei que você já tivesse estado aqui.

— Já estive — declarou Virgil. — Este lugar aqui é muito caro. Devem cobrar um dólar por dia.

— Que vamos, então, fazer?

— Vamos dar uma volta.

Voltaram para a rua. Eram cinco horas. Continuaram, olhando ao redor, carregando as malas. Foram para outro hotel. Viram mármore, escarradeiras de metal, empregados apressados, pessoas sentadas perto de plantas em vasos. — Este deve ser a mesma coisa — disse Virgil.

— Que vamos fazer, então? Não podemos ficar andando a noite inteira.

— Vamos sair desta rua — propôs Virgil.

Saíram da rua principal. Na esquina seguinte, Virgil virou-se. — Vamos por este lado. Vamos fugir dessas vitrinas e desses negros com cara de macaco. É por essas coisas que nos fazem pagar nestes lugares.

— Por quê? Já estavam compradas quando chegamos aqui. Por que temos que pagar por isto?

— Suponhamos que alguém quebre alguma coisa enquanto estivermos aqui. Suponhamos que não peguem o culpado. Acha que eles não nos fariam pagar a nossa parte?

Às cinco e meia entraram numa rua escura e estreita, de casas de madeira e quintais cheios de lixo. Logo depois chegaram a uma casa de três andares, num terreno árido. Na frente havia uma entrada falsa, com grades. Na escadinha estava sentada uma mulher grande, metida num quimono, observando dois cães peludos que andavam pelo quintal. — Vamos experimentar este aqui — disse Fonzo.

— Isto não é hotel. Onde está a placa?

— Por que não é? — disse Fonzo. — Claro que é. Quem já ouviu falar de alguém que more numa casa de três andares?

— Não podemos entrar por aqui — disse Virgil. — Isto aqui é o quintal. Não vê essa privada? — perguntou fazendo sinal para a porta de grades.

— Pois bem, vamos então para a frente — disse Fonzo. Deram a volta ao quarteirão. No lado oposto havia uma fileira de salas para venda de automóveis. Os dois ficaram no meio do quarteirão, com as malas na mão direita. — Em todo caso, não acredito que você já tenha vindo aqui — disse Fonzo.

— Vamos voltar. A frente deve ser lá.

— Com a privada na entrada? — perguntou Fonzo. — Podemos perguntar àquela senhora.

— Quem? Eu não pergunto.

Voltaram. A mulher e os cães não estavam mais lá. — A culpa é sua — disse Fonzo. — Não é, então?

— Vamos esperar um pouco. Talvez ela volte.

— São quase sete horas — disse Fonzo.

Colocaram as malas ao lado da cerca. As luzes estavam agora acesas, palpitando lá no alto, nas janelas bem próximas umas das outras, contra o sereno céu ocidental.

— Sinto um cheirinho de presunto — disse Fonzo.

Apareceu um táxi. Dele desceu uma loura roliça, acompanhada por um homem. Viram-nos subir a trilha e passar pelo que eles tinham julgado ser entrada falsa, com grades. Fonzo assobiou por entre dentes. — Macacos me mordam se não entraram por ali — disse ele. — Talvez seja o marido dela — disse Virgil. Fonzo apanhou a mala.

— Vamos — disse. — Espere um pouco — replicou Virgil. — Vamos dar-lhes um pouco de tempo.

Esperaram. O homem saiu, entrou no táxi e foi-se embora. — Não pode ser marido dela — disse Fonzo. — Eu é que não iria embora. Vamos.

Passaram pelo portãozinho. — Espere — disse Virgil.

— Espere você — tornou Fonzo. Virgil apanhou a mala e acompanhou-o. Parou, enquanto Fonzo abria cuidadosamente a porta de grade e espiava dentro.

— Oh, diabo! — exclamou, entrando também. Havia outra porta, de vidro, com cortina. Fonzo bateu. — Por que não tocou a campainha? — perguntou Virgil. — Não sabe que gente da cidade não responde a batidas?

— Está certo — disse Fonzo. Tocou a campainha. Abriu-se a porta. Surgiu a mulher de quimono. Ouviram os cães latindo atrás dela.

— Tem um quarto vago? — perguntou Fonzo. Miss Reba olhou-os, viu os chapéus novos e as maletas.

— Quem os mandou aqui? — perguntou. — Ninguém. Descobrimos por acaso. — Como Miss Reba os fitasse, Fonzo continuou: — Aqueles hotéis são muito caros.

Miss Reba respirou asperamente. — Que andam vocês fazendo?

— Estamos aqui a negócio — disse Fonzo. — Pretendemos ficar bastante tempo.

— Se não for muito caro — acrescentou Virgil. Miss Reba olhou-os. — De onde vem você, meu bem? Ambos disseram de onde vinham e como se chamavam.

— Pretendemos ficar aqui um mês ou mais, se nos convier.

— Ora, creio que sim — disse ela dali a minutos. Fitou-os e continuou: — Posso dar-lhes um quarto, mas cobrarei extra todas as vezes que vocês tratarem de negócios. Tenho que ganhar minha vida, como qualquer outra pessoa.

— Não pretendemos tratar de negócios aqui, e sim na escola — disse Fonzo.

— Que escola? — perguntou Miss Reba.

— A escola dos barbeiros.

— Olhe lá, seu gaiato — disse ela. Depois começou a rir, com a mão no peito. Os dois observaram-na com compostura, enquanto ela ria, arfante. — Céus, céus! — exclamou Miss Reba. — Entrem.

Havia um quarto no sótão, na parte de trás da casa. Miss Reba mostrou-lhes o banheiro. Quando pôs a mão no trinco, uma voz feminina disse, lá dentro: — Espere um pouquinho, meu bem. — Abriu-se a porta e uma mulher passou, de quimono. Viram-na subir o corredor, um tanto perturbados, pois eram moços, pela leve onda de perfume que ela deixou. Fonzo deu disfarçadamente uma cotovelada em Virgil. Mais tarde, no quarto, disse. — Aquela é outra. Ela tem duas filhas. Segure-me, rapaz; meu alvo é o galinheiro.

Tardaram a pegar no sono, aquela noite, pois estranharam a cama, o quarto, as vozes. Ouviam a cidade, atraente e estranha, próxima e remota; promessa e ameaça ao mesmo tempo. Som firme, profundo, sobre o qual invisíveis luzes brilhavam e estremeciam: luzes coloridas e esplendorosas, em meio às quais já as mulheres começavam a mover-se, com suaves atitudes de novas delícias e estranhas e nostálgicas promessas. Fonzo se imaginava circundado por fileiras e fileiras de cortinas descidas, de tom rosa, além das quais, em murmúrios de seda e ofegantes murmúrios, a apoteose de sua mocidade chegaria ao máximo. "Talvez comece amanhã", pensou ele; "talvez amanhã à noite..." Uma réstia de luz entrou agora pela parte de cima da cortina, estendendo-se como leque sobre o teto. Sob a

janela, ouviu uma voz de mulher; depois a de um homem, confundindo-se ambas num murmúrio. Fechou-se uma porta.

Alguém subiu a escada com um farfalhar de seda, com as rápidas e duras batidas de saltos femininos.

Começou a ouvir sons dentro de casa; vozes, risos. Uma pianola começou a tocar.

— Está ouvindo? — murmurou.

— Ela tem uma família grande, com certeza — disse Virgil, em voz pesada de sono.

— Família uma ova! — disse Fonzo. — É uma festa. Gostaria de ter sido convidado.

No terceiro dia, quando saíam de casa, de manhã, encontraram Miss Reba à porta. Ela disse que queria usar o quarto deles durante a tarde, enquanto estivessem ausentes.

Ia haver uma conferência de detetives, na cidade, e o negócio ia melhorar.

— Suas coisas não correrão perigo — acrescentou. — Farei com que Minnie feche tudo de antemão. Ninguém roubará coisa alguma de vocês, aqui na minha casa.

— Em que espécie de negócio acha você que ela está metida? — perguntou Fonzo a Virgil. — Com tantas mulheres de quimono, e esse trança-trança pela casa!

— Não adiantaria nada para você — disse Virgil. — São todas casadas. Não tem, então, ouvido?...

Na tarde seguinte, quando voltaram da escola, encontraram embaixo do lavatório uma peça de roupa íntima de mulher. Fonzo apanhou-a. — Ela é costureira — disse. — É o que parece — concordou Virgil. — Veja se não tiraram alguma coisa sua.

A casa parecia repleta de pessoas que de noite nunca dormiam. Podiam ouvi-las a todas as horas, subindo e descendo as escadas. Fonzo tinha consciência da presença de mulheres, de carne feminina. Chegou ao ponto em que, no seu leito de solteiro, tinha impressão de estar cercado por mulheres. Ficava deitado ao lado de Virgil, que ressonava sem parar, esforçando-se por ouvir os murmúrios, o farfalhar de sedas que vinham através das paredes e do piso, sons que pareciam fazer parte destes tanto quanto as pranchas e o reboco. E pensava que fazia já dez dias que se achava em Memphis, e no entanto não travara relações com ninguém, a não ser com alguns colegas, na escola.

Depois que Virgil adormecia ele se levantava e entreabria a porta, mas nada acontecia. No décimo segundo dia, disse a Virgil que iam fazer visitas com um dos colegas.

— Aonde? — perguntou Virgil. — Não se incomode. Venha. Descobri uma coisa. Quando penso que estou aqui há duas semanas sem ter descoberto. . .

— Quanto vai custar? — perguntou Virgil. — Diabos! Você não pode querer que a gente se divirta de graça!

— Vou — disse Virgil. — Mas não prometo gastar.

— Espere e diga isso quando lá chegarmos — replicou Fonzo.

O barbeiro levou-os a um bordel. Quando saíram, Fonzo disse: — E pensar que estou aqui há duas semanas, sem ter ouvido falar daquela casa!

— Antes nunca tivesse ouvido — replicou Virgil. — Custou três dólares.

— Não valeu a pena? — perguntou Fonzo. — Não há coisa que valha três dólares, a não ser que você possa levá-la para casa — disse Virgil.

Quando chegaram, Fonzo parou. — Temos que entrar às escondidas — disse. — Se ela descobrir onde estivemos e o que andamos fazendo, não nos deixará mais ficar aqui em casa com as moças. — É verdade — disse Virgil. — Você também faz cada uma! Fez-me gastar três dólares e agora vai fazer que nos expulsem.

— Faça o que eu fizer — aconselhou Fonzo. — Basta isto. Não diga nada.

Minnie foi quem abriu a porta. A pianola estava a todo pano. Miss Reba apareceu em uma das portas, com uma caneca de metal na mão. — Ora, ora... — disse. — Então, meus rapazes, ficaram até bem tarde hoje à noite.

— Sim senhora — disse Fonzo, empurrando Virgil para a escada. — Fomos à igreja.

Depois de deitados, no escuro, ainda continuaram ouvindo o piano.

— Você me fez gastar três dólares — queixou-se Virgil.

— Oh, cale a boca — disse Fonzo. — Quando penso que estou aqui há quase duas semanas...

Na tarde seguinte entraram em casa ao lusco-fusco, quando as luzes começavam a brilhar e as mulheres de meias cor-de-carne iam ao encontro dos homens, entrando em carros, etc.

— Que me diz agora daqueles três dólares? — perguntou Fonzo.

— Acho melhor não irmos hoje à noite — disse Virgil. — Custa muito caro.

— Tem razão — disse Fonzo. — Alguém pode nos ver e contar a Miss Reba.

Esperaram duas noites. — Agora serão seis dólares — disse Virgil.

— Não venha, então — replicou Fonzo.

Quando voltaram para casa, Fonzo disse: — Procure fingir um pouco, desta vez. Da última ela quase nos apanhou, devido à sua atitude.

— E que tem isso? — disse Virgil em voz emburrada, — Ela não pode nos comer, pode?

Ficaram do lado de fora da porta gradeada, cochichando.

— Como é que você sabe que ela não pode? — perguntou Fonzo.

— Ela não quer, então.

— Como é que você sabe que ela não quer?

— Talvez não queira — disse Virgil. Fonzo abriu a porta gradeada. — De qualquer maneira, não posso comer aqueles seis dólares — continuou Virgil. — Gostaria de poder.

Minnie abriu-lhes a porta. Disse: — Alguém está procurando por vocês.

Esperaram no vestíbulo. — Agora nos pegaram — disse Virgil.

— Bem que lhe falei, sobre jogar aquele dinheiro fora.

— Oh, cale a boca — exclamou Fonzo. Surgiu alguém a uma das portas, um homenzarrão, de chapéu caído sobre uma orelha, o braço na cintura de uma loura de vestido vermelho.

— Lá está Clarence — disse Virgil.

No quarto deles, disse Clarence: — Como é que vocês conseguiram entrar aqui?

— Viemos dar aqui por acaso — disse Virgil, explicando-lhe como fora.

Clarence continuou sentado na cama, o chapéu sujo na cabeça e um charuto nos dedos.

— Onde estiveram hoje à noite? — perguntou. Os outros não responderam. Fitaram-no com expressão perplexa, vigilante. — Vamos. Eu sei. Onde foi? — insistiu Clarence. Contaram-lhe.

— Custou-me três dólares — disse Virgil.

— Com os diabos, se você não for o maior idiota deste lado de Jackson — disse Clarence. — Venham cá.

Os outros acompanharam-no humildemente. Ele os fez sair de casa e andar por dois ou três quarteirões. Atravessaram uma rua de lojas e teatros de negros e entraram numa rua estreita e escura, parando numa casa que tinha cortinas vermelhas nas janelas iluminadas. Clarence tocou a campainha. Podiam ouvir música lá dentro, vozes estridentes e passos. Entraram numa sala de entrada desnuda, onde dois negros mal vestidos discutiam com um branco bêbado, de macacão manchado de óleo. Por uma porta entreaberta, viram uma sala cheia de mulheres cor-de-café, trajando vestidos de cores vivas, com penteados complicados e rutilantes sorrisos.

— São negras — disse Virgil.

— Claro que são negras — disse Clarence. — Mas vê isto aqui? — perguntou, sacudindo uma nota no rosto do primo. — Este negócio aqui é daltônico.

No terceiro dia de busca, Horace encontrou abrigo para a mulher e a criança. Isso na escalavrada cabana de uma branca, velha e meio amalucada que, dizia-se, fabricava feitiçarias para os negros. A cabana ficava na orla da cidade, num terreninho invadido, na frente, por ervas daninhas que chegavam até a cintura. Havia, nos fundos, uma trilha que ia do portão quebrado até a porta. Durante toda a noite uma luz brilhava na alucinante profundidade da casa e, quase que a qualquer hora, das vinte e quatro de que se compõe o dia, se podia ver uma carroça travada no terreno aos fundos, e um negro entrando ou saindo pela porta de trás. A casa já fora revistada pelas autoridades, à procura de bebidas. Nada encontraram, além de alguns secos ramos de ervas, e uma coleção de garrafas sujas que continham um líquido do qual nada podiam dizer, a não ser que não era alcoólico. Enquanto isso a mulher, segurada por dois homens, sacudindo os ralos cabelos grisalhos à volta do rosto desfigurado, invectivava contra os polícias, com sua voz rachada. Num quarto anexo, onde havia uma cama e uma barrica com restos irreconhecíveis, onde os ratos remexiam a noite inteira, Ruby encontrou abrigo.

— Você estará segura aqui — disse Horace. — Poderá a qualquer momento comunicar-se comigo por telefone, no número... — Deu-lhe o número de um vizinho. E depois: — Não; espere. Amanhã farei que instalem de novo o meu telefone. Assim você poderá...

— Está certo — disse a mulher. — Acho que é melhor você não voltar aqui.

— Por que não? Pensa que isto... que eu me importaria se...

— Você tem que morar nesta cidade.

— Que se danem! Já deixei demais que mulheres dirijam minha vida à sua maneira, e se esses escravos do matrimônio...

Mas Horace sabia que falava da boca para fora. Sabia que também Ruby sabia disso, graças àquela inclinação que têm as mulheres para desconfiar dos atos alheios, e que a princípio parece apenas atração para o mal, mas que depois prova ser, na realidade, apenas sabedoria prática. — Creio que conseguirei encontrá-lo, se tiver necessidade — disse a mulher. — Nada mais posso fazer.

— Com os diabos! — exclamou Horace. — Você não deixe que aquelas mulheres... Cadelas — disse ele. E repetiu: — Cadelas.

No dia seguinte, o telefone foi reinstalado em sua casa. Durante uma semana Horace não viu a irmã. Ela não podia saber que ele tinha telefone... E, no entanto, quando uma semana antes da abertura do Tribunal, Horace ouviu o tilintar do aparelho, no silêncio em que lia, pensou que fosse Narcisa. Isto até

distinguir, através do remoto som de uma vitrola, ou rádio, a voz de um homem que falava de maneira controlada, sepulcral.

— Aqui é Snopes — disse a voz. — Como vai, senhor juiz?

— Quê? — perguntou Horace. — Quem é que está falando?

— Senador Snopes; Clarence Snopes. A vitrola continuava, débil, longínqua. Ele podia ver o homem, com seu chapéu sujo, ombros largos, apoiado ao aparelho — numa farmácia ou restaurante — murmurando no bocal, protegido pela mão macia, grande e cheia de anéis, o fone parecendo brinquedo na outra mão.

— Oh — disse Horace. — Sim? Que foi?

— Tenho uma informação, que poderá interessar-lhe.

— Informação que poderá interessar-me?

— Creio que sim. Que interessará a mais de uma pessoa.

Contra o ouvido de Horace, o rádio ou vitrola teve uma sonoridade de saxofones. Obscenos, fáceis, pareciam eles lutar um com o outro, como dois hábeis macacos numa jaula. Horace ouviu o pesado respirar do homem, no outro lado da linha.

— Está certo — disse. — O que é que o senhor sabe que poderia me interessar?

— Trate de imaginar.

— Está certo. Irei à cidade, de manhã. O senhor me encontrará lá. — Imediatamente acrescentou: — Alô! — Parecia que o homem respirava no ouvido de Horace: som plácido, grosseiro, subitamente agourento. — Alô! — repetiu Horace.

— Com certeza não lhe interessa, então. Tratarei de negociar com o outro lado e não o importunarei mais. Até logo.

— Não; espere — disse Horace. — Alô! Alô!

— Sim?...

— Vou à cidade hoje à noite. Estarei aí daqui a quinze...

— Não há necessidade disso — declarou Snopes. — Estou com o meu carro. Irei até aí.

Horace foi esperar ao portão. Havia lua. Dentro do túnel negro e prateado formado pelos cedros, os pirilampos davam alfinetadas de luz. Os cedros eram negros e apontavam para o céu, como silhuetas de papel; o gramado inclinado tinha um brilho fraco, patinado, como prata. Nalgum ponto, um noitibó piou — som insistente, trêmulo, lamentoso, acima do som dos insetos. Passaram três carros. O quarto diminuiu a marcha e virou na direção do portão. Horace surgiu no fecho de luz do farol. Atrás da direção, via-se o vulto pesado de Snopes, dando

impressão de ter sido posto no carro antes de colocada a capota. Ele estendeu a mão.

— Como está hoje à noite, senhor juiz? Não sabia que o senhor estava na cidade, até ter telefonado para Mrs. Sartoris.

— Vou bem, obrigado — respondeu Horace, soltando a mão. — Que informação é essa que diz ter?

Snopes dobrou-se sobre a direção e espiou para fora, olhando a casa. — Vamos conversar aqui — disse Horace. — Assim não terá que virar o carro.

— Aqui não há intimidade — declarou Snopes. — Mas isso é com o senhor. Grande e pesado, seu vulto surgiu inclinado para a frente, o rosto indefinido semelhante à lua, ao reflexo da lua. Com aquele pressentimento que tivera ao falar ao telefone, Horace sentia que Snopes o observava. Observava-o com cálculo, malícia e reticência. Horace tinha impressão de que sua mente esvoaçava para um lado e outro, indo sempre bater naquele vulto imenso, macio, inerte, como se ele se visse preso numa vaga de caroços de algodão.

— Vamos para casa — disse Horace. Snopes abriu a porta do carro. — Siga — acrescentou Horace. — Irei a pé.

Snopes seguiu com o carro. Estava descendo, quando Horace o alcançou. — Bom, que é, então? — perguntou Horace.

De novo Snopes olhou para a casa. — O seu cantinho, hein? — Como Horace nada dissesse, continuou: — Como sempre digo, todo homem casado devia ter um cantinho seu, para onde pudesse ir sem que pessoa alguma se intrometesse na sua vida. Claro que um homem tem obrigações para com a esposa, mas o que os olhos não veem o coração não sente, não é verdade? Contanto que ele seja discreto, a esposa não tem de que se queixar. Não é essa a sua opinião?

— Ela não está aqui, se é isso que você está insinuando — disse Horace. — Para que queria ver-me?

De novo percebeu que Snopes o observava. Viu o olhar cínico, calculista, de quem absolutamente não acreditava no que ouvia.

— Bom, como sempre digo, cada qual deve tomar conta de seus negócios. Não o estou censurando. Mas, quando me conhecer melhor, verá que não sou falador. Sou um homem vivido. Estive lá... Quer um charuto?

— Não, obrigado.

Snopes acendeu um charuto, À luz do fósforo, seu rosto parecia uma torta colocada de viés.

— Por que desejava ver-me? — perguntou Horace. Snopes tirou uma fumaçada. — Há dois dias tive uma informação que, se não me engano, deve ter valor para o senhor.

— Oh, valor. Que valor?

— Isso depende do senhor. Tenho outra pessoa, com quem poderia negociar, mas considerando-se que o senhor e eu somos conterrâneos, e tudo o mais...

O pensamento de Horace trabalhava, A família de Snopes era originária das imediações de Frenchman's Bend, e ainda ali vivia.

Horace sabia por que meios tortuosos as informações iam de homem a homem, da gente ignorante que vivia naquela região. Mas não há de ser coisa que ele possa vender ao Estado, pensou. Nem mesmo ele é assim idiota. — É melhor dizer-me então do que se trata — disse Horace. Percebeu que Snopes o observava.

— Lembra-se do dia em que tomou o trem em Oxford, aonde fora a negóc...

— Lembro-me — disse Horace.

Snopes fumou calmamente, ergueu a mão e alisou a nuca. — Lembra-se de me ter falado de uma moça?

— Lembro-me. E que tem isso?

— O senhor é que sabe.

Horace sentia o perfume das madressilvas, subindo pela ladeira prateada. Ouviu o chamado do noitibó — líquido, lamentoso, insistente. — Quer dizer que sabe onde ela está? — Como Snopes nada dissesse, Horace continuou: — E que, sendo pago, contará?

Snopes não respondeu. Horace fechou as mãos e enfiou-as nos bolsos, comprimindo-as contra os flancos.

— Por que motivo acha que a informação vai interessar-me? — perguntou.

— Isso é o senhor quem deve saber. Não sou advogado de nenhum crime de morte. Não estive em Oxford à procura dela. Claro que, se não entrarmos num acordo, negociarei com o outro lado. Estou-lhe dando uma oportunidade, apenas.

Horace voltou-se para a escada. Movia-se cautelosamente, como um velho.

— Vamos nos sentar — disse. Snopes seguiu-o sentando-se na escada, ao luar.

— Onde está ela? — perguntou Horace.

— Eu a vi — disse Snopes, passando de novo a mão na nuca. — Sim senhor. Se ela não estiver... Se ela não tiver estado lá, o senhor poderá reaver o seu dinheiro. Não posso ser mais justo, não é verdade?

— E qual o seu preço? — perguntou Horace.

Snopes fumava, calmamente.

Horace insistiu: — Diga. Não vou pechinchar.

Snopes disse o preço.

— Está certo — disse Horace. — Eu pago.

Levantou os joelhos e apoiou neles os cotovelos, escondendo o rosto entre as mãos. E depois: — Onde é... Espere um pouco. Você é batista, por acaso?

— Minha família é. Eu, por mim, sou bastante liberal. Não estou preso a nada, como o senhor verá quando me conhecer melhor.

— Está certo — disse Horace, por trás das mãos. — Onde está ela?

— Vou dar prova de confiança no senhor — disse Snopes. — Está num bordel, em Memphis.

Quando atravessou o portão de Miss Reba, passando pela porta gradeada, Horace ouviu alguém, atrás, chamá-lo pelo seu nome. Era de tarde; as janelas na parede velha, descascada, pareciam pálidos quadrados. Ele parou e virou-se. De um ângulo vizinho surgiu a cabeça de Snopes, parecendo um peru. Depois todo ele apareceu. Olhou para a casa, depois para os dois lados da rua. Veio vindo ao longo da cerca, atravessando o portão com ar cauteloso.

— Bom, senhor juiz, a mocidade tem seus direitos, não é verdade? Não estendeu a mão. Erguia-se, alto, acima, de Horace, com aquele ar ao mesmo tempo confiante e alerta, olhando a rua pôr sobre o ombro.

— Como sempre digo, não faz mal a um homem de vez em quando...

— Que aconteceu, agora? — perguntou Horace. — Que deseja comigo?

— Calma, calma, senhor juiz. Não vou contar a ninguém. Pode ficar tranquilo nesse ponto. Se nós, homens, contássemos o que sabemos, nenhum poderia descer de novo do trem em Jefferson, não é verdade?

— O senhor sabe tanto quanto eu o que vim fazer aqui. Que deseja, agora, de mim?

— Claro, claro — disse Snopes. — Sei como se sente um homem casado, e tudo o mais, sem saber onde está a mulher. — Com olhadelas por sobre os ombros, ele piscou para Horace. — Fique tranquilo. Está tão garantido comigo como se o segredo estivesse no túmulo. Só que detesto ver um bom...

Horace já se dirigira para a porta. Snopes chamou-o, em tom baixo e penetrante: — Senhor juiz... Não fique aí.

Horace voltou-se. — Não ficar aqui?

— Veja a moça e saia logo. É um lugar para trouxas. Para fazendeiros. Mais caro do que Monte Carlo. Esperarei aqui e lhe mostrarei um lugar onde...

Horace continuou, passando pela porta gradeada. Duas horas mais tarde, estando Horace conversando com Miss Reba no quarto desta, ouvindo vozes e passos no corredor e nas escadas, Minnie entrou, trazendo um bilhete para o visitante.

— O que é isso? — perguntou Miss Reba.

— Aquele sujeito grande, com cara de torta, me entregou um bilhete para esse senhor — disse Minnie. — Mandou dizer para o senhor descer.

— Você o deixou entrar? — perguntou Miss Reba.

— Não. Ele não falou nisso.

— Não duvido — disse Miss Reba, fungando. E virando-se para Horace: — O senhor o conhece?

— Conheço.

Horace abriu o papel. Viu um endereço escrito a lápis, em letra clara, floreada.

— Ele apareceu aqui há duas semanas — disse Miss Reba. — Veio procurar dois rapazes. Ficou na sala de jantar, fumando como uma locomotiva e apalpando o traseiro das moças, mas não creio que tenha gasto um níquel sequer. Ele encomendou alguma coisa, Minnie?

— Nada — respondeu a empregada.

— Há duas noites ele esteve de novo aqui. Não gastou nada, não fez outra coisa a não ser falar. Tanto que eu disse: "Escute aqui, rapaz, as pessoas que usam essa sala de espera têm que tomar o trem de vez em quando". Assim sendo, da próxima vez ele trouxe uísque. Não me importo que um bom freguês faça isso de vez em quando. Mas quando um sujeito como aquele aparece aqui três vezes, beliscando as minhas meninas, trazendo seu uísque, e encomendando apenas quatro coca-colas... Não passa de um sujeito mesquinho, vulgar. De modo que eu disse a Minnie que não o deixasse mais entrar. Certa tarde, estava me preparando para uma soneca, quando ele... Não consegui descobrir o que ele fez para que Minnie o deixasse entrar... Sei que ele não lhe deu dinheiro. Como foi, então, Minnie? Ele deve ter mostrado alguma coisa que você nunca viu antes, não é verdade?

Minnie sacudiu a cabeça. — Ele não tem nada que eu queira ver. Já vi demais.

O marido de Minnie a abandonara por não aprovar seu negócio. Era cozinheiro num restaurante. Apanhara todas as roupas e joias que as brancas tinham dado a Minnie e fugira com uma copeira do restaurante.

— Ele não parava de fazer perguntas e insinuações a respeito daquela moça — contou Miss Reba. — E eu disse que fosse perguntar a Popeye se queria saber tanto assim. Nada disse a ele, a não ser que saísse daqui e não voltasse mais. E naquele dia, mais ou menos às duas da tarde, eu estava dormindo quando Minnie o deixou entrar. Ele perguntou quem estava aqui e ela respondeu: "Ninguém", e ele foi subindo a escada. Minnie me disse então que justamente nesta hora Popeye apareceu. Ela ficou sem saber o que fazer. Teve medo de não o deixar entrar, mas também sabia que se ele entrasse e liquidasse o outro sujeito lá em cima, eu a poria na rua, e o marido lhe daria o fora, e tudo o mais. Popeye subiu a escada de mansinho, com aquele seu andar de gato, e deu com o seu amigo de joelhos espiando pela fechadura. Diz Minnie que Popeye ficou atrás dele por um minuto,

com o chapéu caído sobre o olho. Diz que ele tirou um cigarro e riscou o fósforo na unha do polegar, sem barulho, acendendo o cigarro. Depois aproximou o fósforo da nuca do seu amigo, com Minnie ali na metade da escada, observando-os: o sujeito ajoelhado, com sua cara de torta tirada cedo demais do forno, e Popeye expelindo fumaça pelo nariz e parecendo sacudir a cabeça para ele. E então Minnie desceu e dali a dez segundos o sujeito também desceu, com ambas as mãos no alto da cabeça, pulando como um daqueles cavalos de carroça, tateando à procura da porta, gemendo como vento numa chaminé, até Minnie abrir a porta para ele sair. E foi essa a última vez que ele tocou a campainha, até hoje à noite... Deixe-me ver isso. — Horace deu-lhe o papel. Miss Reba leu e disse: — Isto é um bordel de negros.

— O miseráv... Minnie, diga-lhe que o seu amigo não está aqui. Diga que não sei para onde ele foi.

Minnie saiu. Miss Reba continuou: — Tenho recebido toda espécie de homens na minha casa, mas há limite para tudo. Tenho recebido advogados, também. O maior advogado de Memphis esteve aqui, na minha sala de jantar, pagando bebida para as minhas meninas. Um milionário. Pesava duzentas e oitenta libras e mandou para cá uma cama feita especialmente para ele. Está lá em cima, agora, neste momento. Mas, tudo isso, enquanto fizer parte do meu negócio. Não vou permitir que aborreçam minhas meninas com leis e advogados, sem razão justa para isso.

— E não acha que isso seja razão? Que um homem esteja sendo julgado, arriscado a ser condenado à morte por crime que não cometeu! A senhora pode estar neste momento cometendo o crime de abrigar um assassino.

— Que venham, então, buscá-lo. Não tenho nada com isso. Já vieram muitos policiais, aqui, para eu ter medo deles. — Ergueu a caneca, bebeu e passou as costas da mão na boca. — O que Popeye tiver feito lá fora é da conta dele. Quando ele começar a matar gente na minha casa, então começarei a agir.

— A senhora tem filhos? — perguntou Horace. Como Miss Reba o olhasse, ele continuou: — Não quero intrometer-me na sua vida; estava apenas pensando naquela mulher. Ela irá de novo para a rua, e só Deus sabe o que acontecerá àquela criança.

— Tenho — disse Miss Reba. Sustento quatro, longe daqui. Apesar disso, não são meus. — Ergueu a caneca e olhou dentro, balançando-a suavemente e colocando-a de novo na mesa. — Antes não tivessem nascido — acrescentou. Levantou-se e aproximou-se de Horace, movendo-se pesadamente, ofegante. Pôs a mão na cabeça de Horace e fê-lo erguer o rosto. — Não está me mentindo, está? — perguntou com olhar atento, penetrante e triste. — Não; não está. — Soltou-o. E depois: — Espere aqui por um momento. Vou ver.

Saiu. Horace ouviu-a falar com Minnie, no hall, depois subir com dificuldade a escada.

Ele ficou sentado, quieto, como Miss Reba o deixara.

Havia no quarto uma cama de madeira, um biombo pintado, três cadeiras excessivamente estofadas e um cofre na parede.

A penteadeira estava atulhada de artigos de toalete, com laços de fita cor-de-rosa. No beiral da lareira, cercada de crepe, a fotografia de um homem de ar pacífico, com enorme bigode.

Nas paredes, algumas litografias de falsas cenas gregas, e um quadro feito com frocos. Horace levantou-se e foi até a porta. Minnie estava sentada numa cadeira, no vestibulo mal iluminado. — Minnie — disse ele. — Preciso de algo para beber. Veja se me arranja um copo bem grande. Acabara de beber, quando Minnie voltou. — Ela mandou dizer para o senhor subir.

Horace subiu. Miss Reba esperava lá em cima. Conduziu-o pelo corredor e abriu a porta de um quarto às escuras. — Terá que conversar com ela no escuro — disse. — Não quer saber de luz.

A luz do corredor entrava pela porta, caindo na cama. — Este não é o quarto dela — disse Miss Reba. — Nem no seu quarto quis vê-lo. É melhor fazer-lhe a vontade, até descobrir o que deseja saber. Entraram. A luz caía de atravessado na cama, sobre um monte imóvel de roupas. Quanto ao resto, estava em ordem. "Ela vai ficar sufocada", pensou Horace.

— Meu bem — chamou Miss Reba. O monte não se moveu. — Ele está aqui, meu bem. Já que você está coberta, deixe-nos acender a luz. Depois podemos fechar a porta. Miss Reba acendeu a luz.

— Ela vai ficar sufocada — disse Horace. — Ela aparecerá daqui a minutos — replicou Miss Reba. — Vamos, diga-lhe o que quer. É melhor eu ficar. Mas não se incomode comigo. Eu não poderia ter continuado neste meu negócio, se não tivesse aprendido a ser surda e muda, há muito tempo. E, se fosse curiosa, minha curiosidade se teria gasto nesta casa. Tome uma cadeira. Virou-se, mas Horace antecipou-lhe o gesto e puxou duas cadeiras.

Ele sentou-se ao lado da cama. Falando ao monte de roupas, contou-lhe a que vinha. — Quero apenas saber o que foi que realmente aconteceu. Você não ficará implicada. Sei que não é culpada. Prometo-lhe, antes que me conte qualquer coisa, que não terá que servir como testemunha, a não ser que isso seja absolutamente necessário para evitar que ele seja condenado à morte. Sei como você deve sentir-se. Não viria aborrecê-la, a não ser pelo fato de a vida daquele homem correr perigo. O monte não se moveu.

— Vão enforcá-lo por um crime que ele não cometeu — disse Miss Reba. — E a mulher não terá nada, ninguém por ela. E você com brilhantes, e ela com aquela pobre criancinha. Você viu, não viu?

O monte não se moveu.

— Sei como você se sente — disse Horace. — Poderá usar um nome falso, roupas diferentes, óculos.

— Eles não vão apanhar Popeye, meu bem — disse Miss Reba. — Popeye é esperto demais para isso. Você não lhe sabe o nome, em todo caso. E, se tiver que depor, mandarei avisar Popeye, depois que você sair, e ele irá para algum lugar e mandará depois buscá-la. Você e ele não hão de querer ficar sempre aqui em Memphis. O advogado a protegerá e você não terá que dizer coisa alguma...

Houve um movimento no monte. Temple atirou para baixo as cobertas e sentou-se na cama. Tinha os cabelos em desalinho, o rosto inchado, e havia duas manchas de ruge nas faces; boca pintada exageradamente. Ela fitou Horace por um momento, com sombrio antagonismo, depois desviou o olhar. — Quero beber qualquer coisa — disse, puxando o ombro da camisola.

— Deite-se — pediu Miss Reba. — Vai apanhar um resfriado.

— Quero mais uma bebida — disse Temple. — Deite-se e cubra essa nudez, em todo o caso — insistiu Miss Reba, levantando-se. — Você já bebeu três vezes, depois do jantar.

Temple puxou de novo a camisola para cima. Olhou para Horace e disse: — Você me dê então uma bebida.

— Vamos, meu bem — disse Miss Reba, procurando empurrá-la para baixo. — Deite-se, cubra-se e conte a ele o negócio todo. Daqui a pouco irei buscar-lhe a bebida.

— Deixe-me em paz — replicou Temple, libertando-se. Miss Reba cobriu-lhe os ombros com o lençol. — Dê-me um cigarro, então — pediu Temple. E virando-se para Horace: — Tem um?

— Eu lhe arranjo um daqui a minutos — disse Miss Reba. — Você fará o que ele quer?

— Quê? — perguntou Temple, olhando para Horace com seu olhar negro, hostil. — Você não precisa dizer-me onde o seu... onde ele... — começou Horace.

— Não pense que tenho medo de contar — volveu Temple. — Contarei em qualquer lugar. Não pense que tenho medo. Quero uma bebida.

— Conte-lhe, que lhe arranjo o que beber — prometeu Miss Reba. Sentada na cama, as cobertas sobre os ombros, Temple falou-lhe então da noite que passara na casa em ruínas, desde o momento em que entrara no quarto e procurara prender a porta com a cadeira, até aquele em que a mulher se aproximara do leito e a

segurara. Era esta a única parte de toda a aventura que parecia ter deixado nela alguma impressão: a noite que passara em relativa inviolabilidade. De vez em quando Horace procurava fazê-la chegar ao crime propriamente dito, mas Temple esquivava-se, voltando ao momento em que se sentara na cama, ouvindo os homens que conversavam na entrada, ou deitada no escuro, enquanto eles entravam no quarto e se aproximavam da cama para olhá-la.

— Sim, isso — dizia ela. — Aconteceu, apenas. Não sei. Fazia tanto tempo que eu estava com medo, que creio que já me habituara a isso. E, portanto, fiquei ali sentada nos resíduos de algodão, observando-o. A princípio pensei que fosse o rato. Havia dois. Um num canto, olhando para mim, o outro no canto oposto. Não sei de que se alimentavam eles, pois ali nada havia, além de espigas de milho e caroços de algodão. Talvez fossem até a casa para comer. Mas não havia ratos na casa. Nunca ouvi um lá dentro.

Pensei que talvez fosse um rato, quando pela primeira vez ouvi os homens; mas a gente sente, quando há pessoas no escuro; sabia disso? Não é preciso vê-las. A gente pode senti-las, como quando a gente está num carro e procura um bom lugar de estacionamento. Você sabe, lugar para estacionar por algum tempo.

Temple assim continuou, num desses monólogos vivos, tagarelas, que as mulheres podem manter quando sabem que ocupam o centro do palco.

De repente Horace compreendeu que ela estava contando a aventura com orgulho, com uma espécie de vaidade ingênua e impessoal, como se estivesse inventando o caso, olhando de Horace para Miss Reba com olhares rápidos, vivos, como cão que dirige duas reses numa viela. — E, portanto, todas as vezes que eu respirava, ouvia ranger a palha. Não sei como há quem possa dormir numa cama como aquela. Mas é possível que a gente se acostume. Ou talvez eles chegassem cansados, à noite. Sim, pois quando eu respirava, ouvia a palha mesmo estando sentada na cama. Não compreendi como o ruído podia ser causado apenas pelo respirar, de modo que fiquei sentada o mais imóvel que me foi possível, mas mesmo assim podia ouvir a palha. Isso porque a respiração vai para baixo. A gente pensa que vai para cima, mas é engano. Vai para baixo, e eu ouvia os homens embriagando-se no alpendre. Cheguei a pensar que podia ver onde a cabeça de cada um se apoiava na parede, e dizia comigo mesma: "Agora aquele está bebendo no cântaro. Agora aquele outro". Como a depressão que fica no travesseiro, depois que a gente se levanta, você sabe.

— Foi aí que tive um pensamento engraçado — continuou Temple. — Você sabe como é, quando a gente está com medo. Olhei para as minhas pernas e comecei a imaginar que eu era um menino. Comecei a pensar: "Se eu fosse um menino"... e procurei transformar-me em menino, pelo fato de pensar nisso. Você

sabe como a gente faz essas coisas. Como quando a gente sabe um problema, na escola; e, quando chegam a ele, a gente olha para o professor e procura transmitir-lhe a mensagem: "Chame-me, chame-me". Comecei a pensar no que costumam dizer às crianças, a pensar no costume de beijar o cotovelo, e procurei convencer-me. E o consegui. Estava tão amedrontada, que fiquei imaginando se perceberia quando acontecesse. Quero dizer, se perceberia, antes de ter olhado. E achei que sim, e que me levantaria e iria mostrar-lhes... você sabe. Acenderia um fósforo e diria: "Olhem. Vejam. Deixem-me agora em paz". E voltaria para a cama. Pensava que poderia então voltar para a cama e dormir, porque estava com sono. Estava com tanto sono que não podia conservar os olhos abertos. Temple continuou: — Fiquei, portanto, de olhos bem fechados e disse: "Agora sou. Agora sou". Olhava para as minhas pernas e pensava no quanto tinha eu feito por elas. Lembrava-me de todos os bailes aos quais eu as havia levado... coisa louca, assim louca. Porque pensava em tudo que fizera por elas, e agora elas me punham naquela situação. Pensava em rezar para que me transformasse em menino, e rezava, e depois me sentava, esperando. Achava então que era possível que não percebesse a transformação e me preparava para olhar. Ocorria-me que talvez fosse cedo demais para olhar; que, se eu olhasse cedo demais, estragaria tudo, e a transformação não mais se daria. Contava, então. Pensei em contar até cinquenta, a princípio; depois achei que era pouco e resolvi contar mais cinquenta. Achei então que, se não olhasse no momento certo, seria tarde demais. Pensei em me prender de um jeito ou outro. Uma conhecida minha foi viajar no verão e me falou de um cinto de ferro, num museu, com o qual um rei costumava prender a rainha quando ia viajar. Naquele momento gostaria de ter um, também. Foi por isso que vesti o impermeável. O cantil estava pendurado perto. Apanhei-o também e coloquei no...

— Cantil? — perguntou Horace. — Para quê?

— Não sei por que peguei. Estava com medo de deixá-lo ali, creio eu. Mas pensei: se ao menos eu tivesse aquele cinto francês! Comecei a imaginar que talvez tivesse pontas, e que ele não perceberia até ser tarde demais, e eu o enfiaria todo nele, e pensei no sangue correndo em cima de mim, e que eu então diria: "Isto vai ensiná-lo! Com certeza vai me deixar agora em paz!" Eu não sabia que ia ser o contrário... Quero uma bebida.

— Dou-lhe uma daqui a minutos — disse Miss Reba. — Continue contando.

— Ah, sim. Fiz outra coisa engraçada.

Temple falou sobre Gowan, ouvindo-o rressonar a seu lado na cama, ouvindo o chiar da palha, ouvindo movimentos no escuro, sentindo Popeye aproximar-se. Ela podia ouvir o latejar do sangue nas veias, os pequenos músculos do canto dos olhos se esticarem, sentindo as narinas alternadamente frias e quentes. Logo

depois ele surgiu e Temple disse: "Vamos. Toque-me. Vamos. Você será covarde, se não me tocar. Covarde! Covarde!" — Sabe, eu queria dormir — continuou Temple. — E ele apenas continuava ali de pé. Pensei que, se ele se decidisse, e acabasse com tudo, eu poderia dormir. De modo que disse: "Você é um covarde, se não o fizer! Será covarde se não o fizer!" e senti que minha boca estava prestes a deixar escapar um grito, e senti aquela bolinha quente, dentro de nós, que grita. Nisto senti que me tocavam, senti aquela desagradável mãozinha fria, remexendo dentro do meu casaco, onde eu estava nua. Era como gelo vivo, e minha pele começou a tremer violentamente, como aqueles peixinhos voadores diante de um barco. Era como se minha pele pressentisse para que lado iria aquela mão, e minha pele estremecia antes, para que nada houvesse ali, quando a mão chegasse. Depois a mão chegou ao ponto onde começa o meu estômago. E eu não comera desde a véspera à tarde, e minha barriga começou a roncar, e a palha do colchão fazia tanto barulho que parecia risada. Achei que estava rindo de mim, porque o tempo todo a mão descia e eu ainda não me transformara em menino. O engraçado foi isto, porque eu aí não estava respirando. Fazia tempo que eu não respirava. De modo que julguei que estivesse morta. Aconteceu, então, uma coisa engraçada. Vi-me no caixão. Eu estava um amor, sabe? toda de branco. Tinha um véu parecido com véu de noiva, e me vi chorando, porque estava morta ou porque estava um amor, ou coisa parecida. Não; era pelo fato de terem posto palha no caixão, onde eu estava morta. E o tempo todo eu sentia meu nariz ficar frio e quente, e frio e quente, e podia ver todas as pessoas sentadas à volta do caixão, dizendo: "Ela não está mesmo um amor? Ela não está mesmo um amor?" Mas eu continuava dizendo: "Covarde! Covarde! Toque-me, covarde!" Fiquei alucinada, de tanto tempo que ele levava.

Continuei falando. "Pensa que vou ficar aqui a noite inteira à sua espera? Deixe-me que lhe diga o que vou fazer". E continuei ali deitada, a palha rindo de mim, e eu estremecendo ante a mão dele, pensando no que lhe diria. Falaria com ele como faz a professora na escola. E eu era então a mestra, e a mão uma coisinha negra, como um negrinho, mais ou menos isso, e eu era mestra. Sim, porque eu diria: "Que idade tenho?" E eu mesma responderia: "Quarenta e cinco". Tinha cabelos grisalhos e usava óculos, e tinha um busto grande, como têm as mulheres quando envelhecem. E vestia um costume cinza, e cinza foi cor que nunca me assentou. E eu estava dizendo à mão o que eu faria, e ela ia-se retirando, ia-se retirando, como se já pudesse ver a vara. Depois eu disse: "Assim não está certo. Eu devia ser homem". E, portanto, fiquei sendo um homem, com longa barba branca; e o homenzinho negro foi-se tornando cada vez menor, cada vez menor, e eu dizia: "Agora. Você vê, agora. Agora sou homem". Pensei, então, em virar homem e, enquanto pensava, foi o que se deu. Houve um "plac", como quando a gente assopra

um tubo de borracha do lado errado, para fora. Produziu uma sensação de frio, como no interior da boca quando a gente a mantém aberta. Foi o que senti, e fiquei imóvel, para não rir da surpresa que ele ia ter. Eu sentia o estremecimento continuando dentro de minhas calças, antes da chegada da mão dele, e eu ali deitada, procurando não rir da surpresa e raiva que ele iria ter dali a minutos. E então, de repente, adormeci. Já nem mais sentia o estremecimento à aproximação da mão dele, mas ainda ouvia a palha. Não acordei até aquela mulher aparecer e levar-me para o telheiro.

Quando Horace ia saindo da casa, Miss Reba disse: — Gostaria que o senhor a levasse e não a trouxesse mais. Eu mesma iria procurar a família dela, se soubesse que passos dar nesse sentido. Mas o senhor sabe como... Ela estará morta, ou no hospício, daqui a um ano, a julgar pelo que se passa entre eles, lá em cima, naquele quarto. Há ali alguma coisa esquisita, que ainda não descobri o que é. Talvez seja ela. Não nasceu para esta vida. A gente tem que nascer para isto, como nasce para ser açougueiro, ou barbeiro, creio eu. Ninguém escolheria essas profissões só por dinheiro, ou prazer.

Melhor teria sido para ela se estivesse morta, pensou Horace, seguindo o seu caminho. Para mim, também. Pensou em Temple, em Popeye, na mulher, na criancinha, em Goodwin, todos eles num só aposento, nu, mortífero, urgente e profundo: um único momento apagador, entre a indignação e a surpresa. E eu, também. Achando que era a única solução. Cauterizados, extirpados do velho e trágico flanco do mundo. E eu, também, agora que estamos todos isolados. Pensou em suave e sombria brisa soprando nos longos corredores do sono; pensou em deitar-se sob um teto baixo e confortável, ao abrigo do contínuo som da chuva — que representaria a maldade, a injustiça, as lágrimas. Na entrada de uma viela, havia dois vultos, frente a frente, sem se tocarem. O homem falava em voz baixa, com palavras, sons que não podem ser grafados, num murmúrio envolvente, caricioso; a mulher estava imóvel diante dele, como que desfalecente, em voluptuoso êxtase. Talvez a gente morra no momento em que compreende, admite que existe lógica no mal, pensou Horace. E lembrou-se da expressão que certa vez vira nos olhos de uma criança morta, e em outros mortos: indignação apaziguada, espantoso desespero esvaindo-se, deixando dois globos onde se ocultava, em miniatura, o mundo imóvel. Horace nem mesmo voltou ao hotel. Dirigiu-se para a estação. Podia apanhar um trem à meia-noite. Tomou uma xícara de café e imediatamente se arrependeu, pois teve impressão de bola de fogo no seu estômago. Três horas mais tarde, quando desceu em Jefferson, a bola ainda ali estava, sem ter sido assimilada. Horace dirigiu-se para a cidade e atravessou o largo deserto. Lembrou-se de outra manhã em que o atravessara. Era como se não tivesse

havido espaço de tempo; os mesmos movimentos do relógio iluminado, as mesmas sombras, à semelhança de abutres, nos vãos das portas. Poderia ter sido a mesma madrugada, tendo ele apenas atravessado o largo e feito meia-volta, regressando agora. Tudo em meio a um sonho povoado de todos os vultos de pesadelos que ele levara quarenta e três anos a criar, tudo concentrado numa bola dura, quente, no seu estômago. De repente começou a andar depressa, o café sacudindo-se como rocha causticante, pesada, dentro dele.

Subiu lentamente a trilha do seu jardim, começando a sentir o perfume da madressilva na cerca. A casa estava escura, queda, como se tivesse sido abandonada, no espaço, pela vazante de todos os séculos. Os insetos tinham um baixo e monótono rumorejar, por toda parte, em parte alguma, exauridos, como se o som fosse a química agonia de um mundo deixado nu e agonizante sobre a orla do fluido no qual vivia e respirava. A lua pairava lá em cima, mas sem luz; a terra jazia cá embaixo, sem trevas. Horace abriu a porta e procurou orientar-se até a luz. A voz da noite — insetos, ou fosse o que fosse — acompanhara-o dentro de casa. De repente ele soube que o som era a fricção do mundo no seu eixo, aproximando-se do momento em que tem que decidir-se entre continuar a girar ou imobilizar-se para sempre: bola estática no frio espaço, onde o denso perfume da madressilva se torcia como gélida fumaça. Ele encontrou o comutador e acendeu a luz. A fotografia estava sobre o penteador. Apanhou-a, segurando-a nas mãos. Dentro da marca quadrada deixada pela moldura ausente, o rosto de Little Belle sonhava, com aquela qualidade de doce claro-escuro. Um jogo de luz, ou talvez um imperceptível movimento das mãos de Horace, ou a sua respiração, qualquer coisa, enfim, comunicou ao papelão uma espécie de vida, de modo que o rosto pareceu respirar em suas palmas, num artificial banho de luz, sob a lenta e vaporosa carícia da invisível madressilva. Quase que palpável, o perfume encheu o aposento; o rostinho pareceu esmaiar, num voluptuoso langor, tornando-se mais confuso, desaparecendo, deixando nos olhos dele uma suave e evanescente lembrança de convite, de voluptuosa promessa, de secreta afirmação, como o próprio perfume... Ele soube então o que significava aquela sensação no estômago. Largou rapidamente a fotografia e correu para o banheiro. Abriu apressadamente a porta e bateu, à procura da luz. Mas não teve tempo de encontrá-la. Desistiu. Caiu para a frente, batendo no lavatório, ali se apoiando com os braços cruzados, enquanto a palha do colchão fazia um barulho terrível sob as pernas dela. Deitada, com a cabeça ligeiramente erguida, o queixo deprimido como figura arrancada a um crucifixo, ela via uma coisa negra e furiosa sair, rugindo, do seu corpo pálido. Ela estava amarrada, de costas, nua, a um carro que atravessava vertiginosamente um túnel negro, e o negrume fluía em rígidas ondas no alto, sobre sua cabeça; e nos

seus ouvidos soava o ranger de rodas de ferro, O carro saiu ousadamente do túnel, com um movimento ascendente. A escuridão sobre a cabeça dela estava agora retalhada por linhas paralelas de um fogo vivo, encaminhando-se para um crescendo, como respiração contida, intervalo no qual ela se balançaria suave e preguiçosamente no vácuo cheio de pálidos, miríades de pontinhos de luz. Sob seu corpo, bem longe, ela podia ouvir o leve, furioso ranger de palha.

A primeira vez que Temple foi até o alto da escada, os olhos de Minnie reviraram-se nas órbitas, ali na penumbra do corredor. De novo apoiada à sua porta fechada, Temple ouviu Miss Reba subir com dificuldade a escada e vir bater à sua porta. Temple ali continuou silenciosamente, enquanto Miss Reba silvava, ofegante, do outro lado, num misto de persuasão e ameaça. A moça não fez o mínimo ruído. Dali a pouco Miss Reba desceu de novo. Temple saiu de perto da porta e ficou no centro do quarto, batendo silenciosamente as mãos uma contra a outra, os olhos ainda mais negros no rosto lívido. Trajava um vestido de passeio e estava de chapéu. Tirou este e atirou-o para um canto, caindo depois de bruços na cama ainda por arrumar. A mesinha de cabeceira estava cheia de pontas de cigarro; o chão, ali por perto, salpicado de cinza. A fronha tinha dois furos marrons, naquele lado. Muitas vezes, de noite, ela acordava cheirando fumo, vendo o solitário olho de rubi lá onde estaria a boca de Popeye. A manhã estava em meio. Tênuo raio de sol caía sob a cortina descida, na janela ao sul, deitando-se no parapeito e depois no chão. A casa estava completamente silenciosa, com aquela mesma qualidade de fôlego exaurido que tivera na metade da manhã. De vez em quando passava um carro, na rua, lá embaixo. Temple virou-se na cama. Quando o fez, viu um dos inúmeros ternos de Popeye sobre o espaldar de uma cadeira. Ficou olhando para ele durante algum tempo; ergueu-se, depois, agarrando as roupas e atirando-as no canto onde fora parar o chapéu. Em outro canto havia um armário improvisado, com cortina de tecido fantasia. Havia ali vestidos de todos os tipos, todos novos. Ela arrancou-os furiosamente, aos montes, atirando-os para onde estava o terno, assim como alguns chapéus que se achavam numa prateleira. Havia ali outro terno de Popeye. Teve o mesmo destino. Atrás, num prego, havia uma pistola automática, numa capa de seda. Temple pegou-a com cuidado, tirou de dentro a arma e ficou por momentos com ela na mão. Dali a pouco foi até a cama" e escondeu-a sob o travesseiro. O penteador estava repleto de objetos de toalete — escovas, espelhos, tudo novo. Frascos e vidros de formatos delicados e bizarros, com etiquetas francesas. Ela pegou-os um a um e atirou-os no canto, onde caíram com um ruído de estilhaços. No penteador, no meio desses objetos, havia uma bolsa de platina: delicado trançado de metal sobre o atraente brilho alaranjado de várias cédulas. Também isso teve o destino das outras coisas. Temple voltou para a cama, deitando-se de novo de bruços, sentindo um cheiro crescente de perfumes finos. Ao meio-dia Minnie bateu à porta.

— Aqui está a sua comida — disse ela.

Temple não se moveu. — Vou deixar aqui do lado de fora, perto da porta — continuou Minnie. — Pode pegar quando quiser.

Seus passos se afastaram. Temple continuou imóvel. Lentamente a réstia de luz moveu-se no piso; a parte ocidental da janela estava agora em sombras. Temple sentou-se, a cabeça virada de lado, como que à escuta, remexendo habilmente nos cabelos. Levantou-se silenciosamente, foi até a porta e ficou de novo à escuta. Abriu-a, em seguida. A bandeja estava no chão. Temple pulou por cima e foi até as escadas, espiando por sobre a balaustrada. Dali a pouco distinguiu Minnie no hall, sentada numa cadeira.

— Minnie — disse ela.

Minnie ergueu a cabeça, revirando de novo os olhos.

— Traga-me uma bebida — continuou Temple.

Voltou ao quarto. Esperou quinze minutos. Bateu a porta e ia descendo furiosamente a escada quando Minnie surgiu. — Sim senhora — disse Minnie. — Miss Reba disse que... Não temos...

A porta de Miss Reba foi aberta. Sem olhar para Temple, ela falou com Minnie. De novo esta ergueu a voz. — Sim, senhora. Está certo. Trago daqui a pouco.

— Traga mesmo — disse Temple.

Voltou ao quarto e ficou do lado de dentro da porta até ouvir Minnie subir as escadas. Temple entreabriu a porta. — Não vai comer nada? — perguntou Minnie, empurrando a porta com o joelho. Mas Temple continuou segurando-a.

— Onde está? — perguntou.

— Ainda não arrumei seu quarto esta manhã — disse Minnie.

— Dê aqui — disse Temple, enfiando a mão pela abertura da porta e tirando o copo da bandeja.

— É melhor fazer este durar um pouco — aconselhou Minnie. — Miss Reba disse que não vai dar mais... Por que a senhora o trata desse jeito? Ainda mais ele gastando dinheiro como gasta com a senhora. Ele não é nenhuma beleza, nenhum artista de cinema, mas do jeito que tem gastado dinheiro... Temple fechou a porta e correu o trinco. Bebeu o gim, puxou uma cadeira, acendeu um cigarro e sentou-se com os pés na cama. Dali a pouco mudou a cadeira para perto da janela, levantando ligeiramente a cortina, para ver a rua. Acendeu outro cigarro. Às cinco horas viu Miss Reba sair e descer à rua, de vestido preto e chapéu de flores.

Temple deu um pulo, retirou o chapéu do monte de roupas ao canto e enfiou-o na cabeça. Chegando à porta, virou-se e foi de novo até o canto, pescando a bolsa de platina e descendo depois a escada. Minnie estava no hall.

— Dou-lhe dez dólares — disse Temple. — Não me demorarei nem dez minutos.

— Não posso, Miss Temple. Perderei meu emprego se Miss Reba descobrir. E minha vida, também, se Mr. Popeye vier a saber. — Juro que estarei de volta daqui a dez minutos. Juro. Vinte dólares — disse Temple, enfiando o dinheiro na mão de Minnie. — É melhor que volte mesmo — disse Minnie, abrindo a porta. — Se a senhora não estiver aqui dentro de dez minutos, nem eu tampouco estarei. Temple abriu a porta gradeada e espiou fora. A rua estava vazia, a não ser por um táxi na esquina, e um homem de boné diante de uma porta perto do táxi. Ela desceu rapidamente a rua.

Na esquina, o carro alcançou-a lentamente, o motorista olhando-a com ar indagador. Ela entrou na farmácia da esquina e foi para a cabina de telefone. Depois voltou para casa. Ao virar a esquina, encontrou o homem de boné que estivera apoiado à porta. Entrou em casa. Minnie abriu a porta.

— Graças a Deus — disse ela. — Quando aquele táxi começou a andar, preparei-me também para sair daqui. Se a senhora não contar nada, dou-lhe uma bebida.

Assim que Minnie trouxe o gim, Temple começou a beber. Tremia-lhe a mão e havia no seu rosto uma espécie de exaltação, enquanto continuava ali do lado de dentro da porta, à escuta, de copo na mão. Vou precisar disso mais tarde, pensou. Vou precisar de mais do que isso. Cobriu o copo com um pires e escondeu-o cuidadosamente. Depois remexeu no monte de roupas, no canto, até encontrar um vestido de baile. Sacudiu-o e pendurou-o de novo no cabide. Olhou um momento para as outras coisas, depois voltou para a cama e deitou-se. Levantou-se imediatamente, puxou a cadeira e sentou-se, pondo os pés na cama ainda por arrumar. Enquanto a luz do dia agonizava lentamente no quarto, ela fumou cigarro após cigarro, procurando ouvir todo e qualquer som na escada. Às seis e meia Minnie trouxe a ceia. Havia na bandeja outro copo de gim.

— Miss Reba mandou-lhe este — disse a empregada. — Mandou perguntar como é que a senhora vai passando.

— Diga que vou bem — respondeu Temple. — Vou tomar um banho e depois para a cama. Diga-lhe isso. Depois que Minnie saiu, Temple despejou as duas doses no mesmo copo e olhou para esse com ar triunfante, vendo-o tremer nas suas mãos. Depositou-o na mesinha com cuidado e cobriu-o. Comeu, com a bandeja na cama. Quando acabou, acendeu um cigarro. Seus movimentos eram bruscos; fumava rapidamente, caminhando pelo quarto. Ficou por um momento à janela, puxando a cortina para um lado. Largou-a e voltou para o centro do quarto, olhando-se ao espelho. Virou-se diante dele, estudando o seu reflexo, tirando

baforadas do cigarro. Jogou-o na lareira, foi até o espelho e penteou os cabelos. Abriu a cortina do armário, tirou o vestido de baile e estendeu-o na cama.

Abriu depois a gaveta da cômoda e dali tirou uma peça de roupa de baixo. Parou com a peça na mão; em seguida tornou a guardá-la, fechando a gaveta. Apanhou depressa o vestido e dependurou-o no armário. No momento seguinte estava andando de um lado ao outro do quarto, um cigarro aceso entre os dedos, sem que se lembrasse de o ter acendido. Atirou-o fora e foi até a mesa, olhando o seu relógio, que ela apoiara a um maço de cigarros para que da cama o pudesse ver. Deitou-se. Ao fazê-lo, sentiu o revólver sob o travesseiro. Tirou-o e olhou-o; enfiou-o sob a ilharga e deitou-se, imóvel, de pernas estendidas, as mãos atrás da cabeça, os olhos tornando-se negras cabecinhas de alfinete a cada som que ouvia nas escadas. Às nove horas levantou-se. Apanhou de novo o revólver. Dali a momentos meteu-o sob o colchão. Despiu-se, enfiou-se num roupão que pretendia ser chinês, cheio de dragões dourados e flores vermelhas. Saiu do quarto. Quando voltou, havia cachos úmidos à volta do seu rosto. Foi até o lavatório e pegou o copo de gim, guardando-o nas mãos; depois, largou-o novamente. Vestiu-se, indo buscar os frascos que atirara a um canto. Seus movimentos, vistos ao espelho, eram rápidos e, no entanto, penosos. Foi até o lavatório e pegou o copo, mas fez nova pausa. Foi até o canto, pegou o casaco e vestiu-o, enfiando no bolso a bolsa de platina e inclinando-se de novo para o espelho. Depois agarrou o copo e engoliu o gim. Saiu então do quarto, caminhando rapidamente. Somente uma luz brilhava no corredor deserto. Ela ouviu vozes no quarto de Miss Reba, mas lá embaixo, no vestíbulo, não havia ninguém. Desceu rápida e silenciosamente a escada e ganhou a porta. Achava que seria à porta que tentariam detê-la e lembrou-se, com intenso pesar, do revólver, chegando quase a parar, sabendo que o teria usado sem compunção, e até mesmo com prazer. Pulou para a porta e agarrou o trinco, a cabeça virada sobre o ombro. Abriu a porta. Saiu vivamente, descendo a correr a trilha até o portão e atravessando este com igual presteza. Um carro, dobrando lentamente a esquina, parou do lado oposto a ela. Popeye estava à direção. Sem que aparentemente ele se movesse, a porta do carro abriu-se. Popeye não fez um movimento, não disse uma palavra. Ficou ali sentado, a palheta enviesada na cabeça.

— Não vou. — disse Temple. — Não vou!

Ele não fez um movimento; não se ouviu o mínimo ruído. Temple aproximou-se. — Não quero, já disse! — Depois, gritou desesperadamente: — Você tem medo dele! Você tem medo!

— Estou dando a ele uma oportunidade — declarou Popeye. — Você vai voltar para aquela casa, ou entrar neste carro? — Você tem medo! — Estou dando a

ele uma oportunidade — repetiu Popeye com sua voz macia e gélida. — Vamos. Decida-se.

Temple inclinou-se para a frente, pondo a mão no braço de Popeye. — Popeye — disse ela. — Papaizinho.

O braço dele era frágil, não mais grosso do que o de uma criança, inerte, duro e leve como bengala. — Tanto se me dá que se decida por uma coisa ou outra — declarou ele. — Mas decida-se logo. Venha.

Ela inclinou-se, a mão ainda no braço de Popeye. Depois entrou no carro. — Você não o fará. Tem medo. Ele é mais homem do que você.

Ele estendeu o braço e fechou a porta. — Para onde? — perguntou. — Grotto?

— Ele é mais homem do que você! — disse Temple estridentemente. — Você nem mesmo homem é! Ele sabe disso. Quem é que pode saber melhor do que ele?

O carro se pôs em movimento. Ela começou a gritar para Popeye. — Você, um homem, um homem ousado e mau, quando nem mesmo pode... Quando teve que trazer um homem de verdade para... E você gemendo perto da cama como um... Você não conseguiu enganar-me mais que uma vez, conseguiu? Não é de admirar que eu tenha perdido tanto sangue e...

A mão de Popeye abateu-se sobre a boca de Temple duramente, as unhas entrando-lhe na carne. Com a outra mão ele dirigia o carro a uma velocidade temerária. Quando passaram sob as luzes, Temple viu que Popeye a observava, enquanto ela continuava lutando, agarrando a mão dele e sacudindo a cabeça de um lado ao outro. Parou de lutar, mas continuou sacudindo a cabeça, puxando a mão de Popeye. Um dos dedos dele, onde havia um pesado anel, separava os lábios de Temple, as pontas dos outros dedos enterrando-se-lhe na face. Com a outra mão ele guiava, através do tráfego, avançando sobre os outros carros — até estes se afastarem para um lado com um ranger de freios —, passando temerariamente pelos cruzamentos das ruas. Um polícia gritou, mas Popeye nem mesmo olhou para o seu lado. Temple começou a choramingar, gemendo sob a mão dele, babando-lhe nos dedos. O anel parecia instrumento de dentista: ela não podia fechar os lábios para engolir a saliva. Quando Popeye retirou a mão, Temple sentiu a marca dos dedos, fria, no queixo. Apalpou aquele ponto.

— Você me machucou — lamentou-se ela.

Aproximavam-se dos subúrbios, a cinquenta milhas por hora. O chapéu de Popeye estava enviesado sobre seu delicado perfil aquilino. Temple acariciou o queixo. As casas cederam lugar a vastos e sombrios terrenos, onde os anúncios dos corretores surgiam abruptos e fantásticos, com uma espécie de desamparada afirmativa. Entre eles, luzes longínquas dependuravam-se na fresca e vazia

escuridão pontilhada de pirilampos. Temple começou a chorar silenciosamente, sentindo dentro de si o duplo gim que tomara ao sair. — Você me machucou — repetiu com uma vozinha fraca, que indicava pena de si mesma. Apalpou o queixo com dedos cautelosos, apertando cada vez mais, até sentir dor. — Você se arrependerá — disse, em voz abafada. — Espere até eu contar a Red. Você não gostaria de ser Red? Não gostaria? Não gostaria de poder fazer o que ele faz? Não gostaria que fosse ele que nos tivesse olhado, em vez de ter sido você?

Viraram para o Grotto, passando por uma parede encortinada, de onde vinha o som de uma música opressiva. Temple pulou para fora, enquanto Popeye fechava o carro, e subiu correndo a escada.

— Eu dei a você uma oportunidade — disse ela. — Foi você quem me trouxe aqui. Não lhe pedi para me trazer.

Foi para o vestiário e examinou o rosto diante do espelho.

— Pipocas! — exclamou. — Nem mesmo deixou sinal. — Puxou a carne para um lado e outro. — Aborto! — murmurou, espiando o seu reflexo. E acrescentou uma frase obscena, com a volubilidade de um papagaio. Pintou de novo os lábios. Nisto entrou outra mulher. Examinaram a toalete uma da outra com olhares breves, velados, frios e envolventes. Popeye estava à porta do salão de dança, com um cigarro entre os dedos.

— Eu lhe dei a sua oportunidade — disse Temple. — Você quis arriscar-se. Não precisava ter vindo.

— Não me arrisco — declarou Popeye.

— Você se arriscou — retrucou Temple. — Está arrependido?

— Vá andando — disse ele, com a mão nas costas da moça. Temple ia atravessar a porta quando se voltou e olhou para Popeye, os olhos de ambos quase que no mesmo plano. Depois a mão dela voou para a axila dele. Popeye segurou-lhe o pulso; a outra mão de Temple fez o mesmo movimento da outra. Também esta ele segurou na sua mão macia, fria. Fitaram-se dentro dos olhos, ela de boca entreaberta, as manchas de ruge escurecendo lentamente nas suas faces.

— Eu lhe dei a sua oportunidade lá na cidade — disse ele. — Você quis arriscar-se.

Atrás dela, a música continuava, deprimente, evocativa, cheia de movimentos de passos, voluptuoso histerismo de músculos aquecendo-se ao cheiro de carne, de sangue.

— Oh, meu Deus, meu Deus — disse ela, mal movendo os lábios. — Eu vou. Eu volto para casa.

— Você quis arriscar-se — disse ele. — Vá andando. Nos braços de Popeye, Temple fez com a mão tentativa de agarrar-lhe o paletó, que ela mal podia tocar

com a ponta dos dedos. Lentamente ele a conduzia para a porta, de cabeça voltada.

— Você ouse! — exclamou Temple. — Você ouse...

A mão de Popeye fechou-se na nuca de Temple, com dedos de aço, e no entanto frios e leves como alumínio. Ela podia ouvir as vértebras se roçando de leve, e a voz de Popeye, fria e calma. — Você vai?

Temple inclinou a cabeça. Dançaram. Ela ainda sentia a mão dele na nuca. Por sobre o ombro, examinou rapidamente a sala, seu olhar indo de um a outro rosto dos que dançavam. Além de um arco baixo, em outra sala, havia um grupo à volta de uma mesa de jogo. Temple inclinou-se de um para o outro lado, procurando distinguir as feições dos jogadores. Viu então os quatro homens. Estavam sentados a uma mesa perto da porta. Um deles mascava chicletes; a parte inferior do rosto parecia só dentes, de inacreditável brancura e tamanho. Quando os viu, ela virou Popeye de modo a que ficasse de costas para os jogadores e procurou levá-lo para a porta. De novo seu olhar foi de um rosto a outro, na multidão. Quando tornou a olhar, notou que dois dos jogadores se tinham levantado. Eles se aproximaram. Temple arrastou Popeye para aquele lado, conservando-o ainda de costas para os homens. Estes pararam e procuraram passar à volta de Temple; de novo ela manejou para que Popeye ficasse de costas para eles. Estava querendo dizer alguma coisa a Popeye, mas tinha os lábios frios. Era o mesmo que tentar apanhar um alfinete com dedos entorpecidos. De repente se viu erguida para um lado, pelos bracinhos de Popeye, leves e rígidos como alumínio. Bateu na parede e viu os dois homens saírem da sala.

— Eu volto para casa — disse ela. — Eu volto.

Começou a rir estridentemente.

— Cale a boca — ordenou Popeye. — Vai calar-se?

— Dê-me uma bebida — pediu ela. Sentiu a mão de Popeye tocá-la. Também as pernas de Temple estavam frias, como se não lhe pertencessem. Estavam agora sentados. A duas mesas dali, o homem ainda mascava chicletes, com os cotovelos na mesa. O quarto homem estava sentado rigidamente, fumando, o paletó abotoado até em cima. Temple observou as mãos: mão escura, sob manga branca; mão branca, sob um punho sujo, colocando garrafas na mesa. Ela bebeu avidamente. Com o copo ainda na mão, viu Red de pé, à porta, de terno cinza e gravata borboleta de bolinhas. Parecia um colegial. Ele examinou a sala até ver Temple. Olhou para a nuca de Popeye, depois para a moça, ali de copo na mão. Os dois homens, sentados à outra mesa, não se tinham movido. Ela percebia o movimento leve, contínuo, das orelhas do homem que mascava. Começou a música. Ela fez Popeye ficar de costas para Red. Este ainda a observava, quase uma cabeça mais alto do que qualquer outro na sala.

— Vamos — disse Temple no ouvido de Popeye. — Se quer mesmo dançar, vamos dançar.

Tomou outro gole. Tornaram a dançar. Red desaparecera. Quando acabou a música, ela tomou mais um copo. Não adiantou. Apenas ficou causticante e pesado no seu estômago. — Vamos — disse Temple. — Não desista.

Mas Popeye não quis levantar-se. Ela já estava de pé, acima dele, os músculos tremendo e repuxando de cansaço e pavor. Começou a zombar. — Você se diz homem, um homem ousado e mau, e no entanto permite que uma moça o canse, ao dançar.

Depois o rosto dela empalideceu, tornando-se miúdo e abatido e sincero. Falou como criança, com sóbrio desespero. — Popeye. — Ele continuou sentado com as mãos na mesa, manipulando afetadamente um cigarro, tendo à frente o segundo copo, com gelo que se derretia. Ela pôs a mão no ombro dele. — Papaizinho — disse. Colocando-se de maneira a escondê-los aos olhos da sala, Temple dirigiu devagarinho a mão para a axila de Popeye, tocando o cabo da pistola chata. Ali estava rígida, sob pressão leve e firme, entre o braço e o lado de Popeye. — Dê-me isso — murmurou ela. — Papaizinho. Papaizinho. — Apoiou a coxa contra o ombro de Popeye, esfregando-a de leve no braço dele. — Dê-me isso, papaizinho — murmurou. Súbito sua mão começou a descer pelo corpo de Popeye, em movimento rápido, disfarçado; retirou-a, em seguida, com repulsa. — Esqueci-me — murmurou. — Eu não pretendia... eu não....

Um dos homens à outra mesa assobiou uma vez por entre dentes.

— Sente-se — disse Popeye. Ela sentou-se. Encheu o copo, observando o movimento das próprias mãos. Depois ficou olhando o canto do paletó cinzento. "Está faltando um botão", pensou tolamente. Popeye não se movera.

— Quer dançar? — perguntou Red.

Tinha a cabeça inclinada, mas não olhava para ela. Estava ligeiramente virado para os dois homens à outra mesa. Nem mesmo aí Popeye se moveu. Cortava delicadamente a ponta do cigarro, tirando de dentro o fumo supérfluo. Enfiou-o depois na boca.

— Não danço — disse Temple por entre os lábios frios.

— Não? — disse Red. E depois, em voz igual, sem se mover: — Como vai o rapazinho?

— Bem — disse Popeye. Temple viu-o riscar um fósforo, viu a chama deformada através do copo. — Você já bebeu bastante — disse Popeye, tomando o copo das mãos de Temple e despejando o conteúdo no balde de gelo. Começou de novo a música. Ela ficou sentada, quieta, olhando à volta. Um murmúrio começou a zumbir nos seus ouvidos. Logo depois sentiu Popeye agarrá-la pelo pulso,

sacudindo-a. Percebeu então que estava de boca aberta e que com certeza estivera balbuciando qualquer coisa.

— Cale a boca. Pode tomar mais um — disse Popeye, servindo-lhe a bebida.

— Até agora não senti nada — declarou Temple. Popeye entregou-lhe o copo. Ela bebeu. Quando colocou o copo na mesa, percebeu que estava embriagada. Pareceu-lhe então que já fazia tempo que estava nesse estado. Achou que talvez tivesse perdido a consciência, e que já acontecera. Pensou: "Espero que sim. Espero que sim". Depois acreditou mesmo que já acontecera e viu-se possuída de uma sensação de perda e de desejo físico. Pensou: "Nunca mais; acabou-se". E ficou sentada com sensação de vertigem, e torturante pesar, e desejo erótico, pensando no corpo de Red, observando a própria mão que segurava a garrafa vazia sobre o copo.

— Você já bebeu tudo — disse Popeye. — Levante-se, agora. Dance, para ver se passa. Dançaram. Temple movia-se com rigidez, languidamente, de olhos abertos, mas nada vendo; seu corpo acompanhando a música, sem que a princípio ela ouvisse a melodia. Depois percebeu que era a mesma música que a orquestra estivera tocando quando Red a convidara para dançar. Se era assim então não podia ainda ter acontecido. Experimentou intensa sensação de alívio. Não era tarde demais. Red ainda vivia. Sentiu o agulhão do desejo, tirando-lhe a cor dos lábios, afundando-lhe os olhos nas órbitas, causando-lhe fremente sensação de vertigem. Foram para a mesa de jogo. Temple ouvia a própria voz, exclamando quando os dados rolavam. Ela estava jogando, e ganhava. As fichas amontoavam-se na sua frente, à medida que Popeye as puxava, aconselhando-a, corrigindo-a, com sua voz macia, queixosa. Estava ao lado dela, mais baixo do que ela. Popeye jogava, agora. Temple ficou ao lado dele, astutamente, sentindo o desejo apossar-se de seu corpo em ondas sucessivas, unido à música e ao cheiro de sua própria carne. Dominou-se. De maneira imperceptível, foi-se afastando para um lado, até alguém tomar o seu lugar. Depois, atravessou a sala rápida e cautelosamente em direção à porta, aos pares, enquanto a música girava lentamente à sua volta em miríades de nuvens resplendentes. A mesa dos dois homens estava agora vazia, mas Temple nem mesmo olhou para aquele lado. Entrou no corredor. Encontrou um garçom.

— Uma sala — disse ela. — Depressa.

Na sala havia uma mesa e quatro cadeiras. O garçom acendeu a luz e ficou à porta. Temple fez sinal com a mão; o garçom retirou-se. Ela apoiou-se à mesa, sobre os cotovelos, observando a porta, até Red aparecer. Ele aproximou-se. Ela não se moveu. Seus olhos tornaram-se cada vez mais escuros, erguendo-se sobre uma branca meia-lua, não se focalizando, com a vazia rigidez de olhos de estátua. Temple começou a balbuciar "ah-ah-ah-ah", em voz desfalecente, o corpo

arqueando-se lentamente para trás, como que à perspectiva de deliciosa tortura. Quando Red a tocou, ela pulou como um arco, atirando-se sobre ele, colando-se a ele, com a boca aberta e feia como a de um peixe agonizante.

Red conseguiu libertar o rosto com esforço. E, então, o corpo fortemente colado ao dele, de boca entreaberta, saliente e exangue, Temple começou a falar.

— Vamos depressa. Para qualquer lugar. Larguei-o. Já disse isso a ele. Não é minha culpa. É minha culpa? Você não precisa buscar o seu chapéu, e nem eu o meu. Ele veio aqui para matar você, mas eu disse que tinha dado a ele a sua oportunidade. Não é minha culpa. E agora seremos só nós dois. Sem ele a nos espiar. Venha. Que está esperando? — Adiantou a boca para Red, puxando-lhe a cabeça para baixo, deixando escapar um gemido. Red conseguiu manter livre o rosto. — Eu disse a ele que ia deixá-lo. Disse que o deixaria, se me trouxesse aqui. Disse: "Eu lhe dei a sua oportunidade". E agora ele tem ali aqueles homens para liquidarem com você. Mas você não tem medo. Tem?

— Você sabia disso quando me telefonou? — perguntou Red.

— Quê? Ele disse que não queria que eu tornasse a ver você. Disse que o mataria. Mas mandou alguém seguir-me, quando fui telefonar a você. Vi o sujeito. Mas você não tem medo. Ele nem mesmo homem é, e você é. Você é homem. Você é homem.

Começou a comprimir-se contra Red, puxando-lhe a cabeça, falando-lhe numa repetida, monótona linguagem de bas fond, a saliva escorrendo-lhe sobre os lábios exangues.

— Você tem medo?

— Daquele tipo? Erguendo-se sem esforço, Red virou-se de maneira a ficar de frente para a porta e com a mão direita livre. Temple não pareceu perceber que Red se movera. — Por favor. Por favor. Não me faça esperar. Estou em febre.

— Está certo. Volte para lá. Espere até eu lhe fazer sinal. Quer ir, agora?

— Não posso esperar. Estou abrasada, já lhe disse. Continuava comprimida contra ele. Juntos atravessaram, tropeçando, o aposento, em direção à porta, ele procurando deixar bem livre o lado direito, ela desfalecendo de volúpia, sem perceber que caminhavam, apertando-se contra ele como se quisesse tocá-lo todo ao mesmo tempo. Red libertou-se e fê-la passar para o corredor.

— Vá — disse. — Lá estarei daqui a um minuto.

— Você não se demora? Estou abrasada. Estou morrendo, já lhe disse.

— Não. Não me demoro. Agora, vá. A música tocava. Temple transpôs o corredor, ligeiramente cambaleante. Pensou que estivesse apoiada contra a parede, mas viu que dançava novamente; depois, julgou estar dançando com dois homens ao mesmo tempo; percebeu então que não estava dançando e sim dirigindo-se para

a porta, entre o homem que mascava chicletes e o outro de paletó abotoado. Tentou parar, mas eles a seguravam por debaixo dos braços. Abriu a boca para gritar, lançando um derradeiro olhar de desespero à sala que girava.

— Grite — disse o homem de paletó abotoado. — Experimente só!

Red estava à mesa de jogo. Ela viu-o virar a cabeça, o copo dos dados na mão erguida. Ele fez com o copo uma saudação breve, alegre. Observou-a desaparecer pela porta, entre os dois homens. Depois lançou um rápido olhar pelo aposento. A expressão do seu rosto era ousada, calma, mas havia duas linhas brancas sob as narinas, e a testa estava úmida. Ele sacudiu o copo e atirou com firmeza os dados.

— Onze — disse o banqueiro.

— Deixe ficar — declarou Red. — Sou capaz de passar um milhão de vezes, hoje à noite.

Ajudaram Temple a entrar no carro. O homem de paletó abotoado pôs-se à direção. No ponto onde o caminho se juntava ao atalhe que levava à estrada principal, estava estacionado um carro de turismo. Ao passar por ele Temple viu, inclinado sobre um fósforo no côncavo das mãos, o delicado e aquilino perfil de Popeye, sob o chapéu colocado de banda. O fósforo apagou-se como moribunda e pequenina estrela, sugado para as trevas ao mesmo tempo que o perfil, pela deslocação de ar provocada pelo carro deles, ao passar.

As mesas tinham sido levadas para uma das extremidades do salão de dança; estavam ambas cobertas por um pano preto. Pelas cortinas descidas coava-se uma pesada luz cor de salmão. Logo abaixo do estrado da orquestra, estava o caixão. Caixão negro, caro, com ornatos prateados, o cavalete oculto por montes de flores. Em coroas e cruzeiros e outras composições usadas somente em cerimônias fúnebres, a massa de flores parecia arremessar-se, com seu pesado e opressivo perfume, sobre o caixão, a plataforma e o piano. O proprietário movia-se por entre as mesas, dirigindo-se aos recém-chegados. Os garçons negros, com camisas pretas sob os paletós engomados, já se movimentavam com copos e garrafas de ginger ale. Moviam-se com bamboleio reprimido e reserva forçada; a cena era animada, com um quê de macabro, e abafado, e um tanto febril. O arco que dava para a sala de jogo estava coberto de crepe. Havia sobre a mesa de jogo um palio negro, sobre o qual começavam a acumular-se flores e coroas. Entrava gente sem cessar, alguns homens sobriamente de preto, outros com ternos de verão, de cores claras e vivas, intensificando a impressão de macabro paradoxo. As mulheres — as mais moças — também usavam cores vivas nos chapéus e nas echarpes; as mais velhas vinham de cinza, preto ou azul-marinho, e carregadas de brilhantes. Vultos de matronas, parecendo donas de casa a passeio, num domingo à tarde. A sala começou a animar-se com conversas abafadas e estridentes. Os garçons iam de um lado ao outro, levando bandejas, no alto, em precário equilíbrio. Com seus paletós brancos e camisas negras pareciam negativos fotográficos. O proprietário ia de uma mesa a outra, com sua calvície e um enorme brilhante na gravata. Seguia-o um guarda-costas, sujeito troncado, musculoso, de cabeça com formato de bala e parecendo no ponto de estourar: seu smoking dava impressão de querer abrir-se atrás, como um casulo. Numa sala particular, sobre uma mesa envolta em crepe, havia imensa poncheira. No líquido flutuavam, pedaços de fruta e gelo. Ao lado via-se um homem gordo, metido num malfeito terno cinzento. As mangas, de punhos sujos, caíam-lhe sobre as mãos, onde as unhas tinham orla preta. O colarinho manchado dobrava-se no pescoço; na ensebada gravata preta via-se um alfinete de rubi falso. Seu rosto brilhava de suor e ele dirigia-se com voz áspera aos que se achavam à volta da poncheira.

— Vamos, pessoal. É tudo por conta de Gene. Não lhes custará nada. Entrem e vão bebendo.

Nunca houve melhor rapaz do que ele. As pessoas bebiam e retiravam-se, sendo substituídas por outras que vinham estender os copos. De vez em quando

entrava um garçom com gelo e fruta, jogando-os na poncheira. De uma maleta sob a mesa, Gene ia tirando outras garrafas, despejando seu conteúdo na poncheira. Depois, com ar de proprietário, insistente, transpirando, voltava ao seu áspero monólogo, enxugando o rosto na manga. — Venha, pessoal. Tudo por conta de Gene. Não passo de um contrabandista de bebidas, mas ele nunca teve melhor amigo do que eu. Adiantem-se e bebam. Há mais, lá dentro.

Do salão de dança vinha o som da música. Outras pessoas entravam, sentavam-se. No estrado estava a orquestra de um hotel da cidade, todos os músicos de smoking. O proprietário e um outro homem conferenciavam com o maestro.

— Deixe que toquem jazz — disse o segundo homem. — Ninguém gostava mais de dançar do que Red.

— Não, não — disse o proprietário.

— Depois que Gene os tiver enchido de uísque de graça, eles vão querer dançar. Causará má impressão.

— Que tal o Danúbio Azul? — perguntou o chefe da orquestra.

— Não; nada de blues*, já lhe disse — replicou o proprietário. — Há um morto naquele esquite.

**Azul = blue, em inglês. Daí o trocadilho, impossível em português.*

— Mas isso não é um blue — disse o chefe.

— O que é, então? — perguntou o outro.

— Uma valsa. De Strauss.

— O quê? — exclamou o segundo homem. — Pro inferno!

— Red era americano. Talvez você não seja, mas ele era. Você não sabe tocar música americana? Toque *Nada posso te dar, além de amor*. Ele sempre gostou disso.

— E ver todos começarem a dançar? —, replicou o proprietário. Relanceou o olhar para as mesas, onde as mulheres tinham começado a conversar um tanto estridentemente. — É melhor começar tocando: Mais Perto de Vós, Senhor — disse ele. — Para acalmá-los um pouco. Eu disse a Gene que era perigoso começar a servir ponche tão cedo. Minha ideia era esperar até chegar a hora de voltarmos para a cidade. Mas eu devia ter sabido que alguém havia de querer transformar isto em carnaval. Melhor começar solenemente e continuar assim até eu lhe fazer sinal.

— Red não gostaria que fosse solene — disse o segundo homem. — E você sabe disso.

— Ele que vá para outro lugar, então — replicou o proprietário. — Eu fiz isto apenas por conveniência, para acomodar as coisas. Não sou nenhum agente funerário.

A orquestra começou a tocar: Mais Perto de Vós, Senhor. A assistência calou-se. Uma mulher de vestido vermelho apareceu, cambaleante, à porta. — U... laá! — disse ela. — Adeus, Red. Ele estará no inferno, antes que eu possa chegar a Little Rock.

— Psiuuuuu... — disseram várias pessoas. Ela caiu numa cadeira. Gene foi para a porta e ali ficou até a música parar. — Venha, pessoal — gritou ele, estendendo os braços num gesto largo. — Venham beber. Tudo por conta de Gene. Não quero saber de garganta ou olho seco, neste lugar, daqui a dez minutos.

Os que estavam atrás moveram-se em direção à porta. O proprietário pôs-se vivamente de pé e fez sinal para a orquestra. O pistonista ergueu-se e tocou um solo: *Naquele repouso celestial*. Apesar disso, o povo ao fundo da sala continuou a transpor a porta à qual Gene ainda se achava gesticulando e convidando. Duas senhoras de meia-idade choravam silenciosamente, sob seus chapéus floridos. À volta da poncheira, cujo conteúdo diminuía sensivelmente, continuavam o mesmo movimento e os mesmos rumores. Do salão de dança vinha o som forte da corneta.

Dois rapazes mal vestidos encaminharam-se para a mesa, dizendo: — Com licença, com licença — monotonamente, carregando maletas. Abriram-nas, tirando garrafas dali e colocando-as na mesa. Gene, que agora chorava francamente, abria-as, jogando o conteúdo na poncheira. — Venham. Eu não poderia tê-lo amado mais, se tivesse sido meu próprio filho — gritou roucamente, passando a manga sobre o rosto. Um garçom aproximou-se da mesa com um prato de gelo e frutas, pretendendo despejá-los na poncheira.

— Que diabo de coisa está você fazendo? — perguntou Gene. — Pondo essa droga aí? Vá já saindo.

— Hurraaa! — gritavam todos, batendo os copos, abafando qualquer outro ruído, nada vendo a não ser a pantomima representada por Gene, que dera um tranco na vasilha trazida pelo garçom e recomeçara a jogar na poncheira o conteúdo das garrafas, derramando parte nas mãos e copos para ele estendidos. Os dois jovens iam abrindo furiosamente as garrafas. Como que trazido por um sopro de música, o proprietário surgiu à porta, com expressão atormentada, sacudindo os braços.

— Venham — gritou ele. — Vamos acabar o programa musical. Está custando dinheiro.

— Para o inferno — gritaram. — Custando o dinheiro de quem?

— Quem é que se incomoda?

— Custando o dinheiro de quem?

— Quem é que está regateando? Eu pago. Por Deus, pagarei dois enterros para ele!

— Pessoal! Pessoal! — gritava o proprietário. — Não veem que há um esquife nesta sala?

— Custando o dinheiro de quem?

— Cerveja? — perguntou Gene.

— Cerveja? — repetiu em voz entrecortada. — Se alguém aqui estiver procurando me insultar com...

— Ele está regateando o dinheiro gasto com Red...

— Ele quem?

— Joe, o miserável filho da mãe.

— Se houver aqui alguém procurando me insultar...

— Vamos mudar o enterro para outro lugar, então. Não é o único lugar na cidade.

— Vamos levar Joe.

— Ponham o filho da mãe no caixão. Vamos ter dois enterros.

— Cerveja? Cerveja? Se houver aqui alguém...

— Ponham o filho da mãe no caixão. Vamos ver que tal ele vai achar.

— Ponham o filho da mãe no caixão — gritou a mulher de vermelho.

Correram para a porta onde estava o proprietário ainda sacudindo as mãos no alto, sua voz elevando-se, estridente, acima do tumulto. Ele virou-se e fugiu. Na sala principal, cantava um quarteto masculino, que trabalhava num vaudeville.

Entoavam cantos maternais, em voz harmoniosa; cantavam Sonny Boy. No meio das mulheres mais velhas o choro era geral. Os garçons levavam-lhes agora taças de ponche, e elas continuavam sentadas, chorando, com os copos nas gordas mãos cheias de anéis. A orquestra recomeçou à tocar. A mulher de vermelho entrou, cambaleando, na sala.

— Venha, Joe — disse ela. — Comece o jogo. Tire aquele maldito cadáver de lá e comece o jogo.

Um homem tentou segurá-la. Ela voltou-se para ele com uma torrente de palavras obscenas, dirigindo-se em seguida para a mesa amortalhada e atirando uma coroa ao chão. O proprietário correu para ela, seguido pelo guarda-costas, agarrando-a quando ela tentava jogar outra coroa ao chão. O homem que procurara sofreá-la interveio. A mulher blasfemava com voz estridente, dando com a coroa num e noutro, imparcialmente. O guarda-costas agarrou o braço do homem. Este deu uma reviravolta e mandou-lhe a mão na cara, mas com um soco o capanga o fez ir parar no meio da sala. Mais três homens entraram na briga. O primeiro levantou-se, e todos os quatro avançaram para o guarda-costas. Este atirou o mais próximo ao chão, virou-se e, com incrível celeridade, pulou para a sala principal. Ali, a orquestra tocava.

Imediatamente o som da música foi abafado por uma confusão de gritos e cadeiras atiradas. O guarda-costas virou-se novamente e aparou a investida dos quatro homens. Confundiram-se, num bolo, e o segundo homem voou longe, deslizando, de costas, no chão. O capanga libertou-se, pondo-se de pé. Voltou-se, investindo para os outros. Estes foram acabar caindo, com ruído, sobre o caixão. A orquestra calara-se; os músicos subiam nas suas cadeiras, carregando os instrumentos. Coroas e flores voaram por todos os lados. O caixão vacilou.

— Segure! — gritou alguém. Adiantaram-se, mas o caixão caiu pesadamente no chão, abrindo-se. O cadáver escorregou com lentidão e compostura e parou, o rosto no meio de uma coroa.

— Toquem alguma coisa! — berrou o proprietário para a orquestra, sacudindo as mãos. — Toquem! Toquem!

Quando ergueram o cadáver, a coroa também veio, presa a ele por um oculto pedaço de arame que se lhe enfiara no pescoço. Na cabeça havia um boné que, ao cair, deixara à mostra um pequeno orifício azul no centro da testa. O orifício fora cuidadosamente tapado com cera, e pintado por cima, mas a cera caíra e se perdera. Não foi possível achá-la. Desabotoando, no entanto, a viseira do boné, conseguiram abaixar este sobre os olhos. À medida que o cortejo se aproximava da cidade, outros carros a ele se juntavam. O carro fúnebre era seguido por seis Packards, de capota abaixada, cheios de flores e guiados por choferes fardados. Tinham aparência exatamente igual e eram do tipo que se aluga por hora, nas melhores agências funerárias. Em seguida vinha uma extravagante fila de táxis, e Fords e Chevrolets, que foi aumentando à medida que a procissão seguia lentamente. Rostos espiavam por entre cortinas descidas, enquanto rumavam eles para a artéria principal que levava para fora da cidade, na direção do cemitério. Na avenida, o carro funerário aumentou de velocidade, espichando-se a procissão em rápidos intervalos. Dali a pouco os carros particulares e os táxis começaram a desaparecer. A cada cruzamento, viravam para cá ou para lá, até que finalmente só ficaram o carro funerário, e os seis Packards que não tinham outro ocupante a não ser o motorista fardado. A rua era larga e a essa hora pouco frequentada, tendo no centro uma faixa branca, que ia diminuindo na vazia maciez do asfalto. Logo o carro funerário estava fazendo quarenta milhas por hora, depois quarenta e cinco e em seguida cinquenta.

Um dos carros parou à porta de Miss Reba. Ela desceu, seguida por uma mulher magrinha, de pince-nez de ouro e trajando roupas sóbrias, severas. Vinha também outra mulher de chapéu de pluma, rosto oculto por um lenço, um menininho de cinco ou seis anos. A mulher de lenço continuou soluçando entrecortadamente, quando subiram a trilha e passaram pelo portão de grades.

Dentro de casa os cães começaram a latir, com o seu falsete — acercando-se dos pés de Miss Reba quando Minnie abriu a porta. Ela afastou-os com um pontapé. De novo eles a assaltaram com ansioso entusiasmo e mais uma vez Miss Reba os atirou contra a parede.

— Entrem, entrem — disse, com a mão no peito. Uma vez dentro de casa, a mulher que trazia o lenço começou a chorar alto.

— Ele não estava mesmo um amor? — balbuciou ela. — Não estava um amor?

— Ora, ora — consolou Miss Reba, conduzindo-a para o seu quarto. — Venha tomar uma cerveja, que logo se sentirá melhor. Minnie!... — Entraram no quarto onde havia a penteadeira enfeitada, o cofre, o biombo e o retrato com crepe.

— Sente-se — continuou Miss Reba, ofegante, adiantando as cadeiras. Deixou-se cair numa delas e inclinou-se para os pés, com terrível esforço. — Tio Bud, meu bem, venha desamarrar os sapatos de Miss Reba — disse a mulher chorosa, enxugando os olhos. O menino ajoelhou-se, tirando os sapatos de Miss Reba. — Seria favor dar-me os chinelos, aí embaixo da cama, meu bem — disse esta. O menino apanhou os chinelos. Minnie entrou, seguida pelos cães. Estes correram para Miss Reba, farejando os sapatos que ela acabara de tirar.

— Saia! — disse o menino, dando com a mão num deles.

O cão virou a cabeça, mostrando os dentes, com expressão malévola nos olhos que o pelo semiocultava. O menino encolheu-se.

— Experimente me morder, filho da mãe!

— Tio Bud! — exclamou a mulher gorda, virando-se para o menino com expressão escandalizada no rosto redondo e manchado de lágrimas, as plumas do chapéu balançando-se lá em cima. A cabeça de Bud era completamente redonda, o nariz cheio de saídas, como manchas de pesada chuva de verão sobre a calçada. A outra mulher estava sentada com muita distinção, tesa, de pince-nez de ouro preso por corrente de ouro, os cabelos grisalhos bem penteados. Parecia uma professora.

— Que ideia! — exclamou a gorda. — Não sei como pode ele aprender essas coisas numa fazenda de Arkansas.

— Coisas feias a gente aprende em qualquer lugar — declarou Miss Reba. Minnie inclinou-se sobre uma bandeja onde vinham três canecas de espumante cerveja. Tio Bud olhava, com os olhos redondos que o caracterizavam, à medida que cada uma apanhava a sua. A mulher gorda recomeçou a chorar.

— Red estava um amor!... — suspirou ela.

— Todos nós temos que passar por isso — disse Miss Reba. E erguendo a caneca: — Saúde!

Beberam, inclinando-se cerimoniosamente umas para as outras. A gorda enxugou os olhos; as duas convidadas enxugaram os lábios com grande distinção. A magra tossiu delicadamente para um lado, colocando a mão sobre a boca. — Que boa cerveja — comentou.

— Não é mesmo? — disse a gorda. — Sempre digo que é um prazer vir visitar Miss Reba.

Começaram a conversar delicadamente, frases corretas que ficavam inacabadas e pequenas exclamações concordes. O menino dirigira-se despreocupadamente para a janela, pondo-se a espiar pela cortina erguida. Por quanto tempo vai ele ficar com a senhora, Miss Myrtle? — perguntou Miss Reba.

— Só até sábado — respondeu a gorda. — Depois voltará para casa. É uma agradável mudança para ele, passar comigo uma ou duas semanas. E tenho prazer em recebê-lo.

— As crianças são um conforto para a gente — comentou a magra.

— É verdade — concordou Miss Myrtle. — Aqueles dois gentis rapazinhos ainda estão com a senhora, Miss Reba?

— Estão — respondeu Miss Reba. — Creio, no entanto, que terei que ficar longe deles. Não é que eu tenha coração mole demais, mas afinal de contas não adianta a gente fazer a mocidade conhecer muito cedo as maldades deste mundo. Já tenho dificuldade em evitar que as moças andem nuas pela casa, e elas não gostam disso. Beberam de novo, cerimoniosamente, segurando com delicadeza as canecas, com exceção de Miss Reba que agarrava a sua como se fosse uma arma, a outra mão perdida no seio. Ela largou a caneca vazia. — Parece que estou sempre com sede — disse. — Não querem mais uma, senhoras? — As outras balbuciaram cerimoniosamente e ela então gritou: — Minnie! Minnie entrou, enchendo novamente as canecas.

— Estou deveras envergonhada — disse Miss Myrtle. — Mas Miss Reba tem uma cerveja tão boa! Além do mais, foi uma tarde muito movimentada.

— Estou admirada de não ter sido mais movimentada — exclamou Miss Reba. — Servir todo aquele uísque de graça, como fez Gene!

— Deve ter custado dinheiro — disse a magra. — Acredito — concordou Miss Reba. — E com que vantagem? Diga-me! A não ser o privilégio de receber um bando de gente que não gastou um níquel.

Miss Reba colocara a caneca na mesa a seu lado. Virou de repente a cabeça e olhou dentro da caneca. Tio Bud estava agora atrás da cadeira, apoiado à mesa. — Você não mexeu na minha cerveja, não é, menino? — perguntou ela.

— Oh, você, Tio Bud! — exclamou Miss Myrtle. — Não tem vergonha? Ele anda de tal jeito, que não tenho mais coragem de levá-lo a parte alguma. Nunca vi

menino com mais tendência para roubar cerveja. Venha agora brincar aqui. Venha.

— Sim senhora — disse Tio Bud, movendo-se sem nenhum objetivo especial.

Miss Reba bebeu e colocou de novo a caneca na mesa, levantando-se em seguida.

— Já que estamos todas um pouco perturbadas, talvez possa oferecer-lhes um pouco de gim, minhas senhoras?

— Oh, não — protestou Miss Myrtle.

— Miss Reba é a perfeita hospedeira — disse a magra. — Quantas vezes me ouviu dizer isso, Miss Myrtle?

— Não me atrevo a calcular, meu bem — respondeu Miss Myrtle. Miss Reba desapareceu por detrás do biombo. — Já viu tanto calor assim em junho, Miss Lorraine? — perguntou Miss Myrtle.

— Nunca — respondeu a magra. O rosto de Miss Myrtle começou de novo a repuxar. Largando a caneca, ela pôs-se a procurar o lenço. — Isto me vem de repente — disse. — Ainda mais quando cantaram Sonny Boy, e tudo o mais. Ele estava um amor... — acrescentou chorosamente.

— Ora, ora — murmurou Miss Lorraine. — Tome um pouquinho de cerveja. Logo se sentirá melhor. Miss Myrtle está mal de novo — avisou, elevando a voz. — Tenho coração mole demais — disse Miss Myrtle. Fungou por trás do lenço, tateando à procura da caneca. Procurou por alguns momentos, depois sentiu que empurravam a caneca para a sua mão. Levantou imediatamente os olhos, exclamando: — Você, Tio Bud! Não lhe disse que saísse daí e fosse brincar? Será possível? A outra tarde, quando saímos daqui, fiquei tão encabulada que não sabia o que fazer. Tive vergonha de ser vista na rua com um menino bêbado como você.

Miss Reba surgiu por trás do biombo, trazendo três copos de gim. — Isto nos dará ânimo — disse ela. — Estamos aqui como três gatas velhas e desenxabidas.

Inclinaram-se cerimoniosamente e beberam, batendo de leve nos lábios. Começaram então a conversar. Falavam todas ao mesmo tempo, com frases incompletas, sem parar para ouvir confirmação do que diziam.

— Somos nós, as mulheres — disse Miss Myrtle. — Os homens não podem aceitar-nos pelo que somos.

São eles que fazem de nós o que somos, e depois esperam que sejamos diferentes. Esperam que a mulher nunca mais olhe para outro homem, ao passo que eles fazem o que bem entendem. — Uma mulher que quer fazer de bobo mais de um homem duma vez é que é uma boba — disse Miss Reba. — Eles só dão aborrecimentos, e quem é que quer aumentar os seus aborrecimentos? E a mulher

que não pode ficar fiel a um bom homem, quando tem a sorte de encontrá-lo, um mão-aberta que nunca lhe deu um momento de desgosto, nem lhe disse uma palavra áspera...

Ali, fitando, as outras, surgiu nos seus olhos uma indescritível expressão de tristeza, de perplexo e resignado desespero.

— Ora, ora — consolou Miss Myrtle, inclinando-se e batendo na enorme mão de Miss Reba. Miss Lorraine estalou de leve a língua, dizendo: — Já estão recomeçando...

— Ele era tão bom homem! — exclamou Miss Reba.

— Éramos como dois pombinhos. Durante onze anos fomos como dois pombinhos.

— Ora, ora, meu bem — murmurou Miss Myrtle.

— Isto acontece quando vejo essas coisas — disse Miss Reba. — Aquele rapaz, lá, no meio das flores.

— Ele não era melhor do que Mr. Binford — declarou Miss Myrtle. — Vamos, vamos, tome uma cervejinha.

Miss Reba passou a manga sobre os olhos, tornando a beber. Tomou mais cerveja.

— Ele devia ter tido o bom senso de não se meter com a pequena de Popeye — disse Miss Lorraine.

— Os homens nunca aprendem essas coisas, meu bem — replicou Miss Myrtle. — Para onde pensa que eles foram, Miss Reba? — Não sei e não me interessa — disse Miss Reba. — E, quanto mais depressa o apanharem por ter matado aquele rapaz, melhor. Não ligo a mínima.

— Ele vai todos os anos a Pensacola, só para visitar a mãe — disse Miss Myrtle. — Não pode ser assim tão mau.

— Não sei então o que é que a senhora considera mau — replicou Miss Reba. — Eu, aqui, tentando dirigir uma casa respeitável, onde durante vinte anos têm vindo homens de verdade, e ele querendo transformá-la em lugar de brinquedinho!

— Somos nós, pobres mulheres — disse Miss Myrtle. — Somos nós que causamos todas as complicações e aguentamos com o sofrimento.

— Ouvi dizer, há dois anos, que ele não prestava, nesse sentido — disse Miss Lorraine.

— Eu sempre desconfiei disso — comentou Miss Reba. — Um rapaz moço, gastando dinheiro como água com as meninas e nunca dormindo com nenhuma delas! É contra a natureza. Todas as moças pensavam que era pelo fato de ele ter

alguma mulherzinha fora da cidade, mas eu dizia: prestem atenção, que há aí algo muito esquisito. Muito esquisito!

— Ele sabia gastar, disso não há dúvida — disse Miss Lorraine.

— As roupas e as joias que aquela moça comprou, era uma vergonha! — disse Miss Reba. — Tinha um roupão chinês, pelo qual pagou cem dólares. Importado, ainda por cima. E perfumes a dez dólares a onça. Na manhã seguinte, quando entrei no quarto, estava tudo empilhado no canto, os perfumes e o ruge atirados em cima, como um ciclone. Era o que ela fazia quando ficava furiosa, quando ele lhe batia. Depois ele a prendia no quarto e não a deixava sair de casa. Mandando vigiar minha porta como se fosse... — Miss Reba ergueu a caneca aos lábios. Fez uma pausa, piscando. — Onde está a minha...

— Tio Bud! — exclamou Miss Myrtle. Puxou pelo braço o menino, que estivera atrás da cadeira de Miss Reba, e sacudiu-o. A cabeça redonda do pequeno balançava-se no meio dos ombros, imbecilmente. — Você não tem vergonha? — continuou Miss Myrtle. — Não tem vergonha? Não pode deixar a cerveja dessas senhoras em paz? Estou com vontade de tomar aquele seu dólar e obrigá-lo a comprar de Miss Reba uma caneca de cerveja. Vá agora para a janela e fique lá quieto, está ouvindo?

— Tolice! — disse Miss Reba. — Não havia muito mais. As senhoras estão também no fim, não estão? Minnie! Miss Lorraine tocou a boca com o lenço. Por trás dos óculos, os olhos rolaram com expressão velada, misteriosa. Colocou a outra mão no seu chato peito de solteirona.

— Nós nos esquecemos do seu coração, meu bem — disse Miss Myrtle. — Não acha melhor tomar gim, desta vez?

— Francamente, eu... — balbuciou Miss Lorraine.

— Sim, aceitem — insistiu Miss Reba. Ergueu-se pesadamente, indo para trás do biombo e dali trazendo mais três copos de gim. Minnie apareceu e reencheu as canecas. Beberam, batendo de leve nos lábios.

— Que acontecia, lá? — perguntou Miss Lorraine.

— Tive minha primeira desconfiança quando Minnie me contou que estava acontecendo ali alguma coisa muito esquisita — disse Miss Reba. — Que ele quase não ficava aqui, saindo uma noite sim e outra não; e que, quando estava aqui, não havia vestígios no dia seguinte, quando ela arrumava o quarto. Ela os ouvia brigando, porque a moça queria sair e ele não lhe permitia que saísse. Com todas aquelas roupas que comprou para ela, não queria que saísse de casa; e ela ficava furiosa e fechava o quarto e não o deixava entrar.

— Talvez ele tenha saído e tenha tentado curar-se com uma daquelas glândulas, aquelas glândulas de macaco, sem ter tido resultado — disse Miss

Myrtle.

— E então uma manhã ele apareceu com Red e levou-o para cima. Ficaram mais ou menos durante uma hora e depois saíram. Popeye não apareceu mais, a não ser no dia seguinte. E então ele e Red voltaram e lá ficaram durante uma hora. Quando saíram, Minnie me contou o que estava acontecendo, de modo que no dia seguinte esperei por eles. Disse: "Escute aqui, seu filho da..." Calou-se. Por um momento ficaram as três ali, imóveis, ligeiramente inclinadas para a frente. Depois, lentamente viraram a cabeça, olhando o menino apoiado à mesa.

— Tio Bud, meu bem, você não quer ir brincar no pátio com os cachorrinhos? — perguntou Miss Myrtle.

— Sim senhora — disse o menino, encaminhando-se para a porta. Ficaram a observá-lo, até fechar-se novamente a porta. Miss Lorraine puxou a cadeira; todas se inclinaram para a frente.

— E era isso que faziam? — perguntou Miss Myrtle.

— Eu disse: "Há vinte anos que dirijo esta casa, mas é esta a primeira vez que semelhante coisa acontece. Se quer fazer uma indecência dessa, vá procurar outro lugar. Não quero que minha casa se transforme numa dessas joças francesas".

— Filho da mãe — exclamou Miss Lorraine.

— Ele devia ter tido o bom senso de escolher um homem velho e feio — disse Miss Myrtle. — Tentando-nos desse jeito, a nós, pobres mulheres...

— Os homens sempre esperam que a gente resista à tentação — disse Miss Lorraine, sentada tesa, como uma professora. — Sujeito indecente.

— Exceto quando a tentação é oferecida por eles — lembrou Miss Reba. — Aí então... Todas as manhãs, durante quatro dias, foi a mesma coisa, depois eles não voltaram mais. Durante uma semana Popeye não apareceu, e a pequena lá em cima, como uma fera. Pensei que ele talvez tivesse saído da cidade para tratar de negócios. Mas Minnie me disse que não, que ele lhe prometera cinco dólares por dia, para não deixar a moça sair de casa, e nem telefonar. E eu procurando comunicar-me com ele, para dizer que levasse a moça embora, porque não queria saber de coisas desse tipo na minha casa! Sim senhor, Minnie dizia que os dois ficavam nus, e Popeye olhando do pé da cama, sem nem mesmo tirar o chapéu, e soltando uma espécie de guincho.

— Talvez estivesse dando vivas — sugeriu Miss Lorraine. — Sujeito indecente.

Ouviram-se passos no hall. A voz de Minnie elevou-se, em tom de censura. Abriu-se a porta. Minnie entrou, trazendo Tio Bud, teso, pela mão. Ele estava de pernas bambas, com expressão de vidrada imbecilidade no olhar. — Miss Reba,

esse menino arrombou a geladeira e bebeu uma garrafa inteira de cerveja. Vamos, menino! — disse, sacudindo-o. — Fique firme!

O menino cambaleava, com um sorriso abobado no rosto rígido. Minnie, com uma expressão preocupada, consternada, virou-o rapidamente, quando ele começou a vomitar.

Horace ainda não se deitara, ao romper do sol, e nem mesmo se despira. Acabava uma carta para sua mulher, dirigida para a casa do pai dela, em Kentucky, na qual pedia o divórcio. Estava sentado à mesa, olhando a única página escrita em letra caprichada e ilegível, sentindo-se pela primeira vez calmo e esgotado, desde aquele dia em que Popeye o observara do outro lado da fonte. Ali sentado, começou a sentir um cheiro de café. "Vou acabar esse negócio e seguir depois para a Europa", pensou. "Estou doente. Estou velho demais para isso. Nasci velho demais para isso e, portanto, não desejo outra coisa a não ser sossego." Barbeou-se, fez café, tomou uma xícara e comeu pão. Ao passar pelo hotel, viu na esquina o ônibus com os viajantes que iam tomar o trem da manhã. Clarence Snopes ia subindo, de maleta marrom.

— Vou para Jackson, por uns dois dias, tratar de um negócio — disse ele. — Pena não o ter encontrado a noite passada. Voltei de carro. Com certeza passou lá a noite? — Vasto, emproado, olhou para Horace sem que se pudesse duvidar da insinuação. — Eu poderia tê-lo levado a um lugar que muita gente não conhece. Onde um homem pode fazer o que quiser. Mas não há de faltar ocasião, pois agora nos conhecemos melhor. — Baixou a voz, afastando-se ligeiramente para um lado, e continuou: — Não tenha medo; não sou falador. Quando estou aqui, em Jefferson, sou uma pessoa; quando estou na cidade, com um bando de camaradas, o que fazemos não é da conta de ninguém, a não ser da deles e da minha. Não tenho razão?

Mais tarde, de longe, Horace viu Narcisa caminhando à sua frente, na rua, e logo depois virar e desaparecer no vão de uma porta. Procurou-a, visitando todas as lojas adjacentes onde ela poderia ter entrado, indagando dos caixeiros.

Não a encontrou. O único lugar onde não perguntou foi numa escada, entre duas lojas, que levava a um corredor de escritórios, no primeiro andar. Um desses escritórios era do promotor, Eustace Graham. Graham tinha um pé defeituoso e fora isso que o elegera ao cargo que atualmente ocupava. Fizera-se por si, cursando com dificuldade a Universidade do Estado. Todos, na cidade, lembravam-se do tempo em que fora entregador de empório. Durante o primeiro ano de Universidade, tornou-se conhecido pela sua aplicação. Servia à mesa do refeitório, tendo feito contrato com o governo para levar a correspondência do colégio para o Correio, e vice-versa, à chegada de cada trem. Lá ia ele, manquejando, com a sacola às costas. Era um rapazinho agradável, de fisionomia franca, tendo uma palavra amável para cada um e nos olhos certa expressão de alerta rapacidade. No segundo

ano, demitiu-se do cargo de carteiro, deixando também de servir à mesa. Comprou um terno novo. Ficaram todos contentes por ver que, devido ao seu esforço, ele conseguira economizar o suficiente para poder dedicar-se inteiramente aos estudos. Estava então na Escola de Direito e os professores cuidavam dele como se fosse um cavalo de corrida. Passou bem nos exames finais, embora sem distinção. "Isso porque teve desvantagem desde o princípio", disseram os professores. "Se tivesse começado como os outros... Ele irá longe", acrescentaram. Somente depois que Graham saiu da escola, foi que souberam que ele jogara pôquer durante três anos numa estrebaria, por detrás de cortinas cerradas. Dois anos depois de ter-se formado, quando foi eleito para a legislatura estadual, começaram a contar uma anedota dos seus tempos de colégio.

Fora num jogo de pôquer, no escritório da estrebaria.

Era a vez de Graham apostar. Ele olhou por cima da mesa para o dono da estrebaria, que no momento era o único competidor.

— Quanto tem aí, Mr. Harris? — perguntou.

— Quarenta e dois dólares, Eustace — respondeu o proprietário. Eustace empurrou algumas fichas para o monte. — Quanto você pôs aí? — perguntou o proprietário.

— Quarenta e dois dólares, Mr. Harris.

— Hummmm — disse o proprietário, examinando suas cartas. — Quantas pediu, Eustace?

— Três, Mr. Harris. — Hummm... Quem deu as cartas, Eustace?

— Eu, Mr. Harris.

— Passo, Eustace.

Fazia pouco tempo que era promotor e no entanto já anunciara que seria candidato a deputado, valendo-se do número de condenações que conseguira. Sentado agora à escrivaninha de seu feio escritório, viu Narcisa à sua frente. Fitou-a com a mesma expressão que tivera quando apostara os quarenta e dois dólares.

— Eu só desejaria que fosse seu irmão — disse ele. — Desagrada-me ver um irmão de luta, por assim dizer, tratar de uma causa perdida.

Narcisa observava-o com olhar inexpressivo, envolvente. Ele continuou: — Afinal de contas, temos que proteger a sociedade, mesmo quando parece que a sociedade não precisa de proteção.

— Tem certeza de que ele não poderá ganhar? — perguntou ela.

— Bom, o primeiro princípio da lei é o seguinte: "Só Deus sabe o que fará o júri". Naturalmente a gente não pode esperar.

— Mas o senhor não acha provável.

— Naturalmente eu...

— O senhor tem boas razões para achar que não. Com certeza sabe, a respeito do caso, coisas que ele não sabe.

O promotor fitou-a rapidamente. Depois pegou uma caneta e começou a raspar a ponta da pena com uma faca de cortar papel.

— Isto é absolutamente confidencial. Estou violando o segredo profissional. A senhora sabe disso. Mas talvez a senhora fique mais tranquila se eu lhe disser que ele não tem a mínima probabilidade. Sei que será para ele uma grande decepção, mas não há remédio. Sabemos que o homem é culpado. Assim sendo, se houver uma maneira de afastar seu irmão do caso, aconselho-a a que o faça. Um advogado que perde um processo é como um perdedor de qualquer outra coisa: esportista, negociante ou médico. Seu mister é...

— Assim sendo, quanto mais depressa ele perder, melhor, não é verdade?

— disse Narcisa. — Se enforcarem o sujeito e acabarem com tudo.

As mãos do promotor estavam imóveis. Ele não ergueu os olhos. Ela continuou, em voz fria e igual: — Tenho motivos para desejar que Horace abandone o caso. Quanto mais depressa, melhor. Há três noites, aquele tal Snopes me telefonou, procurando por Horace. No dia seguinte meu irmão seguiu para Memphis. Não sei para quê. Isso o senhor terá que descobrir sozinho. Só o que desejo é ver Horace fora desse negócio, o mais depressa possível. Levantou-se, dirigindo-se para a porta. Graham adiantou-se, mancando, para abri-la. De novo Narcisa atirou-lhe aquele olhar frio, parado, insondável. como se ele fosse um cão, ou vaca, e ela esperasse que saísse do caminho para poder passar. Depois, partiu. Ele fechou a porta, começando um desajeitado passo de dança, estalando os dedos justamente no momento em que a porta se reabriu. Remexeu na gravata e olhou para Narcisa, ali à porta.

— Em que dia acha que estará tudo terminado? — perguntou ela.

— Oh, eu... A sessão começa no dia vinte — respondeu o promotor. — Será o primeiro caso. Digamos... dois dias. Ou três, no máximo, com o seu amável auxílio. E não tenho necessidade de afirmar-lhe que ficará estritamente entre nós... Ele adiantou-se, mas o olhar frio, calculista, de Narcisa, era uma barreira entre eles.

— Então o dia vinte e quatro. — Ela fitou-o, então, de novo. — Obrigada — disse, e fechou a porta. Aquela noite Narcisa escreveu a Belle que Horace estaria em casa no dia vinte e quatro. Telefonou ao irmão, pedindo o endereço de Belle.

— Para quê? — perguntou Horace. — Vou escrever-lhe uma carta — respondeu Narcisa em voz tranquila, sem ameaça. "Diabo", pensou Horace, com o telefone morto na mão. "Como é que posso combater gente que nem mesmo recorre a subterfúgios?" Mas esqueceu-se logo disso, esqueceu-se de que ela

telefonara. Não a viu mais, até o início do julgamento. Dois dias antes da abertura, Snopes surgiu do consultório de um dentista e ficou na esquina, cuspiendo. Sacou do bolso um charuto com fita dourada, retirou esta e enfiou o' charuto cuidadosamente na boca. Tinham-lhe dado um tapa-olho e no seu nariz via-se uma tira de esparadrapo.

— Fui atropelado por um carro, em Jackson — dissera ele no salão de barbeiro. — Mas não pensem que não fiz o maldito pagar — acrescentou, mostrando um maço de notas amarelas. Colocou as notas na carteira e guardou-a no bolso. — Sou americano — continuou. — Não me gabo disso, porque sou americano nato. E fui um batista decente a vida inteira, também. Oh, não sou nenhum pregador, nem tampouco uma solteirona beata. Tenho saído com os rapazes de vez em quando, mas creio que não sou pior do que muita gente que finge que canta alto na igreja. Mas o homem mais vil, mais vulgar deste mundo não é o negro: é o judeu. Precisamos de leis contra eles. Leis drásticas. Quando um maldito judeu pode vir para um país livre como este aqui, só porque tem carta de advogado, é tempo de pormos termo a isso. O judeu é a criatura mais vil deste mundo. E o pior judeu é o judeu advogado. E o pior tipo de advogado judeu é o advogado judeu de Memphis. Quando um advogado judeu pode prejudicar um americano, um branco, e só dar-lhe dez dólares por uma coisa pela qual outros pagariam dez vezes mais, digo e repito: precisamos de uma lei contra eles. Sim, outros dois dariam dez vezes mais: dois americanos, cavalheiros do sul. Um deles, juiz, vivendo na capital do Estado de Mississipi, e o outro um advogado que vai ser tão importante quanto seu pai o foi, e juiz também. Sempre fui mão-aberta; o que é meu sempre foi de meus amigos. Mas quando um judeu miserável, vagabundo, se recusa a pagar a um americano a décima parte do que outro americano, e juiz ainda por cima...

— Por que vendeu a ele, então? — perguntou o barbeiro, encarando-o.

— Quê? — disse Snopes.

— Que estava o senhor tentando vender àquele carro, quando este o atropelou?

— Tome um charuto — disse Snopes.

O julgamento estava marcado para o dia vinte de junho.

Uma semana após sua visita a Memphis, Horace telefonou a Miss Reba. — Só para saber se ela está aí — disse. — Para que eu possa comunicar-me com ela, caso seja necessário.

— Ela está aqui — contou Miss Reba. — Mas esse negócio de comunicar-se com ela... Não me agrada. Não quero saber de polícias por aqui, a não ser no que diz respeito ao meu negócio.

— Será apenas um oficial de justiça — avisou Horace. — Alguém que lhe entregará um papel em mãos.

— Deixe que o carteiro o faça, então — replicou Miss Reba. — Ele tem mesmo que passar por aqui. E anda de uniforme, não fazendo com ele menos vista do que esses policiais espantados. O carteiro que se encarregue do papel.

— Eu não a aborrecerei — declarou Horace. — Não lhe darei o menor incômodo.

— Sei disso — replicou Miss Reba em voz fina, áspera. — Não lhe darei essa oportunidade. Minnie teve uma crise de choro hoje à noite, por causa daquele indecente que a abandonou, e eu e Miss Myrtle estávamos com ela e começamos também a chorar. Eu, Minnie e Miss Myrtle. Tomamos uma garrafa inteira de gim. Não estou em condições de fazer essa despesa. Não comece, portanto, a mandar-me aqui nenhum polícia idiota, com carta seja para quem for. Telefone-me, que eu porei os dois na rua e aí eles poderão ser presos.

Na noite de dezenove, Horace telefonou outra vez para Miss Reba. Teve dificuldade em comunicar-se com ela.

— Foram-se — disse Miss Reba. — Todos os dois. O senhor não lê os jornais?

— Que jornais? — perguntou Horace. — Alô! Alô!

— Eles não estão mais aqui — declarou Miss Reba. — Não sei deles e nem quero saber; só o que me interessa é saber quem vai pagar-me uma semana de aluguel de quarto...

— Mas não pode descobrir para onde ela foi? Pode ser que eu venha a precisar dela.

— Não sei nem quero saber de nada — replicou Miss Reba.

Horace ouviu um clique. A ligação, no entanto, não foi cortada imediatamente. Ouviu o ruído do fone ao ser colocado na mesa e a voz de Miss Reba, chamando por Minnie.

"Minnie! Minnie!" Depois alguém colocou o fone no gancho.

Logo depois a voz indiferente da telefonista: "Terminada a ligação para Pine Bluff.. Obrigada".

O julgamento começava no dia seguinte. Na mesa estavam as poucas provas que o promotor ia apresentar: a bala extraída da cabeça de Tommy e uma garrafa contendo uísque.

— Vou chamar Mrs. Goodwin para depor — disse Horace. Não olhou para trás. Sentiu o olhar de Goodwin nas suas costas, quando ajudou a mulher a subir. Ela prestou juramento, com a criança ao colo. Repetiu a história, como a contara a Horace no dia seguinte àquele em que a criança adoecera. Duas vezes Goodwin tentou interromper, mas o juiz o mandou calar-se. Horace não olhava para ele. A mulher acabou a história. Ficou tesa na cadeira, com seu vestido cinza, surrado, mas limpo, o véu bem remendado, o enfeite roxo no ombro. A criança continuava imóvel no seu colo, de olhos fechados, com aquela imobilidade entorpecida. Por um momento a mão de Ruby pairou sobre o rosto do filho, numa daquelas carícias maternas inúteis e como que inconscientes. Horace sentou-se. Somente aí olhou para Goodwin. Mas o réu estava agora sentado calmamente, de braços cruzados e cabeça ligeiramente inclinada para a frente. Mas Horace percebeu que seu nariz tinha um tom de cera, contra a pele escura, tal a sua cólera. Horace inclinou-se para o preso e murmurou qualquer coisa, mas Goodwin não se moveu.

O promotor encarava agora a mulher.

— Mrs. Goodwin, qual a data do seu casamento com Mr. Goodwin? — perguntou ele.

— Protesto! — disse Horace, pondo-se de pé.

— Pode a acusação justificar a utilidade da pergunta? — perguntou o juiz.

— Retiro a pergunta, Excelência — disse o promotor, relanceando o olhar para os jurados. Quando a sessão foi suspensa por aquele dia, Goodwin disse amargamente: — Bom, você disse que me mataria um dia, mas não pensei que estivesse sendo sincero. Não pensei que você...

— Não seja idiota — replicou Horace. — Não vê que a causa está ganha? Que eles tiveram que se limitar a atacar a idoneidade da testemunha? E, no entanto, quando saiu da cadeia encontrou a mulher à sua espera, vítima de torturante pressentimento.

— Não se preocupe, pode ficar sossegada. Você pode entender mais do que eu a respeito de amor ou de fabricação de uísque, mas eu entendo mais de processo criminal do que você, lembre-se disso.

— Quer dizer que você não acha que eu tenha feito mal?

— Tenho certeza de que não. Não vê que isso reduz a zero a acusação? O máximo que podem agora esperar é um júri indeciso. E as probabilidades nesse sentido não chegam a uma em cinquenta. Garanto-lhe que amanhã ele sairá da cadeia, livre.

— Então acho que já é tempo de pensar em pagar você.

— Está certo — disse Horace.

— Aparecerei hoje à noite.

— Hoje à noite?

— Sim. Você talvez seja chamada novamente a depor amanhã. Em todo o caso, é melhor estarmos preparados. Às oito horas ele entrou no pátio da cabana da louca. Somente uma luz brilhava na alucinante profundidade da casa, como vagalume apanhado num sarçal. Mas Ruby não apareceu quando ele a chamou.

Horace foi até a porta e bateu. Uma voz estridente gritou qualquer coisa. Ele esperou um momento. Ia bater de novo, quando tornou a ouvir a voz, estridente, louca e apagada, como que a distância, como gaita de som fino soterrada por avalanche. Horace rodeou a casa, enfiando-se no capim alto e viçoso. Encontrou aberta a porta da cozinha. A lamparina ali estava, fraca na chaminé enfumaçada, enchendo o aposento — que não passava de uma confusão de móveis e formas imprecisas, com cheiro rançoso de mulher velha — não de luz, mas de sombras. Dois olhos brancos giravam num rosto estreito, longo, de crânio tosado, com reflexos bronzeados, acima de um corpo que vestia um jaleco rasgado enfiado num macacão. Além desse negro, via-se a louca, remexendo num armário aberto, afastando da testa, com o antebraço, os cabelos desalinhados.

— A sua cadela foi para a cadeia — disse ela. — Vá também.

— Cadeia? — perguntou Horace.

— Foi o que eu disse. Lá onde estão as pessoas de bem. Quando a gente tem um marido, convém conservá-lo na cadeia, para não ser aborrecida por ele. — A louca virou-se para o negro, com um pequeno frasco na mão, e continuou: — Vamos, meu bem. Dê-me um dólar por isto. Você tem bastante dinheiro.

Horace voltou para a cidade, para a cadeia. Entrou. Subiu a escada. O carcereiro fechou uma porta atrás dele. Ruby fê-lo entrar na cela. A criança estava na cama. Goodwin, sentado ao lado, de braços cruzados, as pernas estendidas, em atitude de homem no último grau de exaustão.

— Por que está aí sentado, diante desta janela? — perguntou Horace. — Por que não vai para o canto? Poremos o colchão em cima de você.

— Você veio assistir, não veio? — perguntou Goodwin. — Bom; é mais do que justo. É o seu ofício. Você prometeu que não me enforcariam, não é?

— Você ainda tem uma hora — disse Horace. — O trem de Memphis só chega às oito e meia. É quase certo que ele teve o bom senso de não vir naquele seu carro amarelo. — Virou-se para a mulher e continuou: — Mas você! Tinha melhor opinião de você. Sei que ele e eu somos imbecis, mas eu tinha melhor opinião de você.

— Você está fazendo a ela um favor — disse Goodwin. — Ela talvez continuasse presa a mim até ser velha demais para arranjar um bom homem. Se você prometer que arranjará emprego num jornal para o pequeno, quando ele tiver idade suficiente para saber fazer troco, ficarei mais tranquilo.

A mulher voltara para a cama, pondo a criança no colo.

Horace aproximou-se e disse: — Venha. Nada acontecerá. Lee está seguro, aqui. Ele sabe disso. Você precisa ir para casa, dormir um pouco, porque amanhã poderão sair, juntos, daqui. Agora venha.

— Creio que é melhor ficar — disse ela.

— Com os diabos, não sabe que contar com a desgraça é a melhor maneira de atraí-la? Sua experiência não lhe provou isso? Lee sabe disso. Lee, faça que ela seja razoável.

— Vá, Ruby — disse Goodwin. — Vá para casa, dormir um pouco.

— Creio que é melhor ficar — repetiu Ruby.

Horace continuava de pé, ao lado deles. A mulher fitava a criança, de rosto inclinado, o corpo imóvel. Goodwin apoiou-se contra a parede, os pulsos escuros enfiados nas desbotadas mangas da camisa.

— Você está se mostrando homem, agora — disse Horace. — Não é verdade? Gostaria que aqueles jurados o vissem agora, fechado numa cela de concreto, assustando mulheres e crianças com histórias de fantasmas. Eles compreenderiam então que você nunca teria tido coragem para matar fosse quem fosse.

— É melhor você também ir para a cama — disse Goodwin. — Poderíamos dormir aqui, se não houvesse tanto barulho.

— Não; seria sensato demais — disse Horace, deixando a cela.

O carcereiro abriu a porta e ele saiu da cadeia. Dez minutos depois voltou, trazendo um embrulho. Continha uma garrafa de leite, uma caixa de bombons e uma de charutos. Ele deu um charuto a Goodwin e ficou com outro.

— Você trouxe a mamadeira? — perguntou à mulher. Esta tirou a mamadeira de um embrulho sob a cama. — Ainda tem um pouco — disse ela. Encheu a mamadeira, enquanto Horace acendia o seu charuto e o de Goodwin. Quando olhou de novo, a mamadeira desaparecera.

— Não é ainda hora de dar a mamadeira ao menino? — perguntou Horace.

— Estou esquentando — disse a mulher.

— Oh! — exclamou Horace. Apoiou o espaldar da cadeira contra a parede, ficando de costas para a cama e de frente para a cela.

— Há lugar aqui na cama — disse a mulher. — É mais macio.

— Mas não o bastante para valer a pena mudar — replicou Horace.

— Escute aqui — disse Goodwin. — Vá para a cama. Não adianta você fazer isso.

— Temos ainda muito que trabalhar — avisou Horace. — O advogado vai chamar Ruby de novo, amanhã. É a sua única probabilidade: invalidar, seja como for, o depoimento de Ruby. Procure dormir um pouco, enquanto ela e eu combinamos tudo.

— Está certo — disse Goodwin.

Horace começou a interrogar a mulher, andando para lá e para cá, na estreita cela. Goodwin acabou o charuto e ficou de novo imóvel, de braços cruzados e cabeça baixa. O relógio do largo bateu nove, depois dez horas. A criança choramingou, moveu-se. A mulher parou, trocou o menino, tirou a mamadeira que estivera aquecendo no corpo e deu de comer à criança. Inclinou-se depois, atentamente, examinando o rosto de Goodwin. — Está dormindo — murmurou.

— Vamos deitá-lo? — sussurrou Horace.

— Não. É melhor ficar onde está.

Movendo-se silenciosamente, ela colocou a criança na cama e sentou-se na outra extremidade. Horace levou a cadeira para perto dela. Conversaram em murmúrios. O relógio bateu onze horas. Horace ainda a interrogava, ensaiando uma e muitas vezes a cena imaginária. Finalmente, disse: — Acho que é só. Tem certeza de que se lembrará? Se ele lhe perguntar alguma coisa que você não puder responder exatamente com as palavras que aprendeu hoje à noite, fique em silêncio por alguns momentos, que me encarregarei do resto. Acha que se lembrará?

— Acho que sim — murmurou ela.

Horace estendeu a mão e apanhou a caixa de bombons sobre a cama. Abriu-a, o celofane estalando ligeiramente. Ruby tirou um bombom. Goodwin não se movera.

Ela olhou para ele, e depois para a janela que não passava de uma fenda.

— Deixe disso — murmurou Horace. — Ele não poderia atingir Lee por essa fenda, nem mesmo com um alfinete de chapéu, e muito menos com uma bala. Você não sabe disso?

— Sei — disse ela. Segurava o bombom na mão, sem olhar para Horace. Acrescentou: — Sei em que você está pensando.

— Em quê?

— Quando foi lá em casa e não me encontrou. Sei o que você está pensando. Horace observou-a, ali, de rosto virado. Ela continuou: — Você disse que hoje à noite seria hora de começarmos a pagá-lo.

Horace fitou-a por mais alguns instantes.

— Ah! — exclamou. — O tēmpora! O mores! Oh inferno! Vocês, estúpidos mamíferos, são incapazes de pensar que um homem, que qualquer homem... Você pensou que era para isso que eu ia procurá-la? Pensa que, se tivesse tido essa intenção, teria esperado tanto?

Ruby lançou-lhe um rápido olhar. — Não lhe teria adiantado, se não tivesse esperado.

— Quê? Oh, bom... Mas você teria, hoje à noite?...

— Pensei que fosse isso que...

— Você consentiria, então, agora?

A mulher olhou para Goodwin, que ressonava ligeiramente.

— Oh, não me refiro ao momento presente — murmurou Horace. — Mas está pronta a pagar mediante cobrança. — Pensei que fosse isso que você quisesse. Eu lhe disse que não tínhamos... Se não for paga suficiente, não serei eu que o censurarei.

— Não se trata disso. Você bem sabe que não. Mas não compreende, então, que um homem é capaz de agir de certa forma por achar que assim é que é direito, e necessário à harmonia das coisas?

A mulher revirou lentamente o bombom na mão. — Pensei que estivesse furioso com ele.

— Com Lee?

— Não; com ele — disse a mulher, tocando o pequeno.

— Porque eu teria que levá-lo conosco.

— Quer dizer, com ele no pé da cama, talvez? E você segurando-o, talvez, pela perna, para que não caísse?

Ela fitou-o, com olhar grave, vazio e contemplativo. Lá fora o relógio bateu meia-noite.

— Deus de piedade — murmurou Horace. — Que espécie de homens tem você conhecido?

— Tirei-o uma vez da cadeia desse jeito — contou Ruby. — E de Leavenworth, ainda por cima. Quando sabiam que ele era culpado.

— Verdade? — perguntou Horace. — Tome. Tire outro bombom. Este aí está todo amassado. Ela baixou os olhos para os dedos manchados de chocolate, para o bombom informe. Deixou-o cair atrás da cama.

Horace deu-lhe o seu lenço. — Vou sujá-lo — disse a mulher. — Espere. Limpou os dedos nas roupas que tirara do menino e sentou-se de novo, as mãos cruzadas no colo. Goodwin ressonava com regularidade. A mulher continuou: — Quando foi para as Filipinas, ele me deixou em San Francisco. Eu estava trabalhando e vivia num quartinho só, cozinhando sobre um bico de gás, porque eu lhe prometera viver assim. Não sabia quanto tempo ele ficaria ausente, mas prometi-lhe, e ele sabia que eu cumpriria a promessa. Quando ele matou aquele outro soldado, por causa de uma negra, nem mesmo cheguei a saber do caso. Durante cinco meses não recebi carta dele. Somente quando dei com um jornal velho, que eu estava estendendo na prateleira de um armário, foi que soube que o regimento ia voltar. Olhando a folhinha, vi que chegava naquele dia. Eu me comportara bem durante todo aquele tempo. Tivera boas oportunidades; todos os dias, mesmo, com os homens que frequentavam o restaurante onde eu trabalhava. Ruby fez uma pausa. E depois: — Não me deram licença de sair para esperar o navio, de modo que me demiti. Mas não me deixaram vê-lo; não me deixaram nem mesmo entrar no navio. Ali fiquei, enquanto eles saíam marchando. Procurei-o, perguntando aos que passavam se sabiam onde Lee estava; e eles pilheriando comigo, desejando saber se eu tinha compromisso para aquela noite, dizendo-me que nunca tinham ouvido falar nele, ou então que morrera, ou que fugira para o Japão com a mulher do coronel. Tentei de novo entrar no navio, mas não me deixaram. Assim sendo, àquela noite me vesti bem e fui para os cabarés, até encontrar um de seus companheiros. Permiti que um deles me fizesse companhia e ele me contou, então. Foi uma verdadeira morte para mim. Ali fiquei, a música ainda tocando, e tudo o mais, e aquele soldado bêbado me bolinando. E tive vontade de largar mão de tudo, e de sair com ele, e de me embriagar e permanecer embriagada. Pensei: "E foi com essa espécie de animal que perdi um ano inteiro!" Talvez tenha sido justamente por isso que nada fiz.

— Em todo o caso, nada fiz — continuou Ruby. — Voltei para o meu quarto e no dia seguinte comecei a procurá-lo. Não desisti, apesar das mentiras que os outros me diziam, procurando conquistar-me, até que finalmente descobri que ele estava em Leavenworth. Não tinha dinheiro para a passagem, de modo que tive novamente que me empregar. Levei dois meses para juntar dinheiro suficiente. Fui então para Leavenworth. Arranjei novo emprego como garçoneiro, no Child's, trabalhando de noite, para poder ver Lee de quinze em quinze dias, no domingo à tarde. Resolvemos arranjar um advogado. Não sabíamos que os advogados nada podiam fazer para os prisioneiros federais. O advogado que arranjei nada me disse a esse respeito, nem eu contei a Lee como conseguira os seus serviços. Lee pensava que eu tinha economizado dinheiro. Vivi dois meses com o advogado, antes de

descobrir... ...Veio então a guerra e soltaram Lee, para que partisse para a França. Fui para Nova York e arranjei emprego numa fábrica de munições. Conservei-me honesta, apesar de estarem as cidades cheias de soldados com dinheiro para gastar; apesar de até mesmo as mais vagabundas só trajarem seda. Mas conservei-me honesta. E então ele voltou. Eu estava no cais, à sua espera. Ele desceu escoltado e foi reconduzido para Leavenworth, por ter assassinado aquele soldado três anos antes. Procurei então outro advogado, e este arranjou um deputado que se interessou pelo caso. Entreguei-lhe todo o dinheiro que economizara. E, portanto, quando Lee saiu não tínhamos nada. Ele disse que estava pronto a casar-se comigo, mas nem mesmo dinheiro para isso tínhamos. E, quando lhe contei o caso com o advogado, ele me bateu.

De novo Ruby deixou cair sob a cama o bombom informe, limpando os dedos na mesma roupa do menino. Escolheu outro bombom e comeu-o. Mastigando-o, olhou para Horace, com expressão vazia, perplexa, durante um longo momento. Pela estreita janela, a escuridão entrava fria e morta. Goodwin parara de rressonar. Fez um movimento, endireitando-se na cadeira.

— Que horas são? — perguntou.

— Quê? — exclamou Horace, olhando o relógio. — Duas e meia.

— Ele deve ter furado um pneu — disse Goodwin.

Lá pela madrugada, Horace também adormeceu, sentado na cadeira. Quando acordou, viu um filete de luz rósea entrando pela janela. Goodwin e a mulher conversavam tranquilamente na cama. Goodwin olhou tristemente para Horace.

— Bom dia — disse.

— Espero que, com o sono, você tenha esquecido aquele pesadelo — disse Horace.

— Nesse caso, terá sido o último. Dizem que ninguém sonha, lá para onde a gente vai.

— Não há dúvida de que você fez o possível para se perder — disse Horace.

— Creio que acreditará em nós, depois disso.

— Acreditar uma ova! — exclamou Goodwin, que estivera sentado muito quieto, controlado, com seu rosto saturnino, ali de macacão e camisa azul. — Pensa você, por um minuto que seja, que aquele homem me deixará sair por aquela porta, e subir a rua, e entrar no Tribunal, depois do que se deu ontem? Com que espécie de homens conviveu você durante sua vida? Num berçário, talvez?...

— Se ele fizer semelhante coisa, estará cavando a própria sepultura — replicou Horace. — De que me adiantaria isso? Deixe-me dizer-lhe...

— Lee... — disse a mulher.

— ...uma coisa. Da próxima vez que quiser jogar com a vida de um homem...

— Lee — disse a mulher, acariciando os cabelos dele, separando-os, alisando a camisa sem colarinho.

Horace observava-os. — Gostaria de ficar hoje aqui? — perguntou. — Posso dar um jeito.

— Não — respondeu Goodwin. — Estou farto disto aqui. Vou acabar com tudo de uma vez. Diga apenas àquele maldito guarda que não caminhe muito perto de mim. Agora é melhor você e Ruby irem tomar café.

— Não estou com fome — disse a mulher.

— Faça o que lhe digo.

— Lee...

— Venha — disse Horace. — Você pode voltar, depois.

Lá fora, na frescura da manhã, ele respirou profundamente. — Encha os pulmões — disse a Ruby. — Uma noite naquele lugar dá nos nervos de qualquer um. Que ideia, três adultos... Meu Deus, às vezes acho que somos todos crianças, com exceção das próprias crianças. Mas hoje será o último dia. Ao meio-dia ele sairá daqui, livre. Não compreende, então?

Caminharam pela fresca manhã ensolarada, sob o céu alto, macio. Lá em cima, contra o azul, umas boas nuvenzinhas chegavam do sudoeste, e a brisa fresca e persistente palpitava nas alfarrobeiras, que de muito haviam perdido as flores.

— Não sei como poderemos pagar-lhe — disse a mulher.

— Não se preocupe. Já fui pago. Você talvez não compreenda, mas minha alma teve um aprendizado que durou quarenta e três anos. Quarenta e três anos! O que você viveu e mais a metade. Você vê, portanto, que a loucura, assim como a pobreza, cuida dos seus.

— E você sabe que ele... que...

— Deixe disso. Também afastamos esse sonho. Deus às vezes comete tolices, mas pelo menos é um cavalheiro. Não sabia disso?

— Sempre O considere como um homem — disse Ruby.

A campainha já estava tocando, quando Horace atravessou o largo, em direção ao Tribunal. Já o largo se enchia de carroças e carros. Vultos de macacão, ou de culotes caquis, passavam em lenta procissão pela entrada gótica do edifício. Lá em cima, o relógio bateu nove horas, no momento em que Horace subia a escada. As largas portas duplas no alto da escada estavam abertas. Ouvia-se, além, o contínuo ruído de pessoas que se instalavam. Acima dos espaldares, Horace podia ver-lhes as cabeças — grisalhas, calvas, hirsutas, cabelos recém-cortados acima de pescoços tostados pelo sol, cabelos emplastrados de óleo sobre colarinhos de homens da cidade e, aqui e ali, um chapéu contra o sol, ou chapéu de flores. O

rumor das vozes e dos movimentos voltava com a contínua corrente que soprava pela porta. O ar entrava pelas janelas abertas, passando sobre aquelas cabeças e chegando até Horace impregnado do cheiro de fumo, suor e terra. E também daquele cheiro sui generis, que têm as salas de Tribunal: cheiro bolorento, de volúpias passadas, e avareza, e rancores, e amarguras; além do mais, uma certa desajeitada estabilidade, por falta de coisa melhor. As janelas davam para sacadas logo abaixo das ogivas; nelas soprava a brisa, trazendo o chilrear e arrulhar de aves — pardais e pombos, aninhados nas goteiras — e, de vez em quando, o som de uma buzina no largo, lá embaixo... subindo e baixando, confundindo-se com o som abafado de passos no corredor e nas escadas. A cadeira do juiz estava vazia. A um lado, na mesa longa, Horace distinguiu a cabeça escura e o esquelético rosto moreno de Goodwin, assim como o chapéu cinzento da mulher. Na outra extremidade estava sentado um homem, palitando os dentes. Cabelos negros, muito crespos, mais ralos no ponto onde começava a calvície, cobriam-lhe a cabeça, como boné justo. Nariz comprido, pálido. Usava um terno marrom leve; na mesa em frente via-se elegante pasta de couro e uma palheta com fita vermelha e marrom. Ele olhava preguiçosamente pela janela, por cima das cabeças enfileiradas, palitando os dentes. Horace parou, assim que transpôs a porta.

— É um advogado — disseram. — Um advogado judeu, de Memphis.

Depois ele olhou para as nucas à volta da mesa à qual deviam estar sentadas as testemunhas e pessoas assim.

— Antes de vê-la, sei como estará ela — disse Horace. — Estará de chapéu preto.

Caminhou pelo corredor central. De algum ponto, além da sacada de onde parecia vir o som da campainha e onde os pombos arrulhavam sob as goteiras, veio a voz do oficial de justiça.

— Está aberta a sessão...

Temple estava de chapéu preto. O oficial de justiça chamou duas vezes o seu nome, antes de ela mover-se e subir para a plataforma. Dali a momentos Horace percebeu que o juiz se dirigia a ele, um tanto irritado. — É esta a sua testemunha, Mr. Benbow?

— É, sim, Excelência.

— Deseja que ela preste juramento e o seu depoimento seja reduzido a escrito?

— Sim, Excelência.

Além da janela, sob os tranquilos pombos, a voz do oficial de justiça ainda zumbia, insistente, importuna e desinteressada; mas cessara o som da campainha.

O promotor voltou-se para o júri.

— Apresento como prova esse objeto, que foi encontrado no local do crime. Tinha na mão uma espiga de milho, que parecia ter sido embebida em tinta marrom-escura. Continuou: — A razão de ainda não ter sido apresentado foi não ter sido considerado importante o seu papel, neste processo, até o depoimento da mulher do acusado, agora lido em voz alta. Acabam de ouvir também o depoimento do químico; e o do ginecologista, que, como ninguém ignora, é uma autoridade em questões concernentes ao que há de mais sagrado na vida: a mulher. Diz ele que já não é mais assunto para o carrasco e sim para uma fogueira a gasolina...

— Protesto! — exclamou Horace. — A acusação está tentando influenciar...

— De acordo — atalhou o juiz. — Cancele-se a frase que começa com "Diz ele..." Pode dizer aos jurados que não levem isso em consideração, Mr. Benbow.

Limite-se aos fatos, senhor promotor.

O promotor inclinou-se. Virou-se em seguida para a cadeira das testemunhas, onde Temple estava sentada. Sob o chapéu negro, os cabelos fulgiam em cachos ruivos, semelhantes a grãos de resina. O chapéu tinha um enfeite de strass. No colo, sobre o vestido de cetim preto, repousava uma bolsa de platina. O casaco marrom claro, aberto na frente, deixava ver no ombro um enfeite cor-de-púrpura. As mãos estavam imóveis no colo, de palmas para cima. As longas pernas, calçadas com meias cor-de-champanha, estavam afastadas uma da outra, os tornozelos largados; os sapatos imóveis, com suas reluzentes fivelas, estavam meio inclinados, como que vazios. Acima dos rostos atentos, pálidos como barrigas flutuantes de peixes mortos, estava ela sentada numa atitude ao mesmo tempo despreocupada e medrosa, o olhar fixo nalgum ponto no fundo da sala. Rosto lívido, as duas manchas de ruge parecendo discos de papel colados nas faces, a boca desenhada num arco ousado e perfeito, como coisa ao mesmo tempo simbólica e críptica, cuidadosamente recortada em papel rubro e ali colocada. O promotor estava diante dela.

— Qual o seu nome?

Temple não respondeu. Moveu lentamente a cabeça, como se ele lhe tivesse tapado a vista, e continuou a olhar para o fundo da sala.

— Como se chama? — repetiu ele, fazendo também um movimento e colocando-se de novo diante do campo visual de Temple.

Ela mexeu os lábios.

— Mais alto — pediu o promotor. — Diga. Ninguém vai molestá-la. Deixe que esses bons homens, esses pais e maridos, ouçam o que a senhora tem a dizer e façam justiça pelo mal que lhe causaram.

O presidente olhou para Horace, erguendo as sobrancelhas. Mas Horace não se moveu. Ficou sentado, a cabeça ligeiramente inclinada, as mãos fechadas no colo.

— Temple Drake — disse ela.

— Idade?

— Dezoito anos.

— Onde mora?

— Em Memphis — respondeu a moça, em voz apenas perceptível.

— Fale um pouco mais alto. Esses senhores não a molestarão. Estão aqui para fazer justiça pelo mal que a senhora sofreu. Onde morava, antes de ir para Memphis?

— Em Jackson.

— Tem parentes lá?

— Tenho.

— Vamos. Diga a esses bons homens...

— Meu pai.

— Sua mãe morreu?

— Morreu.

— Tem irmãs?

— Não.

— É filha única?

De novo o presidente olhou para Horace, mas este não se moveu.

— Sou.

— Onde esteve residindo, desde o dia doze de maio deste ano?

Temple moveu ligeiramente a cabeça, como se quisesse ver além dele. De novo o promotor se pôs diante dela, prendendo-lhe o olhar. Temple fitou-o, respondendo-lhe como papagaio.

— Seu pai sabia que a senhora estava lá?

— Não.

— Onde pensava ele que a senhora estivesse?

— Pensava que eu estivesse na escola.

— A senhora estava se escondendo, então, porque alguma coisa lhe acontecera e a senhora não ousava...

— Protesto! — disse Horace. — A pergunta é tendenciosa ...

— De acordo — disse o juiz. — Eu já estava há algum tempo para preveni-lo, senhor promotor, mas a Defesa, por algum motivo, não achou necessário intervir. O promotor inclinou-se para o presidente. Virou-se em seguida para a testemunha, prendendo-lhe de novo o olhar.

— Onde estava no domingo de manhã, no dia doze de maio?

— Estava na estrebaria. A sala suspirou; o respirar coletivo silvou no silêncio embolorado. Entraram outras pessoas, mas pararam no fundo da sala, ali ficando amontoadas. Temple movera novamente a cabeça. O promotor procurou o seu olhar, prendendo — o, outra vez. Virou-se ligeiramente e apontou para Goodwin. — Já tinha visto aquele homem? Ela olhou para o promotor, com o rosto rígido, vazio. Vistos de perto, seus olhos, as duas manchas de ruge e a boca eram como cinco objetos sem sentido, num pratinho em forma de coração. — Olhe para onde estou apontando — disse o promotor.

— Já.

— Onde o tinha visto?

— Na estrebaria.

— Que estava a senhora ali fazendo?

— Estava me escondendo.

— Escondendo-se de quem?

— Dele.

— Daquele homem ali? Olhe para onde estou apontando.

— Sim.

— Mas ele a encontrou.

— Sim.

— Havia mais alguém ali?

— Tommy. Ele disse...

— Ele estava do lado de fora ou de dentro?...

— Do lado de fora da porta. Estava vigiando. Ele disse que não deixaria...

— Um minuto. A senhora lhe pediu que não deixasse entrar ninguém?

— Pedi.

— E ele fechou a porta do lado de fora?

— Fechou.

— Mas Goodwin entrou.

— Sim.

— Tinha alguma coisa na mão?

— Um revólver.

— Tommy procurou detê-lo?

— Sim. Ele disse...

— Espere. Que fez ele para Tommy?

Temple olhou-o fixamente. O promotor continuou: — Ele tinha o revólver na mão. Que fez, então?

— Matou-o.

O promotor afastou-se para um lado. Imediatamente, o olhar da moça dirigiu-se para o fundo da sala, ali se fixando. O promotor voltou, colocando-se novamente ante seu campo de visão. Temple moveu a cabeça. Ele procurou o olhar e prendeu-o, erguendo diante dela a espiga de milho. A sala suspirou — longo e silvante suspiro.

— Já tinha visto isto, antes?

— Já.

O promotor virou-se. — Excelência, senhores: acabaram de ouvir a horrível, a inacreditável história que essa jovem contou; viram as provas, ouviram o depoimento do médico; não quero mais submeter essa criança ultrajada, indefesa, à tortura de...

Interrompeu-se. As cabeças voltaram-se como uma só.

Viram um homem caminhar pelo corredor central, em direção à mesa do presidente. Caminhava com passos firmes, acompanhado pela lenta estupefação dos rostos pálidos, pelo lento ranger de colarinhos. Tinha cabelos brancos bem cortados e um bigodinho curto que parecia fio de prata batida, contra a tez escura. Olhos ligeiramente empapuçados. Uma barriguinha, sob o imaculado terno de linho branco. Trazia numa das mãos um chapéu panamá e na outra uma bengalinha preta. Caminhou firme pelo corredor central, sem olhar para qualquer dos lados, em meio a um lento silêncio que parecia um suspiro prolongado. Passou pela cadeira das testemunhas sem relancear o olhar para Temple, que ainda continuava contemplando o fundo da sala; passou pelo seu campo visual como esportista pela fita de chegada e parou diante do presidente. Este ergueu-se a meio, os braços apoiados na mesa.

— Excelência, terminou este Tribunal de interrogar a testemunha? — perguntou o homem.

— Sim, senhor juiz — respondeu o presidente. — Sim senhor. Acusado: tem alguma coisa...

O velho voltou-se lentamente, teso, em meio a todas aquelas respirações suspensas, àqueles rostos pálidos, e olhou para as seis pessoas à mesa do advogado. Atrás dele, a testemunha não se movera. Continuava com sua atitude de infantil imobilidade, olhando para o fundo da sala, acima daqueles rostos, como pessoa sob a ação de um entorpecente. O velho voltou-se para ela e estendeu-lhe a mão. Temple não se moveu. A sala expirou de novo, e de novo prendeu a

respiração. O velho tocou-lhe o braço. Ela virou então a cabeça para ele, com olhos vazios, só pupilas, acima das três loucas manchas vermelhas. Colocou a mão na dele e levantou-se, a bolsa de platina escorregando-lhe do colo com um ruído seco. Olhou de novo para o fundo da sala. Com a ponta do sapato reluzente, o velho empurrou a bolsa para o canto onde o recinto do júri encontrava a mesa do Tribunal, onde havia uma escarradeira, e ajudou a moça a descer do tablado. A sala respirou novamente, quando eles desceram pelo corredor central. A meio caminho, a moça parou, delgada no seu casaco aberto, de rosto rígido e vazio; depois seguiu, com a mão no braço do velho. Adiantaram-se pelo corredor, o velho teso ao lado dela, não olhando para nenhum dos lados, acompanhados pelo ligeiro sussurro dos colarinhos que se voltavam. De novo a moça parou. Começou a inclinar-se para trás, arqueando lentamente o corpo, o braço enrijecendo sob a pressão da mão do velho. Este inclinou-se para ela, falando-lhe; Temple adiantou-se novamente, com aquele ar de humilhação, ao mesmo tempo servil e extasiada.

Quatro rapazes mantinham-se rígidos perto da entrada. Pareciam soldados, olhando direto à frente, até o velho e a moça chegarem aonde eles estavam. Moveram-se, então, cercando os dois; em cerrada formação, a moça oculta por eles, dirigiram-se todos para a porta. Ali pararam. A sala pôde ver Temple encolhida contra a parede, do lado de dentro da porta, o corpo outra vez arqueado. Parecia ali grudada; depois os cinco corpos de novo a esconderam e de novo, em cerrada formação, o grupo transpôs a porta, desaparecendo. A sala respirou; rumor semelhante ao zumbido do vento que se levanta. O som foi caminhando para a frente, num movimento crescente, num longo suspiro, passando sobre a mesa na qual estavam a mulher com a criança, e Horace, e o promotor, e o advogado de Memphis, atravessando o júri e subindo até o juiz. O advogado de Memphis estava teso, olhando com ar sonhador pela janela. A criança soltou um gritinho queixoso e choramingou.

— Quietinho — disse a mulher. — Psiuuuuu...

O júri ficou deliberando oito minutos. Quando Horace saiu do Tribunal, a tarde começava a cair. As carroças que tinham estado travadas dispunham-se a partir, algumas para uma jornada de doze ou dezesseis milhas de estrada. Narcisa esperava pelo irmão no carro. Ele surgiu, lentamente, no meio dos homens de macacão; entrou rigidamente no carro, como um velho, de rosto abatido.

— Quer ir para casa? — perguntou Narcisa.

— Sim — disse Horace. — Pergunto: para sua casa ou para a minha?

— Sim — disse Horace. Narcisa estava na direção, com o motor do carro em funcionamento. Trajava um vestido novo, preto, com severa gola branca; chapéu preto.

— Qual das duas? — perguntou, fitando-o.

— Para casa — disse ele. — Tanto faz. Para casa.

Passaram pela cadeia. Ao longo da cerca, estavam os ociosos, os homens do campo, a escória e os meninos que tinham acompanhado Goodwin e o delegado quando estes haviam saído do Tribunal. Além do portão, estava a mulher, com seu chapéu cinza, de véu, carregando a criança nos braços. — Esperando num lugar onde ele poderá vê-la pela janela — disse Horace. — Sinto também cheiro de presunto. Talvez ele esteja comendo presunto, antes de chegarmos em casa. — Depois começou a chorar, sentado no carro, ao lado da irmã. Ela guiava com firmeza e não muito depressa. Logo deixaram a cidade e as vigorosas fileiras de algodão novo que se balançavam de cada lado, paralelamente, diminuindo à medida que iam ficando para trás. Ainda havia algumas flores de alfarrobeiras no chão da entrada de automóvel. — Dura bastante — disse Horace. — A primavera dura. A gente chega quase a pensar que há uma razão para isso. Ele ficou para o jantar. Comeu muito.

— Vou ver o seu quarto — disse Narcisa, em voz suave.

— Está certo — concordou Horace. — É muita gentileza sua.

Ela saiu. A cadeira de rodas de Miss Jenny estava numa plataforma que tinha sulcos para as rodas.

— É muita gentileza dela — disse Horace. — Creio que vou lá fora fumar o meu cachimbo.

— Desde quando desistiu de fumar aqui? — perguntou Miss Jenny.

— Sim — disse Horace. — Foi muita gentileza dela. — Dirigiu-se para o terraço. — Eu pretendia ficar aqui — acrescentou.

Atravessou o terraço, pisando depois a efêmera neve formada pelas últimas flores das alfarrobeiras. Passou pelos portões de ferro, caminhando pelo saibro. Dali a uma milha, um carro diminuiu a marcha e ofereceu-lhe condução. — Estou fazendo um pouco de exercício, antes da ceia — disse ele. — Logo vou voltar. — Dali a uma milha, avistou novamente as luzes da cidade. Brilho suave... tornando-se mais forte à medida que ele se aproximava. Antes de chegar à cidade, começou a ouvir os sons, as vozes. Em seguida distinguiu as pessoas, massa movente enchendo a rua. Viu depois o lúgubre pátio de onde se erguia imprecisamente o vulto quadrado da prisão. No pátio, sob a janela de grades, um homem em mangas de camisa encarava a multidão, falando em voz rouca, gesticulando. A janela de grades estava vazia. Horace continuou para o largo. O delegado estava no meio dos caixeiros viajantes, diante do hotel, perto da esquina. Sujeito gordo, de rosto largo e estúpido, contrastando com a expressão preocupada do olhar.

— Eles nada farão — disse o delegado. — Falam demais. É só barulho. É cedo demais. Quando uma multidão pretende agir, não leva esse tempo, nem há tanto falatório. E nem tampouco se expande num ponto onde todo o mundo possa observar. A multidão ficou na rua até tarde. Apesar disso, em ordem. Era como se a maioria tivesse vindo para ver, para olhar a prisão e a janela de grades, ou para ouvir o homem em mangas de camisa. Depois de algum tempo, este se cansou. O povo começou a dispersar-se, voltando uns para o largo e outros para casa, até ficar apenas um pequeno grupo sob a lâmpada do arco, na entrada do largo. No meio deles havia dois delegados auxiliares, assim como o guarda noturno da cadeia, de chapéu largo, lanterna, despertador e revólver.

— Vão agora para casa — disse ele. — Acabou-se o espetáculo. Vocês já se divertiram bastante. Vão agora para a cama.

Os caixeiros viajantes ficaram mais alguns minutos na esquina, perto do hotel, Horace no meio deles. O trem que vinha do sul chegou à uma hora.

— Vão deixar que ele escape, não acha? — perguntou um dos viajantes. — Só por causa daquilo? Que gente que vocês foram arranjar! Como vocês complicam as coisas!

— Na minha cidade, não teriam feito nenhum julgamento — disse um segundo. — Nem o mandariam para a cadeia — interveio um terceiro.

— Quem era a moça?

— Uma estudante. E bonita! Você viu?

— Vi. Até parecia uma menina! Eu é que não teria feito aquela complicação.

O largo ficou silencioso. O relógio bateu onze horas. Os caixeiros viajantes entraram. O porteiro negro apareceu e virou as cadeiras contra a parede.

— Está esperando o trem? — perguntou a Horace.

— Estou. Já veio aviso?

— Está no horário. Mas ainda faltam duas horas. O senhor pode se deitar na sala de amostras, se quiser.

— Posso?

— Vou levá-lo até lá — disse o negro.

A sala de amostras era a sala onde os caixeiros viajantes exibiam sua mercadoria. Havia ali um sofá. Horace apagou a luz e deitou-se. Podia ver as árvores da prisão e uma ala do prédio erguendo-se acima do largo silencioso e deserto. Mas o povo não dormia. Horace sentia a excitação, sentia que estavam despertos, na cidade. "De qualquer maneira, eu não teria mesmo dormido", pensou. Ouviu o relógio dar meia-noite. E então — poderia ter sido meia hora mais tarde, ou pouco mais — ouviu alguém passar, correndo sob sua janela. Passos parecendo mais fortes que os de um cavalo, ecoando no largo deserto, naquelas horas de paz reservadas ao sono. Não foi um som, o que Horace ouviu em seguida; foi qualquer coisa no ar aonde foi morrer o ruído daqueles passos apressados. Ao descer o corredor, em direção à escada, Horace não percebeu que corria. Isso até ouvir uma voz atrás de uma porta dizer: — Fogo! É um... — Horace continuou. "Eu o assustei", pensou. "Ele talvez tenha vindo de St. Louis e não está habituado a isto."

Saiu correndo do hotel, para a rua. O proprietário saíra logo à frente dele. Vulto ridículo: vasto homem, agarrando as calças, na frente, os suspensórios caídos sob a camisola, o topete eriçado na cabeça calva. Três outros homens passaram em disparada pela porta do hotel.

— É um incêndio — disse Horace. Viu o clarão contra o qual se erguia a cadeia, em rígida e selvagem silhueta.

— É no terreno vazio — disse o proprietário, agarrando as calças. — Não posso ir porque não há ninguém na portaria...

Horace saiu correndo. À sua frente, viu outros vultos também correndo, entrando numa viela ao lado da cadeia. Ouviu então ruído de fogo, o ruído furioso de gasolina em chamas. Entrou na viela. Dali podia ver o clarão, no meio do terreno vazio onde costumavam ficar, travadas, as carroças em dia de feira. Contra as chamas, destacavam-se vultos negros, grotescos. Ouviu gritos ofegantes. Por uma rápida brecha, viu um homem virar-se e correr, verdadeira tocha inflamada, ainda carregando uma lata de petróleo que explodia com um brilho de foguete, enquanto o homem a carregava, em disparada. Horace correu para a multidão, para o círculo que se formara à volta da fogueira no meio do terreno. De um lado, vinham os gritos do homem sobre o qual explodira a lata de gasolina, mas do centro da fogueira não vinha som algum. Fogueira agora confusa, as chamas retorcendo-se

em plumas longas e estalantes que saíam da massa incandescente onde se distinguíam vagamente as extremidades de alguns postes e pranchas.

Horace corria no meio deles; seguravam-no, mas ele disso não se apercebia; falavam-lhe, mas não distinguia as vozes.

— É o advogado dele.

— Aqui está o homem que o defendeu. Que procurou fazer com que o absolvessem.

— Ponham-no lá dentro, também. Sobrou bastante para queimar um advogado.

— Vamos fazer com o advogado o que fizemos com ele. O que ele fez com ela. É pena que não fazemos daquelas histórias.

Horace não podia ouvi-los. Não ouvia os urros do homem que queimaram com a lata de gasolina. Não ouvia o fogo, embora esse ainda subisse vigoroso, como que se alimentando de si mesmo; e silencioso: voz de fúria, que se ouve em sonhos, como um rugido mudo saindo do tranquilo nada.

Em Kinston, os trens eram esperados por um velho que possuía um auto de sete lugares. Sujeito magro, de olhos cinzentos, e bigode grisalho untado nas pontas. Antigamente, antes de ter a cidade progredido tão depressa, transformando-se em centro madeireiro, ele fora um fazendeiro, dono de terras, filho de um dos primeiros colonos. Perdera a propriedade devido à sua cupidez e credulidade, começando então a guiar uma carruagem da estação para a cidade, de cartola e fraque, bigode untado nas pontas, dizendo aos viajantes que houvera época em que ele dirigia a sociedade de Kinston e que continuava agora a dirigi-la, só que numa carruagem. Depois que se acabou a era do cavalo, ele comprou um automóvel, ainda continuando a ir esperar a chegada dos trens. Tinha o mesmo bigode retorcido, mas substituíra a cartola por um boné, o fraque por um terno cinza, listrado de vermelho, feito por judeus de Nova York.

— Aqui está o senhor — disse, quando Horace desceu do trem. — Ponha a mala no carro. — Entrou e Horace sentou-se ao lado dele. O homem continuou: — O senhor está atrasado.

— Atrasado? — perguntou Horace. — Ela chegou hoje de manhã. Levei-a para casa. Sua senhora.

— Oh — disse Horace. — Ela está em casa?

O outro ligou o motor, deu marcha à ré e virou. Era um carro possante, macio. — Quando é que a esperava? — perguntou o homem. E depois: — Soube que queimaram aquele sujeito em Jefferson. Com certeza o senhor presenciou.

— Sim — disse Horace. — Sim, ouvi falar nisso.

— Bem feito — disse o homem. — Temos que proteger nossas moças. Podemos precisar delas para nós.

Viraram, seguindo direto pela rua. Chegaram a uma esquina, sob uma luz. — Desço aqui — disse Horace.

— Posso levá-lo até sua porta — ofereceu o chofer.

— Não; desço aqui mesmo — tornou Horace. — Assim você não precisará fazer manobra.

— Como quiser — disse o homem. — Quem está pagando é o senhor.

Horace desceu e apanhou a mala; o motorista não se ofereceu para carregá-la. O carro seguiu. Horace apanhou a mala do chão, mala que ficara no armário de sua irmã durante dez anos e que ele levava consigo para a cidade, na manhã em que Narcisa lhe perguntara o nome do promotor. Sua casa era nova, no meio de um gramado. As árvores — álamos e bordos por ele plantados — ainda

estavam pequenas. Antes de chegar à porta, viu as cortinas cor-de-rosa das janelas de sua esposa. Entrou pelos fundos, chegou até a porta do quarto dela e olhou dentro. Belle lia, na cama, uma revista larga de capa colorida. O quebra-luz tinha um tom rosado. Na mesa havia uma caixa, aberta, de bombons. — Voltei — disse Horace.

Ela fitou-o através da revista. — Fechou a porta dos fundos? — perguntou.

— Sim, eu sabia que ela teria. — disse Horace. — Esta noite você...

— Eu quê?

— Little Belle. Você telefonou?...

— Para quê? Ela está na festa. Por que não havia de estar? Por que haveria de mudar seus planos, recusar um convite?

— Sim, eu sabia que ela teria ido — disse Horace. — Você...

— Falei com ela, anteontem à noite. Vá fechar a porta dos fundos.

— Sim — disse Horace. — Ela está bem. Claro que está. Eu apenas...

O telefone ficava numa mesa, no escuro corredor. O número pertencia a um setor rural; a ligação levou algum tempo a ser feita. Horace sentou-se ao lado do telefone.

Deixara aberta a porta, na extremidade do corredor. Por ela entravam os leves ares da noite de verão. Ares vagos, perturbadores. — A noite é dura para os velhos — disse ele calmamente, segurando o fone. — As noites de verão são duras para os velhos. Deviam fazer alguma coisa a respeito.

Uma lei.

Do quarto, Belle chamou-o, com voz de pessoa deitada.

— Telefonei a Little Belle anteontem à noite. Para que aborrecê-la?

— Sim — disse Horace. — Não levarei muito tempo.

Ficou segurando o fone, olhando a porta por onde entrava o vento leve, vago, perturbador. Recitou uma frase de um livro que lera tempos antes: "Menos frequente é a paz. Menos frequente é a paz".

Atenderam o telefone.

— Alô! Alô! Belle? — disse Horace.

— Sim? — respondeu a voz, soando fraca e fina. — Que é? Aconteceu alguma coisa?

— Não, não — disse Horace. — Eu apenas queria dizer-lhe boa-noite.

— Dizer quê? Que houve? Quem está falando?

Horace segurava o fone, sentado no corredor escuro.

— Sou eu, Horace. Horace. Eu queria apenas...

Pelo telefone veio um rumor de briga; ele ouviu Little Belle respirar. Depois uma voz masculina: — Alô, Horace; quero apresentar-lhe...

— Psiu! — disse a voz de Little Belle, fina e fraca. De novo Horace ouviu-os lutando. Um intervalo de silêncio. E, então, a voz de Little Belle: — Pare com isso! É Horace! Moro com ele!

Horace segurava o fone. A voz de Little Belle estava ofegante, controlada, fria, discreta, desinteressada.

— Alô, Horace. Mamãe vai bem?

— Sim, vamos bem. Eu só queria dizer-lhe...

— Oh. Boa-noite.

— Boa-noite. Está-se divertindo?

— Estou, sim. Escreverei amanhã. Mamãe não recebeu minha carta?

— Não sei. Eu apenas...

— Talvez eu me tenha esquecido de pô-la no correio. Escreverei amanhã. Era só isso que você queria?

— Era. Eu só queria dizer-lhe...

Horace colocou o fone no gancho. Fez-se silêncio na linha. A luz do quarto de sua esposa caía no corredor.

— Feche a porta dos fundos — disse ela.

Popeye dirigia-se para Pensacola, para visitar sua mãe, quando foi preso em Birmingham, pelo assassinio de um polícia, no dia 17 de junho daquele ano, numa pequena cidade de Alabama. Fora a 17 de junho que Temple passara por ele, sentado no carro estacionado perto do cabaré da estrada, na noite que Red fora assassinado. No verão, todos os anos, Popeye ia visitar sua mãe. Ela pensava que ele fosse empregado de um hotel de Memphis, trabalhando na turma noturna. Sua mãe era filha da dona de uma pensão. Seu pai fora um "fura-greve" profissional, contratado pela companhia de estrada de ferro para furar a greve de 1900. Sua mãe trabalhava naquela época numa loja da cidade. Durante três noites ela voltara para casa num carro, ao lado do assento do motoneiro, onde ia o pai de Popeye. Certa noite o fura-greve desceu na esquina da casa dela e acompanhou-a a pé.

— Não há perigo de você ser despedido? — perguntou ela.

— Por quem? — replicou o fura-greve. Caminharam juntos. Ele estava bem vestido. Continuou: — Os outros me contratariam em dois tempos. E eles sabem disso.

— Quem é que o contrataria?

— Os grevistas. Para mim, tanto faz estar sob as ordens deste ou daquele, sabe? Tanto se me dá andar no carro de um ou de outro. Eu mudaria de lado, se pudesse passar por aqui todas as noites, a esta hora. Ela continuava caminhando ao lado dele.

— Não está falando sério, está?

— Claro que estou — respondeu ele, tomando-lhe o braço.

— Com certeza você também não se importaria de se casar com esta ou com aquela, segundo a sua teoria.

— Quem lhe disse isso? Aqueles indecentes andaram falando de mim?

Um mês mais tarde ela disse que teriam que se casar. — Que quer dizer com "temos que casar"? — perguntou ele.

— Não ouse contar aos meus. Eu teria que sair de casa. Não ouse.

— Bom, não precisa ficar aborrecida. Estou de acordo. Tenho mesmo que passar por aqui todas as noites.

Casaram-se. À noite ele passava pela esquina, tocando a campainha de pé, do carro. Às vezes entrava em casa. Dava-lhe dinheiro. A mãe dela gostava do genro. No domingo ele entrava ruidosamente em casa, à hora do jantar, chamando os outros pensionistas, mesmo os mais velhos, pelos nomes próprios. E, então, um dia ele não mais voltou. Não tocou a campainha quando o carro passou por ali.

Tinha-se acabado a greve. Ela recebeu do marido um cartão de Natal. Na gravura, um sino, com uma coroa dourada, que ele mandara de uma cidade da Georgia. Dizia: "Os rapazes estão tentando dar um jeito, aqui. Mas este pessoal é muito lento. Talvez a gente vá caminhando até dar com uma cidade melhor. Ah ah".

Três semanas após o casamento, ela começou a sentir-se mal. Estava grávida. Não foi ao médico, porque uma negra velha fez o diagnóstico. Popeye nasceu no dia de Natal em que sua mãe recebeu o cartão. A princípio ela pensou que ele fosse cego. Depois viram que não, embora ele não aprendesse a andar e a falar a não ser quando tinha mais ou menos quatro anos. Nesse meio-tempo, o segundo marido da avó de Popeye, um sujeitinho mirrado, dono de um rico bigode e que em casa era "pau para toda obra", consertador de degraus quebrados e esgotos, saiu de casa certa tarde com um cheque assinado em branco, para pagar uma conta de doze dólares, do açougueiro. Nunca mais voltou para casa. Sacou do banco todas as economias da mulher, mil e quatrocentos dólares, e desapareceu. A filha ainda trabalhava na cidade, enquanto a velha cuidava da criança. Uma noite um dos pensionistas, ao voltar, encontrou seu quarto em chamas. Conseguiu apagá-las. Uma semana mais tarde, encontrou qualquer coisa fumegando na cesta de papéis. A avó estava cuidando da criança.

Levava-a consigo por toda parte. Certa tarde, não conseguiram encontrá-la. A casa toda saiu. Um vizinho deu o alarme de incêndio e os bombeiros encontraram a avó no sótão, procurando apagar um fogo no meio do quarto, estando a criança adormecida num colchão ali perto.

— Aqueles miseráveis estão querendo pegá-lo — disse a velha. — Puseram fogo na casa.

No dia seguinte, todos os pensionistas se despediram. A moça largou o emprego na cidade. Ficava em casa o tempo todo.

— Você precisa sair para tomar um pouco de ar — dizia a avó.

— Tenho bastante ar aqui — dizia a filha.

— Você precisa ir fazer as compras na mercearia. Compraria mais barato.

— Já compramos bem barato.

Tomava todas as precauções contra fogo; não havia um fósforo em casa. Guardava alguns escondidos, atrás de um tijolo, na parede externa. Popeye tinha então três anos de idade. Parecia ter um, embora tivesse ótimo apetite. Um médico dissera a sua mãe que lhe desse ovos cozidos em azeite. Certa tarde, o entregador de empório, entrando de bicicleta no quintal, escorregou e caiu. Alguma coisa saiu do pacote.

— Não são ovos — disse o menino. — Vê? — Era uma garrafa de azeite de oliva.

— A senhora devia comprar esse azeite em lata — continuou. — Não há diferença. Vou buscar outra. E a senhora precisa mandar consertar este portão. Quer que eu acabe quebrando a cabeça?

Às seis ele ainda não voltara. Estavam no verão. Não havia fogo, não havia um fósforo em casa.

— Volto daqui a cinco minutos — disse a filha. Saiu de casa. A avó observou-a desaparecer. Enrolou então o menino num cobertor leve e saiu de casa. Moravam numa rua lateral, logo depois da rua principal onde havia mercearias, onde os ricos paravam, com seus luxuosos automóveis, para fazer compras antes de voltar para casa. Quando ela chegou à esquina, um carro acabava de fazer a curva. Uma mulher desceu e entrou na mercearia, deixando o motorista negro na direção. A velha aproximou-se do carro.

— Quero meio dólar — disse. O negro fitou-a.

— Quer o quê?

— Meio dólar. O menino quebrou a garrafa.

— Oh — disse o negro, enfiando a mão no bolso. — Como posso fazer direito as contas, se você vem cobrar aqui? Foi ela quem mandou buscar o dinheiro?

— Quero meio dólar. Ele quebrou a garrafa.

— Creio que é melhor eu entrar — disse o negro. — Acho que vocês deviam fazer que os fregueses recebessem o que comprem, fregueses antigos como nós.

— Meio dólar — disse a mulher. O negro deu-lhe o dinheiro e entrou na mercearia. A mulher seguiu-o com o olhar. Depois colocou a criança no carro e acompanhou o negro. Era um daqueles lugares onde os próprios fregueses se servem, movendo-se lentamente diante de uma grade, em fila. O negro estava logo atrás da senhora branca que deixara o carro. A avó viu a senhora dar ao negro um monte de vidros de molhos.

— Isto custará um dólar e um quarto — disse ela. O negro deu-lhe o dinheiro. A senhora pegou o dinheiro, passou por eles e atravessou a sala. Havia ali uma garrafa de azeite italiano, com o preço. — Ainda tenho vinte e oito cents — disse a avó. Continuou, olhando os preços, até encontrar um que dizia vinte e oito cents. Era uma barra de sete pedaços de sabão. Com os dois pacotes, ela saiu da mercearia. Havia um polícia na esquina.

— Estou sem fósforos — disse ela.

O polícia enfiou a mão no bolso. — Por que não comprou enquanto estava lá dentro? — perguntou.

— Esqueci-me. O senhor sabe como é difícil fazer compras com uma criança.

— Onde está a criança? — perguntou o polícia.
— Vendi-a — disse a mulher.
— Você devia trabalhar no teatro — disse o polícia. — Quantos fósforos quer? Não tenho mais que um ou dois.
— Basta um — disse a mulher. — Nunca acendo fogo com mais do que um.
— Você devia trabalhar no teatro — disse o polícia. — Faria a casa vir abaixo.
— É o que vou fazer — disse a mulher. — Farei a casa vir abaixo.
— Que casa? — perguntou ele, olhando-a. — O asilo?
— Farei a casa vir abaixo — disse a mulher. — Veja os jornais, amanhã.

Espero que escrevam meu nome certo.

— Qual o seu nome? Calvin Coolidge?
— Não, senhor. Esse é o meu filho.
— Oh. Foi por isso que teve tanta dificuldade para fazer suas compras, não foi? Você devia trabalhar no teatro... Dois fósforos chegam?

Já tinham recebido três alarmes de incêndio naquele endereço, de modo que não se apressaram. A primeira a chegar foi a filha. A porta estava fechada. Quando os bombeiros chegaram e a arrombaram, a casa já começava a ruir. A avó estava debruçada a uma das janelas superiores, por onde a fumaça saía em rolos.

— Aqueles miseráveis — disse ela. — Pensaram que o pegariam. Mas eu disse que lhes mostraria. Eu bem que disse.

A mãe pensou que Popeye também tivesse morrido. Seguraram-na, pois estava aos gritos, enquanto o rosto da avó, que vociferava, desaparecia na fumaça, e a casa despenhava. Foi aí que a senhora e o polícia que carregava a criança a encontraram: mulher moça de expressão alucinada, boca aberta, olhando a criança com expressão vaga, alisando para trás, com ambas as mãos, os cabelos soltos. Nunca ficou de todo boa. Devido ao trabalho duro e à falta de ar fresco e de divertimentos, assim como à doença que o marido lhe legara, ela não estava em condições de aguentar nenhum choque. Havia ocasiões em que acreditava que a criança morrera, embora a embalasse nos braços.

Para Popeye, talvez tivesse sido melhor morrer. Não teve cabelo até os cinco anos, e nessa ocasião já era uma espécie de aluno externo de uma instituição. Criança raquítica, fraca, com estômago tão delicado que o menor afastamento do estrito regime para ele receitado por um médico o fazia ter convulsões.

— O álcool lhe será tão fatal quanto a estricnina — disse o médico. — E ele nunca será homem, na verdadeira acepção da palavra. Com cuidado, poderá viver durante algum tempo; mas será sempre uma criança. — Ele disse isso à mulher que encontrara Popeye no seu carro, no dia em que a avó incendiara a casa. Fora

também por instigação dessa senhora que o menino estava sob os cuidados do médico. Ela levava Popeye para sua casa de tarde, e também nos feriados, e ele ali brincava sozinho. Ela resolveu dar uma festa de crianças para ele. Participou-lhe o plano e comprou-lhe um terno novo. Quando chegou o dia da festa e os convidados começaram a aparecer, não foi possível encontrar Popeye. Finalmente um dos empregados viu que estava fechada a porta de um dos banheiros. Chamaram o menino, mas não receberam resposta. Mandaram buscar o serralheiro, mas nesse meio-tempo a senhora, amedrontada, mandou arrombar a porta. O banheiro estava vazio, a janela aberta. Dava para um telhado baixo, de onde saía uma goteira para o chão. Popeye desaparecera. No chão estava uma gaiola de vime onde viviam dois pássaros; ao lado, os pássaros, assim como a tesoura ensanguentada com a qual Popeye os cortara vivos.

Três meses mais tarde, por instigação de um vizinho da mãe de Popeye, ele foi mandado para uma instituição de crianças inadaptáveis. Cortara uma gatinha, da mesma forma. Sua mãe era agora uma inválida. A senhora que procurara proteger Popeye sustentava-a, deixando-a fazer uns trabalhos de agulha e outras coisinhas. Depois que saiu da instituição — dado como curado, após cinco anos de comportamento exemplar — ele escrevia à mãe duas ou três vezes por ano, primeiro de Mobile, depois de Nova Orleans e mais tarde de Memphis. A cada verão voltava para visitá-la — próspero, quieto, negro e pouco comunicativo, vestindo seus justos ternos negros. Disse-lhe que trabalhava de noite, num hotel; que, de acordo com sua profissão, tinha que ir de uma cidade à outra, como fazem os médicos, ou advogados. Quando se dirigia para casa, naquele verão, foi preso por ter assassinado um homem numa cidade, justamente na hora em que matava alguém noutra cidade. Foi preso — aquele homem que ganhara dinheiro e nada podia fazer com ele; que não tinha com que gastar, pois sabia que o álcool lhe seria fatal como veneno; homem que não tinha amigos, que jamais conhecera uma mulher e sabia que jamais poderia conhecer uma. E ele disse: — Puxa vida! — olhando à volta, na cela da cadeia da cidade onde o policial fora morto. Disse isso, tirando com uma das mãos um cigarro do bolso do paletó, pois a outra estava algemada ao policial que o trouxera de Birmingham.

— Ele que mande chamar seu advogado e desabafe — disseram. — Quer telegrafar?

— Não — respondeu Popeye, pousando de leve os olhos frios e macios na cama, na janelinha alta, na porta de grades por onde entrava a luz. Desalgemaram-no. A mão de Popeye pareceu tirar uma chama do ar. Ele acendeu o cigarro e jogou o fósforo na direção da porta. — Para que hei de querer advogado? Nunca estive em... Qual o nome dessa joça aqui?

Disseram-lhe o nome da cidade.

— Esqueceu, hein? — zombou alguém. — Agora não esquecerá mais — disse outro. — Só que se lembrará do nome do seu advogado, amanhã cedo — volveu o primeiro.

Deixaram-no fumando na cama. Popeye ouviu batidas de portas. De vez em quando, vozes nas outras celas. Em algum ponto, ao longo do corredor, um negro cantava. Deitou-se na cama, cruzando os pés calçados com sapatos pequenos, negros e reluzentes.

— Puxa vida! — exclamou.

Na manhã seguinte, o juiz perguntou-lhe se queria um advogado. — Para quê? Eu já disse ontem à noite que nunca estive nesta cidade. E ela não me agrada o suficiente para eu trazer um estranho para aqui, à toa.

O juiz conferenciou, a um lado, com o oficial de justiça. — É melhor chamar o seu advogado — disse o juiz.

— Está certo — replicou Popeye. E virando-se para a sala em geral: — Algum de vocês aí quer trabalho para um dia?

O juiz deu uma pancada seca na mesa. Popeye virou-se, encolhendo ligeiramente os ombros, dentro do seu terno justo, a mão procurando o bolso onde estavam os cigarros. O juiz nomeou um advogado, um rapazinho que acabara de se formar.

— E veja se acaba logo com isso — disse Popeye.

— De qualquer maneira, eu não lhe daria liberdade sob fiança — replicou o juiz.

— Deveras? — replicou Popeye. — Está certo, Fulano, toque adiante — disse, virando-se para o advogado. — Eu já devia estar chegando a Pensacola.

— Conduza o prisioneiro à cela — ordenou o juiz.

O advogado era feio, ardente, sincero. Matraqueou com uma espécie de pobre entusiasmo, enquanto Popeye continuava deitado na cama, fumando, o chapéu sobre os olhos, imóvel como serpente que se aquece ao sol, exceto pelo periódico movimento da mão que segurava o cigarro. Finalmente Popeye disse: — Escute. Não sou eu o juiz. Vá dizer isso a ele.

— Mas eu preciso...

— Claro. Diga ao juiz. Eu não sei de nada. Nem mesmo estava no local. Saia daqui e acabe com isso.

O julgamento durou um dia. Enquanto testemunhavam um policial, um vendedor de cigarros e uma telefonista, enquanto o advogado argumentava miseravelmente com um misto de grotesco entusiasmo e solene estupidez, Popeye, espichado na cadeira, olhava para fora da janela, acima das cabeças dos jurados. De

vez em quando bocejava. A mão procurava o bolso onde estavam os cigarros, depois parava e descansava contra a parede negra do terno, numa imobilidade de cera, parecendo mão de boneca. Os jurados ficaram fora oito minutos. De pé, voltados para o réu, declararam-no culpado. Imóvel, sem mudar de posição, Popeye devolveu o olhar, em silêncio, durante vários minutos. Depois disse: — Diabos! Pelo amor de Deus!

O juiz bateu com força na mesa. O guarda tocou o braço de Popeye.

— Vou apelar — balbuciou o advogado, investindo para o lado do réu e caminhando ao lado dele. — Apelarei para todos os tribunais...

— Claro — disse Popeye, deitando-se na cama, na cela, e acendendo um cigarro. — Mas não aqui. Agora dê o fora. Vá tomar um comprimido.

O promotor já se preparava para a apelação. — Foi fácil demais — disse ele. — O homem aceitou... Viu como ele aceitou?... Como se estivesse ouvindo uma canção e tivesse preguiça de decidir se a apreciava ou não... isso enquanto o juiz anunciava em que dia deveria ser enforcado. Com certeza algum advogado de Memphis já está neste momento do lado de fora do Supremo Tribunal, à espera de um seu telegrama. Conheço essa gente. São esses bandidos que expõem ao ridículo a Justiça, a ponto de, mesmo quando conseguimos uma condenação, todo o mundo sabe que não será mantida.

Popeye mandou chamar o carcereiro e deu-lhe uma nota de cem dólares. Queria um aparelho de fazer a barba e cigarros.

— Guarde o troco e avise quando tiver acabado — disse.

— Creio que não vai fumar muito tempo comigo — replicou o carcereiro. — Desta vez vai com certeza arranjar um bom advogado.

— Não se esqueça da loção — disse Popeye. — Ed Pinaud. (Ele pronunciava à inglesa.)

Era um verão cinzento, um tanto fresco. Pouca luz natural penetrava na cela; no corredor brilhava uma lâmpada, o tempo todo, caindo no chão da cela e ali formando pálido mosaico, chegando até a cama onde Popeye pusera os pés. O guarda dera-lhe uma cadeira. Popeye usava-a como mesa. Sobre ela estava o relógio de um dólar, um maço de cigarros e um prato de sopa rachado, cheio de tocos de cigarro. Ele ficava deitado na cama, fumando e contemplando os pés, enquanto os dias iam passando. O brilho de seus sapatos amorteceu, as roupas precisavam ser passadas, pois nunca as tirava, devido ao frio que fazia na cela de cimento.

Certo dia o carcereiro disse: — Algumas pessoas aqui dizem que aquele policial tinha mesmo que acabar sendo assassinado. Fez duas ou três coisas bem mesquinhas, que ninguém ignora.

Popeye continuava fumando, o chapéu sobre a face. O guarda continuou: — Pode ser que não tenham mandado o seu telegrama. Quer que eu mande um?

Apoiado às grades, via os pés de Popeye, as pernas finas, negras e imóveis, desaparecendo no vulto delicado do seu corpo estendido, o chapéu enviesado sobre o rosto virado, o cigarro na mãozinha de boneca. Os pés estavam na sombra projetada pelo vulto do carcereiro, sombra que obliterava a mancha das grades. Dali a pouco, o guarda afastou-se silenciosamente. Quando só faltavam seis dias, o guarda ofereceu-se para trazer revistas, um baralho.

— Para quê? — perguntou Popeye.

Pela primeira vez olhou o guarda de cabeça erguida, com seu rosto pálido e macio onde os olhos eram redondos e suaves. Depois, deitou-se novamente. Todas as manhãs, agora, o guarda enfiava um jornal pela porta. Iam-se acumulando dobrados, achatando-se lentamente devido ao próprio peso. Quando só faltavam três dias, apareceu um advogado de Memphis. Veio sem ser chamado; correu para a cela. Durante toda a manhã, o guarda ouviu-lhe a voz, elevando-se em argumentos, súplice, colérica, recriminadora. Lá pelo meio-dia estava rouco; sua voz não passava de um murmúrio.

— Você pretende ficar aí deitado e permitir...

— Estou muito bem — disse Popeye. — Não mandei chamá-lo. Não se meta.

— Quer ser enforcado? Está querendo suicidar-se? Está tão cansado de... Você, o mais esperto...

— Já lhe disse: estou farto de você.

— Você, ser condenado à forca por um juizinho sem eira nem beira! Quando eu voltar a Memphis e contar ao pessoal, eles não vão acreditar.

— Não conte, então. — Continuou deitado, enquanto o advogado o olhava com ar perplexo, de colérica incredulidade. — Aquela gente! — disse Popeye. — Puxa vida! Dê o fora, agora. Já lhe disse que estou bem.

Na véspera, à noite, apareceu um pastor protestante. — Permite que reze com você? — perguntou ele.

— Claro — disse Popeye. — Não faça cerimônia.

O pastor ajoelhou-se ao lado da cama onde Popeye fumava, deitado. Dali a pouco, ouviu-o levantar-se, atravessar a cela e voltar para a cama. Quando se levantou, tendo acabado de rezar, viu Popeye deitado, fumando. O pastor olhou para trás, para onde Popeye se dirigira. Viu doze sinais, a intervalos regulares, na base da parede, como que feitos por fósforos queimados. Sob dois dos espaços estavam empilhados, em ordem, tocos de cigarros, bem arranjadinhos. No terceiro espaço havia dois tocos. Antes de sair, o padre viu Popeye erguer-se, ir até ali e

esmagar mais dois tocos, colocando-os cuidadosamente ao lado dos outros. Logo depois das cinco o pastor voltou. Todos os espaços estavam cheios, menos o décimo segundo. Estava este completo até três quartos. Popeye continuava deitado na cama.

— Está na hora? — perguntou Popeye.

— Ainda não. Experimente rezar. Experimente.

— Claro — disse Popeye. — Toque adiante.

O pastor ajoelhou-se. Ouviu Popeye erguer-se, atravessar a cela e depois voltar. Às cinco e meia chegou o carcereiro.

— Trouxe-lhe... — disse ele, enfiando o punho rigidamente pelas grades. — Cá está o troco daqueles cem dólares. Comprei... São quarenta e oito dólares. Espere... Vou contar de novo. Não tenho certeza, mas posso dar-lhe a lista...

— Guarde o troco — disse Popeye.

Vieram buscá-lo às seis. O pastor acompanhou Popeye, com a mão no seu cotovelo. Ficou sob o cadafalso, rezando — enquanto ajustavam a corda, passando-a sobre a cabeça lustrosa do condenado e desarrumando-lhe o cabelo. Popeye tinha as mãos presas, de modo que começou a mexer a cabeça, jogando para trás o cabelo, todas as vezes que caía para a frente. O pastor rezava, enquanto os outros permaneciam imóveis nos seus postos, de cabeça baixa. Popeye começou a espichar o pescoço para a frente.

— Psiuuuu — disse.

O som cortou vivamente o zumbido da oração do pastor.

— Psiuuuu!

O delegado olhou para ele. Popeye parou de esticar o pescoço e ficou rígido, como se estivesse equilibrando um ovo na cabeça.

— Arrume o meu cabelo, Fulano — pediu ele.

— Pois não — disse o delegado. — Eu arrumo para você.

E apertou o nó. Fora um dia cinzento, de um verão cinzento. Na rua, os velhos usavam sobretudos. Seguindo pelos jardins de Luxemburgo, Temple e seu pai viam que as mulheres que tricotavam estavam de xale, e de sobretudos ou capa os homens que jogavam croqué. À triste sombra dos castanheiros, o seco tilintar das bolas, assim como os esporádicos gritos das crianças, tinham uma qualidade outonal, galante, evanescente e tristonha. De um ponto, além do círculo com sua balaustrada pseudogrega (cheia de movimento, cheia de luz cinzenta da mesma cor e textura da água que a fonte atirava no tanque) vinha um contínuo ribombar de música.

Temple e seu pai continuaram, indo além do tanque onde algumas crianças e um velho que envergava um surrado sobretudo marrom faziam navegar barcos

de brinquedo. Penetraram de novo sob o arvoredor e sentaram-se. Imediatamente surgiu uma velha com decrépita presteza e cobrou quatro sous. No pequeno pavilhão, uma banda em uniformes cujo azul se parecia com o do exército, tocava Massenet e Scriabine, e Berlioz como se fosse um sutil extrato do torturado Tchaikovsky, enquanto a luz descia dos ramos, dissolvendo-se em raios úmidos, iluminando o pavilhão e os sombrios cogumelos representados pelos guarda-chuvas. Generosos e altissonantes, os barulhos ecoavam no espaço para ir morrer no crepúsculo verde, estendendo-se sobre eles em ondas harmoniosas e quase melancólicas. Temple bocejou por detrás da mão, depois tirou da bolsa o porta-pó e abriu-o. Nele viu refletido um rosto taciturno, descontente e triste. A seu lado estava seu pai, de mãos cruzadas sobre o castão da bengala, o rígido traço do bigode salpicado de gotinhas prateadas. Ela fechou o porta-pó. Sob a aba do elegante chapeuzinho, seu olhar pareceu acompanhar as ondas de música, dissolvendo-se no clamor agonizante dos instrumentos, indo além do tanque e do semicírculo de árvores. Ali, a sombrios intervalos, cismavam as tranquilas rainhas mortas, representadas por mármore manchado e envelhecido. Mais tristonho ainda, o olhar continuou, indo perder-se lá adiante, no céu prostrado e vencido no amplexo da estação de chuva e de morte.

FIM